

UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO

SILVIA TKOTZ

**CARTAS, CONTOS, CONVERSAS E ENSAIOS
COM OS COTIDIANOS DEMOCRÁTICOS DE UMA
ESCOLA PÚBLICA NA PERIFERIA DE DUQUE DE CAXIAS,
NA BAIXADA FLUMINENSE/ RJ**

Rio de Janeiro

2022

SILVIA TKOTZ

**CARTAS, CONTOS, CONVERSAS E ENSAIOS COM OS COTIDIANOS
DEMOCRÁTICOS DE UMA ESCOLA PÚBLICA NA PERIFERIA DE
DUQUE DE CAXIAS, NA BAIXADA FLUMINENSE/ RJ**

Tese apresentada como requisito parcial à
obtenção do título de Doutora em Educação
pelo Programa de Pós-graduação em
Educação da Faculdade de Educação da
Universidade Federal do Estado do Rio de
Janeiro

Orientação: Prof^ª. Dr^a Maria Luiza Sússekind

Rio de Janeiro

2022

SILVIA TKOTZ

**CARTAS, CONTOS, CONVERSAS E ENSAIOS COM OS COTIDIANOS
DEMOCRÁTICOS DE UMA ESCOLA PÚBLICA NA PERIFERIA DE
DUQUE DE CAXIAS, NA BAIXADA FLUMINENSE/ RJ**

Tese apresentada como requisito parcial à
obtenção do título de Doutora em Educação
pelo Programa de Pós-graduação em
Educação da Faculdade de Educação da
Universidade Federal do Estado do Rio de
Janeiro

Aprovada em 07 de dezembro de 2022.

Banca Examinadora:

Prof^a. Dr^a. Maria Luiza Sússekind (orientadora)

Prof^a. Dr^a. Nailda Marinho da Costa
Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro

Prof^a. Dr^a. Stela Guedes Caputo
Universidade do Estado do Rio de Janeiro

Prof^a. Dr^a Mariana Rosa Mastrella-de-Andrade
Universidade de Brasília

Prof^a. Dr^a Miriam Fábila Alves
Universidade Federal de Goiás.

T	Tkotch, Silvia CARTAS, CONTOS, CONVERSAS E ENSAIOS COM OS COTIDIANOS DEMOCRÁTICOS DE UMA ESCOLA PÚBLICA NA PERIFERIA DE DUQUE DE CAXIAS, NA BAIXADA FLUMINENSE/ RJ / Silvia Tkotch. -- Rio de Janeiro, 2022. 202 Orientadora: Maria Luiza Sússekind. Tese (Doutorado) - Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, Programa de Pós-Graduação em Educação, 2022. 1. Criações curriculares. 2. Práticas pedagógicas. 3. Cotidiano. 4. Educação Pública. I. Sússekind, Maria Luiza, orient. II. Título.
---	---

À MINHA MÃE



Caboclo não tem caminho
para caminhar.
Caminha por cima das folhas,
Por baixo das folhas,
Por todo lugar.

RESUMO

“Cartas, contos, conversas e ensaios com os cotidianos democráticos de uma escola pública na periferia de Duque de Caxias na Baixada Fluminense/RJ” é uma tese que busca capturar as criações curriculares com os cotidianos democráticos em uma escola pública na Baixada Fluminense, no Rio de Janeiro/RJ. e traz como referencial políticoepistemológico metodológico os estudos no campo do currículo, os estudos com os cotidianos em educação e a defesa da democracia e da diferença. Apresenta a escola como um território de utopias praticadas e narra as práticas educativas em “Linguagens plurais: sons, saberes e sabores em uma escola pública na Baixada Fluminense/RJ.” – projeto contemplado pelo Edital FAPERJ nº45/2021 de “Apoio à melhoria das escolas da rede pública sediadas no Estado do Rio de Janeiro - 2021” – que criativamente resistem ao desmonte da educação pública e inventam ações como “Experimentar faz bem”, “Assembleias com estudantes”, “Pátio integrado com as salas de aula”, “Aqui também é Wakanda”. Esse projeto é coordenado por Maria Luiza Sússekind, que é orientadora dessa tese. As ações educativas dessa escola que não tem sinal para entrar ou sair, que não tem fila para ir ou vir e que se preocupa em conversar com as crianças sobre a cor do xixi, para que cada criança possa aprender a cuidar de si e beber mais água, para além das ações de educação antirracista e educação ambiental, dentre outras que compõem “Linguagens Plurais”, com diferentes modos de decisão e corresponsabilização, são narradas como maneiras de fazer currículo. Em uma escolha políticoteórica metodológica, defende a escrita sem referências de autores homens como enfrentamento ao patriarcado, em uma escrita que enreda a pesquisa científica e a vibração com os cotidianos, apresentando a luta pela inclusão, pela ampliação do acesso, pela democratização da permanência e pela valorização da própria ideia de educação pública, laica e democrática. Alguns resultados tangíveis da pesquisa são apresentados em quatro artigos que encerram a tese, depois de apresentados os estudos e uma última carta, com letras de agradecimento dirigidas a essa escola, lugar de afeto, território de cidadania, espaço de resistência contra a demonização docente onde os cotidianos atravessados pela pandemia não impediram o trabalho invisível das professoras em (com)vivências democráticas com a educação pública.

Palavras-chave: Criações curriculares, Práticas pedagógicas, Cotidiano, Educação Pública

ABSTRACT

"Letters, short stories, discussions and essays with the democratic everyday life of a public school in the periphery of Duque de Caxias in Baixada Fluminense/RJ" is a thesis that strive to capture the curricular creations with the democratic everyday life in a public school in the Baixada Fluminense, in Rio de Janeiro – RJ and brings as political-epistemological-methodological framework the studies in the field of curriculum, the studies with the everyday life in education and the advocacy of democracy and the diversity. It presents the school as a field of practiced utopias and narrates the educational practices in "Plural languages: sounds, knowledges and flavors in a public school in Baixada Fluminense/RJ" - project chosen by the Notice FAPERJ nº45/2021 of "Support to improvement of the schools of the public system based on State of Rio de Janeiro - 2021" - that creatively resist to the dismantle of public education and create actions like "Experimenting is good", "Assemblies with the students", "Schoolyard integrated with the classrooms", "Wakanda is also here". This project is coordinated by Maria Luiza Süsssekind, who is the advisor of this thesis. The educational actions of this school that doesn't have a bell to go in or out, that doesn't have a line to come and go and that cares to talk with the children about the urine color, so that each kid can learn to take care of themselves and drink more water, besides the anti-racist and ecological education actions, as well as others that form "Plural Languages", with diverse methods of resolution and joint responsibility, those are narrated as ways of making a curriculum. In a political-epistemological-methodological choice, it advocates for a writing without male authors as a confrontation with the patriarchy, in a text that meshes scientific research and the vibration with the everyday life, presenting the fight for inclusion, expansion of access, democratization of permanence and the valorization of the idea of a public, secular and democratic education itself. Some tangible results of this research are presented in four essays that close the thesis, after the studies are showcased. And finally, a letter with thanking words towards this school, place of affection, field of citizenship, resistance space against the faculty demonization in which the everyday life crossed by the pandemic didn't impede the invisible work of the teachers in democratic (co)experiences with the public education.

Keywords: Curriculum creations, educational practices, everyday life, public education.

RÉSUMÉ

“Cartas, contos, conversas e ensaios com os cotidianos democráticos de uma escola pública na periferia de Duque de Caxias na Baixada Fluminense/RJ” (Lettres, nouvelles, conversations et essais avec les quotidiens démocratiques d’une école publique dans la périphérie de Duque de Caxias dans la Baixada Fluminense/RJ), c’est une thèse qui a l’intention de capturer les créations curriculaires avec les quotidiens démocratiques dans une école publique dans la Baixada Fluminense, à Rio de Janeiro/RJ, et apporte comme référentiel politiqueépistémologiquemethodologique les études dans le domaine du curriculum, les études avec les quotidiens en éducation et la défense de la démocratie et de la différence. L’école est montrée comme un territoire d’utopies pratiquées, et les pratiques éducationnelles sont racontées dans “Linguagens plurais: sons, saberes e sabores em uma escola pública na Baixada Fluminense/RJ.” (Langages plurielles: sons, savoirs et saveurs dans une école publique dans la Baixada Fluminense/RJ) – projet décerné par l’Edital FAPERJ n°45/2021 de “Apoio à melhoria das escolas da rede pública sediadas no Estado do Rio de Janeiro - 2021” (soutien aux améliorations des écoles du réseau public de l’état de Rio de Janeiro - 2021), que créativement résistent en face à la démontage de l’éducation publique et inventent des projets comme “Experimentar faz bem” (c’est bien d’expérimenter), “Assembleias com estudantes” (assemblées avec les étudiants) , “Pátio integrado com a sala de aula” (cour intégré aux salles de classe), “Aqui também é Wakanda” (ici, c’est aussi Wakanda). Ce projet est coordonné par Maria Luiza Sussekind, la conseillère de cette thèse. Raconter les actions éducatives d’une école où il n’y a pas de sonnerie pour entrer ou sortir, où il n’y a pas de queue pour aller ou venir, une école où on parle aux enfants de la couleur du pipi, pour que chaque enfant puisse apprendre à prendre soin de soi et boire plus d’eau, en outre les actions d’éducation antiraciste et d’éducation environnementale, entre autres, avec différentes modes de décision, co-responsabilisation et façons de faire curriculum avec l’école. Dans un choix politique théorique méthodologique, il s’agit d’une écrite sans références d’auteurs hommes, comme façon d’affronter le patriarcat, dans une écrite qui emmêle la recherche scientifique et la vibration avec les quotidiens, en révélant la lutte pour l’inclusion, pour l’élargissement de l’accès, pour la démocratisation de la permanence et pour la mise en valeur de l’idée d’une éducation publique, laïque et démocratique. Quelques résultats tangibles de cette recherche sont présentés dans quatre articles qui finissent la thèse, après la présentations des études et une dernière lettre, avec mots de gratitude dirigés à cette école, place d’affection, territoire de la citoyenneté, espace de résistance contre la demonization enseignante, où les quotidiens traversés par la pandémie n’ont pas empêché le travail invisible des professeures dans des vécus démocratiques avec l’éducation publique.

Mots-clés: créations curriculaires, pratiques pédagogiques, quotidien, éducation publique.

LISTA de ILUSTRAÇÕES dos ESTUDOS

Imagem 1	A escola pesquisada.....	31
Imagem 2	A pequena praça	33
Imagem 3	Assembleia de estudantes: cotidianos democráticos	35
Imagem 4	Nessa escola as pessoas são ouvidas I	38
Imagem 5	O muro é baixo	39
Imagem 6	Reportagem: Duque de Caxias em greve	41
Imagem 7	“O corpo morto” de Hélio Oiticica e o corpo morto de um ex-estudante	43
Imagem 8	Print de manchete da Carta Capital online	44
Imagem 9	Assembleia na ESCOLA em março de 2019	48
Imagem 10	Assembleia na ESCOLA sem data I	49
Imagem 11	Primeira eleição para diretora da escola em 2015	50
Imagem 12	A entrevista	51
Imagem 13	Nessa escola as pessoas são ouvidas II	52
Imagem 14	Print de manchete da página da ONU	54
Imagem 15	Print de manchete da página do Poder Judiciário do Estado do Rio de Janeiro	54
Imagem 16	Os shorts	55
Imagem 17	Da corrida de prédios em São Paulo à comunidade onde fica a ESCOLA	58
Imagem 18	Print de conversa no WhatsApp I	59
Imagem 19	Print de conversa no WhatsApp II	60
Imagem 20	Aprendizagens com a matemática	60
Imagem 21	Print de conversa no WhatsApp III	61
Imagem 22	Assembleia na ESCOLA sem data II	62
Imagem 23	Oficina com Ana Ribeiro, Ecochef	63
Imagem 24	A sobra da panela	64
Imagem 25	Pesar o desperdício	64
Imagem 26	Na ANPED, com Luli	65
Imagem 27	Transgressão no "Pátio Integrado"	66
Imagem 28	Na ANPED, pensando na ESCOLA	67
Imagem 29	Reunião com responsáveis de estudantes	68
Imagem 30	Aula de matemática, coleta de pet, campanha de redução do uso de óleo e coleta adequada.	69
Imagem 31	Após a apresentação do “Aprendi demais” na ANPED/2019	70
Imagem 32	Carlos Amorim (UNICAMP) e eu, na ANPED 2019	71
Imagem 33	O apoio às alunas para acessar o TEAMS	75
Imagem 34	Os intermináveis tutoriais Estácio	76

Imagem 35	<i>As câmeras fechadas na aula</i>	77
Imagem 36	<i>Prints de manchetes sobre mortes por COVID</i>	78
Imagem 37	<i>Máscaras de tecido</i>	80
Imagem 38	<i>Wilma morre de COVID-19</i>	82
Imagem 39	<i>Formação sobre relações étnico-raciais com Ana Gomes: pensar e discutir racismo dentro e fora da escola</i>	83
Imagem 40	<i>Print de conversa no WhatsApp IV</i>	84
Imagem 41	<i>A Campanha “abraça as famílias”</i>	84
Imagem 42	<i>Print de conversa no WhatsApp V</i>	85
Imagem 43	<i>Atividade física em casa, na pandemia</i>	88
Imagem 44	<i>Print de lembrança do Facebook</i>	88
Imagem 45	<i>Nós duas, Alice e eu. A gente briga e se acerta o tempo todo</i>	90
Imagem 46	<i>A presença através de uma coroa de flores</i>	91
Imagem 47	<i>O cardio.....</i>	92
Imagem 48	<i>Print de conversa no WhatsApp VI</i>	92
Imagem 49	<i>Print de manchete sobre aborto de menina de 10 anos</i>	93
Imagem 50	<i>Eu, do lar</i>	93
Imagem 51	<i>Anotações</i>	93
Imagem 52	<i>Luli me acolhe online</i>	94
Imagem 53	<i>Meeting now com Estácio</i>	95
Imagem 54	<i>Print de conversa no WhatsApp VII</i>	97
Imagem 55	<i>Print de conversa no WhatsApp VIII</i>	97
Imagem 56	<i>Eu, uma mulher que procura um namorado no Tinder</i>	98
Imagem 57	<i>Print de conversa no WhatsApp IX</i>	100
Imagem 58	<i>Print de conversa no WhatsApp X</i>	100
Imagem 59	<i>Print de manchete da Agência Brasil: sobre a pobreza de 50 milhões de brasileiros</i>	101
Imagem 60	<i>Comida na porta</i>	102
Imagem 61	<i>Print de resultado de meu teste de COVID: detectado</i>	103
Imagem 62	<i>Print do Facebook: Delba faleceu</i>	104
Imagem 63	<i>Print de manchete do G1 sobre anulação de condenações do Lula</i>	106
Imagem 64	<i>Print de conversa no WhatsApp XI: a orientação mais importante de Luli</i>	106
Imagem 65	<i>Registros da pesquisa de campo</i>	108
Imagem 66	<i>O Pau-Brasil na ESCOLA</i>	108
Imagem 67	<i>Roxo: a cor do alto risco de contaminação</i>	110

SUMÁRIO

1- Introdução p.13

2- Cartas: confissões atormentadas p. 17

3- O engalfinhar teórico político e epistemológico p. 31

4- Nem todas as histórias são de amor: ensaios p. 38

5- Diário com a pandemia p.74

6- O Conto que conta com a ESCOLA - numeração própria

7- Artigo 1 - numeração própria

Linguagens Plurais: sons, saberes e sabores em uma educação territorializante

8- Artigo 2 - numeração própria

Quando os maiores medos não são possíveis, são prováveis: metodologia e ética na pesquisa

9- Artigo 3 - numeração própria

Protocolos pela vida: o ensino híbrido entre bambolês, cordas e risadas na educação infantil

10- Artigo 4 - numeração própria

Escola não é um serviço essencial: escolas são territórios de cidadania na defesa da vida e da democracia

11 - Carta de fim: para agradecer p. 112

Referências p. 115

I - INTRODUÇÃO

Essa tese surgiu do desejo de narrar as práticas pedagógicas com os cotidianos democráticos de uma escola pública na Baixada Fluminense. A pesquisa partiu da observação, de fotografias e de registros escritos sobre o dia a dia com a escola e, a partir desse material, lincando com a pesquisa bibliográfica feita paralelamente, foram tecidas as relações entre o cotidiano escolar e a fundamentação teórica, a fim de apresentar como a escola pesquisada consegue produzir currículos de maneira democrática. Atenta e compreendendo a escola como esse território de utopias praticadas (MARIA LUIZA, CLARISSA, 2020)¹, fui criando maneiras de elaborar e apresentar o estudo realizado. Do mestrado, trouxe a experiência acadêmico-política das “conversas com parceiros e cúmplices” (SILVIA, 2006, eixo 2, p.16) e o encantamento pelo exercício democrático coletivo vivenciado com essa escola, provocou-me a querer mais uma vez “narrar a vida e literaturizar a ciência” (NILDA, 2001), depois de defender a escrita de um romance como possibilidade de expressão formal da história de um processo (SILVIA, 2010, p.29).

Para capturar práticas educativas em uma narrativa que é prática de pesquisa, formação e escrita curricular a partir dos estudos com os cotidianos (MARIA LUIZA, 2012), precisei entrelaçar conversas de estudantes e profissionais da educação que atuam na escola. E com toda a dor e sofrimento desses tempos sombrios, em que o enfrentamento à pandemia evidenciou múltiplas violências sofridas por vidas passíveis de extermínio, como me aponta Judith (2018), contraditoriamente, a escola se torna maravilhosa ao ser contada.

Cheguei a essa escola depois de seis anos de concluído o mestrado e enveredei pela educação pública. Até então, vinha da experiência de anos na gestão de uma escola privada, acompanhando os processos das aprendizagens de crianças do primeiro segmento e da educação infantil. O estudo feito no mestrado me possibilitou um mergulho nas experiências vividas até aquele momento e escrevi, em histórias e conversas, minha dissertação. Ao terminar o mestrado no ano de 2006, ingressei na escola pública aprovada em concurso. O espanto tomou conta de mim, mulher burguesa, mimada, que nunca passou nenhuma dificuldade nas necessidades básicas para viver. E, como Grace, em “Dogville” (2004), misturei altruísmo e ingenuidade aos primeiros momentos de atuação nas escolas. Assumi o papel de intelectual como operadora social que chega com o intuito de contribuir para a

¹ As referências vêm apresentadas por ordem alfabética do primeiro nome das autoras, uma escolha política de enfrentamento ao patriarcado.

transformação do lugar em algo melhor. Mas, descobri que a emancipação social não se dá dessa forma. Venho, então, buscando modos de fazer mais coletivos, imbuída do propósito de contribuir com os processos sociais fazendo com.

Além de iniciar uma trajetória por essa luta em defesa da educação pública, ingressei como professora da graduação no curso de Pedagogia da Universidade Estácio de Sá. Neste espaço, consigo compartilhar a experiência de mais de 30 anos de magistério e refletir sobre as demandas contemporâneas para a formação inicial de professoras e professores. Estar no espaço da escola e da universidade, cotidianamente, me levou a aproximação com a linha de pesquisa escolhida, "Políticas e Práticas em Educação", tendo como ênfase o estudo do currículo e da formação de professores nos cotidianos escolares, dentro do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro/UNIRIO.

Aprovada para o doutorado, segui com a orientação de Maria Luiza Sússekind, apoiada pelos estudos desenvolvidos pelo GPPF/Grupo de Pesquisa Práticas Educativas e Formação de Professores, e, posteriormente, pelo ConCU/Grupo de pesquisa Conversas com Currículos nos Cotidianos das Universidadescolas, com a pesquisa intitulada "A pesquisa com os cotidianos: crônicas sobre uma escola que ensaia a democracia". Inicialmente, apresentei as seguintes hipóteses: a escola pesquisada consegue produzir currículos de maneira democrática; há troca de conhecimento curricular entre os atores pesquisados nos diversos espaços da comunidade escolar, intra e extramuros; a cultura local possibilita insumos para o diálogo entre as experiências da comunidade e o currículo escolar e o processo educativo mais envolvido com a realidade social e a vida na comunidade do entorno da escola amplia a relação entre os atores pesquisados.

O objetivo da pesquisa foi o desafio da tese: enredar a pesquisa científica e a vibração do cotidiano através do registro em texto literário da diversidade e da multiplicidade das formas de fazer currículo de maneira democrática em uma escola de periferia. Respeitada a Resolução nº 510 que trata sobre as diretrizes e normas regulamentadoras de pesquisa em ciências humanas e sociais (BRASIL, 2016), o projeto foi apresentado à apreciação ética pela Plataforma Brasil, que o aceitou na sua integralidade. O Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) e o Termo de Assentimento Livre e Esclarecido (TALE) são documentos de extrema importância na análise ética e constam nesta tese como apêndice 1. Destaco o TALE, pela apresentação em quadrinhos como linguagem acessível às crianças, ideia trazida da pesquisa de Clarissa (2020).

Em crônicas, ensaios, cartas, conto e artigos, apresento a pesquisa, de modo a possibilitar na leitura a sensação de imersão no cotidiano escolar, com o propósito também de

narrar as ações educativas pela inclusão, ampliação do acesso, democratização da permanência e valorização da própria ideia de educação pública laica democrática e de qualidade social. Busquei, ainda, captar a complexidade do cotidiano e apreender os “modos de fazer” pedagógicos no espaço “praticado” em texto visual – fotografias (STELA, 2012), bem como encontrar maneiras de ensaiar democracia que trazem ao cotidiano diferentes modos de decisão e corresponsabilização. Dialoguei com a cultura local e os currículos escolares em experiências educacionais que se desenvolveram dentro e fora dos muros dessa escola.

“Cartas, contos, conversas e ensaios com os cotidianos democráticos de uma escola pública na periferia de Duque de Caxias na Baixada Fluminense/RJ” é uma tese que apresenta como referencial políticoepistemológico metodológico os estudos no campo do currículo, os estudos com os cotidianos em educação e a defesa da democracia e da diferença.

O que importa para a discussão é que nenhuma regra estabelecida, seja ela escrita ou apenas pensada, se efetiva tal qual prescrita na vida das pessoas reais. [...] Nenhuma concepção, texto ou perspectiva prática quanto aos processos de ensino vai acontecer na realidade do modo como foi pensado/proposto/planejado. E que os processos reais de aprendizagem ensino são habitados por saberes/poderes/quereres dos seus políticopraticantes (INÊS, 2013, p. 380-382).

Como políticopraticante nessa pesquisa, assumo uma posição teórico-política e metodológica em que excluo os homens de minhas leituras e referências, como enfrentamento ao pensamento patriarcal. Defendo com Gerda (2019) que

Fugir do pensamento patriarcal significa: ser cética quanto a cada sistema conhecido de pensamento; criticar todos os pressupostos, valores de ordem e definições. Contestar a afirmação de alguém confiando em nossas afirmações, na experiência feminina. Uma vez que tal experiência costuma ser banalizada ou ignorada, significa superar a resistência profundamente sedimentada dentro de nós mesmas e nos aceitarmos – e ao nosso conhecimento – como válidas. Isso quer dizer nos livrarmos dos grandes homens em nosso pensamento e substituí-los por nós mesmas, nossas irmãs, nossas ancestrais anônimas (p 375).

“Mergulh[o] com todos os sentidos” (INÊS, NILDA, 2001, p. 4), então, com os cotidianos escolares e com as conversas (SILVIA, 2006, eixo 2, p.16) como metodologia de pesquisa, em busca do desdobramento dos estudos que possibilitem “o processo de desinvisibilização e reconhecimento das criações curriculares cotidianas” (INÊS, 2012, p.

103). Os cotidianos da escola são o campo de pesquisa e o espaço de ação. Para atender a esses tempos em que o ambiente virtual também faz parte do cotidiano escolar, o acompanhamento das redes sociais e o uso das ferramentas da plataforma google fizeram parte dos modos de abordagem com o campo na pesquisa. Fiz prints de conversas no WhatsApp e cópias de postagens no Facebook e no Instagram da escola, quando uma conversa apontava para práticas pedagógicas que me ajudavam a refletir sobre essa escola mais democrática. Conversas foram registradas quase que diariamente, possibilitando acompanhar os movimentos da escola, em uma postura sistemática de coleta de dados. As fotografias complementam o texto escrito, literalmente, retratando cenas que dialogam com as questões que surgiram.

Os estudos transitaram pelo campo de currículo (MARIA LUIZA, RUTH, 2019; MARIA LUIZA, LORENA, STEPHANIE 2020; INÊS, MARIA LUIZA, 2017), pela pesquisa com os cotidianos (INÊS, NILDA, 2001; MARIA LUIZA, 2012) e por escrituras (CONCEIÇÃO, 2017) em um engastar teórico-político e epistemológico com a pesquisa bibliográfica sobre educação, democracia, interseccionalidade e outras leituras de cunho político de enfrentamento ao capitalismo, ao colonialismo e ao patriarcado.

Alguns resultados tangíveis da pesquisa são apresentados em quatro artigos que encerram esse documento e uma última carta, em que traço letras de agradecimento dirigidas a essa escola, lugar de afeto, território de cidadania, espaço de resistência contra a demonização docente onde os cotidianos atravessados pela pandemia não impediram o trabalho invisível das professoras em (com)vivências democráticas com a educação pública. Na carta, estendo esse agradecimento àquelas pessoas e instituições que afetaram ou foram afetadas comigo por essa trajetória com a pesquisa.

II- CARTAS: CONFISSÕES ATORMENTADAS

CARTA À BANCA

Petrópolis, 16 de setembro de 2021

Planejei a escrita da carta por ser uma maneira possível de dizer e chegar até vocês minhas explanações nesses tempos pandêmicos. Gostaria que o material que produzi fosse auto explicativo, mas não sei se dei conta dessa tarefa. Achei melhor não arriscar. E, sendo assim, apresentarei, nessa carta, um pouco dos caminhos do doutorado: o projeto, a metodologia e a linhagem teórica até o momento.

Em um artigo de Angela e Nailda (2016), elas refletem sobre as cartas como fonte de pesquisa, visto que podem revelar não só histórias individuais como histórias coletivas e, ainda, traços da sociedade. Trago as cartas, nessa pesquisa, como material que busca revelar algumas das muitas experiências que foram vivenciadas no percurso do doutoramento, tanto individuais quanto coletivas, nesse atual contexto de ameaças e retrocessos em que escrevo e luto por intensificar a promoção dos direitos humanos e da democracia.

Nilda Alves (UERJ) me disse, em certa ocasião, que, para escrever era preciso sentar em frente ao papel e começar. Estou fazendo isso. Sentei, abri um documento em branco e comecei a digitar essa carta. Em outro momento da pesquisa, a carta foi um modo de conversa com Luli, que estava distante devido ao isolamento determinado pelos riscos do contágio da COVID-19, sobre as angústias do processo de enquadramento teórico político metodológico com o qual eu me digladiava. Hoje, a carta à banca tem amplificada a sua função pois reconheço as cartas, em minha tese, como metodologia de escrita.

Do mestrado, trago essa preocupação com a forma. Desde lá, pensava “o romance como possibilidade de expressão formal da história de um processo” (SILVIA, 2010). Ao elaborar o projeto “A pesquisa com os cotidianos: crônicas sobre uma escola que ensaia a democracia” apresentei ao Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade Federal do Rio de Janeiro/UNIRIO a proposta de enredar a pesquisa científica e a vibração do cotidiano através do registro em texto literário.

Participar do GPPF/ Grupo de Pesquisa Práticas Educativas e Formação de Professores trouxe à minha caminhada acadêmica o arcabouço teórico que possibilita chamar de tese as escritas que trago sobre uma escola pública da periferia de Duque de Caxias, na Baixada Fluminense. [Retirei daqui um trecho da carta que identificava a escola e minha relação com ela]

Cheguei a essa escola depois de seis anos de concluído o mestrado, quando enveredei pela educação pública. Até então, vinha da experiência de quase vinte anos na gestão em escolas privadas, acompanhando os processos das aprendizagens de crianças do primeiro segmento e da educação infantil. Os estudos feitos até então me possibilitaram um mergulho nas experiências vividas e escrevi, em histórias e conversas, minha dissertação. O mestrado na UERJ me trouxe a paixão pela educação pública e [outro recorte para garantir o anonimato] possibilitou o engajamento na luta pela educação pública. Ingressei, também, no magistério da graduação no curso de Pedagogia da Universidade Estácio de Sá e, nesse espaço, consegui compartilhar a experiência com escolas, que hoje já completam mais de 30 anos, e refletir sobre as demandas contemporâneas para a formação inicial de professoras e professores. Estar no espaço da escola e da universidade, cotidianamente, despertou-me para a possibilidade de retomar meus estudos acadêmicos.

Mais uma vez, estava eu decidida a narrar minhas escrevivências (CONCEIÇÃO, 2017), dessa vez aquelas que nascem com o cotidiano da ESCOLA² [recorte para garantir o anonimato], em uma comunidade à margem de uma cidade que vive à margem da capital do Estado. Com Judith (2018), posso compreender a essa escola como um operador biopolítico, visto que a virtualidade dos corpos precários em conjunto estabelece o que chama de exercício performativo, um outro modo de esses espaços serem, também, contra espaços em potencial. No entanto, cuido para operar na desconstrução e não na contra narrativa. Venho tentando aprender a “suspender o juízo” para apreender o outro (JUDITH, 2015, p. 63), de modo a incorporar a dimensão do sensível em um cenário de trauma, que se descortina com a pandemia.

A existência da ESCOLA é um espaçotempo complexo que perpassa pelas pessoas que ali transitam e criam conhecimentos e produzem a vida social cotidianamente. Compartilhar meu modo de viver com a ESCOLA se sustenta enquanto militância nos escritos e nos movimentos políticos em defesa das escolas públicas. Apresento as histórias das práticas educativas e os percursos de formação das professoras relacionadas com a lógica perversa da precarização das escolas públicas em Duque de Caxias e no Brasil, atravessadas pela pandemia que se difundiu no Brasil e no mundo a partir de 2020. Como me encoraja Judith (2018), visibilidade é um direito.

² Onde se lê ESCOLA, lia-se o nome da escola até a Qualificação 1, quando a partir de então, optei pelo anonimato da tese por orientação da mesma, reforçando a indicação de orientadore Maria Luiza, que eu teimava em questionar. No artigo 2, na tese, essa questão se encontra mais amplamente explanada. Os nomes das professoras foram substituídos por nomes escolhidos por elas.

Essa narrativa torna-se uma “conversa complicada”, como diz Pinar na minha leitura de Maria Luiza (2013), pois incorpora as práticas em currículos e professoras são reconhecidas por seu papel principal de criadoras de conhecimentos. Com Judith (2015), reflito sobre o “direito de aparecer” dessas professoras, diante de políticas públicas de controle de currículos como a BNCC, por exemplo, que “é arrogante, indolente e malévola, e, com suas ignorâncias, produz injustiças, invisibilidades e inexistências, coisificando os conhecimentos, ferindo a autonomia, desumanizando o trabalho docente e, ainda, descaracterizando o estudante na sua condição de diferente, de outro legítimo” (MARIA LUIZA, 2019)³.

Cabe dizer que pretendo apresentar uma tese em que, muito mais que perceber as ausências, eu possa celebrar as presenças, tecendo redes de encorajamento em um exercício de desconstrução de narrativas racistas e patriarcais. Escrevo sobre cheiros, sabores e sons da ESCOLA, percepções e sensações que enredam os conhecimentos ali e em tantas outras escolas públicas. Escrevo, também, sobre outras redes de sociabilidades que vieram a habitar os cotidianos das professoras e de estudantes da ESCOLA nesses tempos pandêmicos. Para capturar práticas educativas em uma narrativa que é prática de pesquisa, formação e escrita curricular a partir dos estudos com os cotidianos (MARIA LUIZA, 2012), precisei entrelaçar estudantes e profissionais da educação que atuam na escola, além das professoras. E com toda a dor e sofrimento desses tempos sombrios, contraditoriamente, essa ESCOLA se torna maravilhosa ao ser contada.

Não dou conta dos diversos recortes que a pesquisa me aponta como o recorte de gênero e de raça, bem como também não dou conta dos estudos sobre a infância, mas preciso registrar que a interseccionalidade tensiona a pesquisa porque tensiona a ESCOLA, impregnada pelas histórias de vida de crianças, de funcionárias, de professoras e da comunidade escolar, que tento capturar mas muitas me escapam. A ESCOLA sofre diariamente práticas políticas de morte, evidenciadas e autorizadas pelos governo federal e pelo governo municipal. “Outrora a morte fazia parte da vida, e me parece que não era tão terrível”. (LUCE, 1996, p. 233). No Brasil com mais armas e menos vacinas, a morte são vidas desperdiçadas pela negligência do Estado.

De dentro de seus muros, os olhos da ESCOLA conseguem alcançar parte do que acontece na comunidade, no Brasil e no mundo. Essa ESCOLA é uma personagem

³ Não consigo deixar de trazer citações de autores que dizem melhor do que eu sobre algumas questões. No entanto, para dar fluidez à leitura, pensada como leitura de uma carta, desobedeço às normas da ABNT no que diz respeito à como formatar citações com mais de três linhas.

conceitual, em “O Conto que conta com a ESCOLA”, um dos movimentos em busca de um modo de escrita que me aproximasse da possibilidade de “narrar a vida e literaturizar a ciência” (NILDA, 2001). Em um conto autobiográfico, a ESCOLA é coletivo de professoras, estudantes, famílias, funcionárias, amigos e parceiros que narram a sua história na minha escrita e a ficção possibilita criar o dentro e o fora da escola.

Um sem-número de questões emergem com os cotidianos da ESCOLA e ultrapassam seus muros. Imagens, sons, textos, que leio em Nilda (2007, p. 5) como “personagens conceituais tal como os entendia Deleuze, ao dizer que os personagens conceituais são os ‘heterônimos’ do filósofo, e o nome do filósofo, o simples pseudônimo dos seus personagens”. Confesso que foi um movimento de escape, pois a escrita em “Diário de uma pesquisadora em tempos de pandemia” – outra escrita tecida no ano de 2020 e que compõe o portfólio de trabalho que apresento para a banca – me desnudava. Em um determinado momento dessa escrita, percebi o quanto era difícil continuar a minha exposição e a ESCOLA, no conto, vem como intercessão para eu continuar.

Naquele momento, eu lia Margaret (2017) e as dores do mundo junto à leitura assustadora sobre uma sociedade anulada por uma revolução teocrática ora me impulsionavam, ora me paralisavam, levando-me a pensar em futuros sombrios imagináveis. Leio e escrevo em um momento em que a democracia brasileira está em risco e direitos sob ameaça, o que me faz acreditar que a minha escrita possa ser um registro desses tempos. Mas, ainda que eu queira, escrever se torna muito difícil. Em um lampejo de inocência e tentativa de fuga, acreditei ser possível copiar a ideia de Gertrude (2011) em “A autobiografia de Alice B. Toklas”, em que ela redigiu a autobiografia de sua amante apenas para nela aparecer como personagem e narrar suas próprias experiências em terceira pessoa.

Desse modo, seria possível mostrar apenas a Silvia, que a ESCOLA conhece e poderia esconder a Silvia mulher. Segui, assim, com essa estratégia enunciativa e a ideia da autobiografia como escavação em um exercício de mostrar e esconder, no qual fui me perguntando: o que define um campo de pesquisa? É impossível me desprender das experiências de vida para conhecer e, multilocalizada que sou, para narrar as práticas pedagógicas e a formação das professoras com a ESCOLA, o embricamento entre Silvia pesquisadora e seus espaçotempos de vida que se deram com os diversos espaçotempos de vida de estudantes e profissionais da escola, formando uma tessitura colorida de fios de experiências múltiplas e interseccionais.

Cores, ruídos, negociações, inquietações e tons das discussões emergem em texto na tessitura da tese. São histórias de professoras, estudantes, trabalhadores da escola e de fora

dela, pessoas da comunidade, famílias que circulam e criam os currículos cotidianamente de maneira democrática. Com a ESCOLA, observo essas redes e sigo investigando e escrevendo. As escritas não são solitárias, mas sim espaços de partilha. Estudantes e profissionais da educação contribuem trazendo histórias que acham importantes que façam parte da tese, sendo assim interlocutores ativos que se apresentam em seus múltiplos atravessamentos de gênero e raça e colaboram para a criação de uma narrativa atenta às diferenças.

Cabe, aqui, apresentar como as fotografias ganharam lugar na pesquisa. Meu modo de agir era ter uma forma de registro rápido e posso dizer que era uma ação para tentar capturar os acontecimentos. As crianças observaram que eu fotografava e, a partir dessa observação, passaram a me apontar e me convidar para fotografar o que elas achavam importante. Busquei Stela para me orientar sobre esse movimento que se torna metodologia de pesquisa: a fotoetnografia miúda. “É uma etnografia feita com fotografias nos cotidianos das casas de santo, que tem as crianças como principais interlocutoras de diálogo e imagem” (STELA, 2020, p.94).

Chama minha atenção que nesse momento em que narro a entrada das crianças como interlocutores da pesquisa, passo a chamá-las assim mais vezes, diferente de até então, quando usava o termo estudante. Consigo aqui compreender “a palavra-sopro miúda, a palavra soprada das crianças de terreiros” (STELA, 2018), pois meus pesquisados são meus pesquisadorescolaboradores e, assim sendo, eu ouço a palavra soprada das criançasestudantes na ESCOLA.

Entre sopros e lances, vou registrando em fotografias o que se passa. Também as professoras são minhas colaboradoras na composição desses registros fotográficos, feitos pelas câmeras de nossos celulares e que vêm a compor o portfólio para a qualificação, registrados no sumário como Álbum da ESCOLA⁴. Nesse portfólio vou colecionando cartas, fotografias, conto, diário, capturas de tela e diversos registros que são entrelaçados por minhas narrativas, criando o passado, como Luce (1996) que, na composição de seu estudo sobre as táticas do povo feminino das cozinhas, estabelece um “ir e vir do passado ao presente de outrora, através das práticas, [...] esses entrecruzamentos de experiências e vozes, esses relatos de momentos e lugares, esses gestos que vinham de tão longe, fragmentos de vida cujos segredos e astúcias poéticos teciam o fundo de um tempo perdido, efêmeras

⁴ O álbum da ESCOLA, integrante do material da Qualificação 1, foi retirado da tese devido a opção pelo anonimato. As fotografias foram trabalhadas em recortes de imagens no decorrer de alguns textos da tese.

invenções dos “heróis obscuros”, do ordinário, “artes de fazer” que compõem sem palavras uma ‘arte de viver’ “ (LUCE, 1996, p.29).

Nessas prosas poéticas, qual “escrita” tem mais viabilidade de alcançar um propósito acadêmico e político na luta e defesa por uma escola pública e democrática, que é o que persigo na pesquisa de doutoramento? Ainda que me tivesse comprometido a escrever em crônicas no projeto inicial da pesquisa, foi o diário e o conto que fluiu em um tempo como pesquisadora no qual fui drasticamente afetada pela pandemia. Nesse sentido, outro movimento da pesquisa foi a escrita em cartas. É um gênero textual que me é mais confortável, pois compõe muitas de minhas experiências textuais. Além disso, a característica de escrever para um destinatário me facilita os modos de dizer, tão afetados pelas dores do mundo em pandemia.

Esse modo de escrever em cartas surgiu em um momento de grande efervescência interior, provocado pelo desejo de escrever como ativismo. A violência racista, patriarcal e social intensificada pela pandemia e debatida continuamente no GPPF me levou a um deslocamento teórico e a assumir referências acadêmicas que se declaram como mulheres, como apresentado em “Para orientadore: uma carta de Adeus”, a primeira carta, que marca essa virada no mapeamento teórico que apoia minha pesquisa. Tento vincular essa minha escolha a uma ideia de mulheridade, em que a questão não está no artefato mas no uso da vagina, seja ela comprada, fabricada ou presumida, em um mundo onde a intervenção torna isso cada vez mais possível. Sendo assim, tento desviar meu olhar da “suposição de que a constituição da matéria é inerte, estável, concreta, imutável e resistente à mudança sócio-histórica em oposição à noção de cultura, presumida como plástica, contestável, capaz de sofrer intervenção e reconstrução (MYRA, 2004, p. 224, apud BEATRIZ, 2019,p.10)⁵.

Foram poucas as cartas, mas tiveram o papel de me trazer de volta para a escrita, que vinha tornando-se difícil. Havia momentos em que a desesperança diante das políticas de morte era tão intensa que eu sequer conseguia engolir, literalmente. Adoecei. Em meio a uma crise humanitária global, a fragilidade da vida ressaltou a importância da solidariedade. Se há uma lição, foi a aprendizagem sobre a minha fragilidade.

Tentando dar conta de um ano triste, eu busquei guardar o máximo de registros de conversas, fotos, notícias e informações que me impactavam, a fim de continuar a escrita do diário em um momento mais oportuno, pois havia momentos em que o cansaço físico e emocional só me possibilitava prints salvos com suas respectivas datas, na tentativa de

⁵ Essa opção em que excludo os homens de minhas leituras e referências na tese transformou-se em uma escolha teórico-político-metodológica de enfrentamento ao patriarcado, explicitada na introdução da tese.

apreender ruínas e fragmentos do percurso. Sequer retomei o material lindo que havia produzido para apresentar em um encontro de orientação em janeiro de 2020. Esse arquivo adormeceu. Recuperei-o nesse momento para incluir na tese, “que seria um teatro de ações, um relato sobre as práticas de pesquisa e narração que constituem aquilo que hoje tratamos como estudos nosdosome os cotidianos” (MARIA LUIZA, 2007).

Gostaria, aqui, de anunciar os limites dessa pesquisa, no entanto, nesse momento da qualificação não estão definidos. Minha pesquisa é invenção. Invenção de caminhos e formas. O objetivo? Enredar a pesquisa científica e a vibração do cotidiano através do registro em textos literários da diversidade e da multiplicidade das formas de fazer currículo em redes de conhecimentos que são tecidas de maneira democrática em uma escola de periferia, a ESCOLA. A Metodologia? “Conversas complicadas” em Maria Luiza (2013), “fotoetnografia miúda” com Stela (2020) e “escrevivências” com Conceição (2017).

Ora, apresento para a banca um relicário de trabalhos produzidos e disponíveis para compor minha tese sobre um currículo que transborda esperança, organizada em um sumário que pretende apontar para a diversidade de materiais e possibilidades de leitura, com a pretensão de que os olhos convidem para uma leitura desordenada, provocada pela curiosidade e pelo estranhamento.

Agradeço, desde já, a leitura e as considerações, críticas e sugestões.

PARA ORIENTADORE: UMA CARTA DE ADEUS

Petrópolis, 05 de setembro de 2020

Escolhi a escrita de uma carta pois é uma forma de comunicação que permite um modo de dizer mais confortável e me possibilita apresentar, sob o mote de mais uma conversa, um extrato do caminho que venho trilhando com suas orientações na pesquisa do doutorado sobre as maneiras de fazer currículo em uma escola pública da periferia. Numa pandemia, em meio a uma crise sanitária e humanitária que atinge quase todo o planeta, a escrita de uma carta de adeus remete à ideia da morte que dilacera as pessoas que amavam os mais de cento e trinta mil mortos, isso em números apenas no Brasil, nesse setembro de dois mil e vinte. Na carta, o adeus é, apenas, uma proposta de deslocamento. A carta, uma possibilidade de mais uma de nossas conversas, que nesse momento se dão a distância.

Depois de muitas conversas complicadas (WILLIAM apud MARIA LUIZA, 2013), as quais compreendo como, em si mesmas, os percursos de meu doutoramento, preciso comunicar a decisão que se segue. Irei abandonar minha principal referência, aquela que me levou até você para que, nessa ausência, eu abra outras presenças na minha vida acadêmica. Preciso dizer adeus à Boaventura.

Venho tecendo a pesquisa pensando os currículos como criação permanente e que podem ser entendidos como uma conversa complicada “potencializando a desvisibilização de situações de valorização da diferença” (MARIA LUIZA, WILZA, 2016, p.1), com fios de um paradigma emergente que me propõe um conhecimento prudente para uma vida decente (SANTOS, 2003)ⁱ, como me ensinou Boaventura. Estudar o paradigma dominante (SANTOS, 1988)ⁱⁱ me ajudou a reconhecer essa sociedade patriarcal, capitalista e excludente e refletir sobre os conhecimentos emancipação e regulação (SANTOS, 2011)ⁱⁱⁱ. E assim, fui me encantando “dele” com a linha abissal, o pensamento pós-abissal e o epistemicídio (SANTOS, 2010)^{iv} dentre tantas outras formas de olhar “do Sul” (SANTOS, 2010)^v. Neste momento, o impacto do adeus cabia melhor ao título do trabalho e à ideia do deslocamento. Confesso que percebi que não gostou nada disso logo no início da prosa e a prosa continua nessa carta, porque a conversa é um jeito de conhecer que não tem princípio e nem fim.

A ideia mesmo, nem bem sei como aconteceu, mas eu sempre brincava que “dormi com o Boaventura”, pois estava muitas vezes com seus livros na cama comigo. E além dele, uma fila de outros autores como Certeau (1994)^{vi}, Machado Pais (2003)^{vii}, Ginzburg (1989)^{viii}, dentre outros. E nessas conversas sobre “tantos homens autores com quem dormi”,

lendo, entraram outros assuntos como patriarcado, racismo e capitalismo. Assim, nasceu o incômodo com o uso preferencial de autores, homens, europeus, brancos para discutir essa estrutura instituída pelo colonialismo e perpetuada pela colonialidade e que deixou o legado, para a população negra brasileira do não acesso a direitos sociais básicos como educação, saúde e trabalho digno. Nesse sentido, dedicada à tarefa de compreender, o que “suprime nossa humanidade justamente porque nos nega o direito de ser sujeitos não só do nosso próprio discurso, senão da nossa própria história” (LÉLIA, 2011, p.14), levei essa história para o grupo de pesquisa e “conversas complicadas”, a partir de então, com você, orientadore, foram se tornando uma provocação para que eu ampliasse o que era, naquele primeiro momento, ainda, uma ideia.

Hoje, escrevo para lhe contar sobre a minha decisão em buscar outras escritas, antirracistas, antipatriarcais, decoloniais nas minhas referências. A partir desse *novoooutro* movimento, vem a tarefa que é explicar como vou defender a escolha das mulheres, como parceiras da escrita. Você me alerta: “Sai dessa de vagina, Silvia!”. E o que sinto? Olho para meus trabalhos e os autores que me sustentaram até aqui na academia e percebo que estou me passando uma rasteira. Caio sentada e quando olho para meu propósito, ali do chão, tenho a impressão de que perdi dois terços dos neurônios que me ajudavam a pensar o mundo e a me manter em pé. E sequer sei lhe responder.

Você me fala “Leia *O conto da Aia*” (MARGARETH, 1997) - não li ainda/ irei ler - e me sugere pensar em escritas femininas. Nossa conversa se amplia e perpassa por Nilda (2008) que apresenta o quinto movimento necessário às pesquisas nos dias com os cotidianos, denominado *ecce femina*, em que afirma a importância das pessoas, dos praticantes que habitam os cotidianos escolares. Nessa conversa vou entrelaçando os novos rumos das leituras pois conversa “é tessitura de fios de conhecimentos, sendo assim sempre afiada ou des-afiadora” (MARIA LUIZA, 2012).

Corro o risco, ainda, de ser criticada por manter o binarismo, que tanto alimentou o patriarcado. Lélia me informa que “no quadro das profundas desigualdades raciais existentes no continente, se inscreve, e muito bem articulada, a desigualdade sexual [...] justamente porque este sistema transforma as diferenças em desigualdades” (LÉLIA, 2011, p.17). Diante desse quadro, para além das demandas acadêmicas, assumo essa escolha políticoepistemológica: adeus Boaventura.

A partir desse texto, em meus trabalhos acadêmicos, os estudos sobre as Epistemologias do Sul, do Centro de Estudos Sociais da Universidade de Coimbra, serão defendidos por Maria Paula (2013) e pretendo

desenvolver conceitos que ampliam a nossa percepção sobre a complexidade destas sociedades, que compreende a sua história como um pano tecido por múltiplas experiências, vozes, encontros e engajamentos, livre de fundamentalismos opressivos e de certezas teleológicas” (MARIA PAULA, p.11).

Na invenção do cotidiano, continuo com as leituras de Luce (1996). Com ela me identifico, pois, “sempre preferi meu quarto, meus livros e meus jogos silenciosos à cozinha onde minha mãe vivia atarefada (LUCE, 1996, p. 213) mas a pandemia me mostrou que “meu olhar de criança viu e memorizou gestos, meus sentidos guardaram a lembrança dos sabores, dos odores e das cores” (LUCE, 1996, p. 213). Mas, essa história vem no próximo texto, em que teço meu diário de pesquisadora na pandemia.

E você me desafia a me encontrar em uma escrita decolonial, um encontro que vai ao encontro com uma outra escrita que se rebela e recusa ser branca, europeia e masculina. E essa relação de escrita com você, na orientação, na sala de aula, silencia e GRITA, sussurra e exclama de múltiplas formas. No entanto, por hora... sei somente que preciso excluir “nosso autor”. Adeus, Boaventura!

PS¹. (em 05 04 2021): Ao organizar as referências da tese, todas aquelas com nomes de mulheres foram registradas ao final da tese. As referências com nomes masculinos, todas em textos anteriores à escrita dessa carta, foram registradas como notas de rodapé.

PS² (em 26 09 2022): A partir da Qualificação 2, em que a Professora Nailda alertou sobre a nota de rodapé e sua importância no texto, decidi colocar as referências com nomes masculinos em notas de fim.

PARA ORIENTADORE: UMA TESE EM MOVIMENTOS

Petrópolis, 09 de setembro de 2020.

Bom dia, Luli!

A escrita em carta me é muito confortável, pois traz, nesses tempos de distanciamento pela pandemia, um modo de conversa que aproxima e que me ajuda a colocar em palavras as experiências de leitura, as vivências com a ESCOLA - que hoje é um lugar à distância - e as traduções (posso usar essa noção?) que venho tecendo de todos os movimentos que têm se dado desde que iniciei o doutorado.

Essa carta tem justamente o propósito de apresentar a você uma ideia que me ocorreu e que parece ganhar consistência a partir de nossa última conversa complicada (posso citar você sem citar Pinar?)

Estou todo o tempo pensando em uma ‘maneira de fazer’ textual dos registros que vão se acumulando na ‘mala’ no decorrer dessa viagem acadêmica: muitos textos, fotografias, artigos, compilações... Faço aqui alusão à mala que levei no dia da apresentação do projeto de doutorado à UNIRIO. Como me ajudou a organizar as memórias das experiências a serem narradas naquela prova! E nessa reflexão sobre os caminhos da pesquisa, veio a noção de movimento para nomear uma possibilidade de apresentação teórico metodológica na concretude que uma pós-graduação exige para a qualificação e posterior defesa. Nesse sentido, criei uma proposta que ora lhe apresento: escrever em movimentos.

O primeiro movimento pode ser o movimento das cartas à orientadora, que nasce com a Anped Sudeste e a primeira carta: **“Para orientadore: uma carta de adeus”**. Um segundo movimento seria rever o material já compilado preparado para apresentação no janeiro último, em nosso encontro de orientação. Um terceiro movimento seria organizar as fotografias e as legendas. O quarto movimento, seria o da escreitareescrita do diário de uma pesquisadora com a pandemia. E, como me inspirou Elena (2015) ao dizer que a escrita da Carolina de Jesus é literatura em movimento, proponho uma escrita de tese em movimentos.

E assim, vou compartilhando com você meus caminhos e descaminhos, as trilhas e picadas por onde venho andando. Só posso dizer que é bom demais poder ter a quem dizer. Obrigada!

PARA ORIENTADORE: UMA ESCRITADEMOLIÇÃO

Petrópolis, 11 de outubro de 2020.

Oi, Luli,

Tive que escrever como uma maneira de tentar caminhar nos destroços nos quais eu tenho me tornado. A pandemia tem sido um tsunami na vida do mundo e na minha também. Você fala do tsunami conservador transnacional. E você é um tsunami nos meus modos de versentirpensar o mundo. Preciso explicar. Como você mesma diz,

Um tsunami é um fenômeno natural imprevisível formado por ondas imensas que provocam gigantesco deslocamento de água de efeitos devastadores causado, em geral, por deslocamentos tectônicos. Na terra, faz vítimas por todos os lados e de múltiplas formas. Identificamos no tsunami neoliberal conservador, que não tem nada de natural, outro modo como viemos nomeando o que se passa na atualidade, um deslocamento de tipo paradigmático de uma modernidade que transfigura a igualdade em desigualdade crescente, a liberdade em opressão e a fraternidade em competição e meritocracia (INÊS; MARIA LUIZA, 2019, p. 6).

E, refletir sobre toda essa devastação e ataques que o mundo vem sofrendo tem sido grande parte dos movimentos do doutorado, em que um dos movimentos pretendidos é a elaboração de uma tese. Mas, corriqueiramente, o doutorado vem depois de um mestrado, em que esse processo de revisão teórico político epistemológica já se deu. Eu preciso confessar que meu mestrado não deu conta. Eu estava lá para escrever uma história e consegui apresentar a minha versão, que vem dialogada com as versões daqueles que participaram de algum modo daquela escrita.

Mas, mal sabia eu que esse processo de me rever no mundo tinha sido tão superficial. Não quero falar de culpa. Mas, quero falar de agradecimentos. No mestrado, tive duas orientadoras: o agradecimento à primeira orientadora foi o de me desafiar a escrever e eu consegui. Mas, quando meu trabalho estava pronto, ela o reprovou. Minha dissertação foi parar em uma reunião de colegiado e devo o mérito da aprovação no mestrado a Inês Barbosa de Oliveira que aceitou – nos últimos seis meses do mestrado – ler, rever comigo e defender minha maneira de escrever. Foi uma experiência incrível, intensa e que, ao chegar no doutorado, mais de dez anos depois, trago comigo os modos de fazer pesquisas com os cotidianos como uma maneira de serestar com os cotidianos das escolas em que trabalho.

E então, o Grupo de Pesquisas Práticas Educativas e Formação de Professores/GPPF, as leituras propostas, os percursos do meu doutoramento, em “conversa complicada” como diz Pinar em minha leitura de você (MARIA LUIZA, 2013), fizeram eu emergir de silenciamentos que foram sendo impostos por esse mundo patriarcal, machista e europeu no qual venho me constituindo como pessoa. Meu mundo caiu. Não sei bem quando. Mas, venho surfando pelas ondas de leituras, debates, conversas, encontros e olho para o que fica e vejo destruição, destroços, ruínas.

Olho para meu diário de pesquisadora e tento nomeá-lo:

- ✓ Diário de uma pesquisadora e suas escritas afetadas.
- ✓ Escritas de uma pesquisadora afogada por orientadore tsunami.
- ✓ Escritas de uma pesquisadora em escombros.
- ✓ Escritas em escombros de uma pesquisadora.

Essas ideias e outras que não de vir são parte de movimento que me desloca desde a carta de adeus. Eu venho percebendo que decidir por não escrever com homens brancos europeus, em uma postura política e epistemológica tem sido uma escolha que provocou um desmoronamento em minha forma de olhar as pesquisas e o mundo. Estou em meio a destroços. Em um desses movimentos que se sucedem desde então, consegui ouvir seu alerta de que não dá simplesmente para trocar os homens por mulheres e preciso mesmo “sair dessa de vagina”.

Em um movimento, penso que você está me orientando que “ter vagina” não pode ser o critério para explicar mulheres. Fico a pensar que não quero explicar mulheres. Como vou defender minha tese? Tento, então, elaborar uma lógica, uma justificativa. Vem então um outro movimento meu que me diz que preciso aprender a viver nos destroços. Não dá para construir outra coisa. Não é só uma questão de demolir um prédio e construir outro. Na construção civil, de uma maneira simplificada, compreendo a demolição como um processo que visa a derrubada controlada de um edifício para a construção de outras edificações ou recuperação de um espaço urbano. Tentei fazer o mesmo com meu modo de compreender o mundo. Mas, nossas conversas complicadas vêm me mostrando que não é “Ou isto ou aquilo” (CECÍLIA, 1964), mas possivelmente, nem isso, nem aquilo. Nessa busca de uma reconstrução, eu havia negado ler Paul B. Preciado, um filósofo e escritor feminista transgênero, leitura planejada para um de nossos encontros do GPPF. E eu afirmava: Só quero ler mulheres.

Não consegui construir uma defesa para ler as mulheres, porque quando tentei fazê-lo, comecei uma construção desconfortável. Percebi que o desconforto estava na edificação de uma nova estrutura. Parei e resolvi que o movimento que consigo fazer nesse momento é não fazer escolhas definitivas. Por enquanto, quero tentar uma escritademolição mais sustentável, em que eu possa aproveitar partes, fragmentos e resíduos de como eu souestou no mundo.

III – O ENGALFINHAR TEÓRICO POLÍTICO E EPISTEMOLÓGICO

A ESCOLA PESQUISADA



A escola pesquisada

Estou apresentando para você leitor, uma escola pública localizada na periferia de um distrito de uma cidade localizada na periferia da região metropolitana do Rio de Janeiro. Com esse acúmulo de periferias e baixo índice de desenvolvimento humano (IDH), a comunidade vive situações de bastante vulnerabilidade social.

Para dar conta de um levantamento de potencialidades e fragilidades da comunidade, sem frequentá-la, quando ainda em 2020 vivíamos o isolamento sanitário por conta da pandemia, elaborei um questionário no Google Forms e compartilhei no grupo do whatsapp de responsáveis da ESCOLA. De 124 estudantes, havia 91 contatos nesse grupo. E desses, apenas 09 responderam ao questionário.

À primeira pergunta, “Há quanto tempo você mora na comunidade?” – cabe dizer que solicitei que apenas moradores do lugar respondessem ao questionário –, todos que responderam moram há mais de 15 anos. “O que você mais gosta na comunidade” é a pergunta em que busco identificar potencialidades do lugar aos olhos de seus moradores e cinco respostas se referem à tranquilidade do lugar. Duas respostas apontam a escola, uma resposta aponta a igreja e uma resposta declara que não gosta de nada. Tentando ampliar as possibilidades de respostas sobre potencialidades, pergunto “Que outras coisas boas têm na comunidade?” e aquele que disse que não gosta de nada, reforça a sua resposta dizendo que não tem nada de bom. A escola aparece duas vezes, como resposta, a igreja aparece duas vezes e, agora, aparece a padaria e o mercado, uma vez. Uma pessoa que já havia respondido que gosta da escola e da igreja, nessa pergunta responde que não gosta mais de nada.

Na tentativa de identificação das fragilidades, à pergunta “O que tem na comunidade que você não gosta?”, não houve nenhuma resposta em comum. A pessoa que havia

respondido antes que não gosta de nada no Barreiro, aqui respondeu “tudo”. Outra pessoa respondeu “Associação” – creio que seja a Associação de Moradores. Um problema local que eu já identificava foi apontado: “Ser um local de difícil acesso, principalmente para quem precisa de transporte público”. Duas respostas apontam para questões entre as pessoas do lugar: “Algumas crianças que não tem educação e as pessoas que não são solidárias” e “As pessoas acharem que podem fazer o que querem, não respeitando os espaços públicos”. Uma resposta muito vaga “Certas atividades” e ainda, uma resposta que aponta para uma necessidade das pessoas: “Pouco comércio, nem farmácia tem”.

Perguntei ainda “O que você sabe sobre a história da comunidade?” Duas pessoas relataram que era um local de extração de barro. Uma dessas pessoas lembrou que no local havia muitas enchentes. Eu já tinha ouvido falar dessas enchentes, mas não sei o que mudou pois estou trabalhando no local desde 2012 e não aconteceu, desde então. Outra pergunta:

“Tem alguma coisa a mais que eu não perguntei e que você acha que eu devo saber sobre a comunidade?” E apenas duas pessoas se manifestam. Uma coloca que “Precisamos de saneamento básico e algum tipo de atividade para as crianças como: esporte ou dança” e a outra acrescenta que precisamos de médico no local. Imaginando se haveria a confirmação da satisfação ou insatisfação com o local, perguntei “Você tem vontade de se mudar da comunidade? Tem vontade de ir morar em outro lugar?”. Das nove respostas, apenas três desejam continuar morando na comunidade e seis pessoas responderam, sim. Na última pergunta, tentei identificar as razões para ir embora da comunidade, para aqueles que disseram que gostariam de se mudar. “Eu gostaria de morar em local, com mais acesso a supermercados, farmácias, bancos, hospitais etc...”; “Pra um lugar q já morei e é um ótimo lugar pra criar meus filhos”; “Gostaria de ir para um local mais próximo do meu trabalho, devido ao alto tempo gasto no deslocamento.”. Confirmamos, ainda que com poucos partícipes respondendo ao questionário, que a comunidade é um lugar onde há tranquilidade para se viver, sem violência nas ruas ou problemas aparentes com o tráfico. Vale ressaltar que não está sendo, aqui, descartada a ocorrência da violência doméstica, da qual tomo conhecimento quando há denúncias e alguém de uma família comunica à escola que alguém está sob a proteção – ainda que tão insuficiente – da Lei Maria da Penha.



A pequena praça

Na comunidade, unindo as respostas ao meu conhecimento pela experiência de vivência local, posso dizer que há várias igrejas, Associação de Moradores, várias mercearias, um supermercado, bares, oficina mecânica, lava-carros, uma escola particular com as séries iniciais e a nossa escola. Não há posto de saúde e nem transporte coletivo. Há uma pequena praça na entrada do bairro. As crianças da escola e da comunidade, em geral, soltam pipa, jogam bola, andam de bicicleta (as que têm). Na quadra, bem ao lado da escola, a Associação de Moradores mantém aulas de futebol. As crianças e as famílias se conhecem, pois, a comunidade é razoavelmente pequena. Muitas crianças têm graus de parentesco entre si.

Uma escola como tantas outras escolas. Ao lado da escola há uma igreja e do outro lado, fica a quadra de futebol. Na frente, residências particulares e, aos fundos, um antigo valão foi manilhado e uma rua afastada. Um cavalo teve sua baia construída recentemente aos fundos da escola.

Escola é esse território de cidadania que é encontrado em cada comunidade, cada vila, cada cidade por menor que seja. “A escola é participante na criação, é criatura da sociedade, tece e é tecida socialmente, algumas vezes pela democracia, outras não...” (MARIA LUIZA, CLARISSA, 2020, p.372). A pesquisa tem sido o exercício pela captura do projeto educativo emancipatório dos cotidianos democráticos dessa escola pesquisada.

O NOME DA ESCOLA

03/01/2021

Foi homenagem a uma professora que, pelos idos de 1950, dirigiu um Grupo Escolar de Duque de Caxias e um colégio estadual. Ela era formada em uma Escola Normal do Rio de Janeiro e iniciou suas atividades profissionais em outro município. Aposentou-se em 1965 e foi ativa em uma Associação de Professores do município de Duque de Caxias. Faleceu na década de oitenta. Muitas vezes me perguntei porque a escola ganhou o nome dessa professora e hoje sinto uma alegria imensa em pensar que o nome da escola é o de uma

professora, muito guerreira como tantas outras professoras: uma mulher que representa tantas de nós.

AS TEORIAS DO CAMPO DE CURRÍCULO

03/01/2021

Partindo da compreensão de currículos como criação cotidiana (INÊS, 2012) para muito além de apenas os conteúdos oficiais, “os currículos oriundos dos acontecimentos cotidianos [que pesquiso] são costurados nos interesses, dissensos, intervenções, conversas, práticas que ultrapassam as aprendizagens rígidas dos conteúdos formais científicos, produzem na coletividade maneiras de lerversentircriar o mundo” (MARIA LUIZA, CLARISSA, 2020, p.371). Das teorias do campo de currículo, escolho defender esse modo de pensar e de pesquisar práticas curriculares.

No debate sobre o papel desempenhado pela Ciência nos currículos das escolas e pelas pesquisas científicas sobre a educação e sobre as escolas podemos reforçar, ou não, os movimentos de colonização, e reforçar, ou não, as ideias de currículo como lista de conteúdos e procedimentos esvaziados de histórias e subjetividades (MARIA LUIZA, 2019, p. 97).

Minha atenção está voltada para as práticas educativas que desalinham os manuais de conteúdos pelas ações criativas e de resistência, na tessitura de conhecimentos em redes (NILDA, 2001). Com Maria Luiza (2019a, p.100), sigo compreendendo que “os currículos podem ser considerados também tessituras de experiências, processos de recriação/escritura permanente dos próprios conhecimentos, que têm suas histórias, e das pessoas e da própria sociedade”. Os currículos documentos tentam controlar práticas docentes e invisibilizar as diferenças, mas no cotidiano, que é espaço tempo de criação e desobediência, novas outras práticas curriculares são inventadas, ainda que permanentemente invisibilizadas por políticas públicas de exclusão.

Olho para meus textos e percebo que consegui narrar práticas educativas que produzem (com)vivências democráticas e escapam ao controle dessas políticas. Esse movimento que narro não é o de uma pesquisadora democrática, mas de uma pesquisadora que busca incessantemente fugir das próprias amarras internas de uma educação opressora e

encontra parceiras nos cotidianos dessa escola, que se faz democrática ao investir e persistir em ações educativas mais inclusivas.



Assembleia de estudantes: cotidianos democráticos

METODOLOGIAS

05/01/2021

As metodologias de conversas, de pesquisa com os cotidianos e das escritivências se desenvolveram em um engalfinhar teórico político e epistemológico com a pesquisa bibliográfica sobre educação, democracia, interseccionalidade e outras leituras de cunho político de enfrentamento ao capitalismo, ao colonialismo e ao patriarcado, incluindo as narrativas como prática de pesquisa, formação e escrita curricular a partir dos estudos com os cotidianos (MARIA LUIZA, 2012).

As conversas atenderam ao “desejo de escrever as histórias, trazendo a multiplicidade de versões e de possibilidades teórico-epistemológicas de compreensão” (SILVIA, 2006, p. 38) que precisei para elaborar o meu projeto de texto. “As conversas podem funcionar como um mapeamento para a compreensão do conhecimento que estou buscando tecer, sem apresentar hierarquia entre os saberes, que se encontram na vida cotidiana, seja no cotidiano das escolas, das universidades, dos lares, dos laboratórios... (SILVIA, 2006, p. 31). Essa

metodologia já me coloca em um lugar não hierarquizado que tenho buscado para as minhas relações pessoais, de pesquisa e de trabalho.

Acredito que escrever sobre metodologias é escrever sobre as escolhas dos caminhos, sem apresentar as epistemologias que as provocam. A decolonialidade e a interseccionalidade são modos de compreender o mundo que me inundam especialmente porque que ajudam a me posicionar politicamente nesses tempos de tanto ódio e de tanta intolerância exacerbados por um governo que se apropria de conceitos e mente.

Descolonizamos o currículo porque inventamos, porque criamos outras coisas, porque não admiramos o colonizador, porque nos rebelamos em relação à epistemologia colonial. Descolonizamos porque rejeitamos e lutamos contra a linha abissal do conhecimento e somos contra o fascismo epistemológico. Descolonizamos porque afirmamos a existência da pluralidade epistemológica e metodológica (MARIA LUIZA, RUTH, 2019, p. 2).

As minhas escolhas político metodológicas de enfrentamento ao capitalismo, ao colonialismo e ao patriarcado me permitem defender que acredito nas lutas invisíveis que se dão no cotidiano. E com isso, então, estar atenta aos movimentos do cotidiano me possibilitava confirmar as hipóteses iniciais da pesquisa: a escola pesquisada consegue produzir currículos de maneira democrática; há troca de conhecimento curricular entre os atores pesquisados; a cultura local possibilita insumos para o diálogo entre as experiências da comunidade e o currículo escolar. O desafio foi, desde o início, capturar esses cotidianos para comprovar as hipóteses e defender a tese. E como Nilda,

Buscar entender, de maneira diferente do aprendido, as atividades do cotidiano escolar ou do cotidiano comum, exige que esteja disposta a ver além daquilo que outros já viram e muito mais: que seja capaz de mergulhar inteiramente em uma determinada realidade buscando referências de sons, sendo capaz de engolir sentindo a variedade de gostos, caminhar tocando coisas e pessoas e me deixando tocar por elas, cheirando os odores que a realidade coloca a cada ponto do caminho diário (2001, p.17).

Nesse modo de fazer pesquisa com os cotidianos, o cuidado com a diferença, o múltiplo e a alteridade me levaram a articular conversas que fossem de encontro a políticas de homogeneização das práticas educativas, como a Base Nacional Comum Curricular e as avaliações em larga escala, por exemplo. “A ênfase na homogeneidade não resulta do

desconhecimento da existência da diferença, mas de uma abordagem da diferença que a aproxima da desigualdade” (MARIA TEREZA, 2014, p. 471).

Para além de explicitar as diferenças e sofrer com as desigualdades, fui em busca das múltiplas lógicas e a pluralidade dos modos de vida pois

Por isso, estamos em luta, disputando sentidos e nos colocando frontalmente contra os discursos e processos que negam valor à diferença na relação ensino-aprendizagem e trazem a diferença cultural como meio para fragmentar o conhecimento, inferiorizar a muitos sujeitos e saberes, enfatizar o individualismo, desqualificar a alteridade e justificar a desigualdade (MARIA TEREZA, 2014, p. 484).

Em um movimento de contestação dos saberes dominantes, na busca pela reaproximação de saberes múltiplos e pela diversidade epistemológica do mundo, caminhei na pesquisa pelo reconhecimento das experiências de conhecimento que se dão nessa escola. Pela tessitura de conhecimentos a partir da noção de redes de conhecimentos (NILDA, 2001) em que cada um de nós é uma rede de sujeitos, me deixei arrastar pelas emoções e práticas de solidariedade que sentivi.

Quando tento explicar a pesquisa com os cotidianos, preciso registrar a pergunta que um colega do doutorado me fez quando falava sobre a pesquisa com os cotidianos: será que a gente não está criando uma caixinha para os estudos com os cotidianos? Respondo com a incerteza, possibilidade nas pesquisas com os cotidianos em que aceitar o imprevisível e incontrolável é permitido.

As narrativas, como prática de pesquisa, puderam contribuir com a criatividade necessária para eu dar conta da proposta. “As histórias são inventadas, mesmo as reais, quando são contadas. Entre o acontecimento e a narração do fato, há um espaço em profundidade, é ali que explode a invenção” (CONCEIÇÃO, 2017, p.11). E perseguir a invenção foi outro caminho metodológico necessário, inspirado em Conceição (2017) que dá conta da importância do vivido através da criação literária.

Eu, mulher branca, e só por isso mais privilegiada perante a sociedade racista na qual vivo, curvo-me diante dessa autora e de Carolina (2005), inspirações para as escrituras. Em um cenário, que não se restringe ao campo literário, escrevo experiências coletivizadas trazendo para a escrita acadêmica a ficção, mantendo essa busca por romper a dicotomia entre a ficção e a realidade. “Assim como as palavras criam a realidade, elas criam, também, a ficção. E a beleza da ficção é ver realidade nas palavras” (SILVIA, 2006. p.109).

IV - NEM TODAS AS HISTÓRIAS SÃO DE AMOR: ENSAIOS

DEMOCRACIA NA ESCOLA?

Março 2019

Conversando com a diretora, pelo WhatsApp

[10:39, 10/3/2019] Silvia Tkotz: Ouvi em uma palestra que "as relações entre docentes e discentes, no presente, são (ou não) como exercício de democracia. Você vê isso na ESCOLA? Você vê isso na sua relação com estudantes da escola? Estou estudando isso.

[11:07, 10/3/2019] Diretora: Ihhh!! Que pergunta difícil!! Rsrtrs Acho que com os docentes sim....mas com os alunos tenho as minhas dúvidas, acho que o general ainda reina nesses momentos...

[11:14, 10/3/2019] Silvia Tkotz: Olha o que uma professora falou: "A escuta e acolhimento de algumas questões é uma forma importante de praticar a democracia na nossa escola". Você não se vê neste movimento com estudantes?

[11:17, 10/3/2019] Diretora: 😊 Acho que sim...mas ainda assim me acho menos democrática com os alunos do que com os professores.

[11:21, 10/3/2019] Silvia Tkotz: Posso dizer uma coisa: adoro ver seus exercícios de gestão democrática.



Nessa escola as pessoas são ouvidas

Conversando com professora, pelo WhatsApp

[10/3 10:36] Silvia Tkotz: Ouvi em uma palestra que "as relações entre docentes e discentes, no presente, são (ou não) como exercício de democracia. Você vê isso na ESCOLA? Você vê isso na relação com estudantes? Estou estudando esta questão.

[10/3 13:50] Professora: Sim

[17:13, 18/3/2019] Silvia Tkotz: Você poderia dar algum

exemplo, por favor?

[22:25, 18/3/2019] Professora: Quando ouvimos os nossos alunos, quando permitimos que eles decidam, escolham temas para estudar, quando os pais decidem horário de reunião, quando decidimos em grupo, enfim, quando as pessoas são ouvidas.

[22:25, 18/3/2019] Professora: E nessa escola as pessoas são ouvidas.

VARA DE GOIABEIRA NAS PERNAS

08/09/2017

Um funcionário da escola me chamou para que eu tomasse conhecimento da história:

– Está com pressa?

Eu, estava indo em direção às salas para combinar com as professoras a nossa próxima reunião pedagógica. Mas, as histórias desse funcionário não podem ser desperdiçadas. Sentei. Ele começou. Preciso atentar para a maneira com que ele começa os relatos. É muito interessante. Neste momento, não consigo me recordar bem como começou a prosa. Mas, a história é “só na ESCOLA!”

– O pai do Jorge Marques pulou o muro, pegou um galho da goiabeira e “lascou” nas pernas do filho. Ops. Pai, não. Padrasto!

– Mas, como? Por quê? O que o menino aprontou?

– A irmã reclamou com o padrasto que ele estava batendo nela. E nem estava.

– Mas, reclamou como? Perguntei eu.

– O muro é baixo. Ela mandou recado por alguém. O padrasto recebeu o recado e veio quente. Eu só ouvi os gritos. Corri lá.

– Ele também pulou a cerca para chegar no local do ocorrido, acrescentou uma funcionária que participava da conversa.



O muro é baixo

– Foi o jeito de chegar mais rápido. Disse o funcionário. Cheguei lá e o padrasto do menino já foi pedindo desculpas. A diretora disse que queria falar com o homem. Expliquei para ela: “Esse homem usa aquelas coisas. Não vale a pena se meter”. Mas, ela insistiu. Tive que então, ver com os vizinhos um dia que ele estava bom para vir conversar na escola e ser orientado.

A greve foi votada sem forças, com apenas cento e poucos defendendo-a. Parecia que não iria acontecer. O caos que a motiva está instaurado há minimamente dois anos. O sindicato não desanima e aposta. Daquela escola, algumas não entram na luta porque a situação beira o desespero. Há a determinação de serem descontados os dias não trabalhados. São meses e mais meses em que a pessoa já não tem mais certeza se terá seu salário na conta, mesmo tendo estado ali, presente, trabalhando incansavelmente, apesar das condições tão adversas. Ainda ter reduzido esse salário que chega atrasado?

A greve começou. Algumas professoras não entraram em greve, a princípio. Alegaram não ter condições financeiras para arcar com o movimento. Quem teria? A categoria está esvaziada. Mas, três, entre todas, vão na contramão da história e abraçam o movimento. Tentam convencer, convidar, convocar. Nada. O desconto salarial em cima de dias parados na última greve deixou marcas de medo e insegurança. E os resultados auferidos beiraram a derrota. E, então, as professoras perderam a fé sindical, um atributo necessário para encorajar o movimento de adesão às atividades propostas.

Há, em torno da situação, uma série de incômodos acumulados. É triste observar. De um lado, duas ou três seguem com a categoria, tentando se manter como parte de um coletivo completamente desfalcado. De outro, cabisbaixas, tristes e sem força, seguem na rotina escolar outras tantas professoras que, noutros tempos, haviam de ter sido tão guerreiras. Santos (2010)^{ix}, se aparecesse, traria as reflexões que desafiam o projeto imperial moderno que vem desenvolvendo sobre a emergência da epistemologia do Sul. Ele iria provocar a recuperação de saberes e práticas dos movimentos que outrora aconteceram naquela escola. Iria retomar uma fala que ouvi em uma palestra dele na UERJ em 2017 e provocaria: “É preciso levar esperança aos oprimidos e medo aos poderosos”.

Süssekind e Ferraço (2017)^x diriam:

nessa luta processual por democracia numa perspectiva de ação e reconhecimento de e para a diferença, um de nossos compromissos é [...] não abduz[ir] a vida, a ordinariade dessas pessoas comuns que habitam escolas comuns e produzem currículos sempre incomuns, glocalizados, recheados de subjetividades e historicidades e, inéditos, únicos, válidos, invisibilizados.

Se aparecesse Luther King^{xi}, ele diria: “Eu tenho um sonho: o de que, um dia, nas colinas vermelhas da Geórgia, os filhos dos antigos escravos e os filhos dos antigos senhores de escravos poderão se sentar juntos à mesa da fraternidade”. E eu diria:

– Eu também tenho um sonho. Que professoras que fazem greve possam articular ações com professoras que não fazem greve, conversando juntas à mesa da fraternidade.

Será que alguém consegue imaginar a frustração de ambos os lados: daquelas professoras que entram na greve e abraçam a luta, bem como, daquelas professoras que não entram na greve, mesmo acreditando na luta, ou querendo acreditar que na luta ainda há uma esperança, ainda que elas já não o tenham? Ou ainda o têm? Este é o quadro: há um coletivo em greve. A causa é de todos: #prefeitopagueossaláriosemidia. Mas, o coletivo da escola está



Reportagem: Duque de Caxias em greve (<https://globoplay.globo.com/v/7034325/>)

dividido na luta. E, eu penso: “Não desanime, você que se sente isolada. Há uma força que está em você, que remete ao movimento da classe de todo educador trabalhador, subalternizado pelo capitalismo e colonialismo”.

Após 72 horas de greve, novas outras 72 horas foram votadas. A *tentativadeumcoletivoqueluta* briga por um calendário de pagamentos e pela recuperação de direitos perdidos em votação de “pacote de maldades”, em 2017. Não há certeza da vitória. De fato, há certeza das perdas. O salário será descontado sim. As perdas estão previstas em um programa maior de governo federal, do qual o governo municipal é forte aliado. E dentro ou fora da greve, cada professora emite um grito pela causa, na defesa da educação pública, preocupada com as aprendizagens e com a situação de descaso com escolas, com os profissionais e com estudantes. E mais: há luta na sala de aula, no planejamento, nas avaliações, nos recreios, nas festas, na prática pedagógica. Mas, a luta é mais forte quando se faz unida. E, em alguns momentos, o coletivo da escola quase se faz 100%. Vão lá, quase todas para a assembleia e se sentem fortalecidas, mutuamente, por alguns momentos.

E mesmo fora da greve, outra vez, movimentos de questionamento e de insatisfação vão se desenhando como modos de fazer história dessa escola, que ora luta, ora luta, equilibrando-se na corda bamba em que se tem reequilibrado a cada nova perda, quando se retoma uma situação de equilíbrio para novo desequilíbrio enfrentar. E no mais difícil modo de caminhar, vamos aprendendo a reequilibrar.

JANEIRO 2019

Nesse 16 de janeiro, conheci a professora Stela Caputo e me deparei com questões que para mim são muito delicadas. Como trabalhar racismo na escola sem ser negra, sem sentir as mesmas dores? Como trabalhar em uma escola da comunidade sem ser pobre? Quem sou eu para falar com aquelas pessoas a viverem melhor?⁶ E ela, ali, no candomblé, branca, pesquisando crianças em terreiros de Candomblé. Olho-me e pergunto se estou escondendo ou revelando meus preconceitos. A professora Stela falou de “um ciclo de acumulação de desvantagens”. Vejo na ESCOLA estudantes gays, negros, mulheres, pobres e penso que, enquanto alguns acumulam riquezas, na ESCOLA outros tantos acumulam minorias.

Um conceito que a professora Stela trouxe foi o de “imagens desestabilizadoras” a partir de Santos.

[...] um projeto de aprendizagem de conhecimentos conflitantes com o objetivo de, através dele, produzir imagens radicais e desestabilizadoras dos conflitos sociais em que se traduziram no passado, imagens capazes de potenciar a indignação e a rebeldia. Educação, pois, para o inconformismo (SANTOS, 1996, p. 17)^{xii}.

A abordagem textual-imagética tem uma força capaz de produzir sentidos “desestabilizadores”. Lembrou-me das imagens de um ex aluno da ESCOLA, que não me saem do pensamento e que, além do sofrimento causado, despertaram em mim o desejo da escrita de um artigo sobre “O corpo morto”. Veio-me Hélio Oiticica e a sua arte que busca afetar comportamentos. Veio-me “o corpo morto” na comunidade da ESCOLA (novembro, 2019) e a questão da marginalidade como transgressão. “Marginal ou herói”?

⁶ Relendo o texto, percebo o quanto trago em mim a estrutura colonialista e preciso amplificar os modos de fazer currículo pela interculturalidade (CARLINDA, NATÉRCIA, 2016), em um exercício de aprendizagem com múltiplos sentidos do existir na diferença e aprender com os outros.



“O corpo morto” de Hélio Oiticica e o corpo morto de um ex-estudante

DOIS DIAS SEM BRINQUEDO

Março 2019

Um funcionário da escola, que atua como se fosse meu assistente para assuntos pedagógicos, já me avisou logo que cheguei.

– Tem uma questão pendente, que a diretora não teve tempo de dar conta. São muitas coisas...

– O que houve?

– O pai de um aluno falou comigo no portão que ficou chateado com o acontecido. Que machucaram o filho dele no olho. Muito sério isso.

– Verdade! Nossa! Vou procurar saber.

Chamei o aluno a que ele se referiu, que me contou tinton por tinton.

– Eu estava indo para o recreio. O Rafael⁷ veio e pulou nas minhas costas. Eu bati com o olho na parede e depois cai. E o Rafael xingou a minha irmã de vadia. Ai eu fiquei nervoso e dei um soco nele. A diretora me levou para a Secretaria e o Rafael também. Eu fiquei lá meia hora e o Rafael ficou uma hora.

– E o que o seu pai gostaria que a gente tivesse feito?

– Que deixasse a gente dois dias sem brinquedo.

⁷ Nomes das crianças foram aleatoriamente escolhidos para contribuir com o anonimato na tese. Os nomes das professoras foram substituídos por nomes sugeridos por elas.

Nossa! Fiquei impressionada e feliz com a maneira como esse responsável pensou o problema. Ainda que nossa medida tenha sido mais leve, gostei de ver que, neste caso, o pai não apresentou uma proposta de que só Rafael fosse castigado. De qualquer forma, vou chamar o Rafael qualquer dia desses, para saber mais dessa história. Por que ele atacou o colega pelas costas? E por que chamou a irmã dele de vadia?

O pensamento que teimou em vir à minha cabeça foi: talvez ela seja vadia mesmo. Nossa! Como sou preconceituosa. Essa é uma questão que estou querendo estudar. Onde escondo meus preconceitos? “Nem escondo”, pensei eu.

VERGONHA DE MIM

13 01 2020

Relendo o texto acima, hoje, depois de passar o ano de 2019 no GPPF debatendo Judith (2018) e Silvia (2017, 2019), além de discutir semanalmente sobre a questão do patriarcado e o sistema de opressão a que tantas pessoas são submetidas, senti vergonha. Vergonha de mim.

DEMOCRACIA

04 01 2020

Leio a manchete que divulga os resultados da pesquisa Datafolha que apresenta a constatação de que a democracia é a forma de governo preferida da maioria da população, mas a negação dessa ideia tem crescido.

POLÍTICA

Um ano após Bolsonaro, apoio à democracia cai entre a população

Pesquisa Datafolha mostra um aumento da parcela da população que acha que tanto faz um regime democrático ou autoritário

POR CARTACAPITAL | 01.01.2020 13H17

ENQUANTO ISSO

Enquanto isso, em uma compreensão mais pessimista, o mundo beira à terceira guerra mundial. E como continuar acreditando na democracia?

Hoje, o presidente dos Estados Unidos autorizou um ataque aéreo que assassinou o General Qassem Soleimani, comandante da Guarda Revolucionária do Irã e um dos líderes políticos mais poderosos do seu país. Ele coordenou as ações do Hesbollah na Síria e das milícias xiitas no Iraque. Foi responsável pela retomada de Aleppo pelo Exército sírio e a derrota do Estado Islâmico.

Hoje morreu um herói do povo iraniano que promete vingança. As consequências parece que serão devastadoras.

Enquanto isso, alguns aposentados de Duque de Caxias não receberam o décimo terceiro de 2018. Eu recebi meu décimo terceiro de 2019 ontem. Pagamentos escalonados e descontos dividem a categoria.

ENQUANTO ISSO II

03 10 2022

Revisar uma tese, que se tece pelos movimentos democráticos em uma escola, em tempos de eleição presidencial não me permite deixar de registrar que em primeiro turno, ontem, o então presidente do nosso País não perdeu as eleições, como desejável. Seguimos para o segundo turno, entre o vociferar de ódios e o semear de esperanças. Temos um segundo turno pela frente de confronto entre dois projetos de sociedade.

Há um lado dessa luta que não se interessa em saber sobre estado mínimo, privatizações, reforma trabalhista, reforma da previdência, teto de gastos ou quaisquer questões estruturantes de desigualdades de classe, raça e gênero e se pauta em promover um discurso mobilizador na defesa de costumes conservadores e fantasiosos, pois apenas escondem a diversidade dos modos de vida existentes. No outro lado, a luta está no campo da condição concreta da vida das pessoas como diferentes que são.

Hoje, há mais que chorar do que celebrar.

Ministro da Saúde que destuiu a saúde: eleito. Ministro da Ciência que destruiu a ciência: eleito. Ministro do Meio Ambiente que destruiu o ambiente: eleito. Ministra dos Direitos Humanos que não respeita direitos humanos: eleita.

No Rio de Janeiro, foi eleito miliciano para governador.

No Rio de Janeiro, o ódio, e o medo venceram nas urnas, assim como nas urnas da ESCOLA: 126 votos por um país soberano, 196 votos para o ódio, a misoginia, o racismo, a homofobia, o egoísmo, o fascismo, o autoritarismo, o obscurantismo. No Brasil, a bancada conservadora aumentou significativamente seus tentáculos no legislativo, Senado e Câmara, e a pauta conservadora e retrógrada vai aumentar.

Alguma esperança há de ser comemorada! Uma “bancada do Cocar” foi eleita: Célia Xakriabá eleita por Minas Gerais, Sônia Guajajara eleita em São Paulo e Joenia Wapichana reeleita por Roraima! Duas mulheres trans foram eleitas como deputadas federais: São Paulo elegeu Erica Hilton; Minas Gerais elegeu Duda Salabert.

O Nordeste salvou o resultado de ter sido vitória presidencial para a violência doméstica, lgbtransfobia, violação de direitos de pretos, pardos e indígenas... Foi do Nordeste que veio a votação mais expressiva por um Brasil que eu sonho.

ENQUANTO ISSO III

07 11 2022

Momento de mais uma revisão, antes de entregar a tese para a banca, depois da Qualificação II, rumo à Defesa. E eu não tenho como deixar de escrever que ganhamos! Sim, ganhamos as eleições e a esquerda assumirá a Presidência no próximo dia 1º de janeiro. Essa primeira pessoa do plural – nós ganhamos! – pode ser compreendida como o meio ambiente, a vacina, a Amazônia, a educação, as gentes todas.

Precisamos lembrar que quem nasce em Bacurau é gente, quem nasce na favela é gente, quem nasce nas comunidades indígenas é gente, quem nasce em comunidades quilombolas é gente, quem não segue a heteronormatividade é gente, quem nasce na rua é gente, quem nasce sem terra é gente, quem não tem emprego é gente. É gente que resiste, que forja outros modos de ser, conhecer, conviver e estar no mundo (MARIA LUIZA, RUTH, 2019, p.01).

Eu passei meu percurso de doutoramento tentando capturar práticas pedagógicas que me ajudavam a refletir sobre outros modos de ser, conhecer, conviver e estar em uma ESCOLA mais democrática, em tempos que anunciavam o declínio da democracia. Se a tarefa era capturar essas práticas, muitas vezes fui desviada para capturas de assuntos trágicos. A pandemia foi o ápice da devastação e incidiu sobre as ações pedagógicas que

foram voltadas para poucos. Quantas vezes pensei em desistir? Nenhuma. Eu só pensava em sobreviver, tendo a tese como espaço *Bacurau* de reflexão, deslocamentos e resistência.

E hoje estou aqui, terminando mais uma etapa acadêmica, com uma vitória dupla quase certa: vitória nas eleições e vitória no doutoramento. Vitórias frágeis, pois não garantem que o curso da vida seja transformado. O que garante? Nada. Mas, ainda assim, uma alegria imensa brota dentro de mim ao ter a extrema direita ainda na presidência, mas já derrotada democraticamente pelo voto popular nas eleições.

DEMOCRACIA

27 09 2022

De que democracia eu estou escrevendo? Daquela democracia sistema político em que o poder do povo elege os dirigentes? Sim. E mais: aquela que possibilita liberdade de expressões e de transformações sociais. Reconheço a fragilidade não só da maneira como apresento o modo de apresentar essa noção, mas o quanto a democracia é frágil em si mesma. Haja vista o que vivemos nesses tempos com o atual presidente eleito. Desejo recuperar os laços familiares, de amizade, de vizinhança e de companheirismo destruídos pelo ódio, medo, violência, agressividade desconfiança e mentira instaurados pelo governo atual.

A democracia em crise é uma afirmação que a ninguém mais surpreende. Uma crise multifacetada que tem como consequência o declínio das estruturas representativas tradicionais e um mal-estar geral com o funcionamento democrático atual. Vivemos em tempos nos quais a política nos é apresentada como algo prescindível, inclusive sujo, vergonhoso e é desejável a não profissionalização do político. (ESTHER, 2018, p.6)

Com Esther, reconheço que desacreditando da democracia, abro caminho para “posturas antidemocráticas, que colocam em risco o avanço nos direitos e garantias fundamentais” (GALLEGO, 2018, p 27). Chantal (2005, apud Roselane, 2019) questiona a ilusão de que democracia perfeitamente bem sucedida possa ser alcançada, mantendo viva a contestação democrática reconhecendo que a sociedade é dividida, onde a coexistência humana é de natureza conflitiva. Enfatiza, ainda, “a impossibilidade de estabelecer um consenso sem exclusão” (CHANTAL, 2005, p. 22, apud ROSELANE, 2019, p. 62).

Diante dessas reflexões, sinto-me fortalecida em manter meu apoio e participação nas criações curriculares de experimentação da democracia na ESCOLA. A maior expressão de

nossa intencionalidade por práticas educativas nessa direção é a realização periódica das Assembleias na ESCOLA, o lugar de fala de estudantes, onde apresentam elogios, propostas ou reclamações sobre a escola. Nas assembleias, o exercício da cidadania se dá pela possibilidade de pensar a escola em conjunto, tomar decisões deliberadas coletivamente e colocar em ação os acordos. A primeira Assembleia aconteceu em novembro de 2015. E desde então, são realizadas periodicamente, tendo sido interrompidas apenas no período crítico da pandemia.



Assembleia na ESCOLA em março de 2019

ASSEMBLEIA

23 05 2019

Observando a ditadora que existe em mim... Sou a responsável por conduzir a Assembleia de estudantes na escola. O exercício é garantir um espaço de escuta às reivindicações de estudantes da ESCOLA. Então, ouço uma proposta de reduzir o tempo de refeitório e aumentar o tempo de recreio por uma estudante do 5º ano. Eu, sem colocar para votação ou para defesa da ideia, digo imediatamente que não é possível. Faço um discurso sobre o não empenho de estudantes nas tarefas, digo que vêm para a escola para estudar, que o recreio é só um tempinho de descanso e desqualifico a proposta como possível de ser defendida ou estudada. Estou arrasada.

Só depois, percebi o que fiz.

ASSEMBLEIA II

30 05 2019

Uma das professoras veio me contar que um aluno seu, Luís Paulo, de apenas 4 anos perguntou: “Que dia vem aquela tia que faz reunião na escola para eu perguntar por que não pode jogar bola na escola?”. E assim, quando eu comecei a Assembleia hoje, ele foi o primeiro a erguer a mão. E perguntou: “Por que a gente não pode jogar bola na escola?” Lindo né? Já entendeu a Assembleia como lugar de questionar as regras da ESCOLA.



ASSEMBLEIA III

Abril 2022

Sempre que chego na escola, alguma criança vem me perguntar se é dia de assembleia. Outro dia, foi hilário. Uma criança veio me perguntar se tinha igreja católica. Eu estranhei:

– Igreja Católica?

Outra criança, imediatamente percebeu o equívoco vocabular da colega e corrigiu:

– Não é Igreja Católica. É Assembleia!

Refletindo sobre o que tanto achei graça, penso no universo vocabular das crianças e a relação com suas vivências. Aqui há possibilidades diversas de pesquisa que não dou conta.

Lembrou-me da aula de história dada pelo Acerola, no filme “Cidade dos Homens”⁸ e da associação que ele faz com os fatos apresentados pela professora e o cotidiano da favela⁹.

SOBRE A ELEIÇÃO DE DIRETORES

06 01 2020

Recebi essa mensagem no grupo de whatsapp da escola, em um relato de preocupações da Orientadora da ESCOLA sobre as maneiras como temos conduzido as questões políticas locais e nacionais.



Primeira eleição para diretora da escola em 2015

[19:39, 06/01/2020] Uma Orientadora na ESCOLA: Nós tivemos nos dois mandatos uma diretora que com certeza gostaríamos que continuasse, mas entendemos que nesse momento o que estava em jogo não era a nossa Escola mas a efetivação de uma lei que este governo deixou claro que não quer fazer cumprir. Tivemos todo um processo interno para que uma de nós aceitasse viver essa experiência de gerir uma unidade escolar mesmo quando esse não era o seu maior desejo, mas a colega que aceitou o desafio, também o fez por algo maior e que para nós é muito caro: acabar com anos de indicação política para as direções das unidades, até porque sabemos como é perder uma boa gestão por questões políticas. Agora, estamos perdendo dentro de um processo democrático e oportunizando que outras pessoas experimentem as dores e alegrias desta função dentro da unidade escolar. Para mim nada é

⁸ Filme brasileiro de 2007, dirigido por Paulo Morelli, com roteiro escrito por Elena Soárez e Fernando Meirelles.

⁹ Em um trecho do filme, Acerola relaciona os combates territoriais das Guerras Napoleônicas às disputas entre os morros e a guerra do tráfico, dando uma aula de história contextualizada em sua experiência de vida.

fácil neste momento que vivemos, mas fico muito preocupada quando vejo que estamos perdendo de vista o momento político que o país vive e que devemos defender o cumprimento das leis; e a democracia em cada espaço que estivermos!! Que 2020 nos ajude a tomar nossas decisões locais sem perder de vista a situação nacional.

30 09 2022

SOBRE A ELEIÇÃO DA DIRETORA

A diretora eleita em 2019 assumiu a ESCOLA em janeiro de 2020 e, já a partir de março, enfrentou as agruras da pandemia. Devido a toda a dificuldade vivida nos dois anos de mandato, a Secretaria de Educação reconduziu todas as direções eleitas para mais dois anos de mandato. E, cá estamos nós, diante das eleições para direção da escola para 2023.

Vamos vivenciar mais um exercício democrático na escola.

Interessante ouvir as crianças perguntando se as professoras querem ser diretoras. Mais interessante é viver esse processo nesse ano de eleições presidenciais. E tenso é estar aqui escrevendo sobre democracia e eleições na antevéspera do primeiro turno das eleições no nosso país. Imagino que a leitura de minhas escritas apontem para meu candidato à presidência. Meu voto não é secreto, pois a escrita da tese o revela.

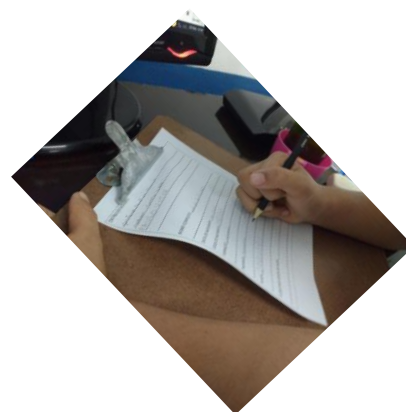
VÓ? QUEM? EU?

Maio 2019

Na entrevista, encaminhados pela professora Luísa, que está trabalhando biografias, me perguntaram se meus filhos são adultos. Disse que sim.

Ai, disseram: E vc? Já é vó, né?

Uma pequena conversa que me remete a refletir sobre a realidade local, onde muitas meninas são mães aos quinze anos e aos trinta anos já são avós. Eu já poderia ser bisavó.



A entrevista

MOSTRA TEU PEITO PARA MIM?

28 11 2019

No dia 28/11/2019, fui procurada pela professora do quinto ano que me disse que teve um problema no banheiro. Quando a professora começou a narrar o ocorrido, parecia um caso tão natural da idade que sequer entendia porque ela havia me chamado. Quatro meninas estavam no banheiro e uma delas pediu para a outra diminuir a alça do sutiã. Era o primeiro dia que ela usava sutiã e não sabia arrumar, explicou. A outra colega atendeu o pedido.

Foi quando surgiu a pergunta de quem tinha o seio já formado. Quem perguntou mostrou o seu e pediu que as colegas também mostrassem. Uma delas se recusou e já ia saindo, quando foi segurada por uma das colegas que agarrou seu braço, a empurrou para a parede e, segundo ela, a obrigou a mostrar. A menina, então, mostrou os seios às colegas e saiu correndo e chorando e foi contar a professora.

O que me impacta nessa história é a violência impetrada pela colega. A estudante, bem menor em tamanho que a colega agredida, consegue fazer com que essa mostre os seios, mesmo sendo muito maior que a outra. Bastaria um empurrão. O que a leva a não reagir e negar o pedido? O que a leva a sentir a questão com tanto sofrimento?

E me impacta olhar para a agressora e pensar: o que a leva a agir assim com a colega, sem respeitar a privacidade solicitada pela outra ao negar o pedido de mostrar os seios? Me impacta pensar que as outras meninas envolvidas não tiveram nenhuma reação em socorro da vítima. Não havia motivo aparente para a agressão.

Tratava-se de uma questão natural entre meninas pré adolescentes. O que eu aprendo ao ouvir essa história? Que outras histórias estão silenciadas?

Conversei com as meninas. Falei sobre “meu corpo, minhas regras”.



Nessa escola as pessoas são ouvidas II

Não devem fazer nada, nada que as incomode nunca. Elogiei a aluna por ter ido direto à professora, pessoa de confiança. Falei que como são menores de idade, devem seguir a orientação dada pela família. Mas, até nesses casos, quando algo incomodar, podem conversar com a professora ou a orientadora na escola, pedindo ajuda.

A ESCOLA, as professoras, as crianças enfrentam travessias curriculares (MARIA LUIZA, VIVIANE, 2016) por caminhos e descaminhos, em um permanente fluxo de sentidos e de práticas.

FEMINISMOS

07 01 2020

Os escritos de uma mulher são sempre femininos; não podem deixar de sê-lo; quanto melhor, mais feminino; a única dificuldade é definir o que entendemos por feminino.

Virginia Woolf

Hoje eu preciso escrever sobre a minha decisão em utilizar apenas nomes de mulheres na minha bibliografia. Não sei bem o dia em que essa decisão aconteceu, mas posso buscar essa data em meu caderno de campo. Mas, a data – em 2019 – não é o mais importante. O urgente e prudente é convencer minha orientadora.

Para além das demandas acadêmicas, há uma demanda pessoal nessa escolha. Mais política, menos científica. Corro o risco de ser criticada por manter o binarismo entre sexo/gênero, que tanto alimentou o patriarcado. No entanto, o desejo de ler em minhas referências bibliográficas apenas nomes femininos me faz ter a certeza (ainda que sempre provisória) de que devo manter essa escolha.

Tenho acompanhado discussões acirradas dentro e fora do meu grupo de pesquisa contra esse mundo patriarcal, colonialista e capitalista. Venho me aproximando das leituras sobre o feminismo, por acreditar que seja um dos caminhos para o enfrentamento contra essa estrutura social machista. E me deparo com a grande maioria de autores que leio e cito em meus trabalhos como homens brancos europeus. Quero me engajar na luta pelo feminismo. Assim sendo, defendo meu trabalho com bibliografia apenas com nome de mulheres como uma ação afirmativa que venha a contribuir para essa luta.

Sabemos que o espaço do ensino superior ainda é para uns poucos e que as desigualdades educacionais continuam, não apenas na perspectiva de gênero. Se hoje, em números absolutos, as mulheres já são maioria nos bancos universitários, isso não significa igualdade se consideradas outras variáveis como: raça/cor, idade, nível socioeconômico, cursos que realizam, além das múltiplas jornadas cotidianas enfrentadas pelas mulheres estudantes, especialmente das classes menos abastadas (NAILDA, PRISCILA, 2021, p.82).

Acredito que no dia em que as mulheres não forem mais sub-representadas na Academia, minha opção política estará completamente obsoleta.

Em um Brasil onde a taxa de feminicídios é a quinta maior do mundo, a ESCOLA se localiza em Duque de Caxias, município do Rio de Janeiro que bateu o vergonhoso recorde de maior registro de violência doméstica no Estado. Nesse contexto, como não me comprometer com o enfrentamento à violência contra a mulher na ESCOLA. Ali na ESCOLA, ouvi de uma criança que o padrasto esmagou os dedos da mãe na porta. Mais duas mães estão com medidas protetivas contra os pais de seus filhos. Isso, sem contar com os inúmeros casos que ficam silenciados.



Em uma postura política, posso começar privilegiando as mulheres e seus estudos em minha tese. Em uma segunda “onda” pessoal, posso compartilhar cuidado quanto à questão de papéis sociais dos gêneros na ESCOLA e como a compreensão de gênero se cruza com raça, etnia, sexualidade, religião, dentre outras intersecções de identidades sociais.

09 10 2022

SHORTINHO

Estou eu dedicada hoje a organizar a inserção das fotografias no texto da tese, relendo a tese e buscando as fotografias que dialogam com o texto, tendo em vista que a ideia do álbum de fotografia foi abandonada no caminho. Nesse momento, encontro uma fotografia que me remeteu a conversas que periodicamente surgem na ESCOLA, que vêm e vão. Uma dessas conversas é sobre o tamanho dos shorts que as meninas usam.



Os shorts

Quando há uniforme, essa questão fica diluída pois a maioria das crianças usa uniforme. Houve época, inclusive, que a criança não podia entrar sem uniforme ou, em épocas mais recentes, levava advertência, o que fazia com que repensasse vir à escola se não tivesse o uniforme a disposição. Com a não-entrega dos uniformes por parte da Secretaria de Educação, por longos períodos, essa discussão sobre cobrar o uso do uniforme se perde e algumas professoras e eu já temos dúvida sobre a sua importância.

Poderia discorrer aqui de várias conversas que surgem relacionadas a essa questão, como, por exemplo, o uso do chinelo na escola. Há pouco tempo atrás o uso do tênis era obrigatório e quantas vezes a criança vinha de chinelo e, constrangida, explicava que a mãe não tinha dinheiro para comprar o tênis. E no caso da ESCOLA, a liberdade que tem sido dada às crianças para virem de chinelo e andarem descalças é uma discussão interna. Há medo de que alguma criança se machuque.

O que defendo é que as crianças têm esse hábito e que nunca aconteceu nenhum acidente na escola, provocado pelos pés descalços.

Quanto ao short, quando há uniforme, uma bermuda enorme e disforme compõe o conjunto de vestimenta para os dias mais quentes. Quando não há uniforme, as crianças ficam liberadas para virem com a roupa que quiserem. E começam a aparecer os shortinhos e a discussão sobre a roupa adequada para a escola. A questão que me incomoda e me provoca a defender o shortinho é que algumas pessoas vêem sua inadequação devido a compreensão de que os meninos seriam provocados pelos shortinhos.

Em conversa longa com o porteiro, um dia, por exemplo, debatíamos a questão e eu perguntei se não seria bom que as meninas usassem na escola o shortinho que elas querem e teremos oportunidade de trabalhar a questão do respeito a roupa que cada um quer e gosta de usar. O porteiro, muito cuidadoso na maneira de dizer que não concorda, fugiu do assunto. Maria Luiza, Lorena e Stephanie (2020) me ajudam a refletir que “curricular é fazer uma conversa que reconheça epistemologias diversas e tenha a diferença como princípio. Sigo, então curriculando com o porteiro, com as professoras e com muitas outras pessoas que participam, direta ou indiretamente, com a ESCOLA, das conversas sobre os shortinhos.

A BRONCA

24 01 2021

Estava na sala trabalhando no computador quando ouvi: “Briga! Briga”. Sai correndo e já gritando, também: “Separa! Separa! Pedro e Dirceu se enfrentavam. Obedeceram imediatamente. Pedi para que as crianças que brigavam fossem conversar comigo. Pedro se recusou e disse que só estava separando a briga. Logo compreendi que quem brigava mesmo eram Dirceu e Antônio, com quem conversei rapidamente. Eu queria mesmo conversar com Carlos Estevão, que durante a briga gritava na maior empolgação: “Pega! Pega!”. Ao ser chamado, ele já chegou dizendo “Não fiz nada”. Eu estava tão braba que quase gritei: “Você não pode dizer nada! Você perdeu o direito de dizer com essa sua atitude! A gente trabalha tanto para fazer dessa escola um lugar legal e você fica estimulando briga? Nesse momento passou uma aluna e disse: “Acho que ela vai chorar”. Só então me dei conta de que estava tão transtornada.

A ESCOLA SE PROSTITUI:
O FINANCIAMENTO PRIVADO NA EDUCAÇÃO PÚBLICA I

22 06 2019

Entre os meses de fevereiro e abril, a iniciativa de uma fundação privada recebeu mais de quinhentas inscrições vindas de 26 estados brasileiros. A ESCOLA também se inscreveu e enviou um projeto para concorrer a um prêmio em dinheiro. O valor pareceu um bom motivo para a inscrição, pois possibilitaria a realização de um sonho adormecido há pelo menos dois anos e sem chance de realização devido à falta de recursos. E a escola foi laureada com o prêmio pela apresentação do seu projeto, elaborado a partir das ideias de uma professoras e da diretora, inspiradas no projeto de criação de uma horta suspensa promoveu o encontro entre o projeto político pedagógico da ESCOLA e o núcleo de pesquisa de uma instituição de Educação, que desenvolve projetos através da aplicação de tecnologias em problemas do cotidiano.

A primeira atividade, depois que a escola recebeu o comunicado de que foi escolhida dentre tantas, foi a premiação em São Paulo. “Vc não faz ideia do tamanho do choque”, foi o que ouvi de uma das duas professoras que foram a São Paulo e se espantaram com a corrida vertical dos prédios. Ambas estiveram no prédio da empresa promotora da premiação, em atividades de formação por dois dias. Ali viveram o luxo das instalações, que até mesmo entre as concorrentes em São Paulo, se destacam pela imponência. A ESCOLA, por outro lado, refém de um sistema público que só lhe garante o mínimo das necessidades, buscou uma forma de ter uma alternativa para a realização de um de seus projetos, ainda que isso lhe incomodava no desejo expresso por muitas professoras de trabalhar apenas com dinheiro público para escola pública.



Da corrida de prédios em São Paulo à comunidade onde fica a ESCOLA
<https://www.webrun.com.br/corrida-vertical-brasil-estreia-no-5o-predio-mais-alto-de-sao-paulo/>

A ESCOLA SE PROSTITUI: O FINANCIAMENTO PRIVADO NA EDUCAÇÃO PÚBLICA II

22 06 2019

No whatsapp, com Rose, uma amiga para quem enviei o texto “A ESCOLA se prostitui”:

[21:54, 22/6/2019] Rose 2019: Poxa, Sílvia. Não considero o fato de participar de um concurso se vender.

[21:56, 22/6/2019] Rose 2019: A escola pública não significa que deve ser mantida apenas com verba pública.

[21:56, 22/6/2019] Rose 2019: Ela é pública porque é do povo.

[21:57, 22/6/2019] Rose 2019: Se o governo não tem condições de manter uma escola, não vejo problemas em procurar parcerias.

[21:57, 22/6/2019] Rose 2019: Além disso, é um projeto que está sendo realizado e merece ser divulgado

[21:57, 22/6/2019] Silvia Tkotz: O governo tem condições. Ele não quer.

[21:58, 22/6/2019] Rose 2019: As crianças só tem a ganhar com isso.

[21:58, 22/6/2019] Silvia Tkotz: Essa é a parte bonita.

[21:58, 22/6/2019] Silvia Tkotz:

Por isso, resolvemos participar.

[21:59, 22/6/2019] Rose 2019:

Porque não interessa. Mas interessa às pessoas que ali trabalham verem as crianças receberem uma educação de qualidade.

[22:00, 22/6/2019] Rose 2019:

Sinta-se orgulhosa! [22:00,

22/6/2019] Silvia Tkotz: Obrigada pela força!



Print de conversa no WhatsApp

[22:01, 22/6/2019] Silvia Tkotz: Escrever é minha forma de elaborar as dores... Obrigada por poder dividir com você!

[22:02, 22/6/2019] Rose 2019: Você precisa reescrever o texto. Mostre-se orgulhosa por fazer parte desta escola e divulgue a premiação para as escolas do município.

[22:03, 22/6/2019] Silvia Tkotz: Vou pensar a respeito. Posso usar suas escritas e citar você?

[22:03, 22/6/2019] Rose 2019: Kkk

[22:03, 22/6/2019] Rose 2019: Pode.

No whatsapp, com a diretora da ESCOLA, para quem também enviei o texto “A ESCOLA se prostitui”:

[14:06, 29/6/2019] Silvia Tkotz: Sabe aqueles textos que só ficam no diário e ninguém pode ler? Esse!

[14:07, 29/6/2019] Diretora: To com medo de abrir!!!

[14:09, 29/6/2019] Diretora: Acredita que me emocionei?

[14:09, 29/6/2019] Silvia Tkotz: Conta!!!

[14:12, 29/6/2019] Diretora: Não sei se não to bem!! Rsrtrs mas ler esse texto mexeu muito comigo, me fez chorar. Não sei se por ter me dado conta da nossa prostituição, ou por perceber que, às vezes, e apesar de tudo, a prostituição se faz necessária.

[14:13, 29/6/2019] Diretora: Bom ou ruim, não somos mais as mesmas, o projeto mexeu conosco, nos impulsionou... A escola parece estar se tornando um “santuário ambiental”, isso me impulsiona muito... tenho um encanto muito grande por esse caminho que estamos seguindo.

[14:14, 29/6/2019] Diretora: Acredito que desta maneira poderemos fazer muita diferença na comunidade em que a escola está inserida...

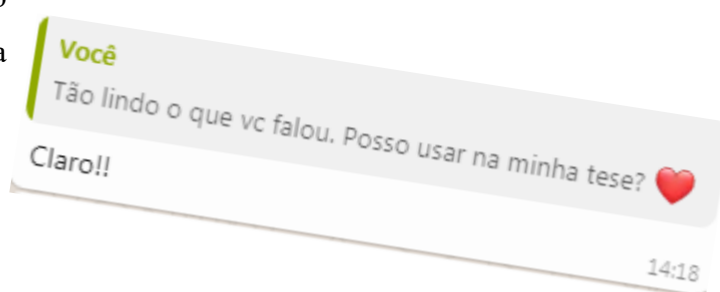
[14:14, 29/6/2019] Silvia Tkotz: Então. Acho que é isso. Entre não fazermos nada e fazermos a inscrição para a concorrer a essa premiação, escolhemos fazer a inscrição.

[14:16, 29/6/2019] Diretora: É fizemos nossa escolha!!

[14:17, 29/6/2019] Silvia Tkotz: E foi uma escolha coletiva!

[14:18, 29/6/2019] Silvia Tkotz: Tão lindo o que vc falou. Posso usar na minha tese? ♥

[14:18, 29/6/2019] Diretora: Claro!!



CONTA! 1,2,3...

08 08 2019



Aprendizagens com a matemática



Uma professora veio me relatar, encantada.

– Cheguei na escola na segunda-feira e fui dar boas vindas às crianças. Falei da alegria do retorno às aulas, depois do recesso e perguntei quem queria contar alguma novidade. Um estudante da turma de 5 anos, rapidamente, levantou a mão. Empolgada, me expressei, disse ela:

- Conta!

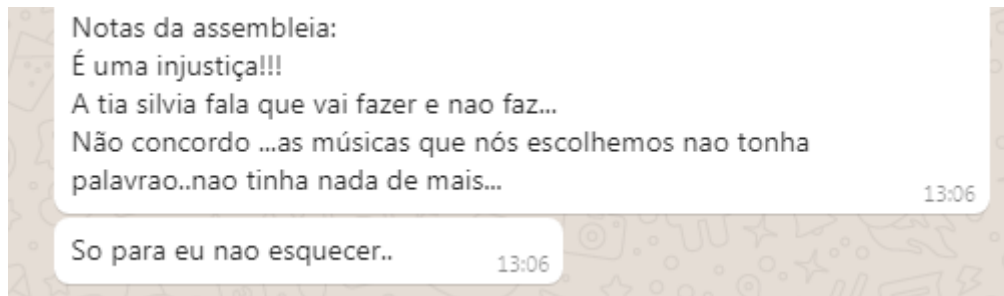
Ele começou:

– 1,2,3,4,5...

Encantada fico eu e registro para não deixar esquecer, essa prática cotidiana que mostra o currículo da matemática pensado e praticado (INÊS, 2012), que se apresenta na conversa com a professora. Registro porque reconheço a importância política e epistemológica do que acontece na sala de aula (MARIA LUIZA, 2017).

O FUNK: NO RECREIO PODE?

Agosto 2019



Neste dia, não fui à ESCOLA. Acho que preciso faltar de vez em quando... Tinha uma atividade na Estácio: Fórum Docente. Pedi, por zap, se uma professora poderia conduzir as Assembleias. Ela já o tinha feito em outra ocasião em que eu não estava na quinta feira na ESCOLA. Ela aceitou. No final do dia, recebi por zap, no grupo da equipe diretiva, uma mensagem da outra Orientadora, com um lembrete, para uma posterior conversa.



Assembleia na ESCOLA sem data II

Essa mensagem me remeteu a um problema que venho enfrentando com o quinto ano sobre o pedido de música no recreio. O problema é que as músicas que pediram são funks. Vieram com uma lista, todas as músicas sem palavrão. No entanto,

tentei explicar sobre a violência, o machismo e a conotação sexual presente nas músicas, que não caberiam para ser música de recreio em escola.

Falei com a turma em sala de aula, na segunda-feira, e pedi que me procurassem no recreio para escolhermos outras músicas. Vieram apenas dois meninos com os quais escolhi algumas músicas. As meninas, que estavam mais revoltadas por não terem tido sua lista autorizada, não compareceram.

As conversas com as crianças não são lineares, são travessias... São travessias curriculares (MARIA LUIZA, VIVIANE, 2016).

O FUNK: NO RECREIO PODE? II

02 09 2019

Hoje ela veio até minha sala. Conseguiu mudar a cara de braba e até sorriu quando me viu e disse: “Hoje a música do recreio estava boa”. Esse ir e vir das “conversas complicadas” (Pinar apud MARIA LUIZA, 2013) trazem outros modos de fazer-se educador e estudante. “Quando buscamos horizontalidade e copresença com os saberes e com os *nãosaberes*, as travessias curriculares se constituem como *espaçotempo* de descobertas, de aprendizagem diversificada, de (des)formação significativa e provisória do ser professor (MARIA LUIZA, VIVIANE, 2016, p. 93).

As conversas com as crianças na ESCOLA não são lineares e tentamos não hierarquizar. As conversas na ESCOLA são travessias curriculares.

CEREJA E DESPERDÍCIO

29 08 19



Oficina com Ana Ribeiro, Ecochef

A ESCOLA está desenvolvendo um projeto sobre alimentação, saúde e meio ambiente. Uma das atividades desenvolvidas semanalmente é o “Experimentar faz bem”. A cada semana são vivenciadas experimentações como kiwi, suco de casca de abacaxi, ‘danoninho’ natural... É! A escola fez até uma oficina com uma especialista em PANCs (plantas comestíveis não

convencionais), a Ana Ribeiro, Ecochef e as crianças provaram pão de queijo com urtiga!

Essa semana, entrou na secretaria, que também é sala da direção, um estudante e falou com a diretora.

– Diretora, eu quero pedir uma coisa para o dia do “Experimentar faz bem”. Eu quero conhecer cereja.

– Cereja?, disse ela. Você conhece cereja?

– É uma frutinha redondinha vermelha, mas eu nunca comi. Queria experimentar!

Essa tranquilidade de estudantes manifestarem suas vontades, suas observações e suas insatisfações se dá na busca constante com a ESCOLA por “horizontalidade e copresença com os saberes e com os não saberes” e possibilitam que criemos “travessias curriculares [...] espaçotempo de descobertas, de aprendizagem diversificada, de (des)formação significativa” (MARIA LUIZA; VIVIANE, 2016, p. 93).

Nessa mesma quinta feira, como outro exemplo, foi dia de Assembleia. Um aluno levantou a mão e disse:

– Vocês estão nos cobrando diminuir o desperdício, mas o maior desperdício de comida é o que sobra na panela.



A sobra da panela

daremos um retorno na próxima assembleia,

Tivemos uma semana para dar a resposta à Assembleia. Foi difícil dizer, mas me preparei para explicar sobre as normas de segurança alimentar. E os riscos. E por isso, a necessidade de jogar a sobra da panela no lixo.

Aquela conversa gerou outra proposta. O mesmo estudante trouxe, em outra assembleia, que observou que nos dias de peixe sobra mais arroz, porque menos crianças almoçam na escola por não gostarem de peixe. “Nesses dias, a cozinha pode fazer menos arroz”, sugeriu ele.

Essa conversa sobre desperdício nasceu do incômodo do estudante que é lembrado a cada dia, no refeitório, para evitar o desperdício. A ESCOLA tem um trabalho nesse sentido em que lembra as crianças a pedirem menos comida quando estão com menos fome ou vontade de comer. E, ainda, coloca uma balança perto da porta de saída do refeitório para cada criança pesar suas sobras e verificar se está reduzindo o que deixa no prato.

Essas narrativas das práticas na ESCOLA nos mostram algumas criações curriculares. Rizomaticamente, as conversas desdobram, deslizam, e bricolam as artes de ser professora e de ser estudantes com a ESCOLA e enredam conhecimentos aliados (MARIA LUIZA, VIVIANE, 2016).

– O que é feito com a sobra da panela?

Naquele momento, não tive coragem de dizer que é jogado fora, que é norma do setor de nutrição. Não se pode doar. Então, eu disse:

– Vamos procurar saber sobre essa questão. Vamos nos informar com as cozinheiras e



Pesar o desperdício

É UMA BAGUNÇA!

27/10/2019

Leio alguns trechos da futura tese para Alice, minha filha.

– É uma bagunça, mas é gostoso de ler, né?

A ENCRUZILHADA

Na minha pesquisa, vinha me perguntando sobre como garantir a justiça cognitiva na escola, em busca da justiça social. Muito inspirada no Boaventura de Sousa Santos (2013)^{xiii}.

Saindo da Anped para almoçar, no dia 23/10/2019, divido minha questão com o Edu Prestes, colega do GPPF. Ele, com muita tranquilidade, me aponta a possibilidade de Boaventura nem mais estar defendendo essa ideia, afinal ele agora apresenta “O fim do Império Cognitivo” (SANTOS, 2018)^{xiv}.



Na ANPED, com Luli.



O CORPO I

Mais um registro em minhas anotações da Anped, marcaram minhas reflexões nesse trabalho. Ana Gomes – uma parceira do doutorado – comentou, ao meu lado: “O texto escrito não traz o corpo”. Fico a me perguntar se as histórias não estão enfiadas de identidade. Há identidade descorporeificada?

Não dou conta de avançar nessa reflexão, nesse momento, e penso se mais uma vez o corpo ficará de fora de minha jornada acadêmica.

COISAS QUE A GENTE FALA E O OUTRO MELHORA



Transgressão no "Pátio Integrado"

Era 21/10/2019, à tarde.

Em meio à apresentação do pôster “Rizomas curriculares bordados cotidianamente”, relatei, ao pé do ouvido de uma pessoa ao meu lado, o caso da transgressão do “Pátio integrado com a sala de aula”, que foi criado na ESCOLA para implementar o brincar. Vários ambientes foram criados pelas professoras e, dentre eles, um escritório. Mesas, cadeiras, papéis e uns teclados inoperantes de computador previam uma brincadeira calma e tranquila. A pessoa me cantou Fernanda Abreu:

A novidade cultural da garotada
Favelada, suburbana, classe média, marginal
É informática, metralha, subuso, equipadinha
Com cartucho musical de batucada digital
Cadilho de disquete, marcação, pagodade, funk
De gatilho, marcação de samba
Balanço, com batuque digital
Na sub-uzi musical de batucada digital (é).

ESCOLA DE TEMPO INTEGRAL

23/10/2019

Ao chegar à UFF/Universidade Federal Fluminense, sentei-me na cantinha. Seria a apresentação de meu pôster e o medo de me atrasar fez com que eu chegasse com uma hora de antecedência, tempo tranquilo para um café e um misto quente. Pedi licença e sentei em uma mesa na qual uma outra pessoa lanchava – Silvana se apresentou ela. Começamos a conversar e ela me falou da escola onde trabalha em Niterói, uma escola pública de tempo integral. Rapidamente, peguei os contatos e deixei registrado o desejo de saber mais a respeito. Ela me convidou para visitar a escola. Oportunamente o farei.

Esse interesse genuíno pela Silvana e sua escola em Niterói está pautado em uma conversa entre as professoras da ESCOLA sobre o desejo de nos tornarmos uma escola de tempo integral, assunto discutido em Conselho de Classe e solicitação encaminhada à Secretaria de Educação. São tantos os movimentos com o cotidiano escolar que as quatro horas de um turno não têm sido suficientes.



Na ANPED, pensando na ESCOLA

EU APRENDI DE MAIS: CONVERSAS SOBRE AGRUPAMENTOS, ASSEMBLEIAS E APRENDIZAGENS EM UMA ESCOLA PÚBLICA

Artigo apresentado na Anped

23/10/2019

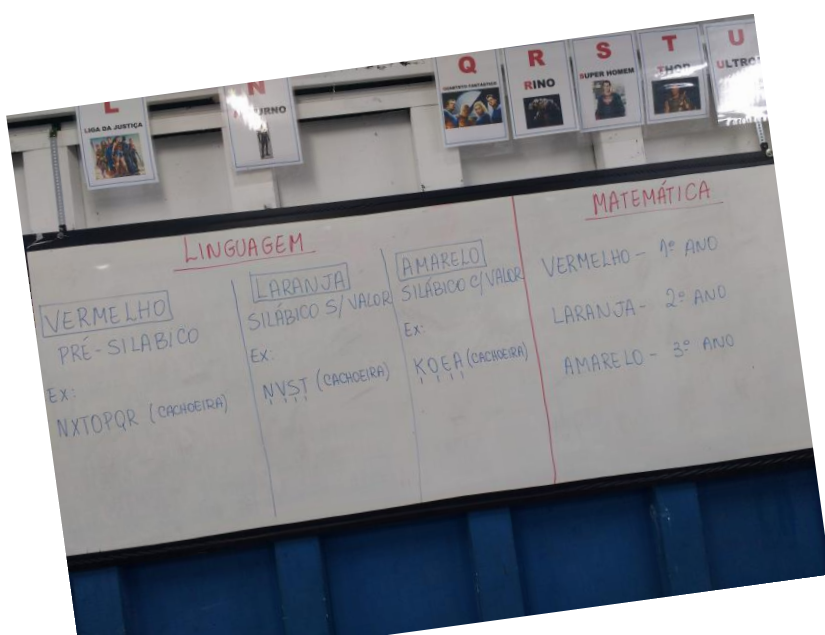
Em 2015, diante da sensação de fracasso das professoras ao se depararem com muitos alunos que não alcançavam a aquisição da leitura e da escrita, a ESCOLA criou um projeto

em que agrupava estudantes com aprendizagens mais próximas. Essa ideia parecia possibilitar que as professoras pudessem contribuir mais com os processos de estudantes se não houvesse tanta distância entre seus modos de conhecer o sistema de escrita alfabética.

Apresentar a proposta de agrupamentos da ESCOLA tem sido um problema na “Academia”. Agrupar estudantes de acordo com níveis de aprendizagens próximas é sempre criticado por ser compreendido – dizem os críticos - como busca de homogeneizar a prática pedagógica. Foi a maneira de fazer pedagógico que as professoras sabiam. E funcionou! Eram duas turmas de estudantes em nível pré- silábico no início do ano e ao final, apenas oito estudantes nessa etapa.

Com quem conversei no artigo?

- Maria Luiza Süsssekind (2014), a respeito das fofocas como artes da formação;
- Inês Barbosa de Oliveira e os currículos praticados;
- Willian Pinar e as conversas complicadas;
- Boaventura de Sousa Santos e as noções de ecologia de saberes e de justiça cognitiva.



Reunião com responsáveis de estudantes

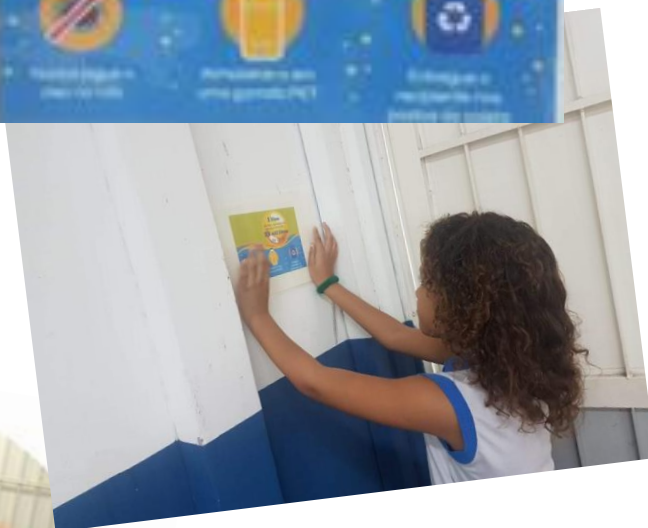
A crítica que ouvi ao apresentar meu trabalho na ANPED foi a respeito da concepção linear de aprendizagens, que está implícita quando se defende níveis de aprendizagens de um determinado conteúdo. O artigo traz o relato de um aluno que chega ao agrupamento dos alfabéticos e diz: “Eu aprendi demais”. O que me foi perguntado após a

apresentação da comunicação oral foi “O que se faz com quem não está no agrupamento ‘Eu aprendi demais!’”?

O que apresentei em defesa é que há vários modos de aprender e amplificar as aprendizagens. A aquisição da leitura e da escrita é analisada por nós com fundamentação

nas pesquisas de Emília e Ana (1985), que demonstram níveis de aquisição do sistema de língua escrita. Além disso, a ESCOLA conseguiu identificar que apenas os agrupamentos de linguagem eram insuficientes para dar conta da amplitude de aprendizagens que se dão com os cotidianos.

Em 2019, são atividades e agrupamentos que se entrecruzam nos variados espaçostempos, gerando responsabilidades e autonomia a estudantes: matemática, projetos



Aula de matemática, coleta de pet, campanha de redução do uso de óleo e coleta adequada.

diversos, reciclagem, linguagem, compostagem, “rodando com tampinhas”, coleta de óleo, redução de desperdício, dentre outros. As assembleias trazem ao dinamismo com a ESCOLA um momento de conversa, voltado para a escuta, em que o lugar de fala é de estudantes.

O propósito é ouvir os problemas, as propostas ou os elogios e, cabe à equipe pedagógica da escola administrar como apoiar na busca de uma resposta às questões apresentadas por estudantes - não necessariamente imediatamente.

Mas, confesso que a forma como fui questionada me fez pensar em como quero estar atenta com os modos que aprendi sequenciais, que diferem de novos outros modos de aprender na atualidade e que podem escapar no meu modo de narrar a ESCOLA.

Quero cuidar para que nossos modos de fazer pedagógicos sejam cada vez mais interativos, sem, no entanto, desrespeitar os percursos individuais.

E o que se faz com quem não está no agrupamento “Eu aprendi demais?” Pensei, agora, no filme “Nenhum a menos”. Todos estão no agrupamento “Eu aprendi demais”, pois de um modo ou de outro, todos estamos aprendendo “demais” com a ESCOLA!



Após a apresentação do “Aprendi demais” na ANPED/2019

DESOBEDECER PARA CRIAR CURRÍCULO: NA CONTRAMÃO DAS POLÍTICAS

23/10/2019

Ao final da apresentação dos posters, na sessão em que participei, a Coordenadora do GT 12, Rosanne Dias, apresentou uma questão muito pertinente: “Diante das políticas centralizadoras, como dar conta das criações curriculares?”. A resposta que me veio foi

“desobedecer”. Mas, não falei. Por enquanto, só sei desobedecer “escondidinha”, marcas de uma educação autoritária que recebi.

Algumas outras ideias me vieram à mente que possibilitam essa criação cotidiana: protagonismo de estudantes, reconhecimento dos saberes locais e potência do cotidiano. Registre para que eu possa estudar as noções que vem junto com o vocabulário. As palavras têm sentidos políticos que precisam ser cuidados. Por isso, planejei buscar referenciais teóricos que me apoiem ao responder esta questão neste trabalho.

O que respondi na hora? Não sei.

A BANCA I

21/10/2019, segunda feira.

[Eu] – Sou apaixonada pelo Antônio Carlos Amorim.

[Maria Luiza Sussekind] – Chama ele para sua banca! Lê tudo dele, vai atrás, verifica se gosta mesmo e confirma comigo.

[Eu] – Mas, eu nem preciso pensar em banca. Ainda estou no primeiro ano de pesquisa.

[Maria Luiza Sussekind] – Você consegue fechar seu doutorado em três anos.

Pensei, pensei...



Carlos Amorim (UNICAMP) e eu, na ANPED 2019

A BANCA II

[Alice] - Mãe, se você quer uma banca feminina, o Carlos Amorim não pode estar nela.

UM ÚLTIMO ENSAIO

10/11/2022

Não escreverei sobre a banca pois está contemplada, respeitosamente e carinhosamente, na carta de agradecer, ao final da tese. Mas, sinto-me provocada a escrever um último texto antes da entrega à banca. Preciso registrar a intensidade com que a ESCOLA se movimenta e se transforma. Preciso compartilhar algumas das ações educativas que já foram viabilizadas pelo “Linguagens Plurais”, como chamamos nosso projeto contemplado pela FAPERJ/2021.

As aulas pensadas e praticadas como conversas trazem uma mudança para a aula, já que não temos controle do que possa vir a acontecer. Dessa maneira, reforçamos a luta interminável por transformar a aula em um possível espaço de ecologia de saberes, justiça cognitiva, no qual o conhecimento esteja em deslocamento o tempo todo (MARIA LUIZA, LORENA, STEPHANIE, 2020, p. 01).

“Linguagens Plurais” pensadas e praticadas como conversas trazem mudança para a ESCOLA. Da assembleia de estudantes, por exemplo, vieram os pedidos das crianças: comprar uma piscina de bolinha e brinquedos para os grandes também. Impedidas dessa compra, pois não haveria onde guardar uma piscina de bolinhas, alugamos brinquedos para o dia das crianças. Possibilitar às crianças essa experiência de corresponsabilização e participação em diferentes modos de decisão é aula pensada e praticada.

Outra situação vivenciada nesse sentido foi o pedido também na assembleia para experimentar morango. A criança que fez o pedido foi aplaudida pelos colegas, o que já valeu como votação. E o “Experimentar faz bem” com morangos foi experiência de resultado da assembleia com emoção. Algumas falas expressam, de certo modo, o que foi vivenciado:

– “Eu gostei muito, é um pouquinho azedo, mas gostei. É vermelhinho. Minha mãe nunca tinha comprado”.

– “É maravilhoso, porque quando come, dá pra sentir o gosto doce e azedo ao mesmo tempo”.

– “O morango estava tão gostoso que eu comi até o matinho que tinha em cima dele”.

E nesse último ensaio, em que trago tudo junto e misturado, quero ainda falar do Pau-Brasil. Foi plantado na escola pela outra diretora. Lá no diário tem alguma coisa falando dele. Tem até foto! Mas, bonito mesmo foi ouvir, essa semana, a conversa entre uma professora e uma pessoa que está trabalhando na escola fazendo uma revisão elétrica. A pessoa disse para

a professora que teria que cortar o nosso Pau-Brasil para passar uma tubulação para a nova fiação elétrica. Diante da recusa da professora, a pessoa perguntou:

– Qual você prefere? A árvore ou o ar-condicionado?

Cabe dizer que a revisão elétrica é um trabalho da prefeitura que prevê a revisão elétrica, para aumento de carga e instalação de aparelhos de ar condicionado. A professora, mais do que depressa respondeu:

– A árvore.

A pessoa acalmou a professora dizendo que estava só brincando sobre a necessidade de tirar o Pau-Brasil, mas a alegria de poder contar essa história de uma professora que prefere a árvore é imensa. Rememorei um outro fato: havia visitado uma escola para conhecer a proposta e quando passamos por uma área de brincar ao ar livre que estava cheia de folhas no chão, ouvi a diretora da escola dizer que ia precisar tirar aquela árvore porque fazia muita sujeira no lugar das crianças brincarem.

Olhei para a ESCOLA e todo o trabalho de educação ambiental que vem sendo feito, com a reflexão sobre resíduos e a criação de um residuário, alterando muitas de nossas compreensões sobre o lixo, a produção e o consumo, provocando resistência e ações anticapitalistas. Essas histórias e tantas outras eu teria para continuar escrevendo, mas preciso atender aos sessenta e cinco audios que recebi de orientação depois do primeiro, que orientadore enviou após reler a tese, com a seguinte mensagem:

– Vou te mandar algumas mensagens sobre alguns detalhes que a gente precisa ver. Marquei poucas coisas.

É hora de terminar. Vou cuidar dos detalhes e entregar a tese. Deixo aqui o convite a outros pesquisadores. Venham compartilhar conosco conhecimentos e pesquisar com a ESCOLA!

V- DIÁRIO COM A PANDEMIA

A gente combinamos de não morrer.

Conceição, 2015.

15/03/2020 - Domingo

Ontem tomei consciência de que essa tal de Covid chegou por aqui para ceifar vidas. Fiquei chocada comigo mesma em como demorei para me dar conta de que esse coronavírus anda por aqui perto. Foi um choque! Eu estava saindo e minha filha me criticou. Ia me encontrar com uma pessoa que havia conhecido na última quinta feira, em um bar temático de programação musical com o melhor dos anos 70, 80 e 90. Estava em processo de enamoramento. Será que existe essa palavra? Então, foi no momento em que ia sair, minha filha olhou para mim e disse: “Vai trazer o coronavirus para casa? Lembra que eu sou do grupo de risco”. Eu respondi algo parecido com “não vou para ambiente fechado e nem aglomeração”. Sai, já tensa e pensando: “será que estou colocando minha filha em risco?”.

Sai de casa assistindo vídeos sobre a COVID. Fui ficando assustada no caminho, mas estava tão empolgada com meu encontro... Decidi que seria minha última saída e que começaria o isolamento social sugerido a partir de hoje. Acho que se eu não sair mais, fujo do período de maior contágio. Tem uma história de curva da doença que eu vou tentar entender melhor.

As aulas já foram declaradas suspensas a partir de segunda-feira e eu estou pensando aqui se é algo parecido com a H¹N¹. Não me lembro exatamente como foi.

16/03/2020 – Segunda-feira

Hoje vou curtir o feriado. Tudo parou. Saiu um comunicado na sexta feira, avisando que as aulas estão suspensas por quinze dias. Bem, hoje é feriado! Então, não vou pensar em nada e vou descansar. Vou ver filme e curtir o dia.

17/03/2020 – Terça-feira

Hoje teria aula da Pós para as alunas de Psicopedagogia na Estácio. Ninguém me avisou nada, mesmo eu estando na coordenação do curso. Então, nenhum stress, por enquanto. A Estácio já determinou aulas em ambiente remoto para a graduação.

18/03/2020 – Quarta feira

Amanhã nem é meu dia na Estácio e terei formação: um workshop com professores utilizando o Microsoft Teams. Ai, que nervoso. Na segunda-feira, preciso dar aula em ambiente remoto. Preciso treinar o uso dessa ferramenta. Já tive que estudar aqui um tutorial e cadastrar todos os meus alunos. Ainda tive que fazer outro email da Estácio e o pior é que as mensagens vêm em um email e o outro email é para abrir a tal Teams. E cada vez que sai de uma para entrar em outra é uma novela: reiniciar, esperar código para entrar e, às vezes, volta para o email antigo e é preciso fazer tudo de novo. Que stress!

21/03/2020 – Sábado

Hoje passei o dia pesquisando lugares para fazer as compras online. Frango, ovos, legumes... Paro agora para pensar como tenho comprado tanta comida e levado tanto tempo cuidando da cozinha e das compras. Desse stress da higienização, acho que nem preciso entrar em detalhes: lavo embalagens, lavo ovos, lavo verduras, lavo frutas... e quanta comida! Claro, antes os filhos estavam no Rio de Janeiro e eu, praticamente, a semana toda comia nas escolas. Ou então, na rua.

22/03/2020 - Domingo

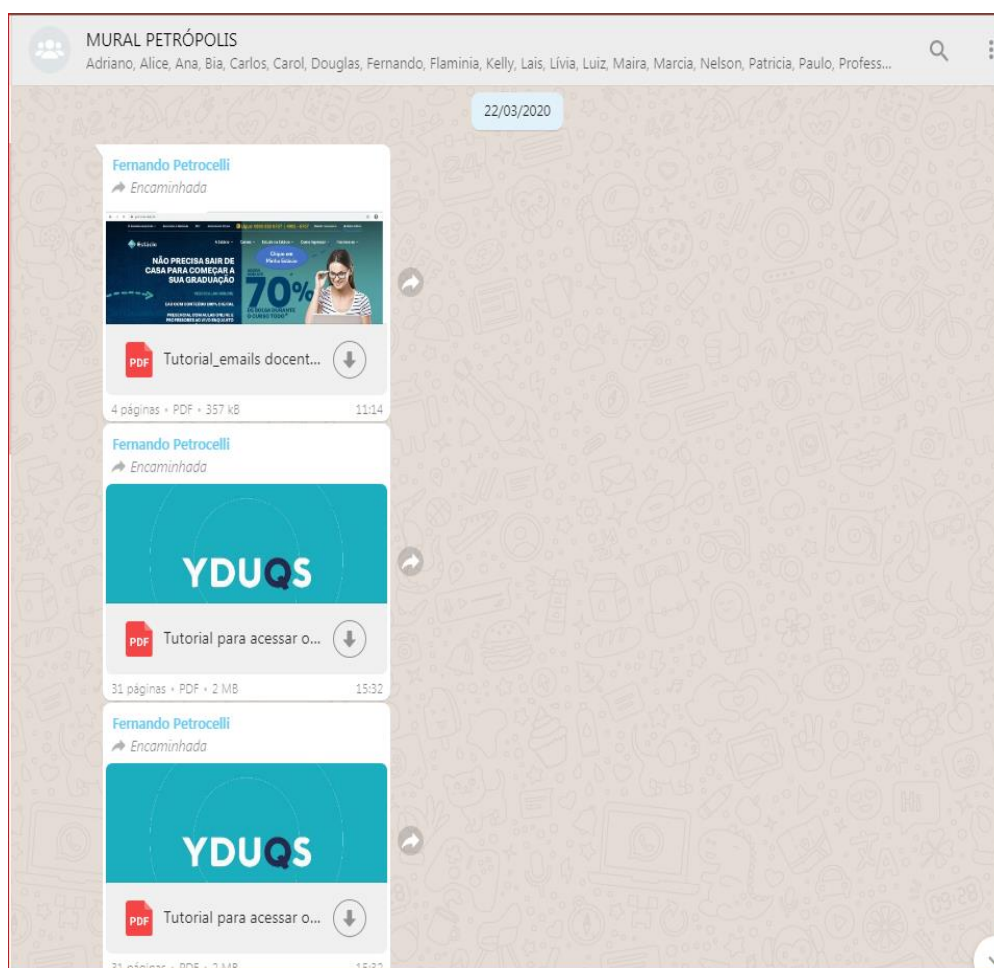


O apoio às alunas para acessar o TEAMS.

Já recebi quatro tutoriais, três hoje, domingo! Passei os últimos dias aprendendo a mexer nesse teams. Estou tensa. Além de aprender o acesso, passo todo o tempo ajudando as alunas a acessar também. Cada aluno precisa criar um email institucional para poder acessar.

E ainda tem os alunos que não fizeram matrícula e por isso, não podem criar esse email. Em tempo de aula presencial, essas questões de matrícula atrasadas por questões financeiras, geralmente, iam sendo proteladas e as alunas estavam lá nas salas de aula assistindo aula.

Agora, é um stress só... Não sei como vai ser, mas não posso perder alunos. Essa é a orientação. Acolher, acolher. E quem me acolhe?



Os intermináveis tutoriais Estácio

23/03/2020 – Segunda-feira

Consegui dar aula. Foi horrível. Estou esgotada.

24/03/2020 – Terça-feira

Minha vida virou Estácio. Ontem fiquei tão nervosa, tão tensa. Várias alunas não conseguiam entrar. Eu não sabia se dava aula ou administrava o WhatsApp, com as alunas pedindo ajuda para acesso. Como não tinha certeza do que as alunas viam e ouviam, deixei meu celular também no teams e dava aula e me assistia ao mesmo tempo. Era muito estranho



As câmeras fechadas na aula



falar e toda hora perguntava se estavam me ouvindo, pois as alunas deixam as câmeras fechadas.

Três ou quatro alunas, sempre as mesmas, me respondiam, trazendo certo conforto e segurança. Ao final, deu tudo certo. Mas, eu terminei a aula com uma vontade enorme de chorar.

25/03/2020 – Quarta feira

Hoje teve reunião da Estácio às 18h40. Parece que muitos professores tiveram muitos

problemas. Pensando bem, eu não tive muitos problemas, mas isso me dá um nervoso. Será que terei? Outra coisa que preciso pensar: máscaras de tecido. Nane pediu para eu perguntar a minha irmã sobre a validade das máscaras de tecido. Eu nem pensei em máscaras ainda. Vou precisar resolver isso.

26/03/2020 – Quinta feira

Recebi um link da Estácio. Um formulário pequeno para preencher, com a frequência das turmas. Mas, como tenho duas turmas em uma: presencial e flex – precisei preencher o formulário duas vezes. Veio o formulário e um tutorial. Tô tão estressada que não consigo ouvir essa palavra: tutorial. O cansaço é não conseguir ter uma folga da Estácio. Eu dou aula um dia na Estácio. A Pós está parada. Não sei o que vai acontecer. E eu tenho que pensar na Estácio todos os dias. Hoje, ainda teve reunião de novo para orientações sobre o preenchimento do formulário. Como assim? Precisava?

Fico ouvindo as pessoas dizendo que estão fazendo faxinas nas suas casas, limpando armários, fazendo arrumações, vendo filmes, bordando e tricotando. E eu aqui com a Estácio.

28/03/2020 – Sábado

Morreu de COVID um rapaz que trabalhava na Celma. A Celma é uma empresa aqui de Petrópolis. Será que o rapaz estava trabalhando e foi contaminado em serviço? Sou

privilegiada em poder ficar em casa. Penso nisso e outros pensamentos vão brotando. Qual terá sido o primeiro caso de Petrópolis? E a primeira morte? Pesquisa, registro.

Quinta, 19 Março 2020 - 19:08

Petrópolis tem primeiro caso confirmado de coronavírus

tamanho da fonte | Imprimir

Paciente é do sexo feminino e retornou recentemente de viagem a São Paulo. Município continua no estágio zero de contaminação

<https://www.petrópolis.rj.gov.br/pmp/index.php/impressa/noticias/item/15623-petr%C3%B3polis-tem-primeiro-caso-confirmado-de-coronav%C3%A9rus.html>

Primeira morte por Covid-19 na Região Serrana do RJ completa um ano

Luiz Arruda Villela morava em Petrópolis e morreu aos 65 anos no Hospital Santa Teresa, 14 dias após retornar de uma viagem internacional. Morte por Covid-19 foi a terceira a ser confirmada pelo estado.

Por G1 — Petrópolis

20/03/2021 17h53 · Atualizado há um ano



<https://g1.globo.com/rj/regiao-serrana/noticia/2021/03/20/primeira-morte-por-covid-19-na-regiao-serrana-do-rj-completa-um-ano.ghml>

29/03/2020 - Domingo

Estou aqui pensando no meu doutorado... Ia morar na comunidades da escola, sabia? Cheguei a procurar lugares para alugar. Queria morar lá por um tempo para sentir mais de perto os modos de vida das pessoas. E agora estou aqui pensando sobre isso. Eu não ia ter coragem de ficar no Barreiro. Ia ficar longe dos filhos e ainda mais desprotegida dessa COVID porque as pessoas lá ainda não se deram conta, mesmo com a suspensão das aulas. As crianças nas ruas brincando, como se nada estivesse acontecendo... Mas, fico pensando aqui que em algumas casas seria quase impossível segurar as crianças. Eu acho. Nesse momento, fico aqui pensando o quanto conheço pouco a vida por lá. E agora, lá vou eu preparar a aula de amanhã. Não consegui até agora. Não tive vontade, energia, sei lá. Mas, agora tenho que tomar coragem. Vamos lá.

30/03/2020 – Segunda feira

Gente, Nane é muito amiga mesmo, né? Trouxe um pacote de açúcar para mim, pois esqueci de pedir na entrega do supermercado. Ela deixou aqui na minha portaria. Fui eu lavar o pacote, pois agora, tudo precisa ser higienizado. Entrou água no açúcar. Ninguém merece!

31/03/2020 – Terça feira

Passei o dia tentando criar o email da professora da Pós. Por fim, passei minha senha e ela deu aula pelo meu email. Foi a ideia que eu tive pois já havia avisado a todas as alunas e o único aluno da turma que as aulas começavam hoje, Todos estavam perguntando. Imagina ter que cancelar? Além de ajudar a professora, ainda tive que passar tutoriais de acesso para a turma e responder zilhões de mensagens no whatsapp. Fiquei a aula toda de plantão, tensa, torcendo para dar tudo certo, pois como a professora estava no “meu” Teams, eu não tinha como entrar e fiquei apenas esperando funcionar. Funcionou.

02/04/2020 – Quinta feira

– Nane, para fazer sopa de abóbora, precisa descascá-la? Essa sou eu perguntando para Nane sobre cozinha. Ela virou consultora para assuntos de alimentação saudável e vida sustentável de todas as professoras da ESCOLA. Se todas consultam, eu não sei, mas que é nossa referência, é.

– Folhas de cenoura? Uso para fazer farofa, pode pôr em sopas, ensopados e até na salada. Explica ela no grupo de whatsapp.

[13:06, 02/04/2020] Nane: Pode por no arroz

[13:07, 02/04/2020] Nane: Só cuidado para não botar muito, pq tem um sabor forte

[13:07, 02/04/2020] Nane: Vai colocando e sentindo, vai depender do paladar.

[13:08, 02/04/2020] Nane: Eu congelo assim tbm, quando vou demorar a usar, aí na hora vc joga no molho

[13:08, 02/04/2020] Nane: Depois de congelada não para comer mais na salada

07/04/2020 – Terça feira

Esqueci de pedir ovo e frango. Era hoje o dia de pedir, para receber na quinta. Mas, hoje passei o dia ajudando as alunas da Pós a aprender entrar na plataforma Teams. Na semana passada, elas tiveram aula, mas a professora usou o meu endereço, pois não conseguiu.

08/04/2020 – Quarta feira

Mais um encontro no Teams com o gerente acadêmico, às 11h.

09/04/2020 – Quinta feira

Esqueci de pensar nos ovos. Hoje seria o dia da entrega que esqueci de pedir.

12/04/2020 - Domingo

Hoje é Páscoa. Que bom que meus filhos estão por perto. Tenho quase certeza de que ano passado não dei ovo de chocolate, por me insurgir contra os preços abusivos do chocolate quando viram ovos de Páscoa. Mas, esse ano está tudo tão triste que eu comprei ovos de Páscoa para os dois. Eu nem ia comprar, mas precisei ir à cidade para fazer pagamentos pois as transações online do banco foram bloqueadas por algum motivo aleatório. Precisei ir até a agência para desbloqueio. No caminho, passei por uma fila de compra de ovos de Páscoa. Eram três pessoas à minha frente, umas afastadas das outras. Entrava uma pessoa de cada vez

na loja. Resolvi ficar e comprei os ovos de chocolate que adoçaram um pouco o nosso dia.



Máscaras de tecido

19/04/2020 - Domingo

Hoje pedi a Nane para encomendar três jogos de máscaras aqui para nós três, minha filha, meu filho e eu. Ainda não tinha comprado mas parece que talvez eu venha a precisar.

21/04/2020 – Terça feira

Hoje participei da reunião do SEPE (Sindicato Estadual dos Profissionais da Educação), em nome de uma das escolas onde trabalho apenas desde fevereiro deste ano de 2020. Muito estranho participar dessa reunião como representante de uma escola que eu conheço tão pouco. Na verdade, aceitei o convite para participar pois tinha muita vontade de acompanhar as discussões do sindicato. Mas, ao chegar na reunião, fiquei pensando o quanto

eu não era representante das ideias dessa escola. E não podia defender as minhas próprias. Estranha sensação.

Na ESCOLA, decidimos pela não adesão à "proposta" da Secretaria de Educação e suspensão total do processo formal de ensino-aprendizagem da rede, tendo em vista a pandemia. Vamos tentar manter formas de aproximação com as famílias. Durante a reunião no SEPE a Nane, que estava na reunião representando a ESCOLA, me falou algo muito forte, pelo zap: “Não sei como aproximar da comunidade, cuidar sem, na verdade, excluir aquele que mais precisaria do cuidado... me entende?”. Fico pensando que sem contato com a comunidade, a gente não vai saber de quem mais precisa de cuidados.

Até aqui o Diário com a Pandemia foi uma criação elaborada com ruínas desse passado tão recente, em que busquei os vestígios do que se passou nos guardados do computador, na memória do celular, nas conversas de whatsapp e onde mais as lembranças me levavam a buscar, em um movimento de bricolagem que iniciei no dia 26/07/2020.
A partir dessa data, procurei manter um Diário escrito dia a dia, a cada noite. Nas manhãs, eu me dedicava a artesanaria do diário inventado.

02/04/2021

Não consegui avançar muito na artesanaria do diário, como era minha intenção. Mas, essa é ainda uma possibilidade.

26/07/2020 – Domingo

Hoje estou meio tensa, triste. Nem sei. Faleceu uma conhecida hoje de COVID e meu tio está na UTI com covid também. A COVID me deixa sem energia, sem forças etc. Mas, quando ela bate na porta tão pertinho ainda fica mais difícil. Parece que ela fica mais verdade. Tanta gente tentando fazer a gente desacreditar... Mas, aí ela vem e fala no teu ouvido: “Eu sou a COVID. Hoje levei a Vilma. E estou com seu tio”.



Wilma morre de COVID-19

Estou me sentindo muito esquisita. Agora, estou de férias na Estácio e isso me dá uma certa leveza. Mas, estou sendo cobrada pelo doutorado pois não fiz nada. Ontem, depois que terminei de trabalhar no PPP da ESCOLA, peguei nos estudos do doutorado.

Estou estudando até agora.

Parei apenas para malhar com minha filha e para comer. Hoje, filhote me mandou uma mensagem dizendo que está meio mal e que precisa ficar quietinho por lá. Eu, aqui, tento não ficar nervosa...

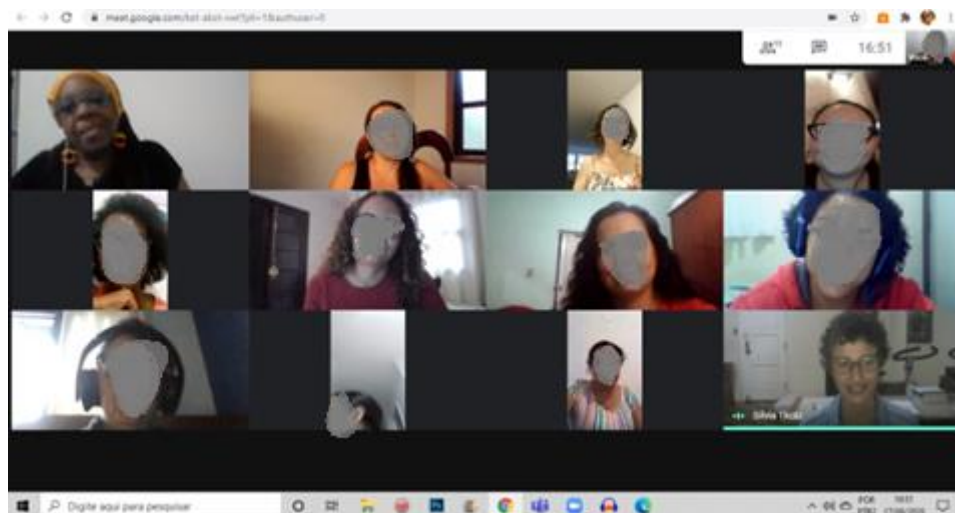
27/07/2020 - Segunda

Hoje de manhã acordei pensando na ESCOLA. Resolvi dividir com a equipe diretiva as minhas preocupações. Propus a escrita de uma carta a Secretaria de Educação sobre a nossa ideia de uma ESCOLA em tempo integral. Sei que pode não parecer o melhor momento, mas estou preocupada com a inauguração de uma nova escola pública, perto da nossa, que está sendo construída. Tenho medo da redução do número de estudantes. E aí, corremos o risco de desaparecer. Essa nova escola vem para substituir o prédio de uma outra escola, que esta sem condições de uso, mas ainda em funcionamento. Essa outra escola foi minha primeira escola quando passei no Concurso para Duque de Caxias. Fica na comunidade vizinha. Está com as instalações em péssimo estado. Eu entendo inclusive que há risco de desabar. Já acionamos a Defesa Civil e o Ministério Público quando eu trabalhei lá, antes de 2010. A escola chegou a ser interditada e passou por uma reforma de fachada. Mas, agora, a prefeitura está construindo um prédio novo em um terreno que foi desapropriado antes de 2007 para tal fim. Parece que a nova escola deve ser inaugurada ainda esse ano¹⁰. Será uma escola em um prédio bem maior. Entendo que comportaria estudantes de nossa escola lá também. Mas, não é interessante que estudantes fiquem em sua comunidade e não precisem de transporte para chegar até a escola? Acho que é lei. Vou verificar.

¹⁰ A nova escola foi inaugurada em julho de 2022.

O dia hoje foi bem longo. Tivemos nossa reunião online da ESCOLA. Vários assuntos em pauta: grupo de estudos sobre equidade racial; plano de estudos para o quinto ano, preenchimento de planilhas da Secretaria de Educação e nossas próprias, participação nas atividades nos grupos de whatsapp e Campanha “ESCOLA acolhe as famílias”. Mas, do que eu gostaria de falar mesmo é sobre “Uma vez ESCOLA sempre ESCOLA”.

Essa foi uma boa conversa. Precisávamos decidir se iríamos colocar no facebook os aniversários de todas as professoras que trabalham na ESCOLA. Hoje é aniversário de uma delas, que trabalhou na escola por mais de uma ocasião. Foi professora em sala de aula e trabalhou como secretária escolar. Hoje ela está no grupo de whatsapp “Amizade ESCOLA”, mas ela não trabalha mais com a gente. Ficou decidido colocar no facebook quantos aniversários nós nos lembrarmos. Ler o que uma das professoras escreveu, que se ela não estivesse mais na ESCOLA, ela iria gostar de ser lembrada, foi doce. Ela mesma disse que inicialmente pensou em dizer que seria complicado e que pensando em termos práticos, era melhor colocar só as professoras que estão na ESCOLA em serviço. Mas, bastou pensar um pouco mais e a doçura venceu a praticidade.



Formação sobre relações étnico-raciais com Ana Gomes: pensar e discutir racismo dentro e fora da escola

28/07/2020 – Terça feira

Ontem nem mesmo consegui escrever sobre o que mais doeu no dia. Tive que fechar a câmera na reunião para enxugar as lágrimas que escondi do grupo. Fiquei arrasada pois foi preciso interromper a Campanha “ESCOLA acolhe as famílias”. Votamos que não iríamos expor o motivo pelo qual fomos obrigadas a parar. Ouvi o medo! “Em Caxias, não existe lei. É quase uma terra sem lei. “ E outra voz concordou: “ “É meio terra sem lei mesmo. Eu tenho

meus receios”. Outra voz anunciou: “A gente não sabe nem quem tá com raiva da campanha”. Outra voz concordou: “A gente não sabe com quem a gente está mexendo”. E por fim, uma voz sensata deu o veredicto: “É melhor priorizar o cuidado”. Chorei! Cuidado de quem? Cuidado com quem? Tudo bem. Não adianta ser um herói morto. Será que essa história iria tão longe?

Hoje mesmo a diretora postou em nosso grupo uma mensagem de uma mãe que perguntou sobre a Campanha. Ela respondeu de acordo com o nosso combinado: estamos tentando. Não sabemos se vamos conseguir.

Nesse momento, com toda a dor de saber que pessoas poderiam estar ajudando, nós decidimos parar.. A prudência e o medo venceram a decência e a coragem.

[17:28, 29/07/2020] Fabio Tkotz: Silvia,
Aquele cesta para a escola ainda tão precisando de
doação?

Print de conversa no WhatsApp IV

Perguntou meu primo. E eu respondo o quê?

Pois bem, essa campanha “ESCOLA acolhe as famílias” foi uma campanha que



A Campanha “abraça as famílias”

nasceu nas nossas reuniões de whatsapp entre as professoras da ESCOLA, ao ouvirmos umas das outras os relatos das dificuldades de algumas famílias nesse período de pandemia.

Impossibilitadas de fazer um diagnóstico para identificar quais as famílias mais precisavam, decidimos fazer a campanha e

conseguir cesta para todas as famílias. A Campanha foi sucesso

por dois meses. Conseguimos arrecadar com pessoas conhecidas e familiares a quantidade em valores, que eram depositados diretamente na empresa do fornecedor das cestas básicas, o

valor para cestas para todas as famílias de estudantes. Até que fomos convidadas a interromper a Campanha, como narrado sem maiores detalhes. Que dor!

E ainda preciso dizer que hoje trabalhei no PPP da outra escola. Só um professor me mandou observações e correções, aliás fez um trabalho bem cuidadoso. Fiz as inserções das propostas dele e coloquei no grupo. Mande para a diretora e para equipe. Missão cumprida, por hora.

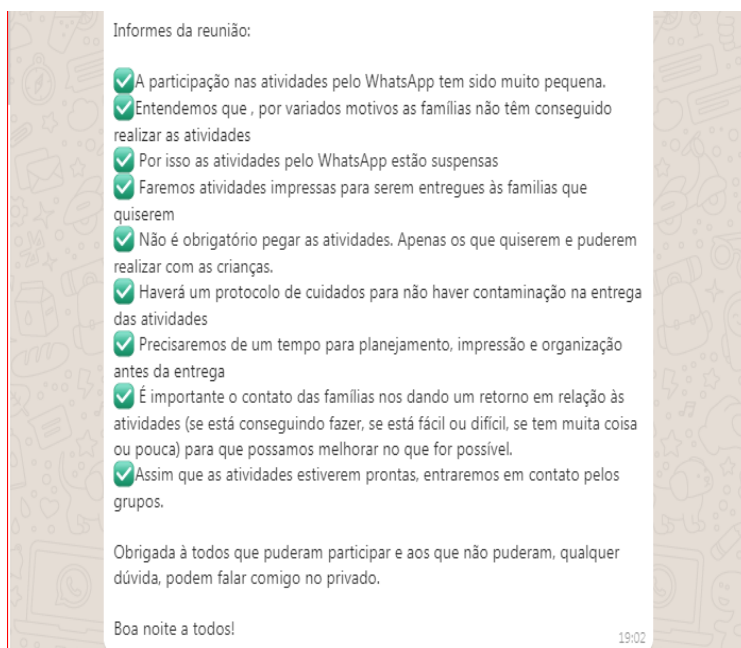
30 07 2020

Ok, vocês (famílias da ESCOLA) venceram: apostilas para as crianças!

Vamos tentar criar alguns protocolos de segurança como imprimir uma semana antes de entregar, colocar em sacos plásticos para que possam ser higienizados antes de abertos em casa. Mas, é isso! Vamos atender à solicitação da comunidade.

Hoje foi reunião de devolutiva às famílias sobre quais medidas vamos continuar tomando, enquanto estivermos sem aulas. Observei que todos – 09 responsáveis – que estavam na reunião ficaram muito satisfeitos. Esse é o reflexo da gravidade do isolamento social para as classes pobres. São mais de cem estudantes na escola e apenas 09 responsáveis puderam estar presentes na reunião online. Muitos não estão presentes pela impossibilidade gerada pela exclusão digital. E outros tantos, apesar da pandemia orientar ficar em casa, estão trabalhando.

Abaixo, uma cópia dos informes da reunião no grupo de whatsapp da ESCOLA.



Print de conversa no WhatsApp V

31/07/2020 - sexta feira

Hoje o dia foi intenso e bom. Eu tinha reunião com minha orientadora. Estava tão ansiosa e nervosa que não conseguia pensar em ler, estudar ou fazer qualquer coisa. Resolvi ir ao supermercado para passar a hora. Quando voltei, fui dormir. Acreditam vocês o quanto eu estava fugindo desse encontro? O despertador me acordou para almoçar às 13h e me preparar bem em cima da hora para a reunião das 14h. A reunião foi linda! Como fui acolhida, ouvida e incentivada. Recebi sugestões de leitura e conversamos sobre a minha questão: escrever com mulheres. Luli insiste que eu procure escritas femininas. Eu explico que esse critério é muito mais difícil e que o nome que a pessoa escolheu manter, sendo de mulher, é um critério mais fácil. Como nada é fácil, Luli me questionou de que a pessoa não escolhe o nome mas o recebe. E sugere que eu dê uma chance para Paul Preciado que era Beatriz Preciado. Ele escolheu ser Paul. Sem chance, penso eu. Luli avança com força trazendo Deleuze, que diz que só existe um gênero que é a homossexualidade e que essa homossexualidade é feminina. Ela insiste dizendo de toda a luta de Deleuze contra o patricarcado. E, ainda, me sugere a leitura do Conto de Aya (MARGARET, 2017), reforçando para que eu reveja Bacurau e leia o texto. Eu ainda, em algum momento, falei do meu incômodo de que são tantas mulheres atuando na área da educação, mas o quanto as referências bibliográficas são na sua maioria de homens. Será que se eu inventar que sou misândrica, eu fujo de precisar explicar esse meu desejo de escrever com mulheres e posso escrever sobre minhas experiências com a pandemia, em diálogo com as referências que eu quiser, sem maiores explicações?

Depois da reunião com a Luli, foi a reunião com as professoras da ESCOLA do 4º e 5º anos de escolaridade. Estamos planejando um outro modo de estar com as crianças na pandemia. O facebook falhou, o whatsapp falhou. Vamos entregar às famílias as apostilas de atividades que tanto elas pedem, mas para o quarto e quinto ano, nós planejamos entregar os livros. Inspiradas no plano de trabalho que é feito no Projeto Âncora¹¹, vamos elaborar uma proposta de trabalho em que a criança vai registrando o que conseguiu fazer, o que não conseguiu e o que fez além. A criança poderá fazer a atividade sugerida pela professora ou procurar no livro aquilo que ela consegue fazer e registrar a tarefa em sua ficha. Vamos estimular a autonomia, mas vamos tentar também dar uma direção, para aqueles que precisarem. Fiquei muito animada com a reunião, pois estamos tentando manter o vínculo com os estudos, as leituras e a escola.

¹¹ <https://www.projetoancora.org.br/>

Com as famílias do 5º ano, nós já conversamos em reunião e sentimos um interesse das famílias em participar desse modo. Pelo celular, a gente sentia que havia um incômodo que não nos era explicado. Temos várias hipóteses, mas não temos ainda a compreensão do problema. Nossas desconfianças caminham pelo fato de que as famílias não têm pacotes de internet. Mas, eu estou desconfiada de que ocupávamos um espaço de lazer do adulto, que precisava dividir esse espaçotempo com as crianças, gerando muitos incômodos. Isso eu pensei quando uma mãe falou na reunião que as mensagens que chegam para ela atrapalham o momento de atividades da filha. Enfim, as atividades pelo celular não funcionaram para a maioria absoluta.

02/08/2020 - domingo

Só agora me dei conta de que não escrevi ontem. Os dias passam assim, escorregadios... Hoje, cheguei a conversar com o Gregório - meu filho - sobre o meu incômodo por não ter estudado. Ele veio com uma conversa longa sobre os bumerangues e a geração millenium e seus modos geracionais diferentes de viver (Confesso que pensei em ler mais sobre o assunto, mas depois desisti). Falou o quanto era bom eu não ter feito “nada” hoje, mas eu estava inconformada. Estou tentando me obrigar a organizar a agenda como era no tempo antes da pandemia. Cada dia tem o seu lugar de trabalho. Então, final de semana era para estudar para o doutorado. Preciso me auto disciplinar, pensei. Assim que ele foi para o quarto dele, eu abri o arquivo do relatório de pesquisa produtividade que preciso preparar para a Estácio até o dia 10/08 e comecei a elaborar meu texto. Escrevi quatro páginas do relatório com imenso prazer. Aí, olhei a hora e pensei: preciso parar para conversar com meu diário e depois, ainda ver um filme. Afinal, hoje é domingo e já são 20h.

03 08 2020 - terça feira

Hoje foi um dia calmo. Fiz atividade física e, depois, tive reunião com duas professoras, da ESCOLA, para falar sobre as atividades impressas. Meu objetivo mais íntimo com essas atividades é atender o pedido das famílias, que é esse desde o início da suspensão das aulas. Eu fui muito contra, inicialmente, mas porque achava que iríamos ficar um mês sem aulas. Depois, continuei contra devido a questão da biossegurança. Mas, o tempo está passando e as aulas não voltam tão cedo – espero eu, pois agora estou com medo, muito medo da COVID. E, atendendo às famílias, de alguma forma, temos as famílias do nosso lado quando o prefeito tomar a decisão de retorno precipitado, se ele o fizer.

É tão estressante essa questão do decreto a cada quinze dias, suspendendo as aulas e toda essa discussão de debate sobre o retorno. Para piorar a situação, o prefeito passou a fazer decretos com menos tempo e os dois últimos eram de suspensão apenas de uma semana. O atual decreto determina a suspensão das aulas até hoje. Em alguns momentos, parece que há um plano para incomodar professores, deixando nesse estado de alerta e stress permanente. Em outro momento, refletindo mais, penso o quanto esse prefeito é apenas inconsequente, não tem plano nenhum para enfrentar a pandemia e desenvolve uma política de morte, governando por decretos.

Acho que só estou aguentando essa pressão toda porque comecei uma rotina de atividades físicas com minha filha: contratamos um personal porque assistir e repetir aulas da internet não pareceu produtivo. Fiquei impressionada com a minha fraqueza. Sofro para fazer exercício segurando uma caixa de leite em cada mão. Tem sido Alice que tem insistido para mantermos essas atividades. Ainda bem que tenho ela para me cobrar. Bem, lá vou eu agora para a festa de aniversário da filha de uma professora, pelo zoom.



Atividade física em casa, na pandemia

04 08 2020 - quarta feira

Hoje o dia começou com uma mensagem no grupo do coletivo do sindicato de professores de Duque de Caxias que me lembrava um momento de muito pânico. “Bom dia (!) Há exatos 3 anos tivemos nosso Plano de Carreira duramente atacado pelo governo municipal. Durante uma audiência esdrúxula na Câmara dos Vereadores de Duque de Caxias,

na rua, professores foram agredidos e atacados pela PM com gás lacrimogênio. Só pra ninguém esquecer”.

O facebook reforçou a lembrança. Lembro-me de ter falado com uma das professoras que quando se vai para uma situação de guerra, se



Print de lembrança do Facebook

combina com o parceiro que nenhum dos dois volta só. E que ficaríamos de mãos dadas. Corremos pela nuvem de gás lacrimogêneo juntas. Entramos em uma garagem. Lembro ainda que gritei que não poderíamos ficar ali pois seríamos encurraladas. Saímos no meio do gás e corremos ainda mais. Nunca havia passado por situação semelhante. E, mais triste do que tudo, foi em vão.

Hoje, o dia transcorreu voando. Fiz meu exercício matinal impulsionada pela Alice. Cheguei em casa e lavei a louça. Tinha que correr pois tinha formação da Estácio às 10h para o novo modelo de ensino. Tinha marcado às 9h30 com o rapaz que traria máscaras que encomendei. Tinha que ir à padaria. Ao voltar, me lembrei que iriam chegar os ovos. Desci as escadas e deixei na portaria a bolsa com as caixas vazias de ovos e pedi que recebessem os ovos por mim. Subi. Ao chegar, tocou o interfone. Era o frango que chegou. Havia encomendado e terça é o dia em que chega essa encomenda. Desci correndo. Já era 10h. Subi e sentei. Acessei a reunião com cinco minutos de atraso. A reunião apresentou um modelo bem atualizado dentro das tendências pedagógicas que defendem metodologias ativas, aprendizagem por competências e trajetórias de carreiras. Poderia dizer até que era interessante se não fosse a irritante apresentação que teimava em falar conosco professores como apresentando um produto. O curso parecia uma propaganda de um novo modelo de máquina de lavar roupa.

“Então, acessem os novos planos! São super legais!”

“Em cada aula, você vai saber, através dos objetivos, porque o aluno precisa aprender aquele conteúdo. Isso é muito legal! Isso é sensacional”

“Gente esse método vem para revolucionar as nossas aulas! Gente, é maravilhoso!”

“Abram seus planos de aula, professor! Eles estão fantásticos!”

“A nova metodologia vai revolucionar a educação! Tá demais! Tá incrível!”

“As nossas aulas vão ficar fantásticas! De fato, é revolucionário”

“Quem quer ajudar na transformação da educação nesse país?”

Bem, o dia não acabou por aí. À tarde, tive duas reuniões com professoras da ESCOLA, ainda que hoje fosse dia da outra escola, mas como não havia nada planejado para hoje, atendi a demanda. Ao final do dia, a atenção ainda precisou se voltar para a Pós que eu coordeno. Hoje recomeçamos as aulas depois de um recesso. E ainda recebi uma nova aluna a quem comecei a orientar sobre os acessos a plataforma. Comecei ajudando a ver o zap pelo computador. Mas, a internet era ruim... Combinei de ajudar amanhã de manhã, pois à noite, muitos na casa dela compartilham o sinal, explicou ela.

Comecei a contactar professores para o próximo módulo da Pós que começa em outubro e, também, a convidar profissionais para palestrar na Semana de Psicopedagogia, em

novembro! Enfim, são 20h. e estou aqui, tentando cumprir o propósito de escrever diariamente. Mais um dia cumprido. Por hoje, chega!



Ah, esqueci de falar do stress com Alice. Na hora que eu ia começar a reunião da Estácio, naquele 10h05, já atrasada, veio ela cobrar que a casa está uma bagunça. Tive que arranjar um momento para chamar e conversar. Mostrei o stress, a correria e ela se desculpou. Ela está estressada pois está em uma dieta rigorosa e uma carga pesada de preparação para um campeonato de fisiculturismo. Como vamos nos aguentar?

Nós duas, Alice e eu. A gente briga e se acerta o tempo todo.

Termino o dia tomando conhecimento da explosão em Beirute, no Líbano. Até agora, mais de 70 mortes e inúmeros feridos. Uma catástrofe. Não consigo deixar de ir conferir as mortes por COVID no Brasil, hoje. Os números passam de 1350 óbitos. Mais uma catástrofe. E pessoas debatendo sobre o retorno às aulas presenciais. O que pode estar havendo que minha lógica não dá conta de entender?

E, no grupo de whatsapp, Nane, que esteve hoje na ESCOLA, disse:

[17:34, 04/08/2020] Nane: Gente, a vida na comunidade da ESCOLA corre normalmente.

[17:34, 04/08/2020] Nane: Ninguém de máscara!!

[17:34, 04/08/2020] Nane: Tds na rua!!

[17:34, 04/08/2020] Nane: Crianças brincando!!

[17:34, 04/08/2020] Nane: Me senti uma retardada de máscara!

15 08 2020 - Sábado

Fiquei mais de uma semana sem escrever. São 22h30 e só agora terminei o que me propus que era terminar hoje de preparar as aulas da Estácio de segunda feira. Levei toda a tarde, preparando apenas duas aulas. Entre o preparo, um café com Alice, uma conversa com Gregório, que me ajudou a comprar um laptop. Tive que fazer esse investimento, pois estava usando o laptop da Alice para dar aula, mas agora, ela também terá aulas e dará aulas online.

O meu atual computador não funciona nenhum tipo de stream. Não carrega. É como se ele não conseguisse ler a internet e fica rodando, rodando, rodando. Mas, o problema não é a internet. É ele. Enfim, estou cansada mas dei conta da atividade mínima de hoje. para amanhã, os textos das alunas da Pós. Já estou tensa de que não vou dar conta. E ainda precisava almoçar com minha mãe. Ela tem 76 anos e passei o início do isolamento sem ir lá. Mas, finalmente, minha irmã que é médica me convenceu de que eu deveria ir. Será? Não estou certa disso. Enfim, cansada, não consigo recuperar os episódios dos últimos dias. Mas preciso ao menos contar da coroa de flores da ESCOLA.



A presença através de uma coroa de flores

Como eu costumo dizer, essa escola me provoca a estudar. Ontem, recebemos a notícia de que a mãe de uma funcionária da ESCOLA havia falecido. A diretora fez contato no grupo propondo mandarmos uma coroa de flores. Na hora, eu discordei por achar desperdício gastar dinheiro com uma coroa. Falei que uma coroa provavelmente está inclusa no pacote da funerária. E propus que fizéssemos uma vaquinha para ajudar nas despesas. Uma professora propôs que fizéssemos contato com a funcionária para saber aproximadamente quanto ela precisava para o enterro a fim de que pudéssemos ajudar e soubemos que ela tinha plano funerário que cobriria todo o custo.

Fui rapidamente estudar o significado de uma coroa de flores em um enterro e mobilizada pelos sentidos atribuídos de se fazer presente pelas flores, na impossibilidade da presença física, achei que era muito coerente.

Imediatamente, apoiei o movimento do grupo, que cotizou a lembrança. Muito legal que Luísa pesquisou preço, como entregar, encomendou e confirmou a entrega. Depois,



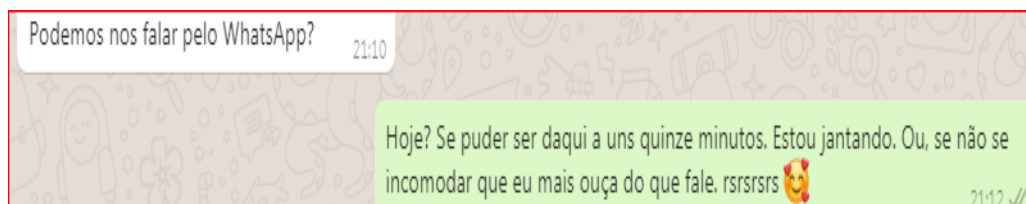
O cardio

ouvimos a mensagem emocionada da funcionária: “Meu Deus, estou muito emocionada! A coroa que vocês mandaram é linda! Muito obrigada de coração!”. Confesso que emocionou ver o nome da ESCOLA gravado naquela coroa, registrando nosso carinho. E mais de uma professora comentou sobre sua emoção ao ver a foto da coroa. A mãe da funcionária estava em coma por conta da glicose alta e faleceu com 97 anos. Não foi diagnóstico de COVID, mas perder a mãe para Liza, Nane e Luísa é algo muito forte. As três perderam suas mães muito jovens. Creio que isso mobilizou o grupo ainda mais.

Outras tantas ocorrências, escreverei oportunamente. Preciso parar. Ainda tenho que fazer “cardio” por trinta minutos. Hora de cansar diferente.

18 08 2020 - terça feira

Olha a hora! São 22h30. Hoje parei de trabalhar às 21h e fiz um pratinho. Reparei que tinha esquecido de comer. Fiz um franguinho grelhado com salada e sentei em frente do computador pensando em ouvir alguma notícia, para saber a quantas anda o mundo. Aí, vi a mensagem da diretora da outra escola.



Print de conversa no WhatsApp VI

Tinha me obrigado a parar cedo para ter um tempinho para escrever aqui. Tenho tantas coisas para contar. A vida está uma efervescência de acontecimentos. Queria falar do aborto da menina de 10 anos, da morte de uma professora aqui de Petrópolis, do grupo de estudo da ESCOLA ontem sobre Equidade Racial.

Brasil

GOVERNO BRASIL - JAIR BOLSONARO - STF - CONGRESSO NACIONAL - COVID-19 - ELEIÇÕES BRASIL

Menina de 10 anos violentada faz aborto legal, sob alarde de conservadores à porta do hospital

Vítima, estuprada por um tio, foi atendida no Recife após negativa de atendimento na cidade capixaba onde vive, mesmo com aval da Justiça. Ativistas radicais gritavam "Assassino" na porta da clínica neste domingo para que não se cumprisse a lei. Brasil aceita aborto em casos de estupro desde os anos 1940

<https://brasil.elpais.com/brasil/2020-08-16/menina-de-10-anos-violentada-fara-aborto-legal-sob-alarde-de-conservadores-a-porta-do-hospital.html>

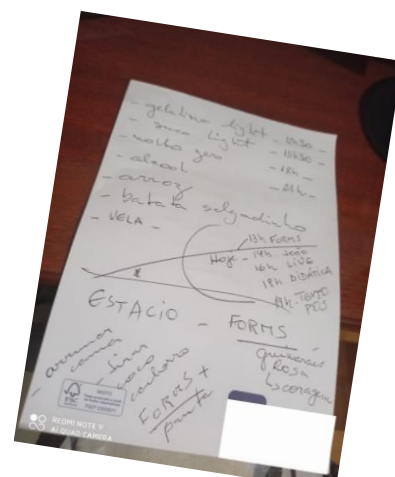


Eu, do lar

E queria falar de inquietações que percebi em mim hoje que não faziam parte de mim. Hoje me peguei arrumando a gaveta de panos e toalhas de cozinha. Depois, organizando o armário dos potes plásticos e irritada com as tampas bagunçadas. Quando antes eu me incomodaria com isso? Eu nem estava em casa para ver. Mas, não vai dar para conversar. É tarde demais.

19 08 2020

São 22h.. Parei de trabalhar por decurso de prazo. Preciso me obrigar a parar às 21h. Será que consigo? Assim, chegarei em nossa conversa menos cansada. Hoje o dia foi intenso como tem sido os dias. Cheguei a ir anotando no canto de uma folha que fica sobre a mesa o que me vinha ao pensamento. Não posso deixar de contar para meu diário...sobre arrumar a cama, sobre tirar coco do cachorro, sobre o cansaço com o Forms que eu tenho que preencher após cada aula da Estácio, além da pauta. E o detalhe das turmas que têm turmas espelhadas: diários e forms diferentes para a mesma turma. Esse ano, até agora, duas turmas e cinco forms. E ali também, anotações de compras. Lembro agora. Xi, não fechei o pedido de compras online. Esqueci.



Anotações

São 22h55. Chegou minha filha a um tempo atrás e falou: “Está muito ocupada?”. Disse eu: “Tô, mas nada impossível de parar um pouquinho”. Disse ela: “Me dá um pouco de colo? Tô tão cansada” E fiquei então fazendo um cafuné e te abandonei. Agora, eu tô tão cansada... Nem vou explicar muito, mas copieei o que eu escrevi para a Luli no chat do nosso encontro de pesquisa hoje.

Toda vez que eu penso em Bill e sua escuta sensível revigoro meus sonhos e minha luta por escolas onde as conversas complicadas incorporam as práticas em currículos e professores são reconhecidos por seu papel principal de criadores de conhecimentos (MARIA LUIZA, 2013, p. 2).

Quando eu leio Luli, eu revigoro o meu sonho de narrar as conversas complicadas com as professoras da ESCOLA, que incorporam as práticas em currículos. Preciso dizer. Me senti tão querida, tão acolhida. Ela propôs leituras de mulher para o nosso próximo encontro. Vamos à Luce (2018)! Fui feliz, hoje.



Luli me acolhe online

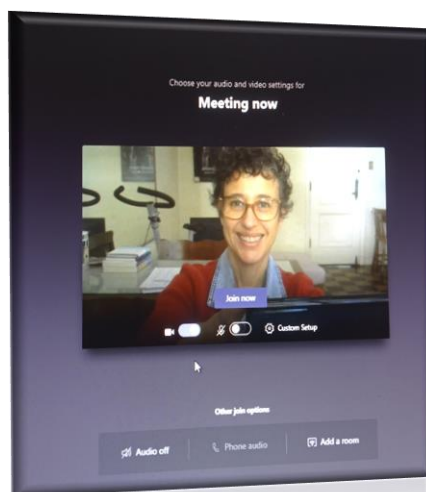
20 08 2020

Ontem à noite minha filha teve uma crise de compulsão alimentar. Comeu a noite sem parar tudo o que achou pela casa e só parou quando começou a vomitar. Hoje, passou mal o dia inteiro. Ela conversou com a psicóloga que a ajudou a se reequilibrar e a reconhecer que é bulímica. Estou tão cansada...

Desculpe, mas estou tão cansada de dar conta desses problemas emocionais. Caramba. Sou uma pessoa tão animada, tão alegre, tão otimista frente à vida. Fica muito pesado ter que lidar com o sofrimento. Não gosto de ver minha filha sofrendo. E vem um sentimento de culpa...

22 08 2020 - Sábado

Nem me lembro o que fiz na quinta feira, além de preparar a aula da Estácio de sexta. Sexta feira, eu não respirei. Tive que preencher o Forms das aulas que eu não dei porque não tinha iniciado. Foram 6 formulários, completamente nada práticos, em que a gente precisa informar a cada vez, o nome completo, a matrícula, a unidade onde dá aula, se a aula ocorreu e mais os dois códigos da aula, além do número de alunos presentes. Além disso, preencher os diários das turmas. Tive uma live da Secretaria de Educação para assistir sobre alfabetização à tarde.



Meeting now com Estácio



Às 17h, reunião com o coordenador do curso de Educação Física. De 18h30 às 22h, aula. Após a aula, preencher o forms da aula dada, o diário, encaminhar o slide da aula, o texto de leitura. Enfim, lá pela meia noite eu fui dormir depois de ter feito meia hora de cardio. Estou orgulhosa de mim, no que diz respeito ao compromisso com a atividade física.

Hoje, tive terapia de manhã. Tinha que falar de bulimia... Falei de toda minha preocupação, toda minha dor, todo meu sentimento de culpa. E depois fui às compras de legumes. Cheguei em casa. Dei conta de lavar, higienizar, secar, empacotar. Antes, eu colocava tudo da rua na gaveta da geladeira. E antes eu não cozinava. Comia na escola e lanchava em casa. E, fui eu fazer almoço. Só então sentei e fiquei aqui até agora, corrigindo os textos de TCC da alunas da Pós. São 23h07. Preciso parar. Preciso fazer meia hora de cardio e depois desmaiar. Amanhã, é dia de preparar as aulas da Estácio de segunda feira. Será que consigo chegar na Luce (2018)?

23 08 2020 - Domingo

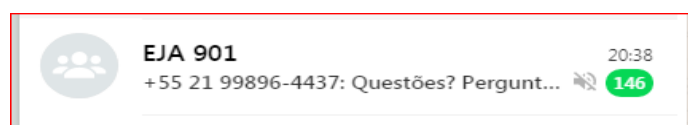
Hoje é domingo e agora são 19h20. Acabei agora de preparar minhas aulas da Estácio da semana. Passei o dia entre ajudar meu filho e fazer o almoço, almoçar com ele e preparar aula. Tenho que dizer que comecei o dia fazendo uma hora de bicicleta ergométrica no sol. Que coisa boa! Depois veio o frio, muito frio e me escondi em frente ao computador, embrulhada em cobertor.

Vou parar agora. Pensei. Chega, né? Hoje é domingo! Dia de descansar.

Fiquei pensando aqui se eu tivesse um namorado ou marido para conviver. Não cabia na minha semana e nem no final de semana. rrsrrsrs

24 08 2020 - Segunda-feira

Hoje apenas consegui começar a ler a Luce (2018) pela manhã. Queria escrever tantas coisas que essa leitura provocou em mim, especialmente na reflexão sobre o “ser mãe” e o “cozinhar”. Mas, são 23h43 e só agora terminei a burocracia pós aula da Estácio. Preencher formulários, postar slides em pdf, atender aluno que não conseguiu acessar... Mas, quero falar do whatsapp da outra escola. Vou colocar aqui o relato de um dos grupos. Fiquei o tempo de minhas duas aulas na Estácio sem mexer no zap. Vejam:



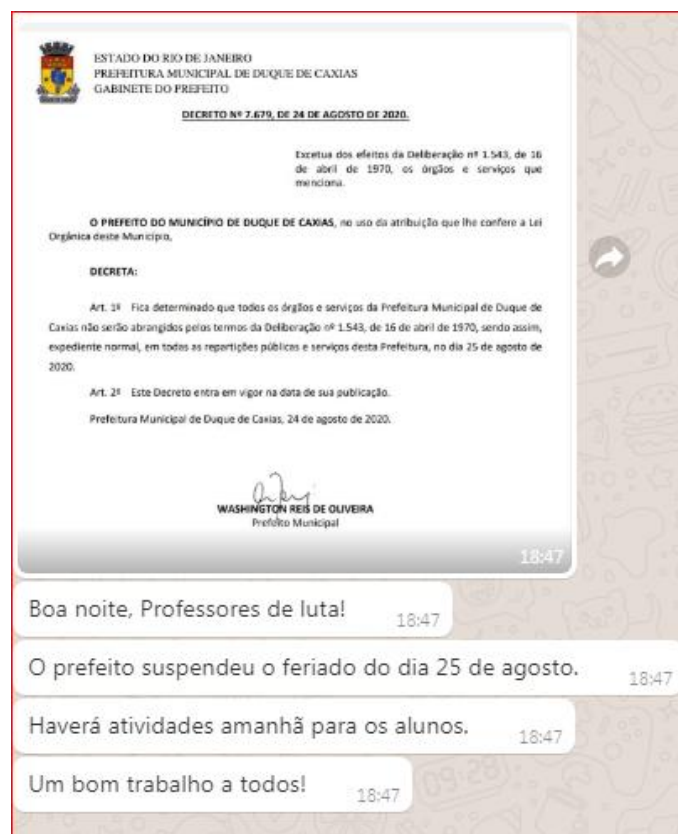
Vou agora espiar o que houve nessas 146 mensagens da turma 901. Cabe dizer que essas mensagens são apenas do período noturno hoje e verifico que quase todas são de professores. Esse é o grupo de whatsapp da turma e todos os dias cada professor entra no seu horário de aula, posta uma atividade, registra quem está presente e se identifica e ainda esclarece alguma dúvida, se surge.

Vejo que os professores começaram a aula pontualmente. Para quem? Sete alunos vêem a proposta do professor que dá a primeira aula. A segunda aula é visualizada por cinco estudantes e uma estudante dialoga com o professor um cumprimento. O terceiro professor entra às 20h, posta sua atividade e não acontece nenhuma interatividade. Fico aqui no meu incômodo... Interatividade quase 0.

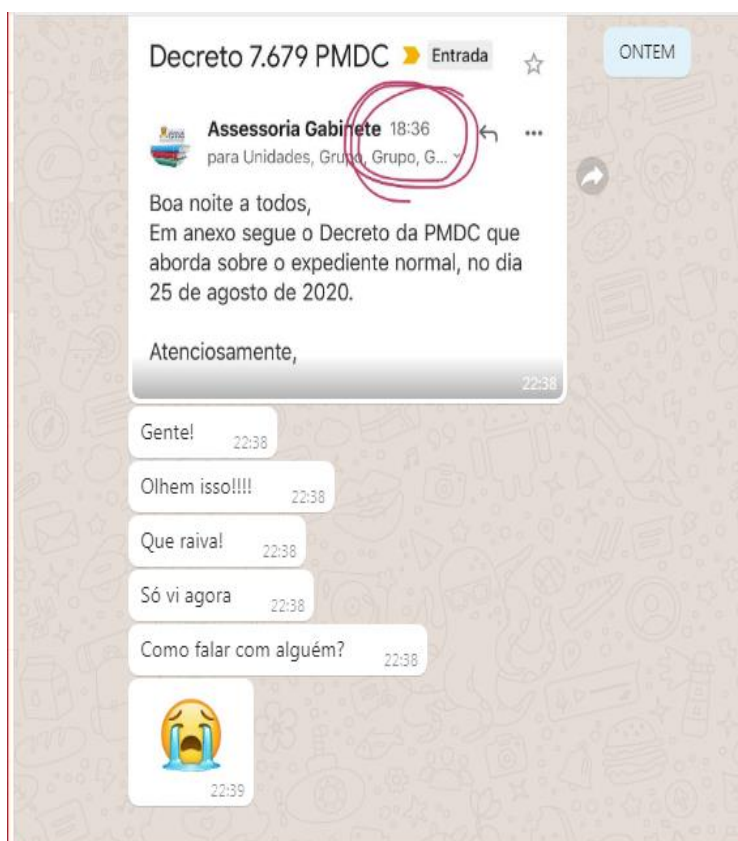
E para completar com chave de ouro, vejo a mensagem da diretora aos professores em um grupoda outra escola e verifico em outro grupo da ESCOLA, reduzido a pessoas mais próximas, a angústia da diretora. Copio as mensagens, compartilho aqui, vejo que o dia se acabou e já são 00h14 do outro dia. Parei por aqui. Hoje, já não é mais feriado em Duque de Caxias.

Boa noite, meu diário!

Hoje, o dia começa cedo. Tenho que ir tomar vacina ainda antes da aula síncrona com o Boaventura, na UNIRIO.



Print de conversa no WhatsApp VII: Prefeito suspende feriado



Print de conversa no WhatsApp VIII: horário do decreto

30 08 2020 - Domingo

Viu como o tempo passa rápido? Ou será que sou eu que estou com minha capacidade produtiva reduzida? Não sei. Tenho a impressão que antes dava conta de tudo e agora não consigo. Como se meu cérebro funcionasse mais devagar e se distraísse mais facilmente. Hoje, por exemplo, não cuidei da casa. Não lavei nem louça. Passei o dia a ler e comentar os trabalhos de conclusão de curso das alunas da Pós. Ah, mas fui ao supermercado acompanhar a filha. Assim, rolava um momento mãe e filha. Como negar o pedido dela? No restante do dia, de dispersão tive o almoço com o filho. Almoçar está perdoado no quesito dispersão, né?

O outro fator de dispersão só conto porque no meu pensamento ainda ressoa o pedido do Wanderlei Geraldi, na minha defesa da dissertação, dizendo que não apresentei a Silvia mulher. Eu apresentei toda uma trajetória de minha vida no Colégio dos Canarinhos, sem falar da minha vida. Então, dentro da minha vida de doutoranda pelo Programa de Pós-Graduação em Educação UNIRIO, membro do Grupo de Pesquisa Práticas Educativas e Formação de Professores/GPPF, pesquisadora na ESCOLA e orientadora em outra escola, bolsista do Programa Pesquisa Produtividade da Universidade Estácio de Sá (UNESA), professora nos cursos de Pedagogia e Licenciaturas e coordenadora na Pós-Graduação em Psicopedagogia Clínica e Institucional, cabe dizer que existe uma mulher que procura um namorado no Tinder. Considerando os tempos de pandemia, a proposta é uma amizade para conversar banalidades, mas fica, no fundo, uma esperança de que possa nascer dali uma relação de afeto que perdure.



Eu, uma mulher que procura um namorado no Tinder

31 08 2020 Segunda feira

São 17h30. Acabei de preparar tudo para a aula. Vou direto de 18h30 até as 22h. E depois, todos aqueles forms (cinco!) para preencher, além dos diários de classe. Tenho duas aulas mas cinco turmas, pois são turmas que a Estácio chama de espelhadas. Cada uma delas tem

seu próprio diário e forms. Costumo ir mais uma hora além da aula apenas na burocracia desses rituais. Olhei a hora e pensei. Gente, o que fiz hoje? Nada. Fiz meu AEJ, que é o aeróbico em jejum e hoje tive treino. Aula com horário marcado eu compareço. rrsrsr
Amanhã, por exemplo, tem aula do doutorado. Estarei lá. Na quarta, tem encontro com a Luli, estarei lá. Na quinta, tem reunião na outra escola, estarei lá. Na sexta tem reunião com a ESCOLA, estarei lá. Mas, que horas vou ler? Hoje pela manhã, conversei com Alice um bom tempo e quando vi, era hora do almoço.

Depois do meu treino, tomei banho e comi de novo e quando vi a hora, já era tarde para começar algo. Não consigo fazer nada em pequenas janelas. Então, espero a próxima atividade vendo os emails e respondendo as mensagens do zap, que sempre são muitas. Por que digo isso tudo? Porque estou tentando me compreender. Antes, passar o sábado e o domingo em frente ao computador preparando aula e estudando era algo tranquilo. Hoje, estou pensando aqui que não tenho dia longe do computador. Preciso inventar isso, mas ainda não sei como. Faço e refaço meu horário semanal, mas toda semana, as reuniões mudam de dia e bagunçam a minha vida.

Segunda	Terça	Quarta	Quinta	Sexta	Sábado
ESCOLA	Outra escola	Doutorado	ESCOLA	Outra escola	Estácio
ESCOLA 14h treino	Doutorado	14h treino Doutorado	ESCOLA	14h treino Outra escola	Doutorado
Estácio	Estácio	Doutorado	Outra escola	Estácio	

E o que percebo é que antes, ler no computador era tão bom. Hoje, não mais.

Estou precisando falar sobre a Luce (1994)! Essa foi a proposta de leitura para essa semana e quão incrível essa leitura está sendo. Sinto-me todo tempo provocada a reflexões sobre esse cotidiano que a pandemia me apresentou e para o qual eu não tinha olhos para ver.

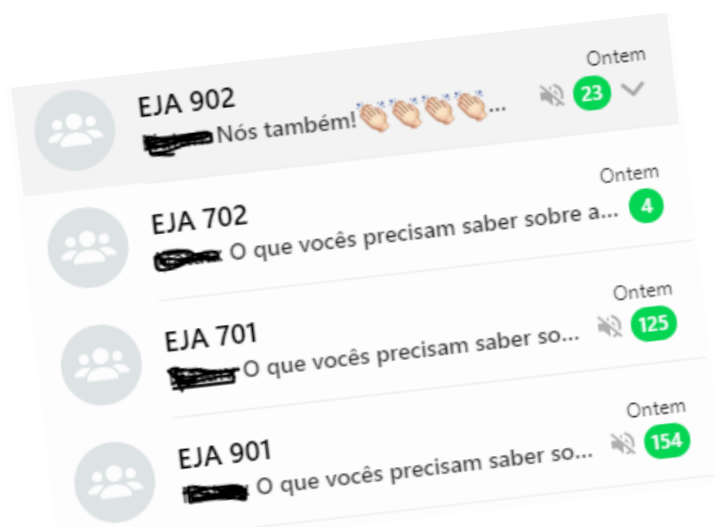
15/09/2020 - terça-feira

Preciso contar da Carta... comecei a escrever sabado de manha e a carta com mais as mil tarefas fizeram a semana voar. Não consegui escrever aqui. Mas, hoje, cansadíssima, são 00h40 e só agora acabei de preencher 8 forms da Estácio, pois quando acabei a aula, às 22h, tinha uma Alice no sofá pedindo carinho. Depois de ficar um bocado com ela, vim cumprir

essa tarefa, pois ela não cabe no dia de amanhã/hoje. E, a orientação é que sejam preenchidos

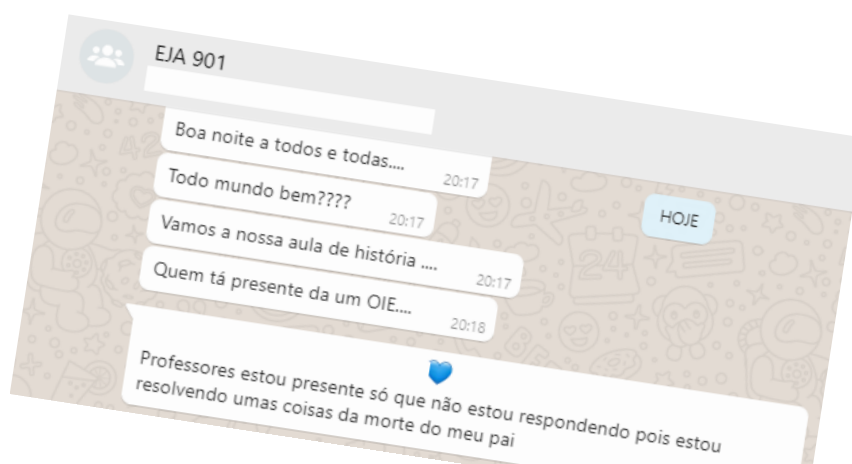
os forms ao final da aula, então, tarefa feita.

Ai, olho para o zap e vejo que a noite foi assim nas turmas de EJA da outra escola. Queria olhar quantas postagens de professor e quantas de alunos, mas não tenho forças. Preciso ir dormir. Bons sonhos para mim.



Print de conversa no WhatsApp IX

16/09/20 – quarta-feira
Não dou conta. Sem palavras.



Print de conversa no WhatsApp X

19/09/2020 – sábado

Hoje foi nosso Grupo de Estudos com a Ana. Incrível pensar o quanto as pessoas são parceiras. Ana topou dar uma formação para a ESCOLA, depois de ter escrito conosco o projeto de Equidade Racial para o Edital Equidade Racial na Educação Básica. Solidariedade. Sem dar conta das tarefas, esgotada pelo trabalho online, apenas me percebo emaranhada em uma rede de resistência criativa em que GPPF, @algomuitomelhor e ESCOLA estão conversando sobre práticas antirracistas.

30/09/2020 – quarta-feira

Saiu o resultado do Edital Equidade Racial na Educação Básica e não fomos contemplados. Acho que entendo que tentamos fazer o projeto da ESCOLA caber no edital e não fazer um projeto para o Edital.

06/10/2020 – terça-feira

Sem expectativa da vacina para todas, todos e todes, vejo o direito à vida e à educação cada vez mais ameaçado. Estou profundamente triste. O ano de 2021 já se vislumbra e nenhuma esperança me faz pensar que poderá ser diferente. Muitos continuam morrendo. Das crianças de nossa escola, temos notícias mínimas, pois algumas famílias buscam as apostilas, o que nos informa que as crianças estão vivas. Alguns outros se comunicam com as professoras nos grupos de WhatsApp, mas é a minoria. Trabalhamos bastante na produção dessas apostilas que sequer sabemos se ajuda nas aprendizagens. Algumas poucas crianças estão frequentando aulas em explicadoras. Muito me incomoda essa situação. Estou defendendo que as escolas precisam abrir da maneira possível. Temos que fazer um plano de atendimento a estudantes. Nossos protocolos sanitários seguirão orientação dos setores de saúde e da ciência, sendo assim as crianças estarão em mais segurança do que nos atendimentos informais das explicadoras. Além disso, creio que estudantes que mais precisam de ajuda pois não tem condições mínimas em casa, são de famílias que também não podem assumir os custos de uma explicadora, profissional essa que não sei se defende os direitos humanos e se preocupa com a saúde pública. E assim, ligadas a esse pequeno espaço do mundo chamado ESCOLA, as desigualdades sociais se mostram e, nesses tempos de pandemia, se multiplicam. Em uma reportagem de 2017, li que 50 milhões de brasileiros viviam na linha da pobreza. No grupo de pesquisa, ouvi Luli dizer que temos 80 milhões de pessoas em vulnerabilidade social no Brasil. Como não incluir a escola nessa rede de solidariedade e proteção?



<https://agenciabrasil.ebc.com.br/economia/noticia/2017-12/ibge-brasil-tem-14-de-sua-populacao-vivendo-na-linha-de-pobreza>

Vou enfrentar a defesa da escola como aparato de assistência social?

Penso que não tem um lugar que não tenha uma escola e, a partir desse entendimento, estou usando em minhas falas que a escola é território de cidadania. Como equipamento público, qual é a função desse lugar nesses tempos tão estranhos?

Nesse momento quero gritar: “Fechem as praias! Abram as escolas!”

03 03 2021 - Quarta-feira

Quanto tempo sem conversar, né? Eu adoeci no final de 2020. Tive um esgotamento físico tão grande que fui parando de dar conta de tantas tarefas. Pedi para sair da coordenação da Pós e levei o resto do ano arrastada. Nem comer direito eu consegui. Eu. Literalmente, não conseguia engolir mais nada. Em 20 de novembro, ainda me mudei do Quitandinha para o centro da cidade. Minhas últimas forças se foram com os problemas da mudança. Até que dia 8 de dezembro, eu baixei no hospital. Vômito e diarreia. Meu corpo recusava qualquer coisa. Nem água eu conseguia beber. O hospital queria me transferir para a Baixada Fluminense pois não havia vaga no hospital devido a COVID. Eu me recusei a ser internada. Depois de tomar soro, recebi uma série de exames para fazer, que não pude fazer na urgência por não estar internada. Passei dezembro fazendo exames em uma rigorosíssima dieta em que comia peito de frango e arroz sem gordura. Nenhum exame acusou nada. Era stress. Com as férias, as exigências de trabalho reduziram e eu consegui passar janeiro me recuperando.

Fevereiro a tensão já recomeçou e eu nem consegui escrever. As aulas começaram presenciais. Isso mesmo. Na sexta-feira, dia 05 de fevereiro a Secretaria de Educação, depois de 17h, avisou que as aulas deveriam começar na segunda-feira. Uma longa e angustiante história. Nem dá para te contar agora. E não consegui contar antes.

Hoje, estou escrevendo porque estou em casa. Você não vai acreditar!

Em mim, começou como uma gripe forte: dor de garganta, coriza, muitos espirros no sábado. Tive febre. Segunda-feira fiz o teste. Agora, só uma dor de cabeça persiste em me fazer lembrar da COVID-19. Positivei.

Então, estou isolada no quarto e um banheiro ficou apenas para mim. E a comida é colocada na porta do meu quarto. Alice lava minha louça separada do resto e a mantém em cima do micro-ondas, separada do resto.



Comida na porta

1/1

Sr (a)	: SILVIA BEATRIX TKOTZ	Data/Hora Atend.	: 01/03/2021 - 09:48:10
Idade	: 53 anos (30/01/1968)	Nro. da OS.	: 025-65804-883
Dr (a)	: BARBARA DE BAPTISTA SANTORIO	Impresso em	: 02/03/2021 - 13:33:10
Convenio	: HOSPITAL SANTA TERESA 2624461*2628472		

DIAGNOSTICO MOLECULAR PARA CORONAVIRUS COVID-19

Material : Swab de Nasofaringe
Coleta : 01/03/2021 - 10:23:50
Liberção: 02/03/2021 - 08:41:30
Método : RT-qPCR (Transcrição Reversa seguida de Reação em Cadeia da Polimerase em Tempo Real).

Resultado : DETECTADO O RNA DO SARS-CoV-2

NOTA:

Print de resultado de meu teste de COVID: detectado

Fico a pensar que justo agora queria estar na ESCOLA, vendo a escola fazer todas as necessárias adaptações a esse retorno. Talvez tenha sido um deus de alguma dessas metodologias que acreditam na “necessária distância do objeto pesquisado” que me afastou da ESCOLA.

Preciso escrever a sequência do retorno até aqui.

- ✓ Dia 27 de janeiro de 2021, o prefeito anunciou em rede social que as aulas voltariam de forma híbrida.
- ✓ Dia 01 de fevereiro havia uma reunião marcada com as diretoras pela Secretaria de Educação. Nessa reunião seriam dadas as orientações para o retorno presencial. A reunião foi cancelada.

Parece que a briga é interna por lá, entre Secretaria de Educação e Gabinete do Prefeito.

04/03/2021

No dia de hoje, Delba estaria completando 60 anos. Mas, a COVID-19 nos roubou a alegria de celebrar com Delba esse aniversário.

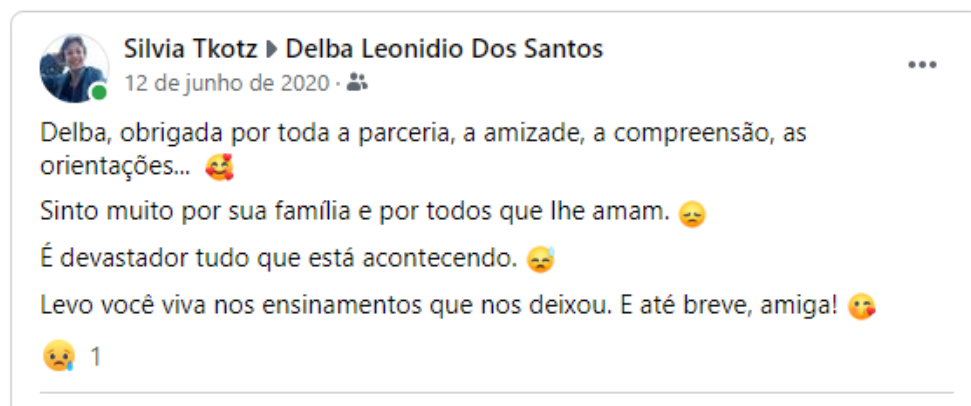
"Comecei minha trajetória como OP em Caxias tendo Delba Leonidio como supervisora. Como aprendi! Como fui acolhida"! Escreveu Bruna Molisani na página do facebook de Delba. Eu também comecei em Duque de Caxias como Orientadora Pedagógica tendo Delba como supervisora. Que pessoa especial!

Ela lutou bravamente por mais de 30 dias.

No dia 11 de junho, a seguinte mensagem, também no facebook, de onde eu acompanhava a luta de Delba: "Lembram q fiz um apelo para orações à minha supervisora escolar, tão doce,

meiga... Uma querida!!?? Delba Leonidio Dos Santos...Foi internada com o Covid no dia em q sua mãe era enterrada, vítima da mesma enfermidade... Esteve muito mal, no respirador, fez hemodiálise... Saiu do respirador...Demorou cerca de 4 dias pra acordar... Estava bem, já falando... melhorando a cada dia... Já se "esperançava" alta pra ela... Mas, pegou uma infecção no hospital, a bactéria foi descoberta, medicada satisfatoriamente... Mas, voltou a ser entubada... Saiu do respirador... Demorou a acordar... Agora, não está nada bem... Não está respondendo aos medicamentos... Peço a gentileza a quem puder e se dispor a ajudar q as orações e vibrações positivas sejam ainda mais reforçadas. Grata por tanta solidariedade!"

No dia 12 de junho ela veio a falecer.



<https://www.facebook.com/delba.leonidiodossantos.9>

05 03 2021 - sexta-feira

– Eu queria que você me dissesse o que fazer...

– Eu não vou fazer isso.

Encontro de orientação do doutorado com Maria Luiza Sussekind.

Então, eu queria que as pessoas ficassem confusas na leitura e que isso despertasse a vontade de buscar uma lógica, uma coerência, um entendimento. Algo que me parece bastante recorrente é que as pessoas queiram entender o que olham, o que lêem, o que vêem. Se eu apresentar tudo na introdução, ninguém precisa ler. E só tem sentido que eu escreva, se eu acreditar que alguém vai ler. Por isso, a forma dessa escrita me é tão importante.

Terminei a reunião de orientação agora há pouco e a cabeça está fervilhando.

– As pessoas na comunidade pensam mesmo que a pandemia não existe? Ou será que nesse lugar onde as pessoas estão acostumadas a ir ao posto de saúde e não encontrar saúde, a estratégia é kamikaze? É morte e vida severina!

– As crianças da ESCOLA estão todas na rua. Elas têm outro lugar para ficar?

As palavras de Luli ecoando na minha mente...

Eu não sei. Eu não sei.

Eu não sei como é a vida das crianças na comunidade. Por isso eu queria escrever “O Conto que conta com a ESCOLA”. Pelo conto, eu só preciso escrever o que a ESCOLA vê através do muro. A vista dela não alcança tão longe, não alcança as casas, não sabe como é...

O conto é uma estratégia de fuga, em que posso me esconder nesse sujeito conceito que é “a ESCOLA”. Nessa narrativa, eu mostro o que sei e o que não sei.

Hoje percebo o risco de “tornar-se ESCOLA”. Assume-se um modo de olhar, de pensar e de sentir coletivamente que por um minuto me assustou. O que deixei de ver ao me tornar ESCOLA?

E eu aqui, no quarto.

11/03/2021 - quinta-feira

Nem te contei: Lula voltou a ser elegível para o cargo de Presidente de nossa República. Essa foi uma gota de esperança nesse mar de tristezas que se tornou a vida. Tenho muito medo da ideia de um salvador da Pátria, mas acho que precisamos transformar a possibilidade do Lula ser reeleito como uma marca da força do povo, do amor, da solidariedade, das massas, dos oprimidos, das minorias... Lula não é mais um homem. Lula é uma representação.

Veja! Foi no dia 08 de março:



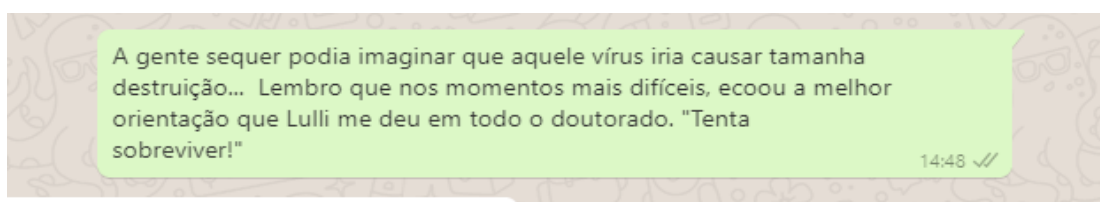
Print de manchete do G1 sobre anulação de condenações do Lula

Escrever um diário no pc tem dessas vantagens. Posso trazer fotos, cópias de notícias, prints de qualquer coisa que eu queira te mostrar. Isso é bem legal. Eu adoro escrever no teclado. Já não me adapto a canetas ou lápis. Minha letra fica cada dia mais feia pelo pouco uso. Enfim, a contemporaneidade trouxe essa nova maneira de registrar.

Fico aqui pensando nas escolas que ainda ensinam caligrafia... Sorte que na ESCOLA a gente está conseguindo fugir dos pontilhados e caligrafias.

Mas, deixa isso prá lá, por hora. Quero falar da pandemia. Nós criamos um grupo de whatsapp com a intenção de falar de coisas boas. Foi em agosto de 2020. Já estávamos esgotadas com tantas mensagens e notícias tristes. Precisávamos de um frescor. Um grupo para falar de coisas amenas.

Conversando nesse grupo de whatsapp informal da ESCOLA, que demos o nome de "Vida Saudável", registrei um dos melhores conselhos que recebi durante a fase mais crítica do doutorado, em meio à pandemia:



Print de conversa no WhatsApp XI: a orientação mais importante de Luli

13 03 2021 - sábado

Resumo do sábado para a rede municipal de educação de Duque de Caxias:

6h- Secretária municipal de educação suspende as aulas presenciais, obedecendo aos protocolos sanitários.

9h- Prefeito de Caxias emite nota mantendo as aulas presenciais apesar do município estar em risco alto de contagiou (bandeira vermelha).

14h- Secretária de educação envia e-mail para as escolas se desculpando e dizendo que não decide nada. No corpo do e-mail está a nota do prefeito cagando para o protocolo sanitário produzido por especialistas.

17h- Secretária de educação recebe um telefonema (já que está isolada, pq a filha voltou às aulas presenciais, pegou Covid e passou para a avó, mãe da secretária).

18h- Secretária de educação manda mensagem para o grupo de whats da SME dizendo que está em quarentena e que passado o tempo, não voltará ao comando da pasta.

19h- Sai a notícia de que a secretária foi exonerada através de um telefonema.

21h- Nova secretária é nomeada para a educação de Caxias.

13/3, o dia todo- profissionais da educação surtando...

Resumo elaborado por Carol Almeida no facebook.

<https://www.facebook.com/1041851938/posts/10221245591822972/?d=n>

18/03/2020 - Quinta-feira

Estou escrevendo uma carta para a banca. Pretendo que essa carta seja a apresentação da tese. A seguir, um sumário irá levar as pessoas à leitura do que é mais convidativo. Nesse movimento para a escrita da carta, estou relendo minhas anotações feitas nos encontros de pesquisa e momentos de leituras. Em meio a esses escritos, brotam registros de histórias que eu não queria esquecer. No dia 11 de setembro de 2019, por exemplo, registrei os comentários sobre minha mudança para a comunidade onde está a escola. Alugar uma casa ali era pretensão naquela ocasião. Pensava em ficar alguns dias da semana e alguns finais de semana na comunidade para tentar ver a escola de fora ou tentar compreender mais a comunidade escolar. Falando desse propósito ouvi: "Vai abrir a escola de camisola" e "Vai precisar comprar uns shortinhos".

Essa fala me ajuda a pensar a performatividade das práticas na questão dos processos identitários e de diferenciação. Apareceu o corpo na pesquisa. Ou, eu olhei para a questão do corpo. Pensei que deveria estudar o corpo como suporte da mensagem social. São tantas

possibilidades e caminhos para o estudo... Pensei “somos ESCOLA” mas “não somos comunidade da ESCOLA”.

26/03/2021 - sexta-feira

Hoje assisti a defesa da Ingrid, colega do Grupo de Pesquisa. Para ela, perguntaram como ela memorizava as histórias que depois ela narra na dissertação. Me lembrei do papelzinho



O Pau-Brasil na ESCOLA

em que anotei a história que ouvi o porteiro contando



Registros da pesquisa de campo

ontem. Tão lindo. A professora

Nane pediu para ele contar a história do Pau Brasil que temos plantado na escola. Ele espalhou na escola que ia dar uma palestra. E, eu, da secretaria ouvi ele contando como a árvore chegou ali e como ele ajudou a cavar para a diretora plantar. Anotei em um pedacinho de papel e guardei no bolso para não me esquecer. Quem sabe, eu ia querer em

algum momento contar sobre o Pau Brasil na ESCOLA?

28 03 2021 - domingo

Aqui na minha escavação para a escrita, achei mais uma história que registrei, infelizmente sem data. Vou tentar resgatar a história com a professora. Ver o que ela se lembra. Mas por hora, segue digitada, a escrita que achei perdida em um bloco de papel:

“Professora Luísa apresentou uma situação problema para a turma e pediu que cada aluno buscasse resolvê-la. O aluno “Joãozinho” escreveu ‘Deus’ no lugar onde deveria resolver a questão. A professora questionou: “O que é isso, Joãozinho”? Jocosamente, o garoto respondeu: “Ué, professora, Deus não é resposta para tudo?”.

Tenho quase certeza de que essa situação aconteceu com o Paulinho, irmão do Pedro. Eu sempre me impressionei com ele. Marcado pela defasagem ano de escolaridade-idade (termo adotado para dizer que o estudante não está cursando o ano de escolaridade esperado para a idade dele), ele tinha muita dificuldade com a aprendizagem da língua escrita, Mas, seu

conhecimento de mundo era incrível. Será que já escrevi a história que aconteceu na soleira da porta de uma sala de aula?

Havia uma rachadura ali. Eu brinquei com uma criança sugerindo que tomasse cuidado para não cair naquele buraco pois poderia ir parar lá na China. Uma criança me respondeu que tinha medo de cair no inferno. Paulinho, mais que depressa, disse que nós dois estávamos errados e começou a explicar que a terra tem várias camadas e que muito antes de chegar do outro lado da terra, havia uma camada incandescente que nos derreteria. Ah, eu me derreto é com essas crianças!

Retomando minha escavação nos escritos, encontro apontada Hannah Arendt e a questão ética, estética e política, me convidando a leitura. Não sei se dou conta, mas...

31/03/2021 - quarta feira

Estou de volta a escola. Acho que foi dia 22 que voltei. Os dias voam.

Não sei se já lhe contei sobre nossas reuniões no carro. Pois é: quatro “ESCOLAS” no mesmo carro subindo a Serra acaba sendo sempre um momento de conversa sobre como foi o dia e, de certa forma, um planejamento para o dia seguinte. Hoje não foi diferente.

A conversa foi direto para a triste notícia de que dessa vez, quem levou a surra foi o José Luiz, o Zezinho. Cada uma lembrou um pouco dele:

- A professora daquele quarto ano gostava dele. Pensou em levá-lo para a UFRJ no projeto de robótica.

- Até hoje não conseguimos implantar o projeto de robótica.

- Ele tem uma história muito triste. O pai que desapareceu no micro-ondas... A avó que criou pois a mãe abandonou. Ele sempre revoltado.

- Eu entendo todo esse passado dele, mas não conseguia cruzar meu santo com o dele.

- Mas, ele era carinhoso, disse uma professora. Um dia, me deu um pedaço de madeira com o nome dele assinado e disse: “Duvido que você vai guardar”. Vou pedir para quando ele passar pela rua para o porteiro chamá-lo. Quero mostrar para ele que eu guardei. Que tem alguém que se importa com ele. Quem sabe isso possa ajudar nesse momento?

- Na semana passada, foi o Marquinho quem quase levou um tiro. Acho que erraram de propósito. Foi um aviso. Já tinha levado uma surra.

Os dois eram nossos alunos há pouco mais de dois anos. Parece que se meteram com roubos e drogas.

Fiquei a pensar sobre essas histórias tristes de ex estudantes que chegam até nós.

02/042021 -sexta-feira

Aqui tentando organizar os arquivos para a tese, fui registrando alguns nomes:

- Eleonora Lizao - poéticas e éticas do estranho, do encontro, do precário;
- bell hooks - a educação como prática de liberdade;
- Azibeiro - colonialidade, desconstruir subalternidades;
- Grada Kilomba - colonialismo, desobediências poéticas;
- Suely Carneiro dispositivos de racialidade, biopoder, epistemicídio, abussalidades

Para onde caminhar em minhas leituras e minhas escritas?

Hoje!



Roxo: a cor do alto risco de contaminação

09 04 2021 - sexta-feira

Essa semana que passou estava dedicada a organizar o material de entrega para qualificação, minha quase tese. Havia decidido com Luli que os vários escritos são estudos e podem compor a tese de uma maneira que representem a jornada da pesquisa. A partir da qualificação 1, poderei pensar como fazer a apresentação dessa pesquisa na tese e quais estudos ainda precisam ser amplificados.

Não consigo deixar de fazer um registro aqui sobre a dor de uma criança da ESCOLA que disse à professora: “Hoje um menino de oito anos ficou sem mãe”.

A notícia havia chegado para nós logo no início do dia: uma mulher ligada a igreja ao lado da escola havia falecido de COVID. Toda morte pela pandemia gera sofrimento a todas as pessoas que amavam essa vida roubada. Nesse caso, a dor alcançou essa criança no dia em que ela relata que o pai está internado em uma clínica para recuperação do alcoolismo. Essa criança, possivelmente, foi mais atingida pelo medo de perder a própria mãe, em um momento de fragilidade como esse, do afastamento de seu pai. A professora disse: “hoje ele estava muito sensível”.

Que sentidos traz o “estar sensível” de uma criança com a morte de uma mãe de outra criança, nesses tempos em que a morte ronda as nossas conversas nesses tempos pandêmicos?

ⁱ SANTOS, Boaventura de Sousa. (org.) **Conhecimento prudente para uma vida decente**: Um discurso sobre as ciências revisitado. Porto: Afrontamento, 2003.

ⁱⁱ SANTOS, Boaventura de Sousa. **Um discurso sobre as ciências**. Porto: Afrontamento, 1988.

ⁱⁱⁱ SANTOS, Boaventura de Sousa. **A crítica da razão indolente**: contra o desperdício da experiência. 8. ed. São Paulo: Cortez, 2011.

^{iv} SANTOS, Boaventura de Sousa.; MENESES M. P. (Orgs). **Epistemologias do Sul**. São Paulo: Cortez, 2010.

^v SANTOS, Boaventura de Sousa.; MENESES M. P. (Orgs). **Epistemologias do Sul**. São Paulo: Cortez, 2010.

^{vi} CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano 1**: as artes de fazer. Petrópolis: Vozes, 1994.

^{vii} PAIS, José Machado. **Vida cotidiana**: enigmas e revelações. São Paulo: Cortez, 2003.

^{viii} GINZBURG, Carlo. **Mitos, emblemas e sinais**. São Paulo: Cia das Letras, 1989.

^{ix} SANTOS, Boaventura de Sousa; MENESES, Maria Paula (Org.). **Epistemologias do Sul**. São Paulo: Cortez, 2010.

^x FERRAÇO, Carlos Eduardo; SUSSEKIND, Maria Luiza. Sobre políticas em currículo e resistências e invenções e cotidianos escolares e desafios... “Vai ter luta”! **Revista Espaço do Currículo**, v. 10, p. 356-365, 2017.

^{xi} KING, Martin Luther. **Um apelo à consciência**: os melhores discursos de Martin Luther King. Seleção e organização de Clayborne Carson, Kris Shepard; tradução de Sérgio Lopes; apresentação e notas de Arthur Ituassu. Rio de Janeiro: Zahar, 2006.

^{xii} SANTOS, Boaventura de Sousa. Para uma pedagogia do conflito. In: SILVA, Luiz Heron; AZEVEDO, José Clóvis de; SANTOS, Edmilson Santos dos. **Novos mapas culturais, novas perspectivas educacionais**. Porto Alegre: Sulina, 1996. p. 15-33.

^{xiii} SANTOS, Boaventura de Sousa. **Se deus fosse um ativista dos direitos humanos**. Coimbra: Ed. Almedina, 2013.

^{xiv} SANTOS, Boaventura de Sousa. **O fim do Império Cognitivo**. Editora Almedina, 2018.

**O
CONTO
QUE
CONTA
DA
ESCOLA**

SUMÁRIO

VAZIA

O QUE SERIA UM BOM SONHO?

IMPACTADA

“NUNCA CORREMOS O RISCO DE MORRER INDO PARA A ESCOLA”

ASSASSINO EM SÉRIE

UMA OUTRA ESCOLA

A ELEITA

A ELEITA II

TORNAR-SE ESCOLA

UM “MAIS FELIZ 2015”

DE FELIZ A INFELIZ

NA ESCOLA É MELHOR DO QUE NA RUA

AULAS PRESENCIAIS

UMA VEZ ESCOLA, SEMPRE ESCOLA

NÃO QUERO MAIS SER ESCOLA

(A)FINAL

VAZIA

Quatro colunas sustentam o pátio coberto de entrada. Ninguém ali. Outrora, muito outrora, fora lugar de enfileiramento de crianças e ordenamento por turmas. “Posição, sentido! Descansar!” Era o que eu ouvia, ainda que nunca tenha me prestado a ser um quartel general. Nesse mesmo tempo, pintado em uma das paredes, Chaves, personagem de um seriado mexicano de televisão, acompanhava comigo todo aquele burburinho inicial, em que crianças se empurravam e brincavam, agressivamente, no meu modo de compreender naqueles tempos, mas pareciam felizes até o momento em que uma campainha ensurdecedora silenciava os gritos e risadas. Esse era um de meus passados.

Bem ao lado desse pátio, uma pequena sala de aproximadamente doze metros quadrados comporta todo um arsenal de burocracias para dar conta do que chamam de matrículas. Computadores, impressoras, arquivos e papéis diversos competiam na ocupação desse espaço com diretora, dirigente, secretária e mais outras tantas pessoas, ora crianças, ora adultos, que ali chegavam mas não demoravam.

Agora reinam no meu vazio, sendo essa sala visitada vez por outra. A diretora ali vem periodicamente e, ao som de cliques do mouse e das impressoras que trabalham incansavelmente, passa horas e horas mexendo em papéis que uma outra pessoa lhe ajuda a grampear e colocar em ordem por turma, dizem elas. São os materiais impressos que são entregues vez por outra a alguém que para no portão e diz um nome. Poucos são os que podem passar desse portão, atualmente. Poderia numerar com algarismos essas pessoas hoje, que há pouco passavam de centena.

Eu aqui, morrendo de saudades desse tempo recente em que um entra e sai frenético era controlado pelo pastor, porteiro. Não que eu tenha sido uma igreja. Jamais. Nem pretendo. Aliás, essa tem sido uma das discussões provocadas por uma equipe aqui que se nomeia diretiva: “como nos afastar de Deus”? Não é bem assim que elas falam, mas foi bem assim que uma das que se nomeiam professoras compreendeu.

Sim, tenho sido uma escola.

O QUE SERIA UM BOM SONHO?

Fui construída pelo Governo do Estado do Rio de Janeiro, na gestão de Leonel Brizola, com a proposta de João da Gama Filgueiras Lima, o Lelé, que interessado em

tecnologia da racionalização, encantou-se com construções pré-fabricadas e me criou a partir de estruturas de argamassa armada. Lelé me criou com aberturas para jardins, muita luz e muito verde. Minhas portas pivotantes integram o ambiente interno e externo, assim como meus muros baixos possibilitam integrar escola e comunidade.

Sou uma construção de pequeno porte, com apenas cinco salas de aula. Salas amplas, devo dizer. Meu prédio se divide em dois blocos, um maior e outro bem menor e, entre eles, um pátio coberto. Uma calçada lateral se estende do pátio principal da entrada - aquele “do Chaves” até esse outro pátio coberto, nos fundos, margeado de um lado por quase todos os outros espaços que tenho: refeitório, depósito de material e salas. Na outra margem, algo que se assemelha a um gramado. Grandes espaços com terra e um mato rasteiro que teima em crescer desordenadamente e ali, talvez, poderiam se aninhar alguns serezinhos para me fazerem companhia. No entanto, vejo a diretora sempre cobrando para que venham manter esse pretendo espaço próximo ao que, com algum empenho, poderia vir a ser o jardim “do Lelé”.

Nem sequer ratos e baratas podem ocupar esse vazio, pois sou mantida dedetizada. Fico me perguntando o porquê de todo esse cuidado para me manterem assim isolada de todo o mundo. Orgulhosa de minha função social, questiono-me todo o tempo sobre qual seria o motivo para me deixarem vazia. Como espaço público que sou, poderia ter sido destinada a uma outra função nesses tempos estranhos.

Duas caixas de água no pátio aberto, maneira de chamar meu jardim - sonho com esse jardim - e, também, uma cisterna anunciam que tenho lugar para armazenar água limpa. Infelizmente, dependo de que um caminhão venha me abastecer, pois não há água encanada que chegue até mim. Ainda assim, fico pensando que eu deveria estar atendendo a alguma função social, enquanto a minha está interrompida. As professoras, quando estavam aqui sempre me fotografavam. Elas diziam que eu fico linda nas fotos e escondo as minhas mazelas. Quem não faz isso?

Arborizada, então, tenho ficado ainda mais bonita. Sou como uma ilha cercada de muros em toda a minha volta. Um muro baixo que permite que me vejam da rua e que eu veja o que se passa. Ao longo do muro, há uns cinco anos, plantaram árvores que já estão trazendo sombra e beleza. A história era fazer um muro verde que pudesse trazer algum frescor aos bem mais do que quarenta graus que enfrento nos dias mais quentes. Eu queria mesmo era ar condicionado em todas as minhas salas, mas nesses tempos estranhos, dizem que o ar condicionado não é recomendado e, assim, já nem sei se esse é um bom sonho.

IMPACTADA

Nem sei se a palavra mais adequada é impactada. Nem sei o que contar para vocês diante dos absurdos que ouvi entre ontem e hoje. Tudo começou com um movimento estranho. Quando aquelas sapatilhas apareceram no portão, seguidas daquele *All Star*, já estranhei. Liza, atual diretora, chegou com os cachos mais curtos e o semblante tenso. E até mesmo aquele sorriso permanente da Alice parecia incerto. Alice está aqui desde 2012. Chegou em agosto e causou uma certa perturbação, mas essa história eu conto outro dia. Preciso falar sobre essa reunião de responsáveis, pois já me causou muita angústia. Estou há tanto tempo vazia e, de repente, parece que uma certa engrenagem começa a ranger.

Rosa, mulher negra, ágil e decidida, chegou aqui no final de 2019 e se ambientou rapidamente. Foi ela quem organizou as cadeiras no pátio, garantindo o distanciamento de 1,5m recomendado. Confirmou o número de pessoas esperadas com Alice que, após conferir a informação no grupo de WhatsApp, explicou que seriam dois representantes por turmas, mas que só havia confirmação de dois representantes em uma turma. Nas outras, apenas um representante, sendo que em três turmas, ninguém se manifestou. Seriam, então, 5 responsáveis e as representantes da escola na reunião.

Logo, outros pés apareceram sob o portão e, par em par, foram chegando. Estava desacostumada e, mesmo sendo um movimento tão pequenino, meu coração pulsava. No entanto, a fala que ouvi me apavorou. No Brasil, mais de 230 mil mortes por Covid-19 com uma média móvel de 1050 nesse fevereiro de 2021. Os dados foram tristemente atualizados em minha mente.

Minha angústia foi um crescente ao ouvir que, mesmo com Duque de Caxias vivendo um momento em que a curva de óbitos está alta, o prefeito anunciou nas redes sociais que as aulas em ambiente presencial recomeçam na segunda-feira. Liza apresentou um documento e explicou que se trata de um protocolo para o retorno às aulas presenciais elaborado por uma Comissão Intersetorial. Ela diz aos presentes que a escola ainda não consegue cumprir o protocolo pois faltam itens que devem ser adquiridos e que a escola, também, não foi oficialmente comunicada desse início das aulas para tomar as devidas providências.

Convidaram duas mães para formar o Comitê de Protocolo local e Liza explicou que daria notícias sobre as orientações que seriam dadas na reunião, às 17h, com a Secretária de Educação. Ouvia na voz o desconforto da Liza e seu rosto, com uma aparência de um cansaço estranho, que nunca havia visto antes, anunciava que ela não esperava boas notícias. Tanto eu

esperei por esse dia em que eu ouviria que as crianças voltariam a transitar pelo pátio e essas minhas salas vazias, mas não assim. Imaginei todas as profissionais em reunião, conversando e debatendo sobre como seria o acolhimento das crianças. Imaginei com que carinho e empolgação todas estariam vivendo esse momento.

No entanto, o que vejo é sofrimento, tensão, medo. Ouvi do celular da Liza, uma mensagem da professora Luísa: “Isso é muita covardia o que ele faz [pausa. Continua com a voz embargada] Ele faz um vídeo dizendo que as aulas vão voltar presencialmente como tem que ser [pausa. Continua sem interrupção com aquela voz de quem está chorando]. Escola nenhuma tem condição de voltar presencialmente como tem que ser. Todas as escolas vão ter que ter protocolo. Vai ter metade dos alunos na escola, metade fora. E ele faz essa propaganda para virar todo mundo contra a gente [choro]”.

NUNCA CORREMOS O RISCO DE MORRER INDO PARA A ESCOLA

“Nunca corremos o risco de morrer indo para a escola”, continuou Luísa. Essa fala me levou a tantas reflexões. A primeira e mais forte foi a de que estudantes aqui nunca correm o risco de morrer de fome. Talvez, estudantes aqui não estejam correndo esse risco, mas certamente estudantes em muitos lugares chegam a esse extremo de vulnerabilidade. Pensei também o quanto tenho sido espaço de alegria e segurança para muitas crianças a quem o abandono à própria sorte tem sido uma realidade, enquanto seus responsáveis trabalham.

Mais uma vez reflito sobre o quanto sou privilegiada nesse lugar onde impera a pobreza, mas ainda há uma certa tranquilidade. As pessoas se ajudam e as crianças andam soltas pelas ruas. No entanto, esse assunto “pandemia” me apavora. Isso até parece que não existe fora dos meus muros, pois as pessoas vão e vêm sem máscaras. Mas, cada dia em que vem alguém aqui o assunto gira em torno da COVID-19 e seus mortos.

Sinto como se uma guerra invisível para alguns estivesse acontecendo e aqueles que a veem, com seu pavor estampado nos olhos marejados de sofrimento, tentam convencer aqueles que não veem de que o perigo ronda. Sim, são terríveis tempos de guerra. No entanto, como espaço público que sou, não deveria estar atendendo aos atingidos pela calamidade? Não deveria receber os filhos daqueles que precisam ir para a luta, mesmo e apesar de correrem esse risco letal?

Ah, Luísa, eu entendo o seu medo. E por isso, acho que precisamos aprender a reduzir ao mínimo os riscos de contágio. Temos que proteger os mais vulneráveis. Quero lembrar que para estudantes, a escola é o lugar onde o risco de morrer todos os dias fica menor.

ASSASSINO EM SÉRIE

Concordo com todo esse sofrimento gerado por esse inconsequente desse prefeito. Pude olhar o decreto de retorno às aulas e nada me assustou ali. Inteligente, ele não escreve e não assina pela perda dos entes queridos que se vão com suas políticas de morte. É na sua postura e na determinação de ações sem o menor escrúpulo que ele mata.

Ele mata no momento em que ele determina que de uma sexta-feira para segunda-feira as escolas sejam abertas em plena pandemia. Como vou abrir meu portão sem orientar as famílias e as crianças de que muitos serão os cuidados necessários para uma convivência mínima com um afastamento necessário? Nem mesmo me reencontrei com as professoras para pensarmos as estratégias para esse momento. Não houve tempo ainda.

Acompanhei, no decorrer do ano que passou, a espera angustiante pelos decretos que, a cada quinzena, anunciavam a continuidade das aulas em ambiente remoto. Um decreto a cada quinze dias era como uma gota d'água na testa a cada minuto. Eu percebia esse movimento de causar ansiedade às professoras periodicamente como um certo prazer patológico desse governo. Acompanhei mais: sobre a abertura do comércio em um momento completamente inadequado. A aglomeração pelas ruas de Duque de Caxias era o comentário nas conversas daqueles poucos que o prefeito manteve vindo aqui para abrir meu portão, entrar e viver comigo meus silêncios.

Foi no dia 16 de março do ano de 2020 que as aulas foram suspensas e não retornaram presencialmente. O acompanhamento das aprendizagens de estudantes ganhou espaços virtuais, inicialmente. Tudo aconteceu muito abruptamente para mim, que não vinha acompanhando que essa doença já estava avançando muito antes de que eu tomasse conhecimento da existência dela. No Brasil, em fevereiro de 2020, o primeiro caso de COVID-19 foi identificado em São Paulo. Em março, a Organização Mundial de Saúde/OMS definiu a doença como uma pandemia e poucos dias depois, houve a primeira morte no Brasil, também em São Paulo. As mortes então vêm se sucedendo de maneira avassaladora.

O prefeito de Duque de Caxias foi infectado pela COVID e será que é tão egocêntrico que o fato de não ter morrido faz com que não veja a morte de 1200 pessoas por dia no Brasil

nesse início de fevereiro de 2021? Como que ele não ouve o que os médicos estão alertando? Que absurdo foi esse de vacinar professores com mais de 60 anos, utilizando as vacinas destinadas à segunda dose do pessoal da saúde? Ouvi isso e estou aqui a pensar se será mesmo verdade.

Só hoje ouvi vários áudios de professores chorando e relatos de pessoas passando mal. Vi o quão cruel está sendo esse modo de encaminhamento dessa prefeitura para o retorno às aulas presenciais. A ação intempestiva do Sr prefeito gerou muito sofrimento. Muito mais está por vir. Será intempestiva mesmo? Ou haverá intencionalidade genocida? A vida apenas irá confirmar as mortes.

UMA OUTRA ESCOLA

Minha essência para a liberdade está em meu projeto de criação. Lelé – o arquiteto que me criou – pensava em liberdade espacial. Eu comecei a funcionar como outra escola, com outro nome. Era estadual. Mas, é do meu tempo como “ESCOLA” que quero escrever agora. Ganhei esse nome em 2006 quando foi feito um acordo com o Estado do Rio de Janeiro para que eu passasse a ser administrada pelo município de Duque de Caxias. Nessa transição, aproveitaram para homenagear uma professora. Não a conheci. Sua história está ali fixada na secretaria. Nunca entendi bem por que homenagearam essa professora justo aqui nessa comunidade.

Ela foi uma professora que, há muitos anos atrás, deu aula em um colégio estadual. Era formada em um curso normal, no Rio de Janeiro. Ao aposentar-se fundou um grupo de professoras aposentadas para lutar por direitos trabalhistas e faleceu aos 75 anos de idade.

A ELEITA

Fiquei encantada quando percebi aquele burburinho sobre eleições na escola. Em todas as eleições, abro os meus portões para a comunidade. Mas, dessa vez, seria diferente. Pela primeira vez, ocorreriam eleições para a direção das escolas e li sobre a mesa o documento que versava sobre o assunto, o Decreto 6542/15, de onze de maio de 2015, assinado pelo prefeito em exercício à época. Esse ano já vinha sendo de muita efervescência para mim, com um tal de “Mais Feliz 2015”, mas essa história eu conto daqui a pouco. Preciso dar destaque a esse momento histórico do meu município. Era o que eu ouvia as

professoras falarem e repeti aqui. Para mim, nada mudou porque a escola só tinha uma candidata, a então diretora, que já estava ali no cargo desde 2011 e iria tentar se eleger.

Ela, Nane, é uma mulher sonhadora e sensível, mas que se esconde por trás de uma capa de rigidez com moderação. Seus lábios finos deixam em destaque seu nariz que cabe bem em seu rosto, que não é gordo, é grande. Ela é uma mulher grande. Sempre muito ética e preocupada com a exatidão de seus atos. Não aceita errar e por isso, desdobra-se para dar conta de todos os seus afazeres. É uma pessoa ímpar no seu esforço em cuidar de mim e de todas as pessoas que aqui convivem. Acho, apenas, que ela demonstra pouco o quanto ela é especial. Nada que as pessoas não vão descobrindo com o passar do tempo, em que a confiança vai se tornando a marca dela para as pessoas.

Como ela não é feita a demonstrações de afeto, não tinha certeza se a comunidade se esforçaria em vir para elegê-la. E meu medo foi ouvir que se não houvesse votos o suficiente, a Secretaria de Educação iria indicar uma nova direção. Eu já passei por muitas situações antes da Nane e estava me sentindo bem confortável com a sua proteção. Percebi que as professoras também queriam que ela continuasse no cargo. Além da preocupação com a vinda das famílias para votar, também havia a preocupação com a votação das crianças. Como Nane ocupava o papel de quem dá a bronca nas horas de conflito, será que elas votariam nela?

A campanha versou sobre a segurança de ter uma diretora comprometida e o risco de vir um estranho sem o mesmo comprometimento. Não posso me esquecer de uma criança que era bem questionadora, considerada nos moldes tradicionais como indisciplinada, e que estava sempre na sala da diretora por algum problema causado entre colegas ou com a professora. No dia da eleição, ela saiu da escola gritando “Não votem na Nane”!

Na época, ela fazia questão de chamá-la pelo nome e aquilo parecia uma falta de respeito. Tão pouco tempo depois vi as professoras discutindo que as crianças não sabiam seus nomes e só as chamavam de tias. Fizemos todo um trabalho de colocar fotografias das professoras e de trabalhadores da escola com seus nomes nas portas dos espaços de trabalho e começaram a estimular as crianças que as chamassem pelo nome. Fico a pensar se estudantes desobedientes não são apenas pessoas de vanguarda.

A ELEITA II

Depois de dois mandatos, Nane não pode se candidatar novamente. Ao se aproximar uma nova eleição, as “ESCOLAS” começaram a se organizar. O burburinho causado pela preocupação de que alguém de fora pudesse adentrar meu portão e assumir o meu comando fez com que muitas conversas girassem em torno dessa questão.

Luísa, franziu sua testa alta e disse:

– A Alice não pode ser. É muito autoritária.

A própria Alice ri e confirmou:

– Não posso me arriscar a cair em tentação. Quem de nós está apta? É preciso ter terminado pedagogia.

Não me lembro quem respondeu, mas listou todas as graduadas: sete professoras. Também não me recordo quem apontou a Liza, mas foi unânime o apoio.

– A Liza se forma. Pode assumir. Ela deixa de ser dirigente de turno e passa para a direção. A Nane passa para dirigente de turno. Só trocam de lugar. As duas já trabalham juntas.

Pelo movimento involuntário dos olhos de Nane, vi que para ela a decisão estava tomada. Suas pupilas se dilataram e o brilho poderia ser notado até pelos mais desatentos. Seria Liza a sua candidata. Afinal, as duas já vinham construindo essa relação de parceria desde a chegada aqui. Liza sacudiu seus recentes cachos e o nem pensar foi dito com firmeza. Parecia irredutível. O grupo, porém, abarrotou-a com possíveis vantagens. Liza havia, há pouco tempo, feito novo concurso para professora de informática, com uma carga horária de 40 horas que ela precisou distribuir entre três escolas. A possibilidade de ficar apenas comigo acabou sendo um irrefutável argumento. Ela aceitou a candidatura. Para a eleição, foi um passo.

Como professora da mais amada atividade, informática, Liza ganhou o apoio incondicional de estudantes que assumiram a responsabilidade de trazer responsáveis para votarem na nova diretora. Ela venceu as eleições! Liza foi, assim, minha segunda diretora eleita.

TORNAR-SE ESCOLA

Já contei que as professoras usam meu nome para se denominarem? Acho tão carinhoso, mas sei que vai muito além de carinho. Com esse nome, elas apresentam sua identidade de professoras, construída pelas experiências vividas comigo. Tornar-se ESCOLA

é um processo único que, aos poucos, cada pessoa que chega aqui vai vivendo e se completa na escolha de ficar.

Há várias maneiras de ficar! Há aqueles que ficam porque trabalham aqui. São professoras e profissionais da educação lotados aqui. Não significa que basta trabalhar aqui para ser ESCOLA. Algumas pessoas já passaram por aqui, mas não se tornaram ESCOLA. No entanto, essa identidade vem se fortificando tanto que mesmo alguns que saem continuam sendo ESCOLA. E, por outro lado, algumas pessoas estão aqui, mas não são e não querem ser ESCOLA.

Esse ano, fui tema de uma tese de doutorado chamada “Tornar-se ESCOLA: a construção em uma escola que garante lugar para cada um”. Foi uma pesquisadora que andou por aqui me pesquisando quem escreveu. Tão querida! Chegou bem discreta e foi conquistado cada um e cada uma, tornando-se ESCOLA.

UM “MAIS FELIZ 2015”

As professoras haviam resolvido fazer um projeto para melhorar as aprendizagens das crianças e o nomearam de “Mais Feliz 2015”. Criaram um confuso sistema de misturar as crianças de um modo diferente ao que eu já estava acostumada. Mas, fizeram isso somente com as crianças do Ciclo de Alfabetização. Essas estudavam pela manhã.

A chegada era a mesma. Crianças no pátio, um sinal estridente tocava e as crianças se dirigiam ao refeitório. Depois de um café da manhã, lá iam elas para as salas de aula acompanhadas de sua professora. Cada professora chamava seu grupo e lá iam elas, barulhentas.

“ESCOLA abraça a leitura” era o nome de um outro projeto que as professoras escreveram e que mobilizava o primeiro momento nas salas de aula. Livros nas mesas, crianças folheando ou lendo e por fim, a professora lia uma história para a turma. Em todas as salas eu via esse movimento. Mas, logo depois, um outro burburinho acontecia. As crianças trocavam de salas. Parece que essa era a característica mais forte do tal “Mais Feliz 2015”, em que as professoras reorganizavam as crianças nas turmas a partir da análise de um tal diagnóstico de escrita.

Era interessante ver as professoras discutindo como organizar os grupos de crianças: primeiro elas contavam quantos na hipótese pré-silábica, quantos na silábica sem ou com valor sonoro, quantos na silábico-alfabética e quantos já na alfabética. E a partir daí,

tentavam formar os grupos, dividindo pelo número de professoras. Ainda havia uma discussão de alguns casos especiais, muito ligados a comportamento de estudantes e definiam quem melhor saberia conduzir determinadas situações. Esses, então, escapavam do critério hipótese para um olhar individual.

Mas, essa organização toda passava por constantes ajustes. Via as professoras nas portas das minhas salas divididas entre elas levando atividades para mostrar umas às outras e rediscutir o grupo que a criança estaria no próximo dia de linguagem. Ah, sim. Esse movimento era diferente nos dias de matemática e, novamente, diferente, nos dias de projeto. Para matemática, as professoras criaram uma atividade que se assemelhava a prova que nós conhecemos, mas era feita individualmente com cada estudante. E com o que as professoras viam nessas atividades, elas organizavam outros modos de agrupar as crianças. Já no dia do projeto, havia um movimento de escolha por parte das crianças, que votavam quais seriam os projetos desenvolvidos pelas professoras. E depois, as crianças escolhiam em qual grupo dos projetos mais votados elas participariam. Sempre sobrava algum insatisfeito.

Eu ficava admirada de como as crianças conseguiam entender rápido essas outras lógicas de se organizar, que mudavam tão constantemente.

DE FELIZ A INFELIZ

Do “Mais feliz 2015” ao infeliz 2020, com a tristeza da pandemia e o isolamento promovido pelas propostas de biossegurança, as coisas só foram ficando mais difíceis a cada ano. O “Mais Feliz 2016” foi um ano muito difícil politicamente, por exemplo. As professoras trabalhavam incessantemente, inventando maneiras para as crianças aprenderem a ler, escrever e gostar mais da escola. No entanto, eu só ouvia tristezas por parte delas sobre a condução municipal no que diz respeito a sua situação trabalhista. As professoras chegaram a ficar mais de um mês sem receber salários e algumas adoeceram, por enfrentarem situações pessoais muito difíceis, em função dessa questão financeira.

Eu acompanhava as conversas e ouvia que as “ESCOLAS” sempre haviam participado de movimentos de lutas sindicais. E em 2015, além do projeto pedagógico interno, a luta ganhou força em novos contornos. As professoras iniciaram o ano denunciando, em audiência com o Ministério Público, o péssimo estado de conservação em que eu me encontrava. A professora Luísa fez uma fala na tal audiência sobre o grave

problema das goteiras que eu vivo há anos, sem que nenhum governo tomasse para si a responsabilidade. As goteiras, então, haviam se transformado em verdadeiras cachoeiras nas salas de aula, que escorriam pelas paredes e desciam pelas luminárias. Acrescento a minha preocupação com a questão elétrica, pois água e energia juntas oferecem perigo iminente e eu morria de medo de gerar choque em alguma pessoa.

Ainda tem o problema do calor que, em dias quentes, chega facilmente aos 40 graus, fazendo com que várias pessoas sintam-se mal. Minha estrutura de pré-moldados de argamassa armada, com teto baixo, sem telhado e sem climatização. Meu projeto original foi alterado. Cimentaram algumas entradas de ar e, em 2015, muitas das minhas portas pivotantes sequer abriam mais, devido a avarias. Em 2016, as professoras entraram em greve e a ESCOLA paralisou 100%. Tornei-me uma das prioridades dessa data base pela força dos registros de solicitações, da minha situação emergencial e do movimento feito em 2015, muito além da denúncia ao Ministério Público, sem retorno das autoridades. Até mobilizar famílias, em 2016, as professoras conseguiram. Foram muitas lutas das quais ouvia as conversas e, finalmente, meu telhado saiu de projetos falsos e se tornou realidade.

Mas, a questão salarial se estendeu pelo não tão “Mais Feliz 2016” e “Mais feliz 2017” e com a questão salarial atingida por diversas ações governamentais, como desconto em períodos de greves, vi, tristemente, o grupo se desmobilizar nesse sentido. No entanto, as lutas pelas aprendizagens das crianças continuaram pelos “Mais Feliz 2018” e Mais Feliz 2019”, em criações cada vez mais engajadas com questões sociais: a questão ambiental, a educação antirracista, a educação alimentar. De mais infeliz mesmo, foi a pandemia que atingiu o mundo e me atingiu também, sem que sequer eu conseguisse entender, a princípio.

NA ESCOLA É MELHOR DO QUE NA RUA

Foram se sucedendo reuniões no decorrer de toda a semana. Começaram dia 09 e a cada dia várias reuniões eram realizadas. Os responsáveis das crianças dirigiam-se ao pátio próximo às salas e as poucas crianças que os acompanhavam iam para o refeitório com a professora. No refeitório, aquelas conversas tentando ser explicações de como as crianças deveriam se comportar, sentadas distantes umas das outras, onde não sentar, como proceder nessa outra maneira de estar comigo. As crianças estranhamente quietas. Foi assim que, aos poucos, a vida escolar voltou. Era início de 2021. Eu havia ficado desde março de 2020 naquela solidão, quebrada por pouquíssimos passos que transitavam por aqui

Nane, que agora é professora do 5º ano, sussurrou para Alice: “Eu achei estranho. Eu fiquei conversando com as crianças. Elas estavam assim muito apáticas, muito quietas, sabe? Pareciam umas estátuas na cadeira. Ai, eu perguntei, né? Se alguém tinha tido COVID.... Se conheciam alguém que tinha tido COVID... Algum parente... Engraçado que eles se colocaram como se ninguém, todos eles com exceção do Marco Antônio, que a gente sabe que a mãe dele teve, todos os outros falaram que não tiveram, que ninguém na família teve e que não conhecem ninguém que teve. Parece um negócio meio proibido, sabe? Uma coisa muito estranha.”

Alice havia concluído as reuniões dos terceiros anos naquele dia 12, enquanto outra professora havia acompanhado as crianças no refeitório, pois foi servido um almoço. Alice precisou relatar para as outras professoras o episódio e as palavras da mãe da Margarete. Ao acabar de explanar como seria o protocolo de retorno às aulas presenciais, ela abriu para comentários e perguntas. Três mães de estudantes relataram a experiência com as explicadoras. Essa coisa de explicadora foi algo que eu sempre ouvi nessa escola. Algumas famílias que não tem como ajudar suas crianças por diversos motivos, pagam pessoas para ajudar as crianças no contraturno. Algumas dessas explicadoras ficam por algumas horas diariamente com as crianças e fazem algo que eu poderia chamar de reforço escolar, em uma maneira mais antiga de compreender o que é escola.

Por causa dessas aulas, uma mãe disse que seu filho está acostumado ao uso da máscara. Alice elogiou essa explicadora cuidadosa com o uso da máscara pelas crianças, mas disse que viu fotografias de festa de encerramento com explicadoras na comunidade, com mesas de comes e bebes e crianças sem máscaras nas fotos, o que a deixou muito preocupada. Completou que a escola, como espaço público, precisa seguir os protocolos. E, muitas vezes, em outros espaços não há essa orientação e essa exigência.

Na continuidade da conversa, Alice destacou a preocupação com quem tem idosos em casa e o perigo da criança levar o vírus para essa pessoa em situação de fragilidade. Foi quando a mãe da Margarete se manifestou. Começou perguntando se pessoa especial seria do grupo de risco. Alice disse que sim. Ela continuou então a dizer que a escola está fazendo muita falta. Explicou que ela mora com um irmão especial. Disse, também, que ela não sabe as letras e não sabe explicar as tarefas para a filha. Além disso, não há como ficar com a menina dentro de casa, então, na escola é melhor do que na rua. Na rua, não tem esses protocolos todos. Na escola, ela tem mais proteção. E ela precisa aprender. A mãe disse ainda que não tem como pagar explicadora e, por isso, a filha precisa da escola, lugar para ela aprender.

Aquela mulher negra, analfabeta e pobre apresentou em poucas palavras a necessidade e a esperança na escola de muitas mulheres mães brasileiras. Confesso que me emocionou.

AULAS PRESENCIAIS

A professora Luísa pegou atestado de síndrome de pânico por 30 dias. Eu ouvia as falas dela lidas pela Liza na escola e percebia que as dores do mundo estavam doendo demais. E ela "atrapalhava" bastante os planos de retorno. E a Julia também. Já falei dela? Oh, baixinha arretada! Está aqui desde 2012, como orientadora educacional. Pessoa firme, politicamente posicionada, atualizada e determinada, nesse momento contra o retorno.

Aqui, percebo o grupo bem dividido sobre a questão do retorno das aulas para o presencial. A professora de informática, nova na escola – chegou ano passado mas pouco atuou presencialmente e me foi roubada pelas aulas em ambiente remoto – também não concorda com o retorno das aulas. Três contra. Três com medo. E uma outra eu não consigo saber o que pensa. Só uma entre todas as professoras me parece tranquila com a situação. E, além dessa, a orientadora pedagógica Alice, defendendo a volta.

UMA VEZ ESCOLA, SEMPRE ESCOLA

Não sei quando ouvi isso a primeira vez, mas foi ganhando força essa ideia de quem passa por aqui e se torna ESCOLA, fica ESCOLA para sempre. Uma dessas é Clara, a pesquisadora que chegou aqui em 2018. Ela chegou de mansinho, cuidadosa e um tanto perdida a princípio. Não conseguia identificar exatamente o que ela queria aqui. Acho que nem mesmo ela sabia. Com o passar do tempo, ela foi se embrenhando pelas salas, pelas reuniões, pelas conversas e dando muito pitacos, mas de uma maneira tão respeitosa que o grupo não só aceitava como gostava. Parece que a pesquisa mesmo foi em 2019. E 2020 é um ano que não sei explicar bem como se deu, pois ela também me foi roubada pelas aulas em ambiente remoto. Não eram bem aulas. Eram mensagens em grupos de whatsapp e entrega de apostilas, mas ela participava de algum modo.

Não posso deixar de contar a ação linda que ela desenvolveu com uma criança. Vou precisar contar essa história de um começo que escolhi como emocionante. Fiquei sabendo

que essa criança estava há dois anos sem estudar quando chegou aqui na comunidade e, como não havia vaga para o terceiro ano, ela ficou mais um ano sem escola. No ano passado, ela era a pessoa mais feliz no meu pátio. O sorriso dela era uma declaração de satisfação por estar na escola a cada dia. Ela já com 11 anos, não leitora, passou um ano me espiando por cima do muro e, finalmente, abriu a vaga para o terceiro ano. Também essa alegria foi roubada pela pandemia.

Em uma reunião online, soube que a professora relatava a preocupação com a impossibilidade dela acompanhar as propostas colocadas no grupo de whatsapp e de mais estudantes não leitores. Não posso mais dizer se foi Alice ou se foi Clara que abraçaram a ideia de que a criança precisava ter um atendimento exclusivo. Foi uma discussão danada na reunião. Uma das professoras defendia que só deveriam fazer ações que pudessem ser feitas para todos. Não seria certo dar um atendimento a essa criança, se havia estudantes em igual situação de dificuldade na aquisição do sistema de escrita. Mas, no debate Clara se ofereceu para atendê-la em encontros de vídeo-chamada pelo WhatsApp com um trabalho voltado para a alfabetização. O grupo acabou se rendendo à ideia de que Patricky era um caso à parte devido a sua história de exclusão. A experiência da Clara com Patricky é inenarrável. Queria ter visto de perto. Mas, de longe, me emocionava ouvindo os relatos..

Depois disso, em algum momento, Clarissa saiu dos grupos de WhatsApp para defender a tese dela. No entanto, ela permaneceu no grupo de WhatsApp “Amizade ESCOLA”. Ouço comentários de algumas contribuições dela por lá. Como é característica dela o cuidado, para não interferir diretamente e não se sentir inoportuna, creio eu, ela usa uma estratégia muito interessante. Ela manda mensagens para a orientadora Alice, que aproveita muitas dicas e conversa com ela sobre suas preocupações. As duas fazem uma dupla interessante e ambas têm esse modo acadêmico de olhar para o mundo, compartilhando autores, referências bibliográficas, eventos e outros movimentos para além do cotidiano escolar, mas que falam e escrevem sobre o mesmo.

NÃO QUERO MAIS SER “ESCOLA”

– Como assim? As professoras vão trabalhar na bandeira vermelha? Fecha a escola, Liza!

Vi no semblante da Liza a angústia. Ela tentava se explicar para Julia, aquela orientadora que o que tinha de pequena no tamanho, tinha de grande na maneira de lutar pela educação.

– Não é tão simples assim. Se as pessoas querem trabalhar e precisam trabalhar, eu preciso abrir a escola.

– Não quero mais ser uma “ESCOLA”!

Quando as professoras chegaram na segunda-feira, Julia não estava no grupo e pairava uma tristeza no ar. Será que ela vai me deixar?

Essa foi a dúvida que me veio depois de ouvir a conversa do dia 13 de março. Foi um sábado péssimo para todas, pelo que elas conversavam. Soube que a secretária de educação determinou que fôssemos mais uma vez fechadas de acordo com o protocolo, pois o município entrou em bandeira vermelha devido a alta taxa de ocupação dos leitos por COVID-19. O que ninguém esperava foi que o prefeito deu uma contra ordem e determinou que as aulas continuem presenciais e exonerou a Secretária de Educação. O sindicato de professores já está em greve pela vida e Julia convocou as professoras a abraçarem a greve, mas o grupo não abraçou a proposta.

Ouvi toda aquela conversa das professoras com preocupação. Se o protocolo é rasgado publicamente pelo prefeito com essa atitude, o que poderá proteger as pessoas de possíveis outras ações tão negligentes quanto? E as professoras ali, transtornadas, cabisbaixas, defendendo que não tem condições de suportar os descontos de uma greve.

Alice ainda tentou dizer que é favorável que eu seja mantida aberta. As crianças precisam de mim, como espaço de segurança.

– Seremos vacinadas e poderemos atender as crianças.

Liza, desesperou:

– Não, Alice! Até sermos vacinadas, vamos ter que atender até em bandeira roxa, que representa perigo muito alto de contaminação. Daqui a pouco, vamos trabalhar em bandeira preta!.

Uma semana se passou dessa conversa, o cenário se agravou no município e atingiu a bandeira roxa. O prefeito manteve as aulas presenciais.

(A)FINAL

Já vi e ouvi muita coisa: sorrisos, gritos, sonhos, choros, terra, pedras e chuvas. Vi enchentes em 2020 na comunidade; vi a pandemia nesse mesmo ano começar e não terminar; vi e deixei de ver gentes. Sou assim, feita de coisas que acontecem. Gosto das fofocas. Gosto de saber quem engravidou, quem nasceu e até quem morreu. Gosto de saber quem casou e

quem se separou. Gosto dos barracos, quando gente briga. E gosto de ver quando gente se apaixona. Observo a embriaguez e as traições, os amores e as paixões.

Sou feita de portas que abrem para o exterior, que é tão imprevisível e provisório. Minhas portas são pivotantes. Não há nada atrás das portas. Embarço-me com o que acontece dentro e fora de mim. Para sair do lugar, acompanho aqueles que aqui vêm e vão. Sou o que essas pessoas produzem em mim. Nem sei como estou sobrevivendo com tantas políticas de sucateamento da educação pública. Vou me reinventando.

Prefiro ser alegre que ser triste, mas nem sempre consigo. Ando chorando demais. Minha vida não tem início e nem fim. Sou feita de múltiplas e contraditórias histórias. A mais triste dessas histórias é saber que hoje, dia 31 de março de 2021 foram contabilizadas 3950 mortes por COVID em 24 horas no Brasil.

LINGUAGENS PLURAIS: SONS, SABERES E SABORES EM UMA EDUCAÇÃO TERRITORIALIZANTE

Maria Luiza Sússekind¹

Silvia Tkotz²

O artigo apresenta práticas educativas tecidas por meio da articulação entre linguagens plurais, desenvolvidas em uma escola municipal de educação infantil e ensino fundamental na Baixada Fluminense/RJ, tendo entre os objetivos contribuir para os processos de aprendizagens e mitigar os impactos devastadores da pandemia na educação, reduzindo as disparidades e diferenças educacionais visibilizadas e agravadas pelo fechamento das escolas. Ao narrar algumas das experiências coletivas de invenção da reconfiguração das práticas escolares, desenvolvidas desde 2015, apresenta-as como criação curricular inédita e única, a partir de Sússekind (2017). A vulnerabilidade global que a pandemia expõe é trazida a partir de Butler (2020). Traz o que é pensado/praticado (OLIVEIRA, 2012) na escola até o ano de 2023 e relata como foi a tessitura e o desenvolvimento do Projeto “Linguagens plurais: sons, saberes e sabores em uma escola pública na Baixada Fluminense/RJ.” que foi contemplado pelo Edital FAPERJ nº45/2021 de “Apoio à melhoria das escolas da rede pública sediadas no Estado do Rio de Janeiro - 2021”, o que trouxe recursos para viabilizar as ações narradas. A universidade na escola, através da presença dos pesquisadores, contribuiu nas conversas constantes, elo entre os participantes e possibilitou que “linguagens plurais” fossem para além de regras, determinações legais, diretrizes e orientações do poder instituído que delimitam e direcionam o trabalho a ser realizado para o campo em que as diferenças se tornam desigualdades. O presente artigo apresenta uma projeção das possibilidades que se abrem para a escola pesquisada ao ser contemplada com recursos que possibilitarão a realização das ações inventadas no texto, que no início do ano de 2022, são apenas intencionalidades e objetivos previstos na proposta submetida a um edital.

Palavras-chave: educação na pandemia, currículo, práticas escolares

Agência Financiadora: FAPERJ/CNPq/CAPES

A proposta “Linguagens plurais: sons, saberes e sabores em uma escola pública na Baixada Fluminense/RJ.” foi desenvolvida em uma escola municipal de educação infantil e ensino fundamental, tendo entre os objetivos contribuir para os processos de aprendizagens e mitigar os impactos devastadores da pandemia na educação, reduzindo as disparidades e

¹ Pós-Doutorado em Currículo pela Universidade British Columbia/Canadá. Professora e Coordenadora do PPGEdu/UNIRIO Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro. Vice-presidente Sudeste da Associação Nacional de Pesquisa em Educação-ANPEd. Cientista do Nosso Estado FAPERJ. Pesquisador Produtividade 2 CNPq.

² Doutoranda no PPGEdu/ UNIRIO/Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, Orientadora Pedagógica e Educacional na rede pública de Educação de Duque de Caxias/R.J., Professora na Universidade Estácio de Sá.

diferenças educacionais visibilizadas e agravadas pelo fechamento das escolas. Para tal, as professoras buscaram aprimorar as práticas educativas tecidas por meio da articulação entre linguagens plurais que, dentre sons, saberes e sabores, pudessem criar currículo cotidianamente. Com Süsssekind, defenderam que “toda aula é uma criação curricular inédita e única” (2017, p. 138).

Em experiência coletiva de invenção da reconfiguração das práticas escolares, as professoras já haviam começado por agrupar estudantes do ciclo de alfabetização por hipótese de escrita, desde 2015. Outros agrupamentos passaram a ser organizados para a matemática, história, geografia e ciências. As mudanças eram dinâmicas, pois estudantes eram agrupadas/es/os e reagrupadas/es/os de acordo com aprendizagens e interesses. Desta



forma, o fazer pedagógico possibilitava perceber os tempos de aprendizagens, respeitar estudantes em suas potencialidades e fragilidades individuais e coletivas. Incluíram dispositivos como assembleias de estudantes, resolução de conflitos, retirada do sinal e das filas, “Pátio Integrado com as salas de aula”, dentre outras ações que, ano a ano, eram incluídos no projeto político pedagógico dessa escola como criações curriculares.

A pandemia, no entanto, interrompeu bruscamente o projeto de reconfiguração de práticas, que se fazia multirreferencial. Considerando essas ações pedagógicas como experiências instituintes e objetivando retomar as experiências diferenciadas com as aprendizagens anteriores à pandemia, depois de ter voltado às atividades presenciais em 2021, a escola elaborou a sua proposta para 2022 a partir de uma composição de várias linguagens – linguagem verbal e não verbal, linguagem ambiental e linguagem matemática – em uma proposta de democratização do conhecimento.

Vivemos nesta época, mais do que em qualquer outra, submetidos à crise de um modelo de produção de conhecimentos e de um paradigma de pensamento válido que se apoiam nas ideias de que o modelo e o paradigma são os *únicos melhores* promotores de conceitos e entendimentos sobre o mundo, as coisas e a humanidade, eivados de objetividade, neutralidade e detentores da *verdade universal*. Deste modo, todo e qualquer conhecimento existente fora dos cânones da ciência moderna ocupa um lugar menor, sendo considerado

hierarquicamente inferior, menos correto e submetido à parcialidade, à subjetividade e ao obscurantismo (SUSSEKIND, 2007). É bom lembrar que esse “modelo global de racionalidade científica que se distingue tanto do senso comum quanto das humanidades” (OLIVEIRA, 2006, p. 18), universalista e hegemônico, conforma um tipo de pensamento sobre as coisas do mundo que, ao se proclamar neutro e objetivo, prescinde da ética, da emoção, do reconhecimento da diferença e da incerteza. Sendo assim, não vem se apresentando como caminho possível para a superação das desigualdades e das injustiças sociais (SUSSEKIND; SANTOS, 2016, 282-283).

Acreditando que “o processo em si é o caminho, é o objetivo” (LERNER, 2019, p. 50), a escola inventou horta e sala de leitura comunitárias, alimentação saudável, aula de inglês e de música, resolução de problemas, jogos, parquinho, cozinha experimental, biodigestor na redução de resíduos, programação computacional e aquaponia como dispositivos pedagógicos. Engajada na luta pela educação pública, uniu-se à UNIRIO/ Universidade Federal do Rio de Janeiro, que se engajou na construção coletiva dos projetos que foram inventados para 2022 e 2023, através de nossa atuação nos dois espaços.

Foram dois anos de intensas trocas e mútuas aprendizagens. A escola foi intensificando os movimentos de luta por uma educação em que as diferenças não fossem sinônimo de desigualdade, mas um convite para relações baseadas na criticidade, na justiça e na liberdade. Na tensão entre o que é prescrito e o que é pensado/praticado – considerando o que é desenvolvido no cotidiano da escola “sempre provisório e, por isso, recriado cotidianamente, de diálogos e enredamentos entre conhecimentos formais [...] e outros conhecimentos aprendidos pelos praticantes/pensantes por meio de outros processos” (OLIVEIRA, 2012, p. 8) – as professoras incluíram modos de fazer educação ambiental em ações educativas, na construção de saberes, identidades e pertencimentos na porosidade com os cotidianos.

Por um lado, a pandemia expõe uma vulnerabilidade global. Todos são vulneráveis ao vírus porque, sem imunidade, todos são vulneráveis à infecção viral proveniente de superfícies ou de outros seres humanos. Vulnerabilidade não é apenas a condição de ser potencialmente prejudicado por outro. Nomeia o caráter poroso e interdependente de nossas vidas corporais e sociais. Somos entregues desde o início a um mundo de outros que nunca escolhemos para nos tornarmos seres mais ou menos singulares. Essa dependência não termina precisamente na idade adulta. Para sobreviver, absorvemos algo. Somos afetados pelo meio ambiente, pelos mundos sociais e pelo contato íntimo. Essa

A pandemia, que se difundiu no Brasil e no mundo a partir de 2020, expôs os mais vulneráveis ao vírus e intensificou outras formas de violência, como a fome, a violência doméstica e o desemprego. Ouvimos relatos sobre essas situações ao retornar presencialmente à escola em 2021. Com BUTLER (2018), compreendemos essa escola como um operador biopolítico, visto que a virtualidade dos corpos precários em conjunto estabelece o que chama de exercício performativo, um outro modo de esses espaços serem, também, contra espaços em potencial. No entanto, cuidamos para operar na desconstrução e não na contra narrativa. Vimos tentando aprender a “suspender o juízo” para apreender o outro (BUTLER, 2015, p. 63), de modo a incorporar a dimensão do sensível em um cenário de trauma, que se descortinou com a pandemia.

Inserida em uma comunidade com poucas oportunidades sociais em um bairro às margens de uma rodovia, essa escola é pequena e tem estrutura precária. No seu entorno não há posto médico, nem farmácia e a comunidade não conta com transporte público. Localiza-se na periferia de uma região que abarca grandes populações com enormes contradições entre crescimento econômico e desenvolvimento social. Dentro desse quadro, é importante ressaltar o fato de que a população negra (pretos e pardos) do município onde se localiza a escola apresenta o Índice de Desenvolvimento Humano Municipal (IDHM) em média 0,052 menor, se comparado à população branca, desigualdade que se acentua quanto mais nos afastamos do centro e chegamos aos bairros. Partindo dessa consideração, cientes estamos também de que as populações negras são as mais vulneráveis à devastação pandêmica. A escola torna-se, assim, território de cidadania na comunidade, onde – para além das aulas – se dão os encontros, festividades e, para alguns, as refeições do dia.

Com a premissa de que retomar as ações educativas que a escola vinha desenvolvendo nos anos anteriores à pandemia pudesse contribuir para outro tempo presente das crianças com a escola, naquele retorno presencial em 2021, em parceria com pessoas da comunidade escolar e das universidades, iniciou-se um processo de definição de caminhos e descobertas marcado pela interlocução com pesquisadores de diversas áreas, que se mobilizaram em defesa da educação pública e culminou na elaboração do projeto “Linguagens plurais: sons, saberes e sabores em uma escola pública na Baixada Fluminense/RJ.”, contemplado pelo Edital FAPERJ nº45/2021 de “Apoio à melhoria das escolas da rede pública sediadas no Estado do Rio de Janeiro - 2021”, iniciado em 2022 e que seguiu até 2023.

O movimento das professoras da escola, além de reuniões entre si, depois de retornar ao ensino presencial e já estabelecida uma outra rotina, foi reunir as crianças em assembleia e consultar as famílias em torno da pergunta “o que nossa escola mais precisa?”, já planejando o ano de 2022. As assembleias de estudantes são iniciativas mais recentes na escola e advém do desejo das professoras de uma participação maior das crianças. São momentos de aprendizagens importantes: falar, ouvir e decidir.

Cada uma das linguagens, nomeadas para efeito de apresentação textual, reúne componentes curriculares trazidos dessas conversas com as crianças nas assembleias e com seus responsáveis – esses através do grupo de WhatsApp da escola, uma maneira encontrada de ouvir as famílias, que tão pouco frequentam as reuniões de responsáveis, mas que passaram a usar os grupos das turmas pelo WhatsApp como uma maneira de comunicação – e foram se articulando nas experiências de criação cotidiana (OLIVEIRA, 2012).

Compondo a linguagem verbal e não verbal, foram incluídas ações voltadas para as aprendizagens de Língua Portuguesa, Língua Inglesa, Música e Corpo em Movimento. Uma “sala de leitura comunitária” foi criada a partir da proposta de uma mãe de estudante pelo grupo de WhatsApp da escola. A preocupação dos responsáveis com a aprendizagem da leitura e da escrita foi muito apontada pelas famílias quando pesquisamos propostas para serem incluídas no “Linguagens Plurais”, o que aponta para parte do que as pessoas esperam da escola.

Propor um currículo que não é currículo, mas sim papel, lista, prescrição de significados, é propor aos professores que negociem com seus estudantes a criação de conhecimentos a partir de uma codificação arbitrária de significados, cobrados em testagens externas padronizadas. A escrita nunca escrita que deve ser decifrada no currículo como base (BNCC) é um currículo de previsibilidade, prescrição e controle de significados (SÜSSEKIND, 2019, p.98).

O que percebemos a partir das sugestões das famílias é que há uma expectativa de algumas aprendizagens que remetem às suas experiências de escolarização ligadas a valorização da letra cursiva, das cópias e dos algoritmos utilizados para as quatro operações elementares, bem como de atitudes dos professores no que diz respeito à utilização de castigos. Observamos que também algumas professoras trazem essa concepção quando discutimos sobre as atividades e oficinas a serem desenvolvidas, mas se contêm em face a um projeto político pedagógico bastante enfático em outros modos de fazer escola.

E, com Alves (2008), dentre outras leituras, vi a escola na busca por

uma outra escrita para além da já aprendida. Há assim, uma outra escritura a aprender: aquela que talvez se expresse como múltiplas linguagens (de sons, de imagens, de toques, de cheiros etc) e que, talvez, não possa ser chamada mais de “escrita”; que não obedeça à linearidade de exposição, mas que teca, ao ser feita, uma rede de múltiplos, diferentes e diversos fios; que pergunte muito além de dar respostas; que duvide do próprio ato de afirmar, que diga e desdiga... (p. 30-31).

A linguagem matemática apareceu, assim, no pedido das professoras por mais formação e atenção, pois os caminhos dessas aprendizagens em uma perspectiva em que o estudante constrói o conhecimento ainda gerava muita insegurança. Nessa linguagem foi incluído o pedido de um estudante por jogos de tabuleiro e a dimensão da aprendizagem matemática através dos jogos, brincadeiras e desafios foi sendo incorporada às práticas, aos poucos. Para a composição dessa linguagem, as professoras acrescentaram a resolução de problemas e o pensamento computacional que transitaram com as outras linguagens, sendo que o apoio das aulas de informática foi decisivo.

Para a linguagem ambiental, o projeto iniciado em 2019 da aquaponia (TKOTZ, 2019), que havia ficado adormecido, foi reativado. (Como não fazer um parêntese e registrar aqui a proposta de um estudante em uma das assembleias para alguma proposta que havia sido feita e que, na ocasião, não podia ser desenvolvida. Ele então sugeriu que a escola tivesse um livro para as ideias adormecidas. Até hoje a escola não tem o livro, mas usa essa expressão das ideias adormecidas com muita frequência). Em 2019, havia sido iniciada a ação pedagógica com a aquaponia, a partir de uma verba conquistada em um outro edital, mas o projeto não teve continuidade pela conjuntura pandêmica. A aquaponia é um sistema de bombeamento automatizado, controlado por um sistema de prototipagem eletrônica e alguns sensores de temperatura, umidade e propriedades da água são responsáveis pelo monitoramento e atuação das bombas, seguindo lógicas simples de programação, das quais queríamos que estudantes se aproximassem. Toda a estrutura da aquaponia estava pronta e a pandemia interrompeu exatamente quando a escola havia terminado de conseguir completar a etapa estrutural para dar andamento ao plantio e à criação de peixes.

Aos modos de fazer educação ambiental – já preconizados no Brasil pela Constituição Federal, em seu artigo 225, ao ditar que o poder público tem a obrigação de promover a Educação Ambiental, ainda mais detalhada em normas e critérios estabelecidos na Lei 9795/1999, em que “a educação ambiental é um componente essencial e permanente da educação nacional, devendo estar presente, de forma articulada, em todos os níveis e modalidades do processo educativo, em caráter formal e não formal” (BRASIL, 1999) – já

havia sido incorporados os protocolos sanitários dessa escola que se entende como território de cidadania em defesa da vida e da democracia.

Cabe dizer que nessa escola não foi a lei que implantou ações educativas, mas foram as atitudes e a paixão de uma das professoras pela temática, já muito antes da pandemia, que se disseminou, encontrando ecos. Suas propostas, além de conversas sobre problemas de uso dos recursos naturais e equilíbrio dos ecossistemas, tratavam de como descuidamos de nós mesmos e daqueles que amamos, nos hábitos diários. Muitas conversas com a educação ambiental provocadas por essa professora perpassam pela educação alimentar e os cuidados com o corpo, um ambiente particular e privado deveras negligenciado por muitas pessoas. No entanto, essa negligência consigo mesmo afeta a relação com os outros e com o meio ambiente.

Cuidados como “beber água” e atenção à “cor do xixi”, a redução do consumo de óleo na alimentação e o adequado descarte dele, bem como a substituição de alimentos que consumimos que vêm embalados por produtos mais naturais, produzidos localmente, são alguns dos exemplos do que vêm sendo conversado na escola, provocações iniciadas pela professora citada. Ela conseguiu me explicar com suas poucas palavras o que vi acontecer: “O meu encantamento é que encanta”. E assim, a partir do encantamento dela, ações de educação ambiental foram sendo incluídas no projeto político pedagógico da escola, nas práticas pedagógicas e nas vidas de muitas pessoas que nessa escola transitam e que se encantaram também.

Contemplada com recursos financeiros públicos, conseguiu desenvolver essas “Linguagens Plurais” com mais efetividade, pela viabilização de algumas ideias que demandavam investimento. Para a aquaponia, bastou a revisão da aterragem elétrica e reiniciaram o plantio. Os peixes vieram como doação de um amigo do engenheiro que elaborou a proposta da aquaponia. Esse engenheiro trabalha em outra universidade e trouxe inclusive estudantes para, com bolsas de iniciação científica, acompanharem todo o processo de revitalização da aquaponia. Foram iniciados, ainda, com essa linguagem ambiental, os projetos horta comunitária, cozinha experimental, cuidados com ambientação do pátio da escola – o paisagismo – e redução de resíduos com a compra de um biodigestor. Quatro quilos de resíduo orgânico passaram a gerar 2 a 3 horas diárias de biogás para a cozinha experimental e 4 litros de biofertilizante natural para a horta.

As aprendizagens da leitura, da escrita e da matemática mantiveram-se na essência das ações educativas desenvolvidas pela escola. Considerando que a ludicidade já tinha espaço de reconhecimento de sua importância nas práticas educativas, a compra de jogos de

tabuleiro, bem como a pintura de trilhas no chão da escola, veio promover ainda mais esse outro modo de conhecer. O interesse de estudantes pela aprendizagem de uma língua estrangeira, manifestado em assembleia, foi atendido com o curso de inglês organizado pelas bolsistas de iniciação científica de uma universidade próxima e permitiu que as crianças conhecessem outras culturas a partir da curiosidade despertada pela aprendizagem de um segundo idioma e pela possibilidade de conversar com pessoas de outros lugares no mundo. Foram as bolsistas que implementaram, ainda, a sala de leitura comunitária, contribuindo para a democratização do acesso ao livro e a formação de leitores na comunidade. Abramovich (2001) enfatizou nos estudos formativos com a escola a importância das histórias.

Ah, como é importante para a formação de qualquer criança ouvir muitas, muitas histórias... Escutá-las é o início da aprendizagem para ser um leitor, e ser leitor é ter um caminho absolutamente infinito de descoberta e compreensão de mundo [...] é ouvindo histórias que se pode sentir (também) emoções importantes, como a tristeza, a raiva, a irritação, o bem-estar, o medo, a alegria, o pavor, a insegurança, a tranquilidade, e tantas outras mais, e viver profundamente tudo o que as narrativas provocam em quem as ouve – com toda a amplitude, significância e verdade que cada uma delas fez (ou não) brotar... Pois é ouvir, sentir e enxergar com os olhos do imaginário! (p. 16, 17).

O imaginário nessa sala de leitura comunitária foi acrescido da atuação de algumas mães que, mobilizadas pela abertura do espaço, passaram a contar histórias na escola. Outra atividade que trouxe algumas famílias para dentro da escola foi a implantação da horta comunitária e ainda a compra do biodigestor, que ainda contribuiu muito com a construção de conhecimento matemático, para além da educação ambiental. A horta, como um ecossistema dinâmico, onde plantas, animais e microrganismos convivem, aproximou as crianças dessa complexa cadeia de interações e da aquaponia, o que possibilitou ampliar a compreensão das relações ambientais.

A aquaponia está crescendo em várias partes do mundo. Na Alemanha, uma fazenda urbana com uma estufa de 1,8 mil metros quadrados irá produzir anualmente cerca de 35 toneladas de verduras e legumes e 25 toneladas de peixe. Em maio de 2015, os moradores de Berlim poderão comprar os primeiros legumes produzidos no que poderá ser a maior fazenda aquapônica urbana da Europa. Na região de Auvergne, na França, o projeto Osmose pretende produzir cinco mil alfaces e até 200 filés de trutas por semana. Nos Estados Unidos, grandes centros urbanos já produzem peixes e hortaliças em terraços no topo de prédios, economizando em transporte, além de todas as vantagens descritas acima (EMPRAPA, 2015).

As colheitas na horta e na aquaponia promoveram conversas sobre uma alimentação mais saudável que contribui para a saúde e a proposta da cozinha experimental enquanto ação pedagógica possibilitou o manuseio e o preparo do alimento com as crianças. Foram experiências alimentares que promoveram conversas sobre aparência, cheiro, gosto e como são os diferentes alimentos, atividade pedagógica já iniciada no projeto anterior em 2019, chamado “Experimentar faz bem”.

As ferramentas digitais foram caminhos para a programação computacional que se apresenta como uma linguagem do século XXI e, com interfaces gratuitas e simples, foi possível iniciar a escrita da programação computacional com as crianças, a partir da compra de novos computadores para o laboratório de informática da escola que estavam completamente obsoletos. Outras possibilidades de conversas com a programação computacional aconteceram a partir da música, linguagem que criou possibilidades de experiências com sons, não necessariamente musicais, utilizando elementos do meio ambiente, ruídos e silêncios.

O trabalho começou com o mapeamento do gosto musical de estudantes, com a ideia de elaborar repertórios que conciliassem novos conhecimentos e a esses repertórios prévios, contribuindo para que as crianças usufruíssem da música como linguagem de inserção no mundo. Avançou para brincadeiras com histórias e sons, criação de instrumentos musicais, dança e batuque, “momentos em que a história, a música, a lenda, as parlendas, o conto, os fatos do cotidiano [puderam] ser ditos e reditos” (TRINDADE, 2005, p.33).

Cotidiano este entendido como vibrante, como lugar de desafios, inquietações, movimento, encontros e desencontros, alegrias, emoções, prazeres, desprazeres, produção de saberes, de conhecimentos e de múltiplos fazeres. Espaço de pessoas buscentes, pesquisadoras da sua própria prática (TRINDADE, 2005, p.30)

Com um professor de educação musical apoiando, as inventividades cotidianas no projeto “Linguagens” provocaram a reflexão sobre os processos de formação de estudantes tanto em relação a educação musical como também as demandas trazidas por eles para a escola com a finalidade de negociar sentidos com os currículos pensados/praticados (OLIVEIRA, 2012). Cabe completar que as intervenções nascidas dessa relação com as universidades implementaram ações que não seriam possíveis sem os conhecimentos diversos desses profissionais que eram instigados pela curiosidade das crianças, como foi com a bolsista do curso de física, que chegou na escola pelo Projeto Mais Alfabetização – criado

pela Portaria nº 142/2018, é uma estratégia do Ministério da Educação para fortalecer e apoiar as unidades escolares no processo de alfabetização de estudantes regularmente matriculadas/es/os no 1º ano e no 2º ano do ensino fundamental – e se engajou nas ações educativas que miscigenaram música, lógicas de programação e "sudoku" (um jogo baseado na colocação lógica de números) em atividades com a professora da sala de informática.

Outra atividade que marcou esses dois anos de projeto foi a pintura do painel com o nome da escola, com a participação das crianças. “Para as culturas dos povos africanos, o nome é uma questão de vida ou de morte” (FERNANDES; CAPUTO, 2021, p. 15). “A nomeação tem profundo significado no sistema de crenças da Antiga Mesopotâmia. O nome revela a essência de quem o carrega; ele também tem poder mágico” (LERNER, 2019, p.260). Considerando que a identidade da escola compõe a história de vida e o lugar no mundo das crianças, bem como acreditando no poder mágico que reside em identificar e compreender o direito a ter um nome e um sobrenome, importante à vida social, a criação do painel com o nome da escola compôs o projeto “Linguagens Plurais”.

E no cuidado com o ambiente inteiro, da construção da horta à criação de espaços de convivência e brincadeira, fez parte pensar no paisagismo dos espaços escolares como um dispositivo pedagógico de sensibilização ecológica para Educação Ambiental, que cria uma relação de afeto entre a criança e a natureza e possibilita refletir sobre suas necessidades de corpo e movimento. As crianças participaram dessa ação tendo a oportunidade de acompanhar um profissional da arquitetura desenhando o pátio e interagindo em conversa sobre as necessidades desse espaço. Além disso, juntas, fizeram contas e avaliaram sobre o que seria viável com o orçamento disponível, escolheram os novos brinquedos a serem comprados, plantaram e pintaram pneus.

O “Pátio Integrado com as salas de aula” é criação curricular e foi cuidadosamente acompanhado por uma pesquisadora da UNIRIO que desenvolvia sua pesquisa de doutorado a partir de narrativas e imagens. Com seus estudos sobre os fios das redes de conhecimentos que tecem teorias curriculares contribuiu para a tessitura de mais essa criação cotidiana com a escola. O “Pátio Integrado” consiste na realização de diversas oficinas que acontecem concomitantemente entre pátio e salas de aula, com a possibilidade de estudantes escolherem em qual atividade querem participar e quanto tempo permanecer. A entrada e a saída nas salas de aula são livres, bem como a possibilidade de permanecer no pátio, onde brincadeiras são desenvolvidas.

As batalhas cotidianas exigem admitir que as diversas perspectivas de conhecer o mundo, se não hegemônicas, por exemplo, não existem como conhecimento, como

também os usos, a emoção, o feminino, a infância, o gênero e outras experiências relacionais e sociais têm silenciadas suas potências criadoras de conhecimentos (SUSSEKIND; YORK; CARMO, 2020, p.1).

E a pesquisadora estava ali atenta aos plurais modos de tecer conhecimentos com o “Pátio Integrado”, que aconteciam nas diversas ações multidisciplinares. Outras ações buscavam o bem-estar através dos equipamentos comunitários, apoiadas por uma pesquisadora e um pesquisador da Universidade Estácio de Sá, com os estudos sobre gestão de resíduos, horta comunitária e ênfase na assessoria técnica de habitação de interesse social. Compostagem, jardins verticais, hortas comunitárias e reciclagem vem assumindo o enfoque primordial nos projetos de ATHIS/ Assistência Técnica de Habitação de Interesse Social. Essa experiência resulta em crescente análise crítica no campo de atuação nos planejamentos integrados na ética e na estética do paisagismo.

Considerando os processos para uma formação integral da criança, a escola está atenta às múltiplas dimensões – física, intelectual, social, afetiva e simbólica – do desenvolvimento da pessoa. Destaco a utilização do território como espaço de aprendizagem, pois conversas sobre o lugar em que vivem são fundamentais para que as crianças se entendam e a suas próprias histórias, ajudando-as a construir sua identidade. Unindo sustentabilidade e bem-estar das crianças e para o planeta, a escola foi inventando práticas curriculares em uma educação territorializante. Inspiro-me nas palavras de Célia Xakriabá ao compartilhar as experiências da educação do povo indígena dela.

Se não existe caminho aberto, comece a fazer uma *picada*, se já tens a *picada*, abra um *carreiro*, se já tens *carreiro*, alarga em uma estrada. Somente com esse exercício podemos ampliar os horizontes e construir uma educação territorializada e inspirada nas experiências dos povos indígenas e, assim, efetivar as práticas decoloniais para além do discurso (XAKRIABÁ, 2018, p. 214).

Considero que a educação do povo indígena é luta em suas práticas decoloniais. Nessa escola, a luta é instituinte e territorializante. Há que se ancorar cada vez mais no território e menos nos documentos oficiais, compreendendo a cultura local como elemento que sustenta a escola e as relações. Xakriabá ensina mais:

Nossos sábios indígenas falam que a escola tem que ser interessante, que a escola do contexto não indígena tem muito o que aprender com as nossas, porque nós sabemos fazer com que esse espaço seja interessante para os alunos. Ele precisa servir para valorizar as experiências que nós vivemos no território (XAKRIABÁ, 2018, p. 19).

Umas das pesquisadoras colaboradoras do projeto acompanhou e contribuiu com o trabalho desenvolvido pela equipe escolar propondo reflexões acerca desse fazer pedagógico a partir dos indícios oferecidos por estudantes em suas maneiras de habitar a escola. Incluir no projeto a criação de abelhas-sem-ferrão, também conhecida como Meliponicultura, a partir da sugestão de ex-estudantes da escola que criam abelhas nas proximidades fortaleceu os aspectos da educação ambiental, estudantes se reconheceram como produtores, como capazes de ressignificar lugares e papéis sociais, para além da produção e venda dos produtos que derivou dessa ação. Esta ressignificação de lugar e papéis sociais aproximou ideias de cooperação mútua, trocas horizontalizadas e valorização dos conhecimentos construídos e consolidados naquele espaço comunitário, além de apoiar a noção de educação territorializante.

Muitas foram as aulas passeio e conhecer outros lugares foi, assim, um outro modo de fazer currículo pela construção da alteridade (SÜSSEKIND, 2014). Circular por outros lugares e ver outras formas de organização de espaços auxiliou na compreensão da diversidade que há no mundo, das diversas formas de manifestação cultural, das ofertas de serviço público, das desigualdades e propiciou oportunidades e outros sentidos para as aprendizagens, pois “sair da escola não significa simplesmente aprender os conteúdos curriculares em outro lugar, mas abrir possibilidades concretas para que os assuntos que interessam às crianças e aos jovens e aqueles assuntos que preocupam a comunidade sejam objeto do trabalho sistemático da escola” (BRASIL, 2009, p.47).

Os currículos, por serem conversas complicadas (PINAR apud SÜSSEKIND, 2013), podem ser considerados também tessituras de experiências, processos de recriação/escritura permanente de si e dos próprios conhecimentos, que têm suas histórias, das pessoas e da própria sociedade (SÜSSEKIND, 2019). Foi com a organização dos grupos de responsabilidade – a partir dos interesses de estudantes, que se inscreviam para apoiar alguma das muitas ações – que a escola conseguiu desenvolver tantos projetos concomitantemente. Em cada grupo de responsabilidade tinha uma professora acompanhando, a qual se reunia semanalmente para ouvir outras propostas e enredar tarefas coletivamente e, assim, a escola agregava tantas ideias às suas práticas curriculares, na promoção da coletividade, do bem comum, do consumismo consciente, da conscientização pública para a preservação do meio ambiente junto a ações pedagógicas voltadas para aprendizagens escolares de leitura, escrita e matemática.

A retomada de ações pedagógicas desenvolvidas anteriormente à pandemia, como reagrupamento de estudantes nas áreas de conhecimento de língua portuguesa e matemática,

bem como a escolha de projetos de interesse estabelecendo pontes com os conhecimentos escolares de história, ciências, geografia e, ainda foco nos jogos e no brincar fez a escola retomar (com)vivências educativas e inventar novos outros modos para propostas já iniciadas em 2019, que eram encaminhadas pelos grupos de responsabilidade de estudantes:



- “Experimentar faz bem”: experimentos com ingredientes saudáveis para estudantes saborearem receitas e outros paladares.

- “Minhocário”: uma maneira de reduzir o descarte indevido dos resíduos orgânicos produzidos na elaboração da merenda escolar e estímulo do uso de adubo orgânico na comunidade.



- “Rodando com Tampinhas”: cuidado com o outro através de uma ação social em que se recolhe tampinhas para trocar por cadeiras de roda.

- “Contra o desperdício de alimentos”: redução do desperdício da merenda escolar através da reflexão sobre a pesagem diária das sobras.





- “Ingestão de água faz bem”: estímulo ao consumo de água, através de informações acerca do assunto e de propostas como lembretes sonoros a cada hora no som ambiente da escola, uma vez

por semana, além do incentivo a trazer a sua própria garrafinha.

A inclusão das famílias proposta com a ampliação da participação no Conselho Escolar ampliado a todos os responsáveis de estudantes não obteve o êxito esperado e a escola continuou tendo os grupos de WhatsApp como maior meio de interação. No entanto, a escola descobriu que a comunidade gosta de festas e, assim sendo, criou festas para celebrações das mais diversas: chegada de aparelhos de ar-condicionado e computadores, dia da colheita, inauguração do parque. Todas as festas passaram a ser regadas por trocas de conhecimentos com as famílias que eram convidadas a apresentar “talentos” e “produtos artesanais”, bem como cozinhare, desenharem, plantarem e outras atividades distribuídas em oficinas, e não mais organizadas a partir de apresentações ensaiadas com as crianças para serem apresentadas.

A escola não passa de um prédio de pequeno porte e conta com 5 salas de aula, sendo uma destinada à sala de leitura, hoje comunitária. Há ainda a sala de informática, onde computadores bastante obsoletos foram substituídos, pela chegada de novos aparelhos, sendo que a estrutura de instalação já atendia bem à demanda. Há, na escola, uma cozinha, um refeitório, uma despensa, uma secretaria (junto com a direção), duas salas pequenas que funcionam como almoxarifado, uma sala para as atividades de orientação educacional e pedagógica e uma sala de convivência de profissionais que trabalham ali. Há dois pequenos pátios cobertos e uma área grande descoberta.

O plantio de algumas árvores que possibilitaram as primeiras sombras no pátio dessa escola já havia sido feito em 2016, na área externa na qual se desenvolveu a proposta de paisagismo. Nessa área externa, já havia espaço para a criação da horta comunitária, com antigos canteiros que foram reaproveitados. A escola mantinha um aparelho de ar-condicionado na Sala de Informática para conservação dos computadores e em, apenas, mais uma das salas de aula, o que demandava a climatização do restante da escola, pois as temperaturas na região chegam a ultrapassar os quarenta graus nos dias mais quentes. Outro sonho realizado foi colocar uma TV em cada sala de aula para facilitar o uso dessa tecnologia que tanto possibilita olhar o mundo, pois as pesquisas com estudantes passaram a ser feitas

em tempo real, considerando que a escola já tinha uma boa internet que alcançava todos os seus espaços. Jogos e materiais pedagógicos que ficavam guardados em armários no almoxarifado e estavam bastante danificados pelo uso, foram renovados a pedido das crianças e ganharam espaços mais acessíveis nas salas de aula, que por sua vez, foram climatizadas.

No entanto, em meio a tantas práticas já iniciadas antes da pandemia, outras retomadas ou criadas, a equipe percebeu que as questões raciais e de gênero não ocupavam um lugar de atenção nas práticas educativas de modo a conduzir por um trabalho sistematicamente elaborado, fugindo do improviso quando a intenção é construir a equidade. Foi no estudo e na implementação efetiva das leis 10639/2003 e 11645/2008 que o projeto da escola alçou sua mais intensa luta pelo reconhecimento à diversidade e aos direitos sociais. Mais uma vez não foram as letras das leis que determinaram as ações pedagógicas, mas o desejo de desconstruir subalternidades como enfrentamento à opressão que mapeia a vida de muitos estudantes que provocou uma formação da equipe dentro dos princípios teóricos e políticos que constituem e permeiam os temas da equidade racial e de gênero, com o apoio de outra pesquisadora da UNIRIO que ajudou a investir na formação docente com os estudos das relações étnico-raciais.

Como indicou Trindade (2005), olhando com o coração e sentindo com corpo inteiro, as professoras assumiram “valorizar os nossos corpos e os de nossas crianças como possibilidades de construções, produções de saberes e conhecimentos coletivizados, compartilhados.” (p. 34). Esse compartilhar foi destacado na escolha do nome de um projeto que nasceu do “Linguagens plurais” em que a roda foi proposta para dar conta da circularidade que vem com a renovação, a continuidade, o fazer coletivo próprio dos valores civilizatórios africanos e afrobrasileiros. O dengo representa o movimento contra a dureza que o racismo e o sexismo trazem ao meio e que queriam abrandar. Nasceu “Entre rodas e dengos: aqui também é Wakanda”. Então, quando a escola se declarou Wakanda, afirmou que, como naquele país fictício, queria valorizar o Continente Africano, resgatando a historicidade e colocando as mulheres negras bem distanciadas da objetificação de seus corpos. Ao contrário, elas aqui são fortes, objetivas, independentes e capazes. Os valores civilizatórios – circularidade, corporeidade, cooperativismo, oralidade, musicalidade, energia vital, religiosidade – chegaram na escola por meio de estudos de Trindade (2005). Ações na construção da equidade racial e de gênero, de modo que o processo pedagógico se baseie nos valores afro-civilizatórios, com especial atenção às tecnologias, às artes, à oralidade como expressão e fazer político, desprezando o racismo, o sexismo e outras opressões, foram

incluídas no fazer da escola, conduzidas por um trabalho sistemático com a literatura negra infanto-juvenil (GOMES; TKOTZ, 2020, p.4).

Acredito que a equipe de pesquisadores que contribuiu nas conversas constantes, elo que ligou os participantes, possibilitou que “Linguagens Plurais” fossem para além de regras, determinações legais, diretrizes e orientações do poder instituído que delimitam e direcionam o trabalho a ser realizado para o campo em que as diferenças se tornam desigualdades. As ações pedagógicas foram integradas, multidisciplinares, interdisciplinares, polidisciplinares e transdisciplinares, em um exercício constante de evitar a fragmentação do conhecimento nas invenções cotidianas, em que o que mais importou foram os processos de aprendizagens que eram habitados por saberes/poderes/quereres dos seus politicopraticantes (OLIVEIRA, 2012).

Muitas narrativas dessas (com)vivências educativas foram publicadas no sentido de democratizar tais criações curriculares. Em atividades de formação continuada com professores da rede municipal em parceria com as universidades que vieram a compor o projeto “Linguagens Linguagens”, na conversa sobre essas ações educativas, foi possível narrar que a escola continuou a ser aquele prédio de pequeno porte com 5 salas de aula, mas as “linguagens plurais” (des)alinham criativamente as práticas educativas inventadas por professoras, estudantes e suas famílias, amplificando oportunidades em criar currículo, formação e pesquisa com o cotidiano escolar e a universidade³.

REFERÊNCIAS

ABRAMOVICH, Fanny. **Literatura Infantil**: gostosuras e bobices. São Paulo: Scipione, 1993.



ALVES, Nilda. Sobre movimentos das pesquisas nos/dos/com os cotidianos. In: OLIVEIRA, Inês Barbosa de; ALVES, Nilda. **A Pesquisa nos/dos/com os cotidianos das escolas sobre redes de saberes**. Rio de Janeiro: DP et Alii, 2008.



BRASIL. Ministério da Educação. Portaria nº 142, de 22 de fevereiro de 2018. Institui o Programa Mais Alfabetização, que visa fortalecer e apoiar as unidades escolares no processo de alfabetização dos estudantes regularmente matriculados no 1º ano e no 2º ano do ensino fundamental. Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil, Brasília, ed. 37, p. 54-55, 23 fev. 2018b. Seção 1. Disponível em: <http://www.in.gov.br/web/dou/-/portaria-n-142-de-22-de>



³ O presente artigo é, em parte, invenção que se faz convite para que outras pessoas se sintam instigadas a pesquisar com essa escola e conhecer as criações curriculares de 2022 e 2023. Algumas dessas ações já estão em curso e, por isso, apresentadas também em fotografias.

[fevereiro-de-2018-4220037](#) Acesso em: 07 jan 2022.

BRASIL. Educação integral: texto referência para o debate nacional. Brasília: Mec, Secad, 2009. Disponível em http://portal.mec.gov.br/dmdocuments/cadfinal_educ_integral.pdf Acesso em: 07 jan 2022.



BRASIL. Lei nº. 11.645/2008. Inclusão no currículo oficial da rede de ensino a obrigatoriedade da temática “História e Cultura Afro-Brasileira e Indígena”. Brasília, 2008. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2008/lei/11645.htm Acesso em: 07 jan 2022.



BRASIL. Lei 10.639, de 09 de janeiro de 2003 . Alt era a Lei n. 9394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática “História e Cultura Afro-Brasileira”, e dá outras providências. Brasília, 2003. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/110.639.htm Acesso em: 07 jan 2022.



BRASIL. Lei nº. 9.795 de 27 de abril de 1999. Dispõe sobre a educação ambiental, institui a Política Nacional de Educação Ambiental e dá outras providências. Disponível em http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/19795.htm Acesso em: 07 jan 2022.



BRASIL. [Constituição da República Federativa do Brasil](#) de 1988. Disponível em http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm Acesso em: 07 jan 2022.



BUTLER, Judith. O luto é um ato político em meio à pandemia e suas disparidades. [Entrevista concedida a] George Yancy. **Carta Maior**. São Paulo, 10 jun. 2020. Disponível em <https://sarawagneryork.medium.com/judith-butler-o-luto-%C3%A9-um-ato-pol%C3%ADtico-dentre-a-pandemia-e-suas-disparidades-2c50cba08f0b> Acesso em: 07 jan 2022.



BUTLER, Judith. **Corpos em aliança e a política das ruas**: notas para uma teoria performativa da assembleia. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2018.



BUTLER, Judith. **Relatar a si mesmo**: crítica da violência ética. Trad.: Rogério Bettoni. Belo Horizonte: Autêntica, 2015.



EMPRAPA. **Integrar criação de peixes com hortaliças economiza 90% de água e elimina químicos**. 28 abr. 2015. Disponível em: <https://www.embrapa.br/busca-de-noticias/-/noticia/2767622/integrar-criacao-de-peixes-com-hortalicas-economiza-90-de-agua-e-elimina-quimicos> Acesso em: 07 jan 2022.



FERNANDES, Natália; CAPUTO, Stela Guedes. Quem tem medo das imagens das crianças na pesquisa? – Contributos para a utilização de imagens na pesquisa com crianças. **Sociedad e Infancias**, 5(Especial), 5-19, 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.5209/soci.71598> Acesso em: 07 jan 2022.



GOMES, Ana Cristina da Costa; TKOTZ, Silvia. **Entre rodas e dengos: aqui também é Wakanda**. Projeto submetido (não contemplado) ao Edital Equidade Racial na Educação Básica, 2020. Disponível em <https://editalequidaderacial.ceert.org.br/> Acesso em: 07 jan 2022.

LERNER, Gerda. **A Criação do Patriarcado**: História da opressão das mulheres pelos homens. São Paulo: Cultrix, 2019.



OLIVEIRA, Inês Barbosa de. **O currículo como criação cotidiana**. Petrópolis: DP et Alii; Rio de Janeiro: FAPERJ, 2012.



SÜSSEKIND, Maria Luiza; YORK, Sara Wagner; CARMO, Lorena Azevedo do. Quem vai ao banheiro é o que? - É gente. **Revista Coletiva FUNDAJ**, v. 12, p. 01-05, 2020. Disponível em <https://www.coletiva.org/educacao-e-diferencas-e-n12> Acesso em: 07 jan 2022.



SÜSSEKIND, Maria Luiza. A BNCC e o “novo” Ensino Médio: reformas arrogantes, indolentes e malévolas. **Retratos da Escola**, v. 13, n. 25, 2019. <http://retratosdaescola.emnuvens.com.br/rde/article/view/980> Acesso em: 07 jan 2022.



SÜSSEKIND, Maria Luiza. O que aconteceu na sala de aula? Políticas, currículos e escritas nos cotidianos da formação de professores numa universidade pública. **Revista Teias**, [S.l.], v. 18, n. 51, p. 134-148, nov. 2017. ISSN 1982-0305. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/revistateias/article/view/30506/22825> Acesso em: 07 jan 2022.



SÜSSEKIND, Maria Luiza; SANTOS, Wilsa Lima dos. Um Abaporu, a feiúra e o currículo: pesquisando os cotidianos nas conversas complicadas em uma escola pública do **Momento - Diálogos Em Educação**, 25(1), 273–288. Rio de Janeiro, 2016. Recuperado de <https://periodicos.furg.br/momento/article/view/5625> Acesso em: 07 jan 2022.



SÜSSEKIND, Maria Luiza. As (im)possibilidades de uma Base Comum Nacional. **Revista E-curriculum**, São Paulo, v.12, n.03, p.1512- 1529, out./dez.2014. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/article/viewFile> Acesso em: 07 jan 2022.



SÜSSEKIND, Maria Luiza. Entrevista com William F. Pinar. **Revista Teias**, [S.l.], v. 14, n. 33, p. 9, dez. 2013. ISSN 1982-0305. Disponível em: <https://www.e->

publicacoes.uerj.br/index.php/revistateias/article/view/24376/17354>. Acesso em: 15 jan. 2021.



TKOTZ, Silvia. **Vulnerabilidade saudável:** educação ambiental e a porosidade com os cotidianos de uma escola pública no Rio de Janeiro/Brasil Disponível em: http://anais.anped.org.br/sites/default/files/arquivos_39_11. Acesso em: 07 jan 2022.



TRINDADE, Azoilda Loretto da. **Valores Civilizatórios Afro-Brasileiros na Educação Infantil.** In: Revista Valores Afro-brasileiros na Educação. 2005.



XAKRIABÁ, Célia Nunes Corrêa. **O barro, o genipapo e o giz no fazer epistemológico de autoria Xakriabá:** reativação da memória por uma educação territorializada. 2018. 218 f., il. Dissertação (Mestrado Profissional em Sustentabilidade junto a Povos e Terras Tradicionais) — Centro de Desenvolvimento Sustentável, Universidade de Brasília, 2019. Disponível em: <https://repositorio.unb.br/handle/10482/34103> Acesso em: 07 jan 2022.



QUANDO OS MAIORES MEDOS NÃO SÃO POSSÍVEIS, SÃO PROVÁVEIS: METODOLOGIA E ÉTICA NA PESQUISA

Maria Luiza Sússekind ¹

Silvia Tkotz ²

O presente artigo³ apresenta as metodologias de conversas, de pesquisa com os cotidianos e de escrevivências que se desenvolveram na pesquisa de doutoramento, junto a questões éticas que enfrentamos ao narrar sobre as criações curriculares com cotidianos de uma escola pública da periferia na Baixada Fluminense/RJ, contemplada pelo Edital FAPERJ de “Apoio à melhoria das escolas da rede pública sediadas no Estado do Rio de Janeiro — 2021” para desenvolvimento do projeto “Linguagens plurais: sons, saberes e sabores”. Educação, democracia, interseccionalidade são tecidas em narrativas como enfrentamento ao capitalismo, ao colonialismo e ao patriarcado, fazendo-se prática de pesquisa, formação e escrita curricular. O texto traz o debate sobre manter o anonimato da escola, de estudantes, de profissionais da educação e da comunidade, questão metodológica que atravessou a pesquisa, o debate com a banca na qualificação e com a orientação sobre a proteção para tempos de ódio. Refletimos sobre o “direito de aparecer” da escola, diante de políticas públicas de controle de currículos como a Base Nacional Comum Curricular, por exemplo, e seguimos apresentando as metodologias de pesquisa com os cotidianos, com as conversas e com a criação literária. A escola pesquisada, desta forma, é tudo isso e não é nada disso.

Palavras chave: conversa, estudos do cotidiano, ética na pesquisa, criação curricular

Agência Financiadora: FAPERJ/CNPq/CAPES

WHEN THE BIGGEST FEARS ARE NOT POSSIBLE, THEY ARE LIKELY: METHODOLOGY AND ETHICS IN RESEARCH

This article presents the methodologies of conversations, research with everyday life and writing that were developed in the doctoral research, along with ethical issues that we face when narrating about the curricular creations with daily life of a public school in the periphery of Baixada Fluminense/RJ, awarded by the FAPERJ Notice of “Support for the improvement of public schools based in the State of Rio de Janeiro — 2021” for the

¹ Pós-Doutorado em Currículo pela Universidade British Columbia/Canadá. Professora e Coordenadora do PPGEdu/UNIRIO Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro. Vice-presidente Sudeste da Associação Nacional de Pesquisa em Educação-ANPEd. Cientista do Nosso Estado FAPERJ. Pesquisador Produtividade 2 CNPq.

² Doutoranda no PPGEdu/ UNIRIO/Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, Orientadora Pedagógica e Educacional na rede pública de Educação de Duque de Caxias/R.J., Professora na Universidade Estácio de Sá.

³ O presente artigo é parte integrante da tese “Cartas, contos, conversas e ensaios com os cotidianos democráticos de uma escola pública na periferia de Duque de Caxias na Baixada Fluminense/RJ”, apresentada como requisito parcial à obtenção do título de Doutora em Educação pelo Programa de Pós-graduação em Educação da Faculdade de Educação da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro e foi enviado para a Revista Espaço do Currículo, periódico de Educação do Centro de Educação da Universidade Federal da Paraíba.

development of the project “Plural languages: sounds, knowledge and flavors”. Education, democracy, intersectionality are woven into narratives such as confronting capitalism, colonialism and patriarchy, becoming a practice of research, training and curriculum writing. The text brings the debate on maintaining the anonymity of the school, students, education professionals and the community, a methodological issue that crossed the research, the debate with the bank in the qualification and with the guidance on protection in times of hate. We reflect on the school’s “right to appear”, in the face of public policies to control curricula, such as the National Common Curriculum Base, for example, and we continue to present research methodologies with everyday life, conversations and literary creation. The researched school, in this way, is all that and is none of that.

Keywords: conversation, everyday life studies, ethics in research, curriculum, curriculum creation

Funding Agency: FAPERJ/CNPq/CAPES

CUANDO LOS TEMORES MÁS GRANDES NO SON POSIBLES, SON PROBABLES: METODOLOGÍA Y ÉTICA EN LA INVESTIGACIÓN

Este artículo presenta las metodologías de conversaciones, investigación con lo cotidiano y escritura que se desarrollaron en la investigación doctoral, junto con cuestiones éticas que enfrentamos al narrar sobre las creaciones curriculares con lo cotidiano de una escuela pública en la periferia de Baixada Fluminense/RJ , otorgado por la Convocatoria FAPERJ de “Apoyo a la mejora de las escuelas públicas del Estado de Río de Janeiro — 2021” para el desarrollo del proyecto “Plurales: sonidos, saberes y sabores”. La educación, la democracia, la interseccionalidad se tejen en narrativas como el enfrentamiento al capitalismo, el colonialismo y el patriarcado, convirtiéndose en una práctica de investigación, formación y redacción curricular. El texto trae el debate sobre el mantenimiento del anonimato de la escuela, los estudiantes, los profesionales de la educación y la comunidad, cuestión metodológica que atravesó la investigación, el debate con el banco en la calificación y con la orientación sobre la protección en tiempos de odio. Reflexionamos sobre el “derecho a aparecer” de la escuela, frente a las políticas públicas de control curricular, como la Base Curricular Común Nacional, por ejemplo, y seguimos presentando metodologías de investigación con la cotidianidad, las conversaciones y la creación literaria. La escuela investigada, de este modo, es todo eso y no es nada de eso.

Palabras clave: conversación, estudios de la vida cotidiana, ética en la investigación, currículo, creación curricular.

Organismo Financiador: FAPERJ/CNPq/CAPES

Só temos o medo
só o medo
o medo de sermos corajosos.
De sermos medrosos
também o medo.
(EVARISTO, 2017)

O presente artigo apresenta as metodologias de conversas, de pesquisa com os cotidianos e de escrevivências que se desenvolveram na pesquisa de doutoramento, junto a questões éticas que enfrentamos ao narrar sobre as criações curriculares com cotidianos de uma escola pública da periferia na Baixada Fluminense/RJ./Brasil. Tais narrativas são carregadas das criações curriculares que se intensificaram a partir do Edital FAPERJ nº45/2021 de “Apoio à melhoria das escolas da rede pública sediadas no Estado do Rio de Janeiro — 2021” que contemplou essa escola para desenvolvimento do projeto “Linguagens plurais: sons, saberes e sabores em uma escola pública na Baixada Fluminense/RJ.”. Em um engalfinhar teórico político e epistemológico com a pesquisa bibliográfica sobre educação, democracia, interseccionalidade e outras leituras de cunho político de enfrentamento ao capitalismo, ao colonialismo e ao patriarcado,



tecemos narrativas que se fizeram prática de pesquisa, formação e escrita curricular a partir dos estudos com os cotidianos (SÜSSEKIND, 2012).

Disputas na comunidade invadem as salas de aula na escola pesquisada pelos relatos de situações com o carro de massagem observadas ou vividas por familiares de estudantes e/ou estudantes antigos da escola. Esses relatos trazem para o cotidiano escolar um conjunto de conhecimentos com a comunidade sobre a diversidade de modos de resolver as questões locais, experiências compreendidas como currículos

pensadospraticados, a partir de Oliveira (2012). Os relatos são modos de dizer que geram outros saberes nos quais praticantes se reconhecem.

Os relatos das práticas precedem os discursos sociais. São estruturas narrativas que organizam os espaços e os tempos, além de possuírem uma função descritiva e criativa a respeito das práticas sociais. Os relatos são saber, fazer e poder ao mesmo tempo e, por isso, caminham junto e à frente das práticas sociais. São, de certo modo, fundadores das práticas (SÜSSEKIND, 2007, P.23-24).

Em um território esquecido pelo Estado, uma força local - o carro da massagem –, dentre outras, estabelece mecanismos de controle da ordem, julgamento e punição de atos considerados lesivos contra a comunidade. As regras, no entanto, não são claras e não são para todas as pessoas. Castigos corporais e espancamentos sofridos por membros da comunidade chegam à escola trazidos em relatos de estudantes, que dizem não poder contar e Daniel (2007) chama de segredo público. O segredo público permanece em uma "zona de indistinção" entre o exterior e o dentro, a exceção e a regra, o lícito e o ilícito, o público e o



Corpo do Bandeira-poema "Seja marginal seja herói" de 1968 de Hélio Oiticica
e corpo morto de ex estudante da escola em novembro de 2019

secreto, segundo a autora. O carro da massagem é um segredo público, um segredo que o público escolheu por esconder de si mesmo.

Há um modo de viver que negocia, inventa e subverte. Esse cenário, contraditoriamente, gera medo velado e segurança, sendo que a comunidade se apresenta como um lugar tranquilo de se viver, crianças brincam pelas ruas e as pessoas transitam a qualquer hora do dia ou da noite. Esse misto complexo de sentidos partilhados cria conhecimentos e conflitos com os cotidianos escolares e padrões de sociabilidade são pensadospraticados a partir das vivências sociais, políticas e culturais de educadores e estudantes. Daí emerge a pergunta: como o carro da massagem se relaciona com o currículo?

Educadores se incomodam com o que se mostra como uma sociabilidade colonial e perguntamo-nos como estudantes transitam entre a pedagogia da não-violência com os cotidianos escolares e a pedagogia violenta do carro de massagem. Engendradas nessas



questões locais, a violência cumpre um papel no processo de acumulação capitalista e a população pobre dessa comunidade se mantém, aparentemente, pacificada por “capatazes”. Parte dos currículos com os cotidianos escolares é, assim, criação em silêncio pois é preciso aprender a lição de que os maiores medos não são possíveis, são prováveis.

Essa narrativa, que traz o carro de massagem na criação curricular (SÜSSEKIND, 2017) e os segredos públicos (DANIEL, 2007), provoca-nos a apresentar a questão sobre o anonimato na pesquisa. Inicialmente, pensamos em identificar a comunidade escolar como modo de compartilhar as experiências curriculares e possibilitar outras conversas com outras comunidades escolares e pesquisas com currículos pensadospraticados. O debate sobre manter o anonimato da escola pesquisada, de estudantes, de profissionais da educação que ali trabalham e da comunidade atravessou a questão metodológica dessa pesquisa, foi tema da conversa com a banca na qualificação e com a orientação sobre a proteção para tempos de ódio.

Conversa é curricular, pois, complicadas, são recheadas de dissensos que se dão nos espaços ricos de diferenças em que estamos inseridos. Portanto, curricular, para nós, é fazer uma conversa que reconheça



epistemologias diversas e tenha a diferença como princípio (SÜSSEKIND; CARMO; NASCIMENTO, 2020). Escrevemos esse artigo, no exercício de capturar as conversas sem perder os dissensos. Em um desses momentos de registro, ouvimos o anúncio da morte de Elza Soares. Foi a ela atribuída a frase que nos inspira: “Não tenho medo de nada. Temos que ensinar o medo a ter medo de nós”. Corajosa, feminista, intensa, determinada, também a ela é atribuída essa frase, que nos alerta. “A única coisa que me dá medo é o ódio”.

Alertas, refletimos sobre a questão da autoria das crianças e de outros partícipes nessa pesquisa que pensa o anonimato como modo de se proteger de políticas e ações de ódio. As crianças precisam ser protegidas, mas não poderiam ser apagadas. Como fazer? A participação das crianças e dos profissionais da escola que “diziam aquilo que achavam que queríamos ouvir” (SÜSSEKIND, 2007, p. 93) se fez conversa e narrativas da pesquisa. As crianças observaram, por exemplo, que eram fotografadas e, a partir dessa observação, passaram a apontar e a convidar para fotografar o que elas achavam importante.

Esses convites geraram outras conversas e essas conversas teceram mais narrativas. Buscamos Caputo (2018) para orientar sobre “uma etnografia feita com fotografias nos cotidianos das casas de santo, que tem as crianças como principais interlocutoras de diálogo e imagem” (CAPUTO, 2020) e, nessa pesquisa, esse movimento se tornava metodologia de pesquisa: a fotoetnografia miúda. Assim como com “a palavra-sopro miúda, a palavra soprada das crianças de terreiros” (CAPUTO, 2018), nós ouvíamos a palavra soprada de crianças e estudantes.



Entre sopros, fomos registrando em fotografias e narrativas o que se passava. Também profissionais da educação que trabalham na escola pesquisada foram colaboradores na composição desses registros fotográficos, feitos pelas câmeras de nossos celulares, que vieram a compor um álbum para a qualificação. No entanto, na complexa ação de “montagem” da tese, apenas algumas fotografias foram incluídas como fios de narrativas no texto. Essa escolha está associada a questão da ética na pesquisa e aos caminhos eleitos. E assim, as

fotografias escolhidas para a tese foram sofrendo cortes e recortes, sombreamentos e manchas que marcam a preocupação em preservar os sujeitos.

Refletindo com Butler (2015), preservamos os sujeitos e garantimos o “direito de aparecer” dessa escola, diante de políticas públicas de controle de currículos como a Base Nacional Comum Curricular (BNCC)⁴, por exemplo, que “é arrogante, indolente e malévola, e, com suas ignorâncias, produz injustiças, invisibilidades e inexistências, coisificando os conhecimentos, ferindo a autonomia, desumanizando o trabalho docente e, ainda, descaracterizando o estudante na sua condição de diferente, de outro legítimo” (SÜSSEKIND, 2019, p. 92).

A BNCC, como muitas políticas curriculares, tem se mostrado arrogante ao se arvorar de tamanha superioridade que se reconhece única, melhor, total e, até mesmo, neutra, ignorando experiências curriculares diferenciadas e hierarquizando a pluralidade do mundo. De maneira indolente e malévola, produz invisibilidades e inexistências marginalizando a riqueza e os acontecimentos da vida local e inédita.

Fugimos desse modo de pensar currículo como único e buscamos currículos como conversas complicadas (PINAR apud SÜSSEKIND, 2014) em espaços-tempos de criação e



tessituras de conhecimentos em redes (ALVES, 2001), em que aulas são como pinturas abstratas em que as professoras levam apenas algumas cores (PINAR apud SÜSSEKIND, 2014).

Acreditamos que ao escrever sobre metodologias não dá para fugir de apresentar as escolhas dos caminhos, sem discorrer sobre as epistemologias que as provocam. A decolonialidade e a interseccionalidade são modos de compreender o mundo que nos inundam especialmente porque ajudam a nos posicionar politicamente nesses tempos de tanto

⁴ A Base Nacional Comum Curricular (BNCC) é um documento normativo que determina aprendizagens essenciais para todos os alunos, homologada pelo Ministério da Educação (MEC) em 2017 para a Educação Infantil e o Ensino Fundamental e, em 2018, para o Ensino Médio.

ódio e tanta intolerância exacerbados por um governo que se apropria de conceitos e palavras, distorce sentidos e mente.

Descolonizamos o currículo porque inventamos, porque criamos outras coisas, porque não admiramos o colonizador, porque nos rebelamos em relação à epistemologia colonial. Descolonizamos porque rejeitamos e lutamos contra a linha abissal do conhecimento e somos contra o fascismo epistemológico. Descolonizamos porque afirmamos a existência da pluralidade epistemológica e metodológica (SÜSSEKIND, PAVAN, 2019, p. 2).

As nossas escolhas político-metodológicas de enfrentamento ao capitalismo, ao colonialismo e ao patriarcado nos permitem defender as lutas invisíveis que se dão no cotidiano. Os estudos com os cotidianos

assumem a precariedade dos resultados, a itinerância dos métodos e tomam como objeto ‘o social’ considerando o cotidiano como arma, como *episteme*. Sobretudo, constituem-se como espaço de discussão, no qual é menos importante saber qual é a noção ou a postura mais correta do que multiplicar as ideias e construir-se *nodebateenadiversidade* (SÜSSEKIND, 2007. p. 201).

No decorrer dessa pesquisa, tivemos a oportunidade de participar da 40ª Reunião Nacional da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação/ANPED em setembro/outubro do ano de 2021. Nessa reunião foi apresentada a proposta de criação do Grupo de Estudos “Cotidianos - ética, estética e política”, tendo diversos grupos ligados a essa corrente de pensamento na Educação, que foram se organizando e articulando em diversas universidades brasileiras, entre os quais o ProPed/UERJ com a linha de pesquisa “Cotidianos, Redes Educativas e Processos Culturais”; o PPGE/UFF com a linha de pesquisa “Estudos do Cotidiano e da Educação Popular”; o PPGE/UFES com a linha “Docência, Currículo e Processos Culturais”; a UNISO com a linha de pesquisa “Cotidiano Escolar”; o Instituto de Artes/UERJ, tendo em sua Pós-graduação o Grupo de Pesquisa com a linha de pesquisa “Práticas curriculares cotidianas”; a UFRJ, com o grupo “Ecologias do narrar” e o “Conversas entre professores: alteridades e singularidades – ConPAS”; a FFP/UERJ-campus S. Gonçalo, com o “Vozes da Educação”; a UFES, com o “Currículos, cotidianos, culturas e redes de conhecimentos”. A defesa dessa proposta coaduna com as perspectivas epistemológicas, políticas e metodológicas defendidas nesse artigo.



Na pesquisa, estivemos atentas aos movimentos com os cotidianos que nos possibilitava duvidarconfirmar as hipóteses iniciais da pesquisa: A escola pesquisada consegue produzir currículos de maneira democrática? Há troca de conhecimentos curriculares entre os atores pesquisados? A cultura local possibilita insumos para o diálogo entre as experiências da comunidade e o currículo escolar?

Mesmo tendo no desenvolvimento dos estudos a confirmação de que nessa escola há criação curricular em cotidianos democráticos, a pesquisa identificou a extrema situação de vulnerabilidade dessa escola diante de um possível governo ditador que pudesse vir a coibir seus modos de fazer currículo. Ainda que escrevamos esse artigo em um momento de esperar, tendo as eleições presidenciais apontado para a vitória da democracia, o medo aqui é possível diante de episódios de violência e golpes. Esperamos que esse medo não seja provável, mas as experiências muito recentes na política alertam para a cautela. Decidimos acatar a prudência como uma escolha ética com a pesquisa. Hoje, defendemos que compartilhar as experiências poderá ser mais visível se mantivermos o anonimato, ainda cientes de que essa escolha nos imprimiu renúncias, como a de nomear os praticantespensantes (OLIVEIRA, 2012) com nossa pesquisa.

Em [nós], reside um esquadrinhador. Medindo, quantificando, comparando, selecionando, classificando, hierarquizando. Mas, emergem pensamentos desobedientes de subversão, de inversão.

Esta tese tenta remontar em palavras a tensão entre parte de [nós] que tenta o tempo todo arrumar as coisas e por isso mesmo nunca as entende bem e outra parte – talvez seja a mesma... – que não arruma para entender (SÜSSEKIND, 2007. p. 120).

Decidimos, então, para a tese “que mais que estudar e escrever [nós deveríamos] propor uma possibilidade, um acordo, ético, estético, prático e comum, ordinário (SÜSSEKIND, 2007. p. 23).

Produzir uma tese é olhar de forma diferente, inédita, para algo (dito objeto da tese) sob nova perspectiva (dito hipótese) e produzir um relato (que os cientistas chamariam pobremente de uma síntese) que deveria interessar e importar aos outros estudiosos da mesma, e talvez de outras áreas. Uma tese deveria sugerir, permitir, estimular e provocar mudanças no campo de estudos a que se refere. Mas, os relatos falavam do todo-dia de outros (SÜSSEKIND, 2007. p. 33).

Seguimos com os relatos do “todo-dia” que irrompiam com a metodologia de conversas, que atenderam ao “desejo de escrever as histórias, trazendo a multiplicidade de versões e de possibilidades teórico-epistemológicas de compreensão” (TKOTZ, 2006, p. 38) e que precisávamos para a elaboração dos textos da pesquisa. “As conversas podem funcionar como um mapeamento para a compreensão do conhecimento que est[amos] buscando tecer, sem apresentar hierarquia entre os saberes, que se encontram na vida cotidiana, seja no cotidiano das escolas, das universidades, dos lares, dos laboratórios... (TKOTZ, 2006, p. 31). Essa metodologia já nos coloca em um lugar não hierarquizado que temos buscado com nossas relações pessoais, de pesquisa e de trabalho, ainda que essa busca não seja assim tão fácil.

Depois de dois mandatos, a diretora não pode se candidatar novamente. Ao se aproximar uma nova eleição, as professoras começaram a se organizar. O burburinho causado pela preocupação de que alguém de fora pudesse adentrar o portão e assumir o comando fez com que muitas conversas girassem em torno dessa questão. Uma professora franziu sua testa e disse:

– A Silvia não pode ser. É muito autoritária (Trecho do diário).

Escrever um diário foi um dos movimentos da pesquisa que se deu ao enfrentar o desafio de capturar esses cotidianos para comprovar as hipóteses e defender a tese. E no meio do percurso do doutoramento, veio uma pandemia. Os lugares da pesquisa se transformaram em retângulos de conversas em vídeo-chamadas e reuniões online, em que professoras e outras pessoas da escola dialogavam sobre as diversas possibilidades de atender estudantes que tinham pouco ou nenhum acesso digital. O trabalho intenso de preparar e disponibilizar material para estudantes exigia trocas constantes e um desgaste emocional diante das pequenas respostas alcançadas.

Relembro com SÜSSEKIND (2007), a história de Geni, mulher que servia a qualquer homem, em qualquer lugar e, por isso, era hostilizada. Até que um Zepelim chega à cidade e o Coronel a escolhe como forma de pagamento para não destruir tudo e, por Geni aceitar a imposição, deixa de ser "maldita Geni" para ser a "bendita Geni". A escola, assim como Geni, foi assim na pandemia: aquela que não serve para nada e é a salvadora. De maldita a bendita, a escola transita, como Geni, de acordo com a situação.

A escola é esse espaço onde as opressões e os problemas sociais se visibilizam no acolhimento que a escola dá a todo tipo de gente, como Geni. E o comportamento das pessoas nessa relação se dá de acordo com os interesses. Registrar essas experiências inéditas e dolorosas é, como nos ensina Alves (2001), buscar entender, de maneira diferente do aprendido, as atividades do cotidiano escolar ou do cotidiano comum, que exigem que estejamos dispostas a ver além daquilo que outros estão vendo e muito mais, um desafio pretencioso.

O caminho escolhido é o dos relatos da vida cotidiana por entender [...] a referência ao cotidiano como sendo uma rota de conhecimento. O cotidiano não como objeto de estudo, pois o objeto dos estudos *nosdoscom* os cotidianos é o social, mas por ser a arma – o método, a visão de conhecimento e de mundo que nos informa (SÜSSEKIND, 2007, p. 36).

Vimos transitando pelo campo das pesquisas com os cotidianos há tempos e aprendemos que “algo mais do que uma postura epistemológica haveria de ligar os estudos *nosdoscom* os cotidianos” (SÜSSEKIND, 2007, p. 22-23).

Os estudos *nosdoscom* os cotidianos vêm elaborando um conhecimento específico *nasdascomassobreas* escolas. As pesquisas são feitas por pessoas que têm como objetivo e cuidam para que seu *olharouviversentir* crie uma forma inédita de contar/narrar/relatar o que se vive na escola todo dia (SÜSSEKIND, 2007, p. 133).



Com Alves (2001), refletimos sobre os quatro primeiros movimentos necessários para a organização teórico-metodológica e teórico-epistemológica nas pesquisas com os cotidianos: “o sentimento do mundo”; “virar de ponta cabeça”; “beber em todas as fontes” e “narrar a vida e literaturizar a ciência”. Como primeiro movimento, a autora

se propõe a “mergulhar inteiramente em uma determinada realidade buscando referências de sons, sendo capaz de engolir sentindo a variedade de gostos, caminhar tocando coisas e pessoas e me deixando tocar por elas, cheirando os odores que a realidade coloca a cada ponto do caminho diário” (ALVES, 2001, p.17). Alves retoma esse movimento, em 2008 e em 2019, quando revisita suas práticas de pesquisa com os cotidianos.

Na posição original – “virar de ponta cabeça” – Alves (2001) buscava explicar que para criar uma corrente nova de pesquisa era preciso inverter todo o aprendido. Repensando esse segundo movimento, Alves diz que “Não percebia que somente o que tinha sido anteriormente ‘feitopensado’ é que permitiria ir adiante. [...] Criar ‘fazerespensares’ novos só pode se dar, exatamente, no embate com o que já foi feito” (ALVES, 2019, p.27). Ela propõe, então, como segundo movimento “Ir sempre além do já sabido”.

Revisita também a posição original proposta no terceiro movimento “beber em todas as fontes”. Alves (2001) trazia o entendimento de que devíamos buscar fontes para trabalhar. No entanto, “não se tratava disso, mas sim criar nossos intercessores” (ALVES, 2019, p.28). E ela, então, propõe que o terceiro movimento seja o de “criar nossos personagensconceituais” (ALVES, 2019, p.28). E, ainda, no texto inicial alertava para a necessidade de uma outra escrita para além da já aprendida e propõe narrar a vida e literaturizar a ciência, como quarto movimento (ALVES, 2001). Valoriza, então, a importância de tecer histórias para quem vive os cotidianos de aprenderensinar, fazendo-se narrador que insere múltiplos relatos aos seus modos de contar.

Talvez por não ser tão sábia quanto os autores citados ou talvez por ser mulher em uma sociedade na qual quem tem ideias é homem, ou ainda porque deixo as marcas de meus passos em terrenos pouco conhecidos, vagando por *espaçotempos* ainda não ou impossivelmente revelados, não consegui formular aquilo que no texto [já] está virtualmente escrito: o que de fato interessa nas pesquisas nos/dos/com os cotidianos são as pessoas, os [...] *praticantespensantes* [...] Cabe, assim, a pergunta: por que falando sobre isso o tempo todo, não me dei conta disso? E por que consigo fazê-lo agora? (ALVES, 2008, p.45).

A partir desse questionamento, Alves propõe o quinto movimento – *Ecce Femina* – em que incorpora as praticantespensantes com suas memórias de suas criações curriculares, seus modos de compreender o mundo e nele agir, tratando dos conhecimentos significações que produzem em suas narrativas. E, como mais um movimento, “mais do que divulgação do que é produzido como ‘conhecimentossignificações’ nas pesquisas, o que propomos é uma

circulação da produção” (ALVES, 2019, p. 38). Assim, o sexto movimento é a circulação dos ‘conhecimentossignificações’ como necessidade.

Os estudos *nos dos com* os cotidianos em educação geram conhecimentos que deixam rotas para outros conhecimentos. São trabalhos em rede não só por costurarem vários saberes das redes dos pesquisadores e sujeitos da pesquisa e vários trabalhos de outros autores, mas também por permitirem e sugerirem outras costuras e outras buscas, novas rotas, pistas para as próximas invenções (SÜSSEKIND, 2007, p. 146).

Nesses modos de fazer pesquisa com os cotidianos, as propostas de movimentos apresentadas por Alves (2001, 2008 e 2019) se imiscuem teoricamente com outros movimentos que identifico como de decolonização e que me apontam os cuidados com a diferença, o múltiplo e a alteridade, levando-me a articular conversas que foram de encontro a políticas de homogeneização das práticas educativas, como a BNCC e as avaliações em larga escala, por exemplo. “A ênfase na homogeneidade não resulta do desconhecimento da existência da diferença, mas de uma abordagem da diferença que a aproxima da desigualdade” (ESTEBAN, 2014, p. 471).



Para além de explicitar as diferenças e sofrer com as desigualdades, fomos em busca das múltiplas lógicas e a pluralidade dos modos de vida pois

Por isso, estamos em luta, disputando sentidos e nos colocando frontalmente contra os discursos e processos que negam valor à diferença na relação ensino-aprendizagem e trazem a diferença cultural como meio para fragmentar o conhecimento, inferiorizar a muitos sujeitos e saberes, enfatizar o individualismo, desqualificar a alteridade e justificar a desigualdade (ESTEBAN, 2014, p. 484).

Em um movimento de contestação dos saberes dominantes, na busca pela reaproximação de saberes múltiplos e pela diversidade epistemológica do mundo, caminhamos na pesquisa pelo reconhecimento das experiências de conhecimento que se dão nessa escola. Pela tessitura de conhecimentos a partir da noção de redes de conhecimentos (ALVES, 2001) em que cada um de nós é uma rede de sujeitos, nos deixamos arrastar pelas emoções e práticas de solidariedade que sentimosvivemos.

Nas pesquisas com os cotidianos partimos da ideia de que pensar as práticas cotidianas de viver dentro e para além das macro negociações políticas e econômicas permite nos aproximar da complexidade da vida sem abrir mão de todas as redes que formamos e nas quais nos formamos. Neste sentido, nunca buscamos estudar *sobre os cotidianos*, mas, estudar *nos/dos/com os cotidianos* assumindo a nossa total implicação neste processo, entendendo-nos, sempre, como neles mergulhadas (ALVES, 2019, p.19).

Esse é um dos modos de apresentar alguns movimentos da pesquisa e novos outros movimentos serão criados e recriados para acompanhar os imprevisíveis e incontroláveis cotidianos. Perseguir a invenção, então, foi mais um dos caminhos metodológicos percorridos, inspiradas em Evaristo (2017) que dá conta da importância do vivido através da criação literária nas suas escrituras. As narrativas, como prática de pesquisa, puderam contribuir com a criatividade necessária para eu dar conta da pesquisa.

Escrevi o diário no período de 2020, com a pandemia, um conto que conta da escola e ensaios diversos, além de cartas dirigidas a orientadore. “As histórias são inventadas, mesmo as reais, quando são contadas. Entre o acontecimento e a narração do fato, há um espaço em profundidade, é ali que explode a invenção” (EVARISTO, 2017, p.11). É nela, nessa escola vivida praticada, que acreditamos. Foi nela – nessa escola que abriga a noção e o sentido de tantas outras como ela – que aprendemos tudo que *sabemos pensamos sentimos* para com ela escrevermos uma tese, “que se enreda como sendo contribuição para o pensamento democrático e para a tessitura da emancipação social” (SÜSSEKIND, 2007, p. 205). Nela, descobrimos que “a presença do pesquisador na escola, na sala, testemunha e influencia a produção desses saberes e desta forma os ineditiza” (SÜSSEKIND, 2007, p.149). Dado o exposto, defendemos que o inédito da tese é a criação dos relatos da prática.



Sem assumir um caráter de exemplaridade, amostra ou ilustração, os relatos das práticas geram novos saberes nos quais os leitores (professoras e alunos e outros) se reconhecem, ressignificam e dão sentido às suas próprias experiências e valorizam – acho que isso é o mais importante – a existência, o surgimento e a desinvisibilização de outras/novas táticas em outros/novos espaços tempos de outras/novas escolas (SÜSSEKIND, 2007, p.149).

Em um cenário, que não se restringe ao campo literário, escrevemos experiências coletivizadas trazendo para a escrita acadêmica a ficção com os relatos das práticas, mantendo essa busca por romper a dicotomia entre a ficção e a realidade. “Assim como as palavras criam a realidade, elas criam, também, a ficção. E a beleza da ficção é ver realidade nas palavras” (TKOTZ, 2006. p.109). A escola pesquisada é tudo isso e não é nada disso (SÜSSEKIND, 2007).

REFERÊNCIAS

ALVES, Nilda. Os movimentos necessários às pesquisas com os cotidianos – após muitas ‘conversas’ acerca deles. In OLIVEIRA, Inês Barbosa de; SÜSSEKIND, Maria Luiza; PEIXOTO, Leonardo (orgs). **Estudos do cotidiano, currículo e formação docente** - questões metodológicas, políticas e epistemológicas. Curitiba: CRV, 2019.



ALVES, Nilda. Sobre movimentos das pesquisas nos/dos/com os cotidianos das escolas”. In ALVES, Nilda e OLIVEIRA, Inês Barbosa de (orgs.). **Pesquisa no/do cotidiano das escolas**: sobre redes de saberes. Rio de Janeiro: DP&A, 2008.



ALVES, Nilda. Decifrando o pergaminho: o cotidiano das escolas nas lógicas das redes cotidianas. In: ALVES, Nilda e OLIVEIRA, Inês Barbosa de (Orgs.). **Pesquisa no/do cotidiano das escolas**. Rio de Janeiro: DP&A, 2001.



DANIEL, Sharon. **The Public Secret**: Information and Social Knowledge, 2007. Disponível em http://artsites.ucsc.edu/faculty/sdaniel/bordertech/publications/PublicSecrets_documenta.pdf. Acesso em: 27 jun. 2021.



ESTEBAN, Maria Tereza. A negação do direito à diferença no cotidiano escolar. Avaliação, Campinas; Sorocaba, SP, v. 19, n. 2, p. 463-486, jul. 2014. Disponível em <https://www.scielo.br/j/aval/a/5KL8M8R7v5fgzbmnkxrhLMP/?lang=pt&format=pdf> Pesquisado em 05/01/2022



EVARISTO, Conceição. **Poemas da recordação e outros movimentos**. 3.ed. Rio de Janeiro: Malê, 2017.



EVARISTO, Conceição. **Becos da Memória**. Florianópolis: Ed. Mulheres, 2013.



GONZALEZ, Lélia. Por um feminismo Afro-latino-americano. Caderno de Formação Política do Círculo Palmarino, n.1, **Batalha de Ideias: AfroLatinoAmérica**, p. 12-21, 2011.



HOOKS, bell. Ensinando a transgredir: a educação como prática de liberdade. Trad. Marcelo Brandão Cipolla. São Paulo: Martins Fontes, 2013.



JESUS, Carolina Maria de. Quarto de despejo: diário de uma favelada. São Paulo: Ática, 2005.



OLIVEIRA, Inês Barbosa de. **O currículo como criação cotidiana**. Petrópolis: DP et Alii; Rio de Janeiro: FAPERJ, 2012.



SÜSSEKIND, Maria Luiza; CARMO, Lorena Azevedo do; NASCIMENTO, Stephanie Duarde Láu do. 'Alfinetar': currículos, ódios e gêneros. **Revista Estudos Feministas**, v. 28, 2020. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ref/a/c6h7sWF7qd8SbkyNhskcCnj/abstract/?lang=pt>. Acesso em 30 jul. 2022.



SÜSSEKIND, Maria Luiza. A BNCC e o “novo” Ensino Médio: reformas arrogantes, indolentes e malévolas. **Retratos da Escola**, v. 13, n. 25, 2019. <http://retratosdaescola.emnuvens.com.br/rde/article/view/980> Acesso em: 07 jan 2022.



SÜSSEKIND, Maria Luiza. A BNCC e o “novo” Ensino Médio: reformas arrogantes, indolentes e malévolas. **Retratos da Escola**, v. 13, n. 25, 2019. <http://retratosdaescola.emnuvens.com.br/rde/article/view/980> Acesso em: 07 jan 2022.



SÜSSEKIND, Maria Luiza; PAVAN, Ruth. Outras metodologias e outras epistemologias: pesquisas com currículos a caminho de bacurau. *Revista Teias*, v. 20, n. 59, p. 1-7, 2019. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/revistateias/article/view/47485>. Acesso em 04 jan. 2022.



SÜSSEKIND, Maria Luiza. “O que aconteceu na aula? Políticas, currículos e escritas nos cotidianos da formação de professores numa universidade pública”. *Revista Teias* [online], Rio de Janeiro, v. 18, p. 134-148, out./dez. 2017. Disponível em <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/revistateias/article/view/30506> ISSN 1982-0305. <https://doi.org/10.12957/teias.2017.30506>. Acesso em 07 out 2022.



SÜSSEKIND, Maria Luiza. **Quem é William F. Pinar?**. Rio de Janeiro: De Petrus et Alii, 2014.

SÜSSEKIND, Maria Luiza. O ineditismo dos estudos nos cotidianos: currículos e formação de professores, relatos e conversas em uma escola pública do Rio de Janeiro. Brasil, *Revista e-Curriculum*, [S.l.], v. 9, n. 2, ago. 2012. ISSN 1809-3876. Disponível em: <http://revistas.pucsp.br/curriculum/article/view/10987/8107>. Acesso em: 06 set. 2020.



SÜSSEKIND, Maria Luiza. Teatro de ações: arqueologia dos estudos nos cotidianos. Relatos das práticas pedagógicas emancipatórias nas escolas. Tese (Doutorado em Educação) - Universidade do Estado do Rio de Janeiro, UERJ, Rio de Janeiro, 2007. 235 p.



Tkotch, Silvia. **De Canarinhos a Bom Jesus**: tecendo histórias em conversas. 2006, 192 f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Faculdade de Educação, PROPED/UERJ, Rio de Janeiro. 2006.



PROTOCOLOS PELA VIDA:
O ENSINO HÍBRIDO ENTRE BAMBOLÊS, CORDAS E RISADAS
NA EDUCAÇÃO INFANTIL

Elaine da Silva Gonçalves¹

Maria Luiza Sússekkind²

Silvia Tkotz³

O presente artigo apresenta uma conversa entre uma professora da Educação Infantil, uma orientadora pedagógica e autores que contribuem com seu referencial teórico em um exercício de compreensão das práticas pedagógicas e criações curriculares desenvolvidas em uma escola pública da periferia da Baixada Fluminense/RJ/ Brasil. O texto apresenta os modos de criar currículo com a Educação Infantil no retorno às aulas presenciais durante a pandemia e as experiências vividas são narradas como prática de pesquisa, formação e escrita curricular a partir dos estudos com os cotidianos. Com Butler (2020), Sússekkind (2020, 2012), Sússekkind e Reis (2015), Sússekkind e Lopes (2020) dialogamos sobre a vulnerabilidade intensificada pela pandemia, maneiras de resistência contra o desmonte da educação pública, o ensino híbrido e a organização possível na educação infantil. Enredadas por protocolos pela vida, criamos e narramos novas outras práticas tecidas na perspectiva da tessitura do conhecimento em redes, criando currículos praticados pensados, como nos fala Oliveira (2012). Entre bambolês, cordas e risadas (re)criamos o brincar com distanciamento, além das cantigas, escritas e histórias que cantamos narramos relatamos e vivemos na escola – e no whatsapp – todo dia. Influenciadas pelo compromisso político com os mais pobres e pelo querer bem que rege a interação que queremos com o mundo, narramos um pouco daquilo que perpassa nossos cotidianos escolares, encanta a escolha que fizemos pela docência como profissão e transborda amor, mesmo em cenários de tanta dor.

Palavras-chave: práticas pedagógicas, educação infantil, criação curricular, conhecimentos em rede

Desenvolvemos, no presente artigo, uma conversa inventada a partir do material registrado no caderno de campo e dos relatórios de uma professora da Educação Infantil

¹ Pós-graduação em Gestão e Orientação Escolar. Graduação em Pedagogia, Professora concursada da Rede Municipal de Duque de Caxias.

² Pós-Doutorado em Currículo pela Universidade British Columbia/Canadá. Professora e Coordenadora do PPGEdU/UNIRIO Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro. Vice-presidente Sudeste da Associação Nacional de Pesquisa em Educação-ANPEd. Cientista do Nosso Estado FAPERJ. Pesquisador Produtividade 2 CNPq.

³ Doutoranda no PPGEdU/UNIRIO/Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro. Orientadora Pedagógica e Educacional na rede pública de Educação de Duque de Caxias/RJ. Professora na Universidade Estácio de Sá.

e de uma orientadora pedagógica da escola, incluindo autores que vieram a contribuir com seu referencial teórico em um exercício de tessitura de compreensão das práticas pedagógicas e criações curriculares desenvolvidas em uma escola pública da periferia da Baixada Fluminense/RJ/ Brasil, no município de Duque de Caxias. Essa escola teve as aulas presenciais suspensas em março de 2020 e retornou às aulas presenciais em fevereiro de 2021. Em um cenário a caminho de quinhentas mil mortes por COVID-19⁴, estudantes estão em um modelo híbrido de educação.

Em 17 de março de 2020, O Ministério da Educação/MEC (BRASIL, 2020) dispôs sobre a substituição das aulas presenciais por aulas em meios digitais enquanto durasse a situação de pandemia do Novo Coronavírus - COVID-19. Essa doença, à época ainda desconhecida, alterou profundamente as relações sociais e atingiu diretamente as escolas. A quase totalidade de estudantes na escola pesquisada não conseguiu acessar as propostas de atividades por meios digitais.

Em 2021, com o retorno às aulas presenciais, no entanto, com redução de alunos por turma, as crianças frequentavam a escola quinzenalmente. Foi considerado como proposta de ensino híbrido, pela Secretaria de Educação de Duque de Caxias, ter alguns dias de aulas presenciais e outros dias, com atividades por meios digitais, seguindo orientações do Protocolo de Retorno às Atividades Presenciais nas Unidades Escolares (DUQUE DE CAXIAS, 2020). Ainda que muitas famílias continuassem com dificuldades de acesso à internet, a maneira que alcançou mais estudantes foi enviar propostas de atividades por WhatsApp.

Assim sendo, o ensino presencial passou a incluir o ensino remoto emergencial como complementar, “pelo uso de plataformas educacionais ou destinadas para outros fins, abertas para o compartilhamento de conteúdos escolares” (GARCIA et al., 2020, p.). No caso da escola pesquisada, apenas o WhatsApp atendeu parcialmente a possibilidade de inserção de meios digitais.

[Orientadora Pedagógica]

– Gostaria de ter em nosso Projeto Político Pedagógico um registro de como está sendo o ano de 2021 para professoras e estudantes em nossa escola nesse tempo.

[Professora da Educação Infantil]

⁴ Este artigo é resultado de pesquisa de doutorado, tendo a tese defendida em dezembro de 2022, e resgata o cotidiano da escola e os materiais da pesquisa de campo do início do mês de junho do ano de 2021 em que os números de morte por COVID-19 no Brasil continuavam a subir vertiginosamente.

– O ano letivo já começou diferente. O início deste ano não se deu como eu esperava pois eu tinha a expectativa de que estivéssemos mais adiantados na corrida pela imunidade. Com o ritmo lento da vacinação, além dos desafios aos quais já estava habituada no início de cada ano letivo, nesse 2021 presencial temos uma pandemia, com a qual ainda estamos aprendendo a conviver. A escola precisou se reorganizar, adaptando-se a novos padrões de funcionamento e convivência, a fim de atender a demanda de cuidados sanitários necessários. Nesse cenário, como receber as crianças de 4 e 5 anos, iniciando sua vida escolar, sem perder o encanto, a curiosidade e as aprendizagens com a Educação Infantil?



[Orientadora Pedagógica]

– A Pandemia é um acontecimento que expôs ainda mais as questões de vulnerabilidade. As crianças e nós estamos aprendendo com a pandemia em redes que são tecidas em muitas direções. Os contatos cotidianos trazem novos outros fios para a tessitura desses conhecimentos.

[Judith]⁵

– Por um lado, a pandemia expõe uma vulnerabilidade global. Todos são vulneráveis ao vírus porque, sem imunidade, todos são vulneráveis à infecção viral proveniente de superfícies ou de outros seres humanos. Vulnerabilidade não é apenas a condição de ser potencialmente prejudicado por outro. Nomeia o caráter poroso e interdependente de nossas vidas corporais e sociais. Somos entregues desde o início a um mundo de outros que nunca escolhemos para nos tornarmos seres mais ou menos singulares. Essa dependência não termina precisamente na idade adulta. Para sobreviver, absorvemos algo. Somos afetados pelo meio ambiente, pelos mundos sociais e pelo contato íntimo. Essa suscetibilidade e porosidade definem nossas vidas sociais corporificadas (BUTLER, 2020, p. 01)

[Professora da Educação Infantil]

⁵ As citações, nesse artigo, a fim de comporem a conversa, aparecem na escrita do discurso direto, introduzida por travessão.

– O espaço escolar na Educação Infantil desafia as crianças a deixar a família por algumas horas, aprendendo a compartilhar outros mundos sociais, espaços, objetos e atenção de terceiros. Para as crianças da minha turma tudo é novo, sem muitas referências



do que era a escola antes da pandemia. Sendo assim, fiz o possível para que o ambiente escolar trouxesse para elas momentos leves, alegres e de novas aprendizagens,

não permitindo que minhas atitudes fossem engessadas pelo medo ou pelos protocolos de segurança, que, inclusive, foram muito bem absorvidos pelos pequenos. Mesmo com máscaras percebemos os sorrisos através dos olhos. As mãos lambuzadas de álcool em gel não impossibilitaram os gestos que acompanham nossas cantigas. Mesmo não reunindo todos os integrantes da turma no mesmo dia, estamos descobrindo o mundo das letras através dos nossos nomes. O distanciamento entre as cadeiras não impediu a aproximação dos corações.

[Orientadora Pedagógica]

– As experiências vividas na escola são espaçotempo de formação pessoal e profissional. A narrativa que faz da maneira como foi conduzindo essa volta às aulas presenciais se apresenta como prática de pesquisa a partir dos estudos com os cotidianos em meu doutorado.

[Maria Luiza]

– Defendemos com os estudos nosdoscotidianos que as narrativas elaboram, ressignificam e conservam essas práticas, ou seja, acumulam saberesfazeres socialmente reconhecidos porém hierarquicamente classificados como menores (SÜSSEKIND, 2012, p.5).

[Orientadora Pedagógica]

– Quero assim, ouvir mais as histórias das práticas educativas que são criações curriculares e se fazem narrativas em minha tese. Como foi receber as crianças presencialmente?

[Professora da Educação Infantil]

– Tínhamos uma grande expectativa de como seria a adaptação das crianças, não só aos desafios cotidianos da escola, mas também, aos protocolos de segurança sanitária que são exigidos e necessários para o retorno às aulas presenciais. O trabalho foi iniciado com a carga horária reduzida e divisão dos alunos por grupos, o que me levou a priorizar o trabalho com as atividades da rotina na Educação Infantil, como roda de conversa, leitura compartilhada, calendário, chamada, músicas e brincadeiras dirigidas, já que nesse momento, para que os cuidados sejam mantidos, não podemos explorar livremente os espaços da escola.

Desde o primeiro contato, as crianças foram recebidas com carinho e tiveram a oportunidade de conhecer a sala de aula acompanhadas dos responsáveis. No início do ano, a sala estava "nua" – sem cartazes ou painéis – e expliquei que, juntos, faríamos esse trabalho. E é o que temos feito. Pouco a pouco, as paredes vão ganhando cores, formas, letras e números, deixando o ambiente alegre e as crianças motivadas. Ver suas próprias produções e registros nas paredes é uma maneira de transformar o que é individual em algo coletivo.



[Maria Luiza e Graça]

– Poder estabelecer um espaçotempo de partilha, onde cada docente [e discente] tem espaço para narrar suas experiências e trocar com o outro, nos parece importante para “vivermos” coletivamente as miudezas das escolas. (SÜSSEKIND E REIS, 2015, p. 616).

[Orientadora Pedagógica]

– E são tantas...

[Maria Luiza e Graça]

– Percebemos um cotidiano repleto de criatividade e inventividade, o que nos ensina que na vida de todo dia não há como se fazer tudo sempre igual, porque o cotidiano é algo para além das ações rotineiras (SÜSSEKIND E REIS, 2015, p. 623).

[Orientadora Pedagógica]

– Na Educação Infantil temos a rotina como um elemento da proposta pedagógica. No entanto, percebemos as (im)possibilidades da repetição pois imprevisibilidades e oportunidades emergem com a prática pedagógica cotidiana e invertem, subvertem,

revertem e criam novas outras práticas para além do planejado e/ou instituído.

[Professora da Educação Infantil]

– Como nunca, tivemos que inventar e criar práticas. Um outro desafio que encontramos, neste momento, é pensar o ensino híbrido para a educação infantil, pois a organização possível para atender as crianças presencialmente foi organizar grupos. Assim sendo, dos três grupos organizados, cada um tem uma semana de aula presencial e duas semanas de aula em ambiente remoto. Uma das estratégias que pensei foi manter contato através do WhatsApp, compartilhando com os que estão em casa um pouco das atividades dos que estão em sala de aula através de fotografias das atividades. Gravo vídeos com as músicas que cantamos e histórias que lemos, pedindo às famílias que incentivem as crianças a ouvir as histórias, conversar sobre e cantar comigo.



[Maria Luiza]

– Há oportunidades de nos colocar mais em rede, de fazer mais troca. O ensino híbrido pode ser uma oportunidade de discutir a redução da presencialidade, dando visibilidade ao chão da escola, ao currículo como um espaço-tempo de criação didática e de conteúdo de maneira permanente. (SÜSSEKIND, 2020).

[Professora de Educação Infantil]

– Em nossa realidade de escola pública, não temos a disposição toda a estrutura ou material que gostaríamos de ter. Por hora, meu celular tem sido meu aliado para atender as crianças em ambiente remoto. Nas aulas presenciais, o contato físico não é possível, porém o contato visual, a escuta e o respeito estão presentes. As crianças, aos 4 ou 5 anos, cumprem os protocolos: máscara, álcool em gel, aferição de temperatura e distanciamento. Esse último precisa ser lembrado mais do que os outros. Enfim, as crianças se apropriaram dessas novidades muito mais rápido do que eu pensava. Assim sendo, o que vejo são crianças felizes por estarem na escola. Elas aprendem a se comunicar cada vez melhor, ouvir, respeitar o espaço e a vez do outro, compreender a importância das regras através das brincadeiras, experimentar novos alimentos, escrever o próprio nome, reconhecer as letras dos amigos, conhecer o calendário e os números.

Essas aprendizagens devem estar em todas as escolas, mas são únicas e individuais e cada criança tem o seu tempo para compreender e demonstrar o que aprendeu.



[Maria Luiza e Clarissa]

– Essas práticas são plenas de sentimentos, de significados produzidos no enredamento entre diferentes dimensões da vida cotidiana. São conhecimentos praticados que desobedecem a qualquer tipo de matriz por serem plurais e ao mesmo tempo singulares (SÜSSEKIND, LOPES, 2020, p.372).

[Inês]

– Os conhecimentos são tecidos pelos sujeitos a cada momento, sendo, portanto, sempre novos, diferentes dos anteriores e, sobretudo, provisórios. Entendemos, na perspectiva da tessitura do conhecimento em redes, que dizer algo a alguém apenas provoca aprendizagem e (re)criação de conhecimentos quando aquilo que foi dito se conecta às redes já existentes e com tudo o que as compõe – valores, experiências, conhecimentos formais, crenças, convicções, emoções, sensações, sentimentos – e passa a integrá-las, modificando-as. (...) Cada um tem uma forma própria e singular de tecer suas redes de conhecimentos através dos modos como atribui significados às informações recebidas de diferentes fontes, estabelecendo conexões entre os fios e tessituras anteriores e os novos (OLIVEIRA, 2012, p. 68-69).

[Professora de Educação Infantil]

– Nossas práticas foram muito impactadas por modos de fazer que precisam respeitar os protocolos pela vida, novos fios com os quais estamos tentando tecer esses outros conhecimentos. Por causa da segurança sanitária e dos cuidados necessários, o material de uso coletivo na educação infantil, e que configura um dos meios de aprender a compartilhar e respeitar a vez do outro, deu lugar ao material de uso individual. Então, quem hoje usa o rolinho da massinha, sabe que não pode emprestar ao amigo que pede, mas também está ciente de que numa próxima oportunidade não poderá tê-lo novamente. Se, hoje, a criança manuseia um livro, ela sabe que não poderá passá-lo para o colega curioso que quer vê-lo também, mas num outro dia será a vez dele. Desta forma, temos nos adaptado aos novos outros modos de compartilhar e de aprender. Precisamos, a todo instante, repensar os modos de aprendizagem.

[Maria Luiza e Clarissa]

– Os currículos oriundos dos acontecimentos cotidianos são costurados nos interesses, dissensos, intervenções, conversas, práticas que ultrapassam as aprendizagens rígidas dos conteúdos formais científicos, produzem na coletividade maneiras de lerversentircriar o mundo (SÜSSEKIND, LOPES, 2020, p.371).

[Professora de Educação Infantil]

– As maneiras de lerversentircriar currículo nesse novootro cotidiano escolar evidenciaram os nãoos que a educação em nossa e em outras escolas recebe periodicamente

do sistema de educação pública: não tem verba, não tem material, não tem brinquedos e jogos novos, não tem parquinho, não tem brinquedoteca.... Mas, sigo inventando em minha sala de aula pequenas resistências contra o desmonte da educação pública. Se não podemos dançar livremente pela sala, porque precisamos manter o distanciamento social, combinamos que cada um fique atrás de sua cadeira e ali nossas coreografias acontecem. Bater palmas ou os pés no chão, aprender a fazer um coração com as mãos ou imitar expressões faciais que representam nossas emoções, teatralizando uma cantiga, são opções simples, que não exigem nenhum recurso, mas que me permitem tecer aprendizagens e provocar risadas.

[Orientadora Pedagógica]

– Gosto de pensar que você cria currículos praticadospensados umedecidos pelo prazer (INÊS, 2012, p.45). Como orientadora, acompanho seu trabalho na escola e, além de nossas conversas, sempre que consigo, estou à sua porta para, ao menos, fotografar algum lance. Foi como no dia em que cheguei e vi as crianças desenhando. Você conseguiu desobedecer o afastamento imposto, sem desrespeitar a segurança necessária, através de um enorme papel único onde as crianças desenhavam juntas, ainda que cada uma do seu lugar. Em outros momentos, vejo você com as crianças no pátio, em brincadeiras coletivas, conseguindo garantir o distanciamento. Entre bambolês, cordas e risadas, a (re)criação do brincar acontece.





As brincadeiras dirigidas com distanciamento

[Professora de Educação Infantil]

– Você destaca o brincar e Jeferson⁶, estudante da turma 41, ansioso por fazer "dever de verdade", como disse ele. Quantas vezes as crianças chegam na escola com expectativas de seus familiares, voltadas principalmente para a aprendizagem da escrita. Muitas famílias não compreendem a importância do brincar na educação infantil. Jeferson, por exemplo, não ficou muito convencido quando expliquei que já estávamos fazendo "dever de verdade", cantando, contando, dançando e brincando. Se eu ceder ao "dever de verdade" estarei, de certo modo, afirmando que também não acredito na proposta da educação infantil de nossa escola. Irei validar a ideia de que a escola não é lugar de brincar e contribuirei para perpetuar essa expectativa das crianças, das famílias e de toda a comunidade escolar.



[Maria Luiza]

– Currículos assim como escritas são conversas que falam tanto de quem conversa/escreve quanto do mundo e dos conhecimentos. Falam articulando sentidos de modo precário e fugaz num movimento arquitetônico de desconstrução e enredamento de si, do mundo e dos conhecimentos (SÜSSEKIND, 2017, p. 137).

[Orientadora Pedagógica]

⁶ Os nomes que aparecem no artigo são fictícios para garantir o anonimato.

– Compreendemos que a escrita adquiriu um valor social e cultural. Não estamos



retirando a experiência das leituras e das escritas com a educação infantil. Outro dia, por exemplo, vi no WhatsApp a gravação da “chamada” feita por você, professora. Imaginei as famílias aprendendo os nomes das crianças da turma, ao acompanhar a atividade em que você mostrava a ficha com o nome de cada uma pelo grupo da turma. Outras tantas atividades são voltadas para essa

aquisição do sistema de língua escrita, no entanto, as práticas alfabetizadoras fogem do cobrir pontinhos ou realizar atividades de psicomotricidade com foco na preparação para a alfabetização, como algumas pessoas ainda teimam em supor necessárias.

[Maria Luiza]

– E imaginar que uma das preocupações centrais dos defensores da Base é a aquisição de habilidades de leitura e escrita (e nas idades certas) [...] Proponho pensar as escritas como lugar da diferença, emaranhados de eus, histórias, contextos, desejos e por entender que merecem atenção maior diante de um contexto nacional e global de ameaça à democracia e à educação pública (SÜSSEKIND, 2017, p. 134).

[Professora de Educação Infantil]

– Eduarda, feliz da vida porque tem a mesma letra inicial que Elaine. Guilherme não quer ir embora da escola. Leonardo, diz a mãe dele, já acorda pensando em ir para a escola. “Espero que continue assim”. Vinicius me mostra que finalmente está conseguindo fazer coração com as mãos, através do passo a passo que ensinei com uma música. Poderia narrar muitas outras pequenas histórias que acontecem na sala de aula e/ou, hoje, no grupo de WhatsApp da minha turma que me possibilitam comunicar sobre conhecimento, práticas pedagógicas cotidianas e criação curricular, que transbordam como minha luta pela educação pública.

[Maria Luiza e Alexandra]

– O que percebemos a partir desse estudo é que os estudos nosdosc com os cotidianos vêm elaborando um conhecimento específico nasdascom as escolas. Elas têm como objetivo e cuidam para que o olharouvirsentir crie uma forma inédita de

contar/narrar/relatar o que se vive na escola todo dia (SÜSSEKIND, GARCIA, 2008, p. 03) .

Essa professora e essa orientadora somos nós, autoras do texto, e com a autorareferenciabibliográficaprivilegiada vamos tecendo currículo, cotidianamente, por uma educação das infâncias aberta e dialógica. Engajadas pelo compromisso político com os mais pobres, fugindo da lógica de assistência, e pelo querer bem que rege a interação que queremos com o mundo, narramos um pouco daquilo que perpassa nossos cotidianos escolares, encanta a escolha que fizemos pela docência como profissão e transborda amor, mesmo em cenários de tanta dor.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Ministério da Educação. **Portaria nº 343**, de 17 de março de 2020. Dispõe sobre a substituição das aulas presenciais por aulas em meios digitais[...]. Diário Oficial da União: seção 1, Brasília, DF, p. 39, 18 mar. 2020a. Disponível em: <https://abmes.org.br/arquivos/legislacoes/Portaria-mec-343-2020-03-17.pdf>. Acesso em: 10 jun 2021.



BUTLER, Judith. **O luto é um ato político em meio à pandemia e suas disparidades**. [Entrevista concedida a] George Yancy. Carta Maior. São Paulo, 10 jun 2020. Disponível em <https://www.cartamaior.com.br/?/Editoria/Pelo-Mundo/Judith-Butler-O-luto-e-um-ato-politico-em-meio-a-pandemia-e-suas-disparidades/6/47390> Acesso em: 10 jun. 2021.



DUQUE DE CAXIAS. Protocolo de Retorno às Atividades Presenciais nas Unidades Escolares. Secretaria Municipal de Educação, Duque de Caxias, 2020.

GARCIA, Tânia Cristina Meira; MORAIS, Ione Rodrigues Diniz; ZAROS, Lilian Giotto; RÊGO, Maria Carmem Freire Diógenes. **Ensino remoto emergencial**: orientações básicas para elaboração do plano de aula (recurso eletrônico). Natal, SEDIS/UFRN, 2020. Disponível em: https://repositorio.ufrn.br/bitstream/123456789/29766/1/ENSINO%20REMOTO%20EMERGENCIAL_orientacoes_basicas_elaboracao_plano_aula.pdf. Acesso em: 10 jun 2021.



OLIVEIRA, Inês Barbosa de. **O currículo como criação cotidiana**. Petrópolis: DP et Alli, 2012.



SÜSSEKIND, Maria Luiza. **Ensino híbrido: oportunidades e desafios da abordagem pedagógica**. Canal do Jeduca no Youtube, 2020. Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=W4FI-bc2KdY&list=PLgoBNkOUiDtufqrtxT8KZ2lnMZ-pZiuPD> Acesso em: 10 jun. 2021.



SÜSSEKIND, Maria Luiza.; LOPES, Clarissa Teixeira. A “TIA DOS BICHOS” : currículos em práticas de conhecimento-emancipação solidárias. **Revista Espaço do Currículo**, [S. l.], v. 13, n. 3, p. 368–380, 2020. Disponível em: <https://periodicos.ufpb.br/index.php/rec/article/view/51686>. Acesso em: 10 jun 2021.



SÜSSEKIND, Maria Luiza. O que aconteceu na aula? Políticas, currículos e escritas nos cotidianos da formação de professores numa universidade pública. **Revista Teias** [online], Rio de Janeiro, v. 18, p. 134-148, out./dez. 2017. Disponível em <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/revistateias/article/view/30506>. ISSN 1982-0305. <https://doi.org/10.12957/teias.2017.30506>. Acesso em 10 jun. 2021.



SÜSSEKIND, Maria Luiza; REIS, Graça Franco da Silva. Currículos como experiências vividas: um relato de embichamento nos cotidianos de uma escola na cidade do Rio de Janeiro. **Currículo sem Fronteiras** [online], v. 15, n. 3, p. 614-625, dez. 2015. Disponível em <http://www.curriculosemfronteiras.org/vol15iss3articles/sussekind-reis.pdf>. ISSN 1645-1384. <https://doi.org/10.12957/teias.2017.30506>. Acesso em 10 jun. 2021.



SÜSSEKIND, Maria Luiza. O ineditismo dos estudos nos cotidianos: currículos e formação de professores, relatos e conversas em uma escola pública do município do Rio de Janeiro, Brasil. **Revista e-Curriculum**, São Paulo, v. 8, n. 2, ago. 2012.



SÜSSEKIND, Maria Luiza; GARCIA, Alexandra. Olhar sem ver: escolas invisíveis e currículos praticados. 2008. Disponível em: <https://anped.org.br/sites/default/files/gt12-4443-int.pdf> . Acesso em: 10 jun. 2021.



ESCOLA NÃO É UM SERVIÇO ESSENCIAL: ESCOLAS SÃO TERRITÓRIOS DE CIDADANIA NA DEFESA DA VIDA E DA DEMOCRACIA

Fábia Moreira Silva¹

Maria Luiza Sússekind²

Silvia Tkotz³

Esse artigo trata das maneiras de acolhimento, as (não) vivências digitais e as ações pedagógicas com uma escola pública na Baixada Fluminense. Nas experiências narradas, discorre sobre o projeto político pedagógico local (SÜSSEKIND, 2020), a vulnerabilidade intensificada, as maneiras de resistência contra o desmonte da educação pública, o ensino híbrido e a organização possível da escola em tempos de pandemia na perspectiva da tessitura do conhecimento em redes (ALVES, 2001, 2008, 2019), criando currículos praticadospendados (OLIVEIRA, 2012). Na luta pelo direito à educação e pela democratização do acesso às tecnologias da informação, na defesa dos sujeitos desse direito, discorre sobre o formato híbrido das aulas e as dificuldades de acesso dos não incluídos digitalmente, colocando-se contra a noção de educação como atividade essencial. Da gestão às práticas educativas, o texto apresenta as experiências democratizantes dessa escola nesses tempos distópicos em defesa da vida na tentativa de manter um currículo pós crítico, um currículo percurso.

Palavras chave: Projeto Político Pedagógico, Experiências democratizantes, Currículo

Em reunião com as professoras, em março de 2021, uma das orientadoras da escola disse: “Estamos na ‘Escola da Pandemia’. No entanto, as famílias querem é a escola normal”. É desse outro normal, a ‘Escola da Pandemia’, que este artigo trata ao apresentar as maneiras de acolhimento, as (não) vivências digitais e as ações pedagógicas com uma escola pública na Baixada Fluminense que retornou às aulas presenciais em fevereiro de 2021. Assim como em Sússekind (2020), defendemos o projeto político pedagógico local e apresentamos as experiências narradas como possibilidade para pensarmos sobre a vulnerabilidade intensificada, as maneiras de resistência contra o desmonte da educação pública, o ensino híbrido e a organização possível da escola em tempos de pandemia, na perspectiva da

¹ Graduação em Pedagogia. Professora concursada da Rede Municipal de Duque de Caxias. Diretora Escolar.

² Pós-Doutorado em Currículo pela Universidade British Columbia/Canadá. Professora e Coordenadora do PPGEdu/UNIRIO Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro. Vice-presidente Sudeste da Associação Nacional de Pesquisa em Educação-ANPEd. Cientista do Nosso Estado FAPERJ. Pesquisador Produtividade 2 CNPq.

³ Doutoranda no PPGEdu/UNIRIO/Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro. Orientadora Pedagógica e Educacional na rede pública de Educação de Duque de Caxias/R.J. Professora na Universidade Estácio de Sá.

tessitura do conhecimento em redes (ALVES, 2001,2008, 2019), criando currículos praticados pensados (OLIVEIRA, 2012).

Essa escola teve as aulas presenciais suspensas em março de 2020, por determinação local pautadas na Portaria nº 343, de 17 de março de 2020 do Ministério da Educação (BRASIL, 2020). Ainda que as Diretrizes Nacionais orientadoras para a implementação de medidas no retorno à presencialidade das atividades de ensino e aprendizagem e para a regularização do calendário foram aprovadas em julho de 2021 (BRASIL, 2021), a escola retornou às aulas presenciais em fevereiro de 2021, a partir do disposto no decreto 7814/2021 (DUQUE DE CAXIAS, 2021).

Recuperamos em nosso material de campo, os contextos e tensões do período de fevereiro de 2022 para a escrita desse texto, quando vivemos em um cenário com mais de 638 mil mortes por COVID-19 e iniciamos o ano letivo com a variante Ômicron do coronavírus avançando no Brasil, dado o seu alto poder de contágio. A escola inicia o ano com a preocupação e os cuidados que iniciou em 2021, no entanto, mais experiente no que diz respeito aos protocolos de segurança (DUQUE DE CAXIAS, 2020). Perguntamos a diretora, como foi receber as crianças na pandemia, no ano anterior, atentas às práticas de gestão democrática desenvolvidas com essa escola pública na periferia, ao que ela relatou:

O retorno das atividades presenciais em 2021 no município foi definido no final de uma sexta-feira. A orientação era que as aulas comessem na segunda. Após quase um ano de escola fechada, com uma pandemia ainda sem controle e um protocolo a ser seguido, muitas providências deveriam ser tomadas. Naquele momento, senti que tudo o que a escola tem é ela mesma e as pessoas que nela estão. Não tivemos a autonomia que precisávamos para agir como pensávamos que deveríamos. Mais uma vez o exercício da democracia que temos na escola nos trouxe a força e a coragem. Saber que não estava sozinha validou os caminhos definidos. Recebemos a comunidade durante vários dias para apresentar um retorno seguro para estudantes, professores e colaboradores, em reuniões que se repetiam, com o objetivo de atender a grupos pequenos, sem aglomeração. Discutimos com as famílias cada item pensado para o nosso protocolo. Apontamos nossas fragilidades, mostramos nossos esforços, solicitamos apoio e parceria. Não foi e não está sendo fácil. A democracia não é fácil e nem gostosa na maioria do tempo. Vivenciá-la requer desapego, maturidade e reflexão constantes. Há discordâncias que demandam tempo e paciência. Mas nos mostram o quanto precisamos sair de nós e das nossas certezas para praticar a escuta e nos colocar no lugar do outro. Não é na harmonia que as decisões são tomadas, mas do debate de ideias diferentes. Hoje, ainda em meio a uma pandemia, estamos caminhando para uma “normalidade”. A escola, cada dia com mais estudantes. São outros novos desafios. Sinto que toda a energia da escola esteve voltada para pensar nos estudantes que vivem em

situação de maior vulnerabilidade. Nossas energias ainda estarão por um bom tempo nesse foco. Estamos nos apropriando das sequelas deixadas pelo ano em que estivemos longe dos estudantes.

O ano de 2020 foi um ano em que se aprendeu muitas coisas diferentes, na convivência fora da escola. Para a nossa escola não havia necessidade de validação de um ano letivo que não existiu para os menos favorecidos.

Estamos agora com essa missão: proporcionar caminhos para recuperar o que foi perdido (Diretora na escola pesquisada, 2021).



Distanciamento marcado no chão

Identificamos que a equipe de profissionais acompanhou orientações municipais, nacionais e internacionais que orientaram e orientam a Comissão de monitoramento dos casos e das suspeitas de Covid-19, importante grupo criado nessa escola para pensar nos cuidados necessários para o retorno às aulas presenciais. Diante dos riscos de contágio, infecção, complicações ou óbito por Covid-19, os protocolos sanitários, sistematizados pelo reletório técnico do Ministério Público do Estado do Rio de Janeiro (RIO DE JANEIRO, 2020), contribuíram para se adequar estratégias e

medidas para garantir o direito à educação.

O formato híbrido das aulas em 2021, mantendo rodízio entre as crianças, foi um recurso regulamentado pela Secretaria Municipal de Educação para se manter o número reduzido de estudantes em sala de aula a fim de garantir o distanciamento necessário, no entanto, assim como em 2020, nenhuma ação efetiva de democratização do acesso às tecnologias da informação foi implementada de modo que alcançasse estudantes que não podem estar na escola, por causas diversas, ou por redução da carga horária de aula presencial. Esse não acesso às tecnologias nos convoca à luta pelo acesso à internet como um direito fundamental.

De acordo com o Parecer CNE/CP nº 11, de 7 de julho de 2020 (BRASIL, 2020), é considerado ensino híbrido aquele que utiliza mais de uma estratégia para o retorno às aulas presenciais. O parecer estabelece que as aulas podem ser com retorno ora presencial, ora a distância. O ensino híbrido mescla entre aulas *online* e presenciais, mantendo a possibilidade

do ensino remoto emergencial como complementar para carga horária letiva, que seria “pelo uso de plataformas educacionais ou destinadas para outros fins, abertas para o compartilhamento de conteúdos escolares” (GARCIA et al., 2020, p.).

Aulas online, na escola pesquisada, são uma impossibilidade diante do pouco acesso à internet por estudantes e familiares. Em julho de 2021, temos nos registros da pesquisa de campo que perguntamos às professoras se estavam acompanhando nos grupos de WhatsApp das turmas quais as famílias que não fazem contato ou que não visualizam as mensagens, pois os informes da escola passaram a ser encaminhados pelos grupos, substituindo os antigos bilhetes. E como fazer com aquelas pessoas que não tinham esse acesso? O que foi percebido pelo grupo de professoras e pela direção da escola que a aproximação com a maioria das famílias aumentou pela possibilidade do contato imediato através do WhatsApp, no entanto, os modos de comunicação anteriores precisavam ser mantidos para atender aqueles que não estão incluídos nesse mundo digital.

Segundo a pesquisa sobre o uso das Tecnologias de Informação e Comunicação nos Domicílios brasileiros/TIC Domicílios 2021 (COMITÊ GESTOR DA INTERNET NO BRASIL, 2021), enquanto 100% dos domicílios da classe A possuem acesso à internet, apenas 61% dos das classes D/E dispõem do serviço. No detalhamento da pesquisa, em 2020, os números da exclusão digital também eram evidentes:

O telefone celular continuou sendo o principal dispositivo utilizado para acessar a rede, atingindo quase o total da população usuária de Internet com dez anos ou mais (99%). Para mais da metade desses usuários (58%), o acesso se deu exclusivamente pelo celular, proporção que chega a 90% entre aqueles que estudaram até a Educação Infantil ou que pertencem às classes DE (Gráfico 2). O uso exclusivo do celular também foi predominante entre os que residem na região Nordeste (72%) e que se autodeclararam pretos (65%) ou pardos (60%) (COMITÊ GESTOR DA INTERNET NO BRASIL, 2020).

Vamos identificando que o não acesso ou reduzido acesso à internet vai cada vez mais esgarçando o tecido social, intensificando as maneiras de exclusão e se colocando como mais uma das formas de segregação dos sujeitos da escola. Desde a Constituição Brasileira de 1988 (BRASIL, 1988) é assegurado a todos o acesso à informação como direito. As dificuldades de implementação da política pública de inclusão digital ficaram evidenciadas pela pandemia e, também por isso, urge defender que o direito à informação é essencial para o exercício da cidadania.

Como um parêntese em nossa ‘conversa’ sobre a gestão na escola nesses tempos com a pandemia e para melhor dialogar com ela, registramos o que foram as eleições de gestores

no município de Duque de Caxias. Após muita luta do sindicato de professores do município, enfim a Rede Municipal conseguiu ter eleições para diretores no ano de 2015 para o ano de 2016. Nas regras estabelecidas, cada gestor pode se reeleger por apenas um mandato. Ao terminar os primeiros dois mandatos, em 2019 para 2020, em muitas escolas não havia um candidato com interesse em pleitear o cargo. Logo, houve uma discussão sobre a permanência dos gestores, o que gerou longos debates.

Para haver democracia é necessário que outras pessoas estejam dispostas a participar desse movimento. O que aconteceu é que, havia grande chance de recondução dos diretores, que permaneceriam no cargo, caso não houvesse ninguém para concorrer. E foi o que aconteceu em muitas unidades. E, havia o risco de que, se não houvesse a recondução dos diretores, que a Secretaria de Educação faria a indicação de um profissional para a direção. A escola pesquisada, na pessoa de sua atual diretora, disse que teve medo de que isso acontecesse e, com o apoio prometido da colega, que era diretora nessa época, aceitou o desafio da candidatura. Foi eleita. Sobre isso, ela relata:

Assumi a gestão da Escola no início de 2020, após uma gestão de 10 anos da diretora anterior que mostrou caminhos muito bonitos de se fazer educação. Eu e a antiga diretora chegamos juntas à essa escola, como professoras, no ano em que a escola foi municipalizada. Passamos juntas por três gestões até que ela assumisse a direção, por indicação e, mais tarde, eleita pela comunidade por mais dois mandatos. Após isso, não poderia permanecer no cargo e a comunidade escolar deveria escolher uma outra gestora. Fui incentivada pelas colegas de trabalho e, com medo, me candidatei ao cargo. Fui eleita e assumi a responsabilidade de conduzir a direção. Assumi a direção em um momento complicado com a falta de recursos humanos no trabalho burocrático. A diretora anterior me ajudou muito nesse momento, mas logo saiu de férias e precisei assumir não apenas a função de diretora, como também de secretária escolar. Fazer matrícula, emitir documentos, cuidar do mapa de merenda, enviar frequência, organizar o início do ano letivo, receber mercadoria, atender responsáveis, cuidar do calendário escolar...

Foram múltiplas novas tarefas a desempenhar. A gestão de pessoal é algo que também demanda muito gasto de tempo e energia. Nesse momento a equipe de orientadoras foi fundamental. Juntas, planejamos o primeiro encontro com as professoras no ano de 2020. Foram muitos sonhos pensados, muitas ações planejadas que se ampliaram na semana de planejamento. Preparamos o acolhimento dos estudantes, organizamos banho de mangueira para um dia quente e até mesmo um baile de Carnaval entre as crianças. E estávamos tão absortas nesse início de ano letivo que não percebemos a pandemia chegar. Foi um choque. De sexta para segunda-tudo mudou e foram chegando as surpresas daquele 2020 tão difícil. Passamos o ano em um ensino remoto, nada democrático (Diretora na escola pesquisada, 2021).

E a escola é essencial? Vamos dialogar com essa questão no artigo, atentas à noção de serviço essencial que altera os sentidos da escola e da educação. Os efeitos trágicos do longo tempo de fechamento da escola, principalmente para aquelas crianças em situação de maior vulnerabilidade, levaram-nos a defender a volta às aulas presenciais com atenção à situação epidemiológica dos municípios e à vacinação de profissionais da educação. No entanto, não defendemos que o governo se aproprie dessa posição para legislar sobre o direito à educação no campo dos serviços. Temos uma tríade para garantir a criança como sujeito de direitos que regulamenta e se complementa, que é a Constituição Federal (Brasil, 1988), o Estatuto da Criança e do Adolescente (BRASIL, 1990), de 1990 e a Lei de Diretrizes e Bases da Educação (BRASIL, 1996) e é a partir dessas leis que devemos acompanhar os sujeitos desse direito.

Um Projeto de Lei – o PL 5595/20 – foi aprovado em 20 de abril de 2021, na Câmara dos Deputados, visando estabelecer a educação como atividade essencial em todo o território nacional. Se educação é um direito, é obrigação do Estado prover esse direito. Colocar a escola como atividade essencial corrobora para a garantia desse direito? A escola como atividade essencial desloca os sujeitos de direito a consumidores e o serviço, em si, passa a ser mais importante do que os consumidores, devendo ser oferecido ainda que coloque as pessoas em risco.



A escola pesquisada viveu essa situação de risco, pois precisou seguir as diretrizes vindas das autoridades locais que determinaram o início das aulas sem vacinação dos profissionais e, ainda, aula em tempos de “bandeira vermelha” – risco “alto” de disseminação – e “bandeira roxa” – risco “muito alto” de

disseminação. Conforme o grau de risco⁴, cada região recebe uma bandeira nas cores verde, amarela, laranja, vermelha, roxa ou preta a partir de um sistema de monitoramento adotado por órgãos e instituições responsáveis pela saúde pública. O chefe do executivo do município onde essa escola se localiza ignorou diversas vezes as orientações vindas de órgãos competentes da área de saúde.

⁴ O detalhamento das medidas de distanciamento está descrito no documento "Instrumento de Avaliação de Risco para a Covid-19", disponível em: conass.org.br/wp-content/uploads/2020/10/Estrategia-de-Gestao-Covid-19-2-1.pdf. Acesso em 10 jan 2022.

Com Butler (2020) argumentamos sobre a exigência de nos fazermos perguntas políticas difíceis sobre as condições que estruturam a magnitude e as disparidades da pandemia que dissemina a condição fatal de que algumas vidas são menos vivíveis que outras.

A resposta do público à pandemia foi identificar “grupos vulneráveis” - aqueles com maior probabilidade de sofrer o vírus como uma doença devastadora e como uma ameaça à vida - e contrastá-los com aqueles que têm menor risco de perder suas vidas a partir do patógeno. Os vulneráveis incluem comunidades negras e pardas privadas de cuidados de saúde adequados ao longo da vida e ao longo da história desta nação. Os vulneráveis também incluem pessoas pobres, migrantes, encarcerados, pessoas com deficiência, pessoas trans e *queer* que lutam para obter direitos à assistência médica e todos aqueles com doenças anteriores e problemas médicos duradouros. A pandemia expõe a vulnerabilidade ampliada à doença de todos aqueles que não têm acesso ou não podem pagar pelos cuidados de saúde (BUTLER, 2020, p. 01).

As autoras do PL 5595/20 argumentam que quase 5 milhões de crianças e adolescentes não possuem internet em casa (AGÊNCIA CÂMARA DE NOTÍCIAS, 2021). Cabe perguntar o porquê de nenhuma medida efetiva de inclusão digital ter chegado ao chão da escola (MELO, 2012) nesses dois anos de pandemia e por que as autoras não apresentam uma proposta que vá ao encontro da necessidade da inclusão digital que urge ser atendida e que elas usam como argumento, apropriando-se de discursos favoráveis à educação, mas distorcendo seus usos e sentidos.

A defesa da vida e da democracia nas escolas se dá nas práticas educativas, que fazem com que as escolas sejam territórios de cidadania. E como garantir esse território cidadão em tempos de pandemia? Como praticar a democracia com tantas desigualdades emergindo? Como praticar uma educação com as crianças em situação tão vulnerável intensificada pela distância?

Por um lado, a pandemia expõe uma vulnerabilidade global. Todos são vulneráveis ao vírus porque, sem imunidade, todos são vulneráveis à infecção viral proveniente de superfícies ou de outros seres humanos. Vulnerabilidade não é apenas a condição de ser potencialmente prejudicado por outro (...). Para sobreviver, absorvemos algo. Somos afetados pelo meio ambiente, pelos mundos sociais e pelo contato íntimo (BUTLER, 2020, p. 01).

O ano de 2020 foi surpreendente e assustador para o mundo todo. Nas escolas não poderia ser diferente. A interrupção brusca do ano letivo, que inicialmente pensava-se que seria por um curto período, estendeu-se por todo o ano. Da Secretaria de Educação saíram decretos quinzenais prorrogando a suspensão das aulas presenciais. Em abril, foi expedido um ofício circular, que orientava sobre a Proposta Pedagógica a ser realizada na rede naquele momento da pandemia.

Inicialmente, havia a possibilidade de que o trabalho remoto fosse opcional para os estudantes. Em votação, escolhemos não computar as atividades que estavam acontecendo, pois havia uma parcela dos nossos estudantes que não conseguiam acompanhar. Alguns pela dificuldade de acesso à internet, outros por não ter alguém que os pudesse ajudar. A distância nos impedia de exercer a democracia naquele momento para a nossa comunidade. Foram muitas reuniões online com a equipe diretiva e com as professoras buscando caminhos que não nos levavam ao encontro dos estudantes que mais precisavam. Cada decisão compartilhada era algo que apesar de nos fazer mais fortes, também nos lançava em um mar de incertezas (Diretora na escola pesquisada, 2021).

Essa escola tomou essa decisão de maneira diferente da maioria das escolas da rede, que aceitaram a proposta de computar em horas letivas as atividades desenvolvidas. Todo o



tempo, desde a primeira semana de afastamento das crianças, a escola apresentou propostas nas redes sociais a estudantes. Mas, observava que aproximadamente dez por cento ou, nem isso, acompanhavam o movimento. Depois de relutar pela preocupação com o contágio, passou a preparar material impresso para as crianças, a pedido de muitas famílias, mas ainda assim, sem considerar como dia letivo a realização dessas atividades que alcançavam até 50% de estudantes buscando as tarefas. Na devolução das atividades, observava-se que muitas sequer eram feitas pelas próprias crianças. Em outubro de 2020, passou a ser

obrigatória a realização das atividades não presenciais na rede municipal a partir de uma portaria e as atividades passaram a contar para um calendário letivo. A escola trabalhou durante todo o ano com os grupos de WhatsApp das turmas, planejou e preparou apostilas para estudantes, mas, ainda assim, mantinha-se inconformada com aquela proposta de educação baseada na transmissão de conhecimentos em atividades dirigidas em apostilas. Nós tínhamos conhecimento sobre o que alcançava estudantes da escola ou não. Assim como defende Xakriabá (2018), nós temos a ciência do território.

A escola do contexto não indígena tem muito o que aprender com as nossas, porque nós sabemos fazer com que esse espaço seja interessante para os alunos. Ele precisa servir para valorizar as experiências que nós vivemos no território [...] somos povos que produzimos nossa própria epistemologia nativa, que é alimentada na ciência do território (Xakriabá, 2018, p.19-20).

Como a escola não optou por validar suas atividades como carga horária em abril, a Secretaria de Educação não considerou o trabalho feito pela escola e, por este motivo, a escola precisou mandar ainda mais atividades durante as férias para que se completasse o ano letivo de 2020 em fevereiro de 2021. Toda a comunidade (professores, equipe e estudantes) foi penalizada por não se propor a considerar as apostilas que foram enviadas quinzenalmente para estudantes como dia letivo. Segundo a diretora, “tem sido muito difícil estar gestora nesses tempos tão desafiadores, mas nesses momentos, decisões coletivas ganham força, pois apesar das dificuldades, nos mantivemos de acordo com nossas convicções enquanto foi possível”.



Para 2021, o desafio foi o retorno das atividades presenciais, definido no final de uma sexta-feira. A orientação era que as aulas começassem na segunda.

Após quase um ano de escola fechada, com uma pandemia ainda sem controle e um protocolo a ser seguido e muitas providências a serem tomadas... Nesse momento a gente sente que tudo o que a escola tem é ela mesma e as pessoas que nela estão. Nem sempre temos a autonomia que precisamos para agir como pensamos que devemos. Mais

uma vez o exercício da democracia nos traz a força e a coragem. Saber que não estamos sozinhos valida os caminhos que escolhemos.

Recebemos a comunidade durante vários dias para apresentar um retorno seguro para nossos estudantes, professores e colaboradores. Discutimos juntos cada item pensado para o nosso protocolo. Apontamos nossas fragilidades, mostramos nossos esforços, solicitamos apoio e parceria das famílias. Não foi e não está sendo fácil. A democracia não é fácil e nem gostosa na maioria do tempo. Vivenciá-la requer desapego, maturidade e reflexão constantes. Há discordâncias que demandam tempo e paciência. Mas nos mostram o quanto precisamos sair de nós mesmos e das nossas certezas para praticar a escuta e nos colocar no lugar do outro. Não é na harmonia que as decisões são tomadas, mas do debate de ideias diferentes.

Hoje, ainda em meio a uma pandemia, estamos caminhando para uma “normalidade”. A escola, cada dia com mais estudantes. São outros novos desafios. Sinto que toda a energia da escola esteve voltada para pensar nos estudantes que vivem em situação de vulnerabilidade e para nossa proteção. Nossas energias ainda estarão por um bom tempo nesse foco. Estamos nos apropriando das sequelas deixadas pelo ano em que estivemos longe dos estudantes. 2020 poderia ser um ano em que se aprendeu muitas coisas diferentes, na convivência dos lares. Para a nossa escola não havia necessidade de validação de um ano letivo que não existiu para os desassistidos. Estamos agora com essa missão: proporcionar caminhos para recuperar o que foi perdido (Diretora na escola pesquisada, 2021).

E foi-se 2021. Uma nova professora chegou na escola para cobrir uma vaga nesse início de 2022. Ela recebeu por email o Projeto Político Pedagógico/PPP da escola, o projeto que será iniciado e alguns textos produzidos sobre a criação curricular com a escola. Ela respondeu assim:

Já comecei a leitura dos documentos. Comecei pelo PPP, quanta alegria! É a primeira vez que chego para trabalhar em uma escola da rede pública na qual sou convidada a conhecê-la intimamente. Ler um PPP como o dessa escola possibilita, a quem está de recém-chegada, tatear suas costuras e admirar seus bordados... Espero que eu possa sentar-me ao tear com vocês para aprender e desaprender em parceria, descobrindo juntas o tempo certo do ir e vir dos fios nessa tessitura com a escola. Quis compartilhar que tem sido muito nutritiva essa experiência de leraescola antes de serescola. A riqueza presente no processo de vocês traduzida de forma tão envolvente. Cada detalhe mostra o quanto vocês estão dispostas a confiar (fiar-com fiarjunto) no impulso de sair da zona de conforto e se lançar ao desconhecido, pois ainda que não saibamos exatamente o que queremos, pelo menos sabemos aquilo que não queremos! Parabéns pela coragem de acolher o desassossego e, assim, inventarem novas formas de ser no mundo! (Professora recém-chegada à escola).

A partir desses relatos da diretora, vimos a consolidação do PPP da escola como expressão do fazer coletivo em um movimento permanente de democratização ao defender o

direito à educação para todos, conforme dispõe a Constituição Federal de 1988 (BRASIL,1988), o Estatuto da Criança e do Adolescente (BRASIL, 1990) e a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (BRASIL,1996). O trabalho pedagógico vem deixando de ser isolado e as práticas de cooperação tem sido intensificadas desde 2015, com a escola exercitando aprender a criar consensos coletivos sem eliminar a pessoa. Ainda há nas propostas de ações educativas a ingenuidade de pensar o currículo como agente de transformação social.

Propomos, nesse texto, que a escola reflita sobre o quanto aprender para ser um bom cidadão é capitalista e mantenha-se na tentativa de um currículo pós crítico que é um currículopercurso. Os estudos com essa escola nos apontam para a formação cidadã horizontal em experiências democratizantes nesses tempos distópicos, em que “utopias praticadas tecendo redes de subjetividades e conhecimentos mobilizados pelo inconformismo” (SÜSSEKIND e CLARISSA, 2021, p. 373) se fazem criação curricular.

REFERÊNCIAS

AGÊNCIA CÂMARA DE NOTÍCIAS. **Projeto inclui educação entre atividades essenciais que não podem parar na pandemia.** 2021. Disponível em <https://www.camara.leg.br/noticias/725719-projeto-inclui-educacao-entre-atividades-essenciais-que-nao-podem-parar-na-pandemia/>. Acesso em 13 fev. 2022.



BRASIL. Ministério da Educação. **Parecer CNE/CP nº 6/2021.** Diretrizes Nacionais orientadoras para a implementação de medidas no retorno à presencialidade das atividades de ensino e aprendizagem e para a regularização do calendário escolar. Diário Oficial da União: seção 1, Brasília, DF, p. 34, 04 ag. 2021. Disponível em <http://portal.mec.gov.br/docman/julho-2021-pdf/195831-pcp006-21/file> Acesso em 13 fev 2022.



BRASIL. Ministério da Educação. **Portaria nº 343**, de 17 de março de 2020. Dispõe sobre a substituição das aulas presenciais por aulas em meios digitais[...]. Diário Oficial da União: seção 1, Brasília, DF, p. 39, 18 mar. 2020. Disponível em: <https://abmes.org.br/arquivos/legislacoes/Portaria-mec-343-2020-03-17.pdf>. Acesso em: 13 fev 2022.



BRASIL. Ministério da Educação. **Parecer CNE/CP nº 11/2020**, de 7 de julho de 2020 – Preleciona Orientações Educacionais para a Realização de Aulas e Atividades Pedagógicas Presenciais e Não Presenciais no contexto da Pandemia. Disponível em https://www.sesesp.org.br/wp-content/uploads/2020/07/Parecer-CNE-CP-11_2020-Orientacoes-Educacionais-para-Aulas-e-Atividades-Pedagogicas-Pandemia-COVID19.pdf Acesso em 13 fev 2022.



BRASIL. **Lei 12.527**, de 18 de novembro de 2011. Regula o acesso a informações previsto no inciso XXXIII do art. 5º, no inciso II, do parágrafo 3º do art. 37 e no parágrafo 2º do art. 216 da Constituição Federal; Altera a Lei nº 8112, de 11 de dezembro de 1990; revoga a Lei nº 11.111, de 5 de maio de 2005, e dispositivos da Lei nº 8.159, de 8 de janeiro de 1991; e dá outras providências. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2011-2014/2011/Lei/L12527.htm. Acesso em 13 fev. 2022.



BRASIL. **Lei nº 9394**, de 1996. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Lei Nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Brasília: Diário Oficial da União, 20 dez. 1996. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L9394.htm Acesso em: 13 fev. 2022.



BRASIL. Lei nº 8.069, 13 de julho de 1990. Dispõe sobre o Estatuto da Criança e do Adolescente e dá outras providências. Diário Oficial da União. ano 1990, Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l8069.htm. Acesso em: 13 fev. 2022.



BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil de 1988**. Brasília, DF: Presidência da República. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Constituicao/Constituicao.htm. Acesso em: 13 fev. 2022.



BUTLER, Judith. O luto é um ato político em meio à pandemia e suas disparidades. [Entrevista concedida a] George Yancy. **Carta Maior**. São Paulo, 10 jun 2020. Disponível em <https://www.cartamaior.com.br/?/Editoria/Pelo-Mundo/Judith-Butler-O-luto-e-um-ato-politico-em-meio-a-pandemia-e-suas-disparidades/6/47390> Acesso em: 21 set. 2021.



COMITÊ GESTOR DA INTERNET NO BRASIL. TIC domicílios 2021 Lançamento dos resultados.-- São Paulo: 2022. Disponível em https://cetic.br/media/analises/tic_domicilios_2021_coletiva_imprensa.pdf Acesso em: 10 nov 2022.



COMITÊ GESTOR DA INTERNET NO BRASIL. Pesquisa sobre o uso das tecnologias de informação e comunicação nos domicílios brasileiros : TIC Domicílios 2020 : edição COVID-19 : metodologia adaptada [livro eletrônico] [editor] Núcleo de Informação e Coordenação do Ponto BR. – 1. ed. – São Paulo: 2021. Disponível em https://cetic.br/media/docs/publicacoes/2/20211124201233/tic_domicilios_2020_livro_eletronico.pdf Acesso em: 10 nov 2022.



DUQUE DE CAXIAS. **Decreto 7814** de 03 de fevereiro de 2021. Dispõe sobre as medidas de prevenção e enfrentamento da propagação ao contágio decorrente do novo coronavírus (COVID-19) no município de Duque de Caxias. Gabinete do Prefeito, Duque de Caxias, 2021.

DUQUE DE CAXIAS. **Protocolo de Retorno às Atividades Presenciais nas Unidades Escolares**. Secretaria Municipal de Educação, Duque de Caxias, 2020.

GARCIA, Tânia Cristina Meira; MORAIS, Ione Rodrigues Diniz; ZAROS, Lilian Giotto; RÊGO, Maria Carmem Freire Diógenes. **Ensino remoto emergencial: orientações básicas para elaboração do plano de aula** (recurso eletrônico). Natal, SEDIS/UFRN, 2020. Disponível em: https://educapes.capes.gov.br/bitstream/capes/571151/4/ENSINO%20REMOTO%20EMERGENCIAL_2.pdf. Acesso em: 10 jun 2021.



OLIVEIRA, Inês Barbosa de. **O currículo como criação cotidiana**. Petrópolis: DP et Alli, 2012.



RIO DE JANEIRO. **Relatório Técnico N° 076/2020**. Ministério Público do Estado do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 2020. Disponível em https://www.mprj.mp.br/documents/20184/1695791/relatoriotecnico076_2020_protocolossanitariosminimos.pdf Acesso em: 10 jun. 2021.



SÜSSEKIND, Maria Luiza. **Ensino híbrido: oportunidades e desafios da abordagem pedagógica**. Canal do Jeduca no Youtube, 2020. Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=W4FI-bc2KdY&list=PLgoBNkOUiDtufqrxT8KZ2lnMZ-pZiuPD> Acesso em: 10 jun. 2021.



SÜSSEKIND, Maria Luiza; LOPES, Clarissa Teixeira. A “Tia dos Bichos”: currículos em práticas de conhecimento-emancipação solidárias. **Revista Espaço do Currículo**, [S. l.], v. 13, n. 3, p. 368–380, 2020. Disponível em <https://periodicos.ufpb.br/index.php/rec/article/view/51686>. Acesso em: 10 jun. 2021.



SÜSSEKIND, Maria Luiza. O que aconteceu na aula? Políticas, currículos e escritas nos cotidianos da formação de professores numa universidade pública. **Revista Teias** [online], Rio de Janeiro, v. 18, p. 134-148, out./dez. 2017. Disponível em <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/revistateias/article/view/30506>. ISSN 1982-0305. <https://doi.org/10.12957/teias.2017.30506>. Acesso em 10 jun. 2021.



MELO, Maria Teresa Leitão de. O chão da escola - Construção e afirmação da Identidade. **Retratos da Escola**, [S. l.], v. 3, n. 5, 2012. DOI: 10.22420/rde.v3i5.31. Disponível em: <https://retratosdaescola.emnuvens.com.br/rde/article/view/31>. Acesso em: 13 fev. 2022.



XAKRIABÁ, Célia Nunes Corrêa. **O barro, o genipapo e o giz no fazer epistemológico de autoria Xakriabá: reativação da memória por uma educação territorializada**. 2018. 218 f., il. Dissertação (Mestrado Profissional em Sustentabilidade junto a Povos e Terras Tradicionais) — Centro de Desenvolvimento Sustentável, Universidade de Brasília, 2019. Disponível em: <https://repositorio.unb.br/handle/10482/34103> Acesso em: Acesso em: 07 jan 2022.



X- CARTA DE FIM: PARA AGRADECER

Acredito que consegui contribuir para a ampliação dos diferentes modos de decisão e corresponsabilização, no reconhecimento por parte das pessoas na ESCOLA de que o maior engajamento promove democracia no cotidiano e registrei a aproximação que vi acontecer entre a cultura local e a cultura escolar, em um diálogo que criou outros modos de fazer currículo com a escola. Com os cotidianos democráticos de uma escola pública de periferia, em um movimento de tessitura em redes, produzimos conhecimento. Validar esse conhecimento em um programa de doutorado revelou problemáticas sociais e retratou a complexidade que é a vida.

Nessa pesquisa, apresento os conhecimentos que consegui capturar e as escolhas políticas nas quais me engajo por melhorias coletivas, que ganham força em uma proposta teórico metodológica de pesquisa com os nossos cotidianos. Espero que a inclusão, a ampliação do acesso, a democratização da permanência e a valorização da própria ideia de educação pública, laica, democrática e de qualidade social possam ter sido demonstradas no enredamento entre a pesquisa científica e a vibração com os cotidianos, meu objetivo primeiro.

Celebro, com essa carta, a alegria de poder contribuir para o reconhecimento dos cotidianos escolares como espaçotempo de criação de currículos e de democracia. E ainda, compartilhar as “Linguagens plurais: sons, saberes e sabores em uma escola pública na Baixada Fluminense/RJ.” – projeto contemplado pelo Edital FAPERJ nº45/2021 de “Apoio à melhoria das escolas da rede pública sediadas no Estado do Rio de Janeiro - 2021” e os diversos projetos que foram criados ou retomados nessa jornada: “Experimentar faz bem”, “Assembleias com estudantes”, “Pátio Integrado com a sala de aula”, “Aqui também é Wakanda”, dentre outros.

Narrar as práticas educativas de uma escola que não tem sinal para entrar ou sair, que não tem fila para ir ou vir e que se preocupa em conversar com as crianças sobre a cor do xixi, para que cada criança possa aprender a cuidar de si e beber mais água, para além das ações de educação antirracista e educação ambiental, por exemplo, é um privilégio. Sou grato por participar desse coletivo. Sou grato também a Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio de Janeiro/FAPERJ.

Gratidão a cada pessoa da, na e com a ESCOLA, que participou das criações que fazem desse lugar um território de alegria: Luiza, Liza, Julia, Nane, Clara, o porteiro,

professoras, funcionáries, bolsistas, cada pessoa. Gratidão especial às crianças! Gratidão às famílias e à comunidade! Um trabalho como essa tese é expressão desse coletivo e me é muito difícil agradecer pela individualidade, pois muitas são as pessoas que, sabendo ou não sabendo, me ajudaram a tecer essas escritas.

Alguns nomes deixarei registrados nessa carta de agradecer, como o de Luli, por exemplo, a quem agradeço, especialmente, pelas conversas de orientar. Luli foi essencial no sentido de contribuir para que os alfarrábios da pesquisa ganhassem contornos de tese. Luli orientou esse trabalho de pesquisa, escrita e formação, bem como tem orientado as "Linguagens Plurais" que continuarão se multiplicando. Sua dedicação e luta em defesa da educação pública são meu maior incentivo.

Professora Mariana, professora Nailda e professora Stela, que me acompanharam na Qualificação I e Qualificação II, por suas preciosas leituras e generosas contribuições serei eternamente grata. E à professora Miriam Fábria que chega nesse momento de fechamento do trabalho para dar mais algumas cores para minhas últimas pinceladas nessa tesetela, agradeço de coração. Ter uma banca na minha defesa da tese com pessoas tão qualificadas e tão queridas, é uma imensa honra.

Estendo meus agradecimentos à Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro/UNIRIO, ao Grupo de Pesquisa Práticas Educativas e Formação de Professores/GPPF e ao Grupo de pesquisa Conversas com Currículos nos Cotidianos das Universidadescolas/ConCU, dirigidos às pessoas que conheci e com as quais convivi no percurso do doutoramento, dividindo muitas das emoções além dos (des)aprenderes com Luli: Lorena, Ana, Clarissa, dentre tantas mais.

Agradeço, também a Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior/CAPES que, com sua atuação, possibilita existir o Programa de Pós-Graduação em Educação da UNIRIO, no qual me faço doutora. E esse agradecimento se amplia para todos professores, que fazem desse Programa um espaço privilegiado de investigação, pesquisa e formação.

Gratidão a minha mãe, a quem dediquei essa tese. Hoje declaro que entrei para a Pós-graduação para realizar um desejo dela de que eu fizesse o doutorado. Essa tese é meu presente para ela. E compartilho esse presente com minha Tia Angela, doutora em Linguística da Língua Portuguesa, que foi minha inspiração e incentivadora para a realização do sonho de minha mãe e que se tornou um propósito meu.

Gratidão as minhas duas irmãs, Sandra e Marcia.

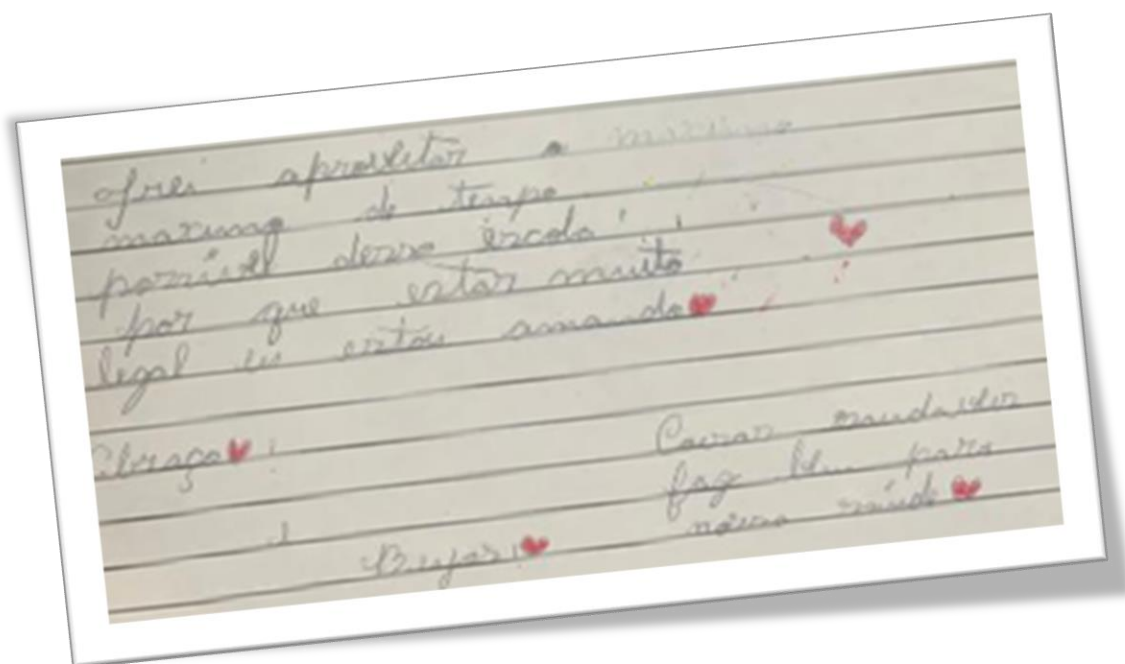
A cada pessoa que me ama e que me possibilitou o tempo indispensável para o estudo e a escrita, abrindo mão de minha presença em suas vidas em tantos momentos: obrigada!

De todos os agradecimentos – espero a compreensão de cada pessoa leitora – minha gratidão maior é para Alice e Ariel, que dão o sentido a minha vida desde que a ela se achegaram.

Agradeço a Alice, filha, que tem sido parceira na caminhada e que, desde que aportou por aqui há 24 anos atrás, tem desalinhado meus modos de viver, renovando compreensões e sentidos, pela criatividade e resistência na sua forma de defender o que acredita.

Agradeço a Ariel, filhote, que me ensina a cada dia nesses últimos 31 anos, sobre diversidade, aceitação e maneiras de viver, a partir de um diálogo profundo com seus modos de ser.

A todas as pessoas e a cada uma, pois são muitas e tantas que nem consigo nomeá-las todas, minha maneira de dizer obrigada é compartilhar a carta de agradecer de uma estudante, que nos apresenta a melhor proposta: “aproveitar o máximo de tempo possível dessa escola” porque “coisas saudáveis faz bem para a nossa saúde”.



REFERÊNCIAS

ANGELA, Martins; NAILDA, Costa. Movimento feminista e educação: cartas de Maria Lacerda de Moura para Bertha Lutz (1920-1922). **Revista Contemporânea de Educação**. Rio de Janeiro, v. 11, n. 21, jan./jul. 2016. Disponível em: <https://revistas.ufrj.br/index.php/rce/article/download/2539/2777>. Acesso em: 02 set.. 2022.



BEATRIZ Pagliarini Bagagli. **Discursos transfeministas e feministas radicais: disputas pela significação da mulher no feminismo**. Dissertação (Mestrado em Linguística) - Instituto de Estudos da Linguagem da Universidade Estadual de Campinas. Campinas, São Paulo: 2019. Disponível em http://repositorio.unicamp.br/jspui/bitstream/REPOSIP/334561/1/Bagagli_Beatriz_Pagliarini_M.pdf Acesso em 26 mar 2021.



BRASIL. Ministério da Saúde. Conselho Nacional de Saúde. **Resolução nº 510**, de 7 de abril de 2016. Trata sobre as diretrizes e normas regulamentadoras de pesquisa em ciências humanas e sociais. Diário Oficial da União, Brasília, DF, 24 mai. 2016. Disponível em <http://conselho.saude.gov.br/resolucoes/2016/Reso510.pdf> Acesso em 28 de agosto de 2022.



CARLINDA Leite; NATÉRCIA Pacheco. Os dispositivos pedagógicos na educação inter/multicultural. **InterMeio: Revista do Programa de Pós-Graduação em Educação - UFMS**, v. 14, n. 27, 8 nov. 2016. Disponível em <https://periodicos.ufms.br/index.php/intm/article/view/2512>. Acesso em 28 de agosto de 2022.



CAROLINA Maria de Jesus. **Quarto de despejo: diário de uma favelada**. São Paulo: Ática, 2005.



CECÍLIA Meireles. **Ou isto ou aquilo**. Ilustrações de Maria Bonomi. São Paulo: Giroflé, 1964.



CLARISSA de Arruda Nicolaiewsky. **Tornar-se Mariana**: a contrução da comunidade em uma escola que garanta lugar para cada um. Tese (Doutorado em Educação) - Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio de Janeiro/UFRJ, Rio de Janeiro, 2020.



CONCEIÇÃO Evaristo. **Becos da Memória**. 200p. Rio de Janeiro: Pallas, 2017.



CONCEIÇÃO Evaristo. **Olhos d'Água**. Rio de Janeiro: Pallas, 2015.



DOGVILLE. Direção e roteiro: Lars von Trier. (2h57 min.). EUA, 2004.



ELENA Pajaro Peres. Poética da diáspora. Canal da Pesquisa Fapesp no YouTube, 2015, Disponível em <https://m.youtube.com/watch?v=T0ncwWD1C9g>. Acesso em 08 09 2020.



EMÍLIA Ferreiro; ANA Teberoski. **A Psicogênese da Língua Escrita**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1985.



ESTHER Solano Gallego. Crise da Democracia e extremismos de direita. Análise, São Paulo: Fundação Friedrich Ebert Stiftung, n. 42, p. 1-28, 2018. Disponível em: <http://library.fes.de/pdf-files/bueros/brasilien/14508.pdf>. Acesso em 27 set. 2022.



GERDA Lerner. **A Criação do Patriarcado**: História da opressão das mulheres pelos homens. São Paulo: Cultrix, 2019.



GERTRUDE Stein. **A autobiografia de Alice B. Toklas**. Tradução de Milton Persson. Porto Alegre: L&PM, 2011.



INÊS Barbosa de Oliveira. Currículo e processos de aprendizagemensino: políticaspráticas educacionais cotidianas. **Currículo sem Fronteiras**, v. 13, n. 3, p. 375-391, set./dez. 2013. Disponível em <https://www.curriculosemfronteiras.org/vol13iss3articles/oliveira.pdf> Acesso em 03 jan. 2022.



INÊS Barbosa de Oliveira. **O currículo como criação cotidiana**. Petrópolis: DP et Alii, 2012.



INÊS Barbosa de Oliveira; MARIA LUIZA Sússekind. Tsunami Conservador e Resistência: a CONAPE em defesa da educação pública. **Revista Educação & Realidade**, v. 44, n. 3, 2019. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/edreal/a/w4Pq6Yrn3c8RXXQWBvvXXTk/?lang=pt> Acesso em: 07 out 2022.



INÊS Barbosa de Oliveira; MARIA LUIZA Sússekind. Das teorias críticas às críticas das teorias: Um estudo indiciário sobre a conformação dos debates no campo curricular no Brasil. **Revista Brasileira de Educação**, v. 22, n. 71, 2017, p. 1-20, disponível em: Acesso em: 04 maio 2019



INÊS Barbosa de Oliveira; NILDA Alves. **Pesquisa no/do cotidiano das escolas**, sobre redes de saberes. Rio de Janeiro: DP&A, 2001.



JUDITH Butler. **Corpos em aliança e a política das ruas**: notas para uma teoria performativa da assembleia. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2018.



JUDITH Butler. **Relatar a si mesmo**: crítica da violência ética. Trad.: Rogério Bettoni. Belo Horizonte: Autêntica, 2015.



LÉLIA González. Por um feminismo Afro-latino-americano. Caderno de Formação Política do Círculo Palmarino, n.1, **Batalha de Ideias: AfroLatinoAmérica**, p. 12-21, 2011.



LUCE Giard. **Cozinhar por Luce Giard**. In: CERTEAU, Michel de; GIARD, Luce; MAYOL, Pierre. A invenção do cotidiano: 2, morar, cozinhar. Petrópolis: RJ: Editora Vozes, 1996.



LUCE Giard. História de uma pesquisa. In: CERTEAU, M. de. A invenção do cotidiano: 1, Artes de fazer. . Petrópolis: RJ: Editora Vozes, 1994.



MARGARET Atwood. **O Conto da Aia**. Trad. de Ana Deiró. Rio de Janeiro: Rocco, 2017.



MARIA LUIZA Sússekind. A BNCC e o “novo” Ensino Médio: reformas arrogantes, indolentes e malévolas. Retratos da Escola, v. 13, n. 25, 2019a. <http://retratosdaescola.emnuvens.com.br/rde/article/view/980> Acesso em 27 set 2022



MARIA LUIZA Sússekind.. “O que aconteceu na aula? Políticas, currículos e escritas nos cotidianos da formação de professores numa universidade pública”. **Revista Teias** [online], Rio de Janeiro, v. 18, p. 134-148, out./dez. 2017. Disponível em <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/revistateias/article/view/30506> ISSN 1982-0305. <https://doi.org/10.12957/teias.2017.30506>. Acesso em 07 out 2022.



MARIA LUIZA Sússekind. Entrevista com William F. Pinar. **Revista Teias**, [S.l.], v. 14, n. 33, p. 9, dez. 2013. ISSN 1982-0305. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/revistateias/article/view/24376/17354>>. Acesso em: 15 jan. 2021.



MARIA LUIZA Sússekind. O ineditismo dos estudos nos/dos com os cotidianos: currículos e formação de professores, relatos e conversas em uma escola pública do Rio de Janeiro. Brasil, **Revista e-Curriculum**, [S.l.], v. 9, n. 2, ago. 2012. ISSN 1809-3876. Disponível em: <<http://revistas.pucsp.br/curriculum/article/view/10987/8107>>. Acesso em 06 set. 2020.



MARIA LUIZA Sússekind. **Teatro de Ações**: arqueologia dos estudos nos/dos com os cotidianos – relatos de práticas pedagógicas emancipatórias, 235f. Tese, UERJ, RJ, 2007. Disponível em <http://livros01.livrosgratis.com.br/cp093504.pdf> Acesso em 28 mar. 2021.



MARIA LUIZA Sússekind; VIVIANE Lontra. Narrativas como travessias curriculares: sobre alguns usos da pesquisa na formação de professores. **Roteiro**, [S. l.], v. 41, n. 1, p. 87–108, 2016. DOI: 10.18593/r.v41i1.9263. Disponível em: <https://periodicos.unoesc.edu.br/roteiro/article/view/9263>. Acesso em: 26 set. 2022.



MARIA LUIZA Sússekind; CLARISSA Teixeira Lopes. A “Tia dos Bichos”: currículos em práticas de conhecimento-emancipação solidárias. **Revista Espaço do Currículo**, [S. l.], v. 13, n. 3, p. 368–380, 2020. Disponível em <https://periodicos.ufpb.br/index.php/rec/article/view/51686>. Acesso em 10 jun. 2021.



MARIA LUIZA Sússekind; LORENA Azevedo do Carmo; STEPHANIE Duarde Láu do Nascimento. ‘Alfinetar’: currículos, ódios e gêneros. **Revista Estudos Feministas**, v. 28, 2020. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ref/a/c6h7sWF7qd8SbkyNhskcCnj/abstract/?lang=pt>. Acesso em 30 jul. 2022.



MARIA LUIZA Sússekind; RUTH Pavan. Outras metodologias e outras epistemologias: pesquisas com currículos a caminho de bacurau. *Revista Teias*, v. 20, n. 59, p. 1-7, 2019. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/revistateias/article/view/47485>. Acesso em 04 jan. 2022.



MARIA LUIZA Sússekind; WILMA Lima Santos. Um Abaporu, a feiúra e o currículo: pesquisando os cotidianos nas conversas complicadas em uma escola pública do Rio de Janeiro. **Momento - Diálogos em Educação**, ABNT, v. 25, n. 1, p. 273-288, out. 2016. ISSN 2316-3100.



MARIA PAULA Meneses. Para ampliar as Epistemologias do Sul: verbalizando sabores e revelando lutas , **Configurações** [Online], 12 | 2013. Disponível em: <<https://journals.openedition.org/configuracoes/1948#quotation>>. Acesso em: 05 set. 2020.



MARIA TEREZA Esteban. A negação do direito à diferença no cotidiano escolar. Avaliação, Campinas; Sorocaba, SP, v. 19, n. 2, p. 463-486, jul. 2014. Disponível em <https://www.scielo.br/j/aval/a/5KL8M8R7v5fgzbmnkxrhLMP/?lang=pt&format=pdf> Acesso em 05 jan. 2022.



NAILDA Costa; PRISCILA Dieguez. Feminismo em revista: a União Universitária Feminina nas páginas do periódico Jornal das Moças (década de 1950). **Revista do Instituto de Estudos Brasileiros**, v. 1, n. 79, 2021. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/rieb/article/view/189941>. Acesso em 27 set. 2022.



NILDA Alves. **Apresentação:** as múltiplas formas de narrar a escola. Currículo Sem Fronteiras, v. 7, n. 2, p. 5 - 7 jul./dez. 2007. Disponível em: <https://www.curriculosemfronteiras.org/vol7iss2articles/introducao-alves.pdf> Acesso em: 21 mar. 2021.



NILDA Alves. Decifrando o pergaminho: o cotidiano das escolas nas lógicas das redes cotidianas. In: ALVES, Nilda e OLIVEIRA, Inês Barbosa de (Orgs.). **Pesquisa no/do cotidiano das escolas**. Rio de Janeiro: DP&A, 2001.



NILDA Alves. Sobre os movimentos das pesquisas nos/dos/com os cotidianos. In: OLIVEIRA, I. B.; ALVES, N. **Pesquisa nos/dos/com os cotidianos das escolas:** sobre redes de saberes. Rio de Janeiro: DP&A, 2008.



ROSELANE Neckel. “Democracia hedonista”: reflexões sobre a democracia contemporânea. In: JOANA Maria Pedro, JAIR Zandoná (Org). Feminismos e democracia - 2. ed. (Ebook). - Belo Horizonte: Fino Traço, 2019. Disponível em: https://repositorio.ufsc.br/bitstream/handle/123456789/203494/Feminismos%20e%20democracia.%20vers%C3%A3o_EBOOK.pdf Acesso em 27 set. 2022.



SILVIA Federici. **Mulheres e caça às bruxas**: da Idade Média aos dias atuais. Traduzido por Heci Regina Candiani. 1º ed. São Paulo: Boitempo, 2019.



SILVIA Federici. **Calibã e a bruxa**: mulheres, corpo e acumulação primitiva. São Paulo: Editora Elefante, 2017.



SILVIA Tkotz. O romance como possibilidade de expressão formal da história de um processo. In: OLIVEIRA, Inês Barbosa (org.). **Narrativas**: outros conhecimentos, outras formas de expressão. Petrópolis: DP et Alii, 2010.



SILVIA Tkotz. **De Canarinhos a Bom Jesus**: tecendo histórias em conversas. 2006, 192 f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Faculdade de Educação, PROPED/UERJ, Rio de Janeiro. 2006.



STELA Guedes Caputo. Fotografia e outros desafios digitais nas pesquisas com crianças. Aracaju. **Revista Interfaces Científicas**. v. 8. N3. 2020. Disponível em <https://periodicos.set.edu.br/educacao/article/view/7788> Acesso em 07 out 2022.



STELA Guedes Caputo. Reparar miúdo, narrar kékeré - notas sobre nossa fotoetnopoética com crianças de terreiros. **Revista Teias**, [S.l.], v. 19, n. 53, p. 36-63, jul. 2018. ISSN 1982-0305. Disponível em: <<https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/revistateias/article/view/34443>>. Acesso em: 21 mar. 2021.

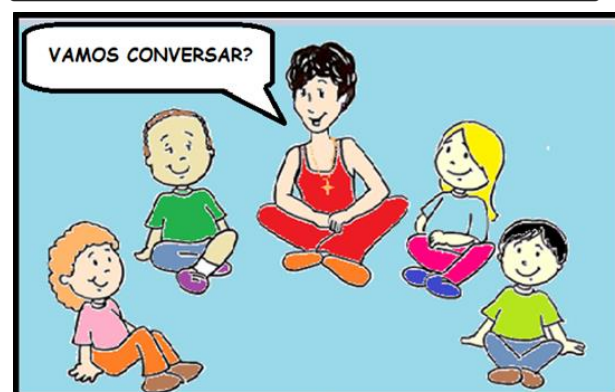


STELA Guedes Caputo. **Educação nos terreiros**: e como a escola se relaciona com crianças de Candomblé. Rio de Janeiro: Pallas, 2012.



APÊNDICE 1

TERMO DE ASSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TALE)



ILUSTRAÇÕES: DENISE
MARQUES

SE SUA FAMÍLIA TIVER ALGUMA DÚVIDA SOBRE A ÉTICA NA PESQUISA, PODERÁ ENTRAR EM CONTATO COM O COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA DA UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO/UNIRIO, AVENIDA PASTEUR, 296 SUBSOLO DO PRÉDIO DA NUTRIÇÃO – URCA – RIO DE JANEIRO – RJ – CEP: 22290-240, NO TELEFONE 2542-7796 OU E-MAIL CEP@UNIRIO.BR

EU GOSTARIA MUITO QUE VOCÊ PARTICIPASSE, MAS NÃO É OBRIGATÓRIO. CONVERSE COM A SUA FAMÍLIA SOBRE A PESQUISA, ASSINALE SIM OU NÃO E ASSINE O SEU NOME.

() SIM () NÃO ASSINATURA: _____